

1 2 9 0



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Pedro Daniel Gonçalves Saraiva

**CORRER À NOITE NA CIDADE:
O FENÓMENO DOS “NIGHT RUNNERS” EM COIMBRA**

Tese no âmbito do Programa de Doutoramento em Sociologia, orientada pelo Professor Doutor Paulo Jorge Marques Peixoto, apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

dezembro de 2020

Pedro Daniel Gonçalves Saraiva

**Correr à noite na cidade:
O fenómeno dos “night runners”
em Coimbra**

Tese no âmbito do Programa de Doutoramento em Sociologia, orientada pelo Professor Doutor Paulo Jorge Marques Peixoto, apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

dezembro de 2020

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Tese de doutoramento
Título	Correr à noite na cidade: O fenómeno dos “night runners” em Coimbra
Autor	Pedro Saraiva
Orientador	Paulo Peixoto
Identificação do Curso	Sociologia
Área científica	Sociologia
Especialidade/Ramo	Sociologia
Data	2020



Aos meus pais

Agradecimentos

A realização de qualquer Doutorado é sempre um desafio enorme para quem decide realizar este ciclo de estudos, culminando na sempre árdua e difícil escrita da Tese de Doutorado. Neste caso, a escrita desta Tese não foi fácil, foi longa, demorada, mas, como numa corrida, encontrou a sua linha final. É uma sensação de alívio que se obtém com o término da escrita de um trabalho desta envergadura, após milhares de horas de trabalho que se escondem por detrás destas palavras. Mas a sua concretização e toda a investigação levada a cabo que aqui se encontra exposta não podiam ter sido realizadas por mim sem o apoio de várias pessoas ou grupos de pessoas que aqui, desde já, merecem o seu devido destaque, o respeito e os meus reconhecidos agradecimentos.

Em primeiro lugar, os meus agradecimentos vão para a minha entidade financiadora, a Fundação para a Ciência e Tecnologia, que, através da concessão de uma Bolsa de Doutorado FCT, tornou possível perseguir o sonho de me doutorar e de levar avante esta investigação, que tanto me permitiu crescer como sociólogo. Sem este financiamento, não teria sido possível levar a cabo a realização desta Tese, pois, sem ele, não teria condições para prosseguir com o Doutorado. Ou, no mínimo, tê-lo-ia perseguido a um ritmo que não seria o de corrida – se posso recorrer à metáfora – mas sim um de uma caminhada lenta e de destino incerto.

Devo igualmente um enorme obrigado ao meu orientador, Professor Doutor Paulo Peixoto, que, desde o primeiro momento em que lhe apresentei o tema que queria trabalhar em Tese e que lhe manifestei o desejo de o ter como orientador, mostrou grande entusiasmo e envolvimento nesta parceria. Durante toda a investigação, revelou um excelente profissionalismo, estando sempre disponível para me ajudar com tudo o que precisei, tendo mesmo ido correr nas sessões que pôde, e que não foram poucas, com a câmara na cabeça. Associando a esta parceria, o bom humor das nossas conversas, só tenho a demonstrar a minha enorme gratidão por todo o apoio que me deu ao longo de todo o processo de Doutorado. Muito obrigado Professor.

Aos Professores de Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, e aos coordenadores do programa de Doutoramento, que, desde o início da minha Licenciatura, em 2012, passando pelo Mestrado e até ao Doutoramento, acompanharam o meu percurso como sociólogo e que foram fundamentais para a minha formação, desafiando-me sempre a ir mais além do que aquilo que pensava ser possível, deixo a clara manifestação do meu apreço. O meu muito obrigado aos professores e professoras que contribuíram para um caminho – diria uma maratona - mais enriquecedor ao longo da minha formação académica na área disciplinar da sociologia.

Ao Night Runners Coimbra, a todos os seus elementos, e muito particularmente àqueles que facilitaram a minha inserção no grupo, deixo um bem-haja sentido, por toda a ajuda prestada ao longo do trabalho de campo, e por terem contribuído decisivamente para o sucesso desta Tese de Doutoramento. Desejo que 2021, o controlo da pandemia torne possível o regresso da corrida à noite, nas ruas de Coimbra.

Ao Fabito, à Filipa, à Lucília, à Rizo e ao Rafa, meus colegas de Doutoramento, por me acompanharem neste caminho sinuoso que é fazer um Doutoramento, e por todos os contributos que me deram para o sucesso desta investigação, manifesto a satisfação da cumplicidade que tive. Muito obrigado malta pelo vosso apoio desde o primeiro minuto em que iniciámos este caminho, em 2017. Estou certo que, na heterogeneidade dos ritmos das corridas de obstáculos de longo curso, todos nós iremos chegar ao fim.

Aos amigos, que tanto apoio me demonstraram desde que iniciei este caminho rumo ao grau de Doutor. O vosso apoio foi muito importante desde que iniciei a aventura de me doutorar com uma idade tão jovem. A todos vós, mesmo que agora estejamos todos longe uns dos outros, e só nos vejamos de vez em quando, muito obrigado por tudo. Não há distâncias intransponíveis.

À família, sobretudo avós, tios e primos, o meu muito obrigado pelo vosso carinho, apoio e preocupação para que tudo corresse pelo melhor, acreditando sempre nas minhas capacidades e mostrando que era possível chegar ao fim com sucesso.

À Dona Céu, ao Senhor João, à Dona Piedade e ao Nuno, o meu muito obrigado por todo o apoio e carinho demonstrado na concretização deste objetivo maior. Mesmo que nos tenhamos cruzado todos numa fase mais adiantada da realização da Tese, o vosso carinho e apoio nunca faltaram. Sem eles, como sabem, não seria o mesmo.

Ao meu irmão, que mesmo estando longe, sempre demonstrou bastante apoio e preocupação com o meu sucesso. Obrigado mano, por tudo, mesmo que estejas muito distante à procura de uma melhor vida para ti.

Aos meus pais, as primeiras pessoas a quem revelei que estava a ponderar avançar para a realização de um Doutoramento na minha área de formação e que, desde o primeiro minuto, me incentivaram a ir atrás do meu sonho de me doutorar, mesmo que as minhas condições económicas não fossem as melhores quando iniciei a concretização deste objetivo. Muito obrigado por tudo, mesmo que não chegue para expressar a minha gratidão por vocês, por tudo aquilo que fizeram sempre por mim ao longo de todos estes anos, e por terem contribuído sobremaneira para o homem que sou hoje.

À Susana, muito, mas muito obrigado pelo teu amor, companheirismo, carinho, apoio e preocupação ao longo da realização desta Tese. Mesmo que não tenhas acompanhado o meu percurso desde o início do meu Doutoramento, chegaste à minha vida ainda no início da realização da Tese e não existem palavras que cheguem para agradecer o teu papel central na minha vida, ontem, hoje e amanhã.

Esta Tese de Doutoramento foi realizada no âmbito de uma Bolsa de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (referência SFRH/BD/137480/2018), financiada pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior de Portugal.



Todos podem elevar-se acima das suas circunstâncias e alcançar o sucesso se se dedicarem e forem apaixonados pelo que fazem.

Nelson Mandela, 2009

Resumo

Até que ponto os designados corredores noturnos se constituem como suporte de sociabilidades emergentes que têm consequências nos modos de usar e de representar a cidade? Concebendo os corredores noturnos como novos e desviantes tipos individuais da cena urbana, à luz da teoria de Robert Park, esta Tese de Doutorado vê o universo da malha urbana noturna como uma "região moral". Postula-se que essa "região moral" permite o encontro de indivíduos de diversas origens sociais, movidos pela busca de um divertimento enquadrado por impulsos que desafiam as restrições da vida urbana e que se aproximam de um "lazer desviante". Os corredores noturnos desafiam, através das apropriações do tempo e do espaço urbano, bem como das expressões simbólicas que desenvolvem, o carácter permissivo das cidades. Este universo urbano divergente é simultaneamente produtor de códigos morais disruptivos e de intimidades. O simbolismo da noite, aliado a um certo carácter transgressivo, permite-nos reivindicar autonomia em relação aos constrangimentos da vida profissional diurna. Além desta transgressão, estes são novos atores sociais que estão a emergir na cena urbana, reivindicando o espaço urbano público como também sendo seu, ou seja, o seu "direito à cidade", à luz da teoria de Henri Lefebvre. Põem em causa, dessa forma, o uso do espaço urbano, habitualmente associado aos peões, automóveis, motociclos e bicicletas, por exemplo. Até que ponto, durante o período noturno, poderemos assistir à emergência de novas tensões e conflitos pelo uso de um espaço urbano que é limitado, e que nunca tem um ator social a apropriar-se dele em permanência? Que novos usos e representações do espaço urbano estão a emergir através do surgimento de grupos de pessoas que decidem correr à noite? Tendo presente estas perguntas, esta Tese de Doutorado, socorrendo-se de metodologias emergentes na área da sociologia, utiliza um caso de estudo para trazer respostas a essas questões. Esse caso de estudo é o grupo "Night Runners Coimbra" - grupo de corrida localizado na cidade de Coimbra, em Portugal - estudando como a prática da corrida noturna tem vindo a evidenciar negociações, mas também tensões com outros utilizadores do espaço urbano, ao mesmo tempo que faz sobressair novos usos e representações sobre o espaço público urbano utilizado para esta prática.

Palavras-Chave: "night runners"; Direito à Cidade; Mobilidade Urbana; Noite Urbana; Práticas Urbanas

Abstract

To what extent are the so-called night runners supporting emerging sociabilities that have consequences on the ways of using and representing the city? Conceiving night runners as new and deviant individual types of the urban scene, in the light of Robert Park's theory, this PhD Thesis sees the universe of the night urban fabric as a "moral region". It is postulated that this "moral region" allows individuals from different social backgrounds to meet, driven by the search for fun framed by impulses that challenge the constraints of urban life taking the form of "deviant leisure". The night runners challenge, through the appropriation of urban time and space as well as through the symbolic expressions they develop, the permissive character of cities. This divergent urban universe is simultaneously producer of disruptive moral codes and intimacies. The symbolism of the night, combined with a certain transgressive character, allows us to claim autonomy from the constraints of day-to-day working life. Beyond this transgression, these are new social actors who are emerging on the urban scene, claiming the urban public space as their own, i.e. their "right to the city" in the light of Henri Lefebvre's theory. They thus question the use of urban space, usually associated with pedestrians, cars, motorbikes and bicycles, for example. To what extent, during the night period, can we witness the emergence of new tensions and conflicts over the use of an urban space that is limited, and that never has a social actor taking it over permanently? What new uses and representations of urban space are emerging through the emergence of groups of people who decide to run at night? Keeping these questions in mind, this PhD Thesis, using emerging methodologies in the field of sociology, selects a case study to bring answers to these questions. This case study is the "Night Runners Coimbra" group - a running group located in the city of Coimbra, Portugal - studying how the practice of night running has been showing negotiations, but also tensions with other users of urban space, at the same time bringing out new uses and representations about the urban public space used for this practice.

Keywords: "night runners"; Right to the City; Urban Mobility; Urban Nightlife; Urban Practices

Índice de tabelas

Tabela 1: Operacionalização do conceito “night runners”	89
Tabela 2: Operacionalização do conceito “Apropriação de Espaço Urbano”	90

Índice de figuras

Figura 1: Apresentação do grupo “Night Runners Coimbra” na sua página de Facebook.	103
Figura 2: Elementos de publicação	104
Figura 3: Exemplo de texto publicado (Publicação 47, dia 15 de julho de 2019).....	105
Figura 4: Exemplo de fotografia (Publicação 110, dia 23 de janeiro de 2020).....	106
Figura 5: Publicações com diferentes conteúdos	106
Figura 6: Exemplo de publicação com texto e fotografia (Publicação 22, dia 16 de março de 2019).	107
Figura 7: Tema dos textos.....	108
Figura 8: Exemplo de texto com dois temas: convocatória de corrida e reportagem feita da sessão (Publicação 17, dia 22 de fevereiro de 2019).	109
Figura 9: Exemplo semelhante à figura 8 (Publicação 51, dia 2 de agosto de 2019)...	109
Figura 10: Exemplo de texto que apresenta características positivas sobre os “night runners” (Publicação 116, dia 30 de janeiro de 2020).	110
Figura 11: Exemplo semelhante à figura 10 (Publicação 17, dia 22 de fevereiro de 2019).	110
Figura 12: Exemplo de um texto que reforça a ideia de que as participações nas sessões deste grupo são gratuitas (Publicação 7, dia 14 de janeiro de 2019).	111
Figura 13: Tipos de emojis usados nas publicações	112
Figura 14: Exemplo de texto usando emojis de pessoas a correr (Publicação 1, dia 18 de dezembro de 2018).	113
Figura 15: Tema das fotografias.....	114
Figura 16: Fotografia de reportagem da sessão captada no fim da sessão (Publicação 19, dia 3 de março de 2019).....	115
Figura 17: Fotografia captada durante a prática da corrida intermédia (Publicação 8, dia 18 de janeiro de 2019).	115
Figura 18: Fotografia relacionada com o incentivo à prática (Publicação 113, dia 30 de janeiro de 2020).	116
Figura 19: Fotografia relacionada com o incentivo à prática (Publicação 126, 9 de março de 2020).	116
Figura 20: Sujeitos ativos/passivos	117
Figura 21: Fotografia que retrata sujeitos passivos (Publicação 44, dia 29 de junho de 2020).	118
Figura 22: Fotografia que retrata sujeitos ativos (Publicação 113, dia 30 de janeiro de 2020).	118
Figura 23: Locais de ação onde são captadas as fotografias.....	119
Figura 24: Fotografia captada no Largo da Portagem (Publicação 10, dia 25 de janeiro de 2019).	120
Figura 25: Fotografia captada no Largo da Portagem (Publicação 100, dia 13 de dezembro de 2019).	120

Figura 26: Fotografia captada no Estádio Cidade de Coimbra, durante o 6º aniversário do grupo “Night Runners Coimbra” (Publicação 93, dia 20 de novembro de 2019)....	121
Figura 27: Tipo de reações às publicações.....	123
Figura 28: Publicação com reações através de gostos (Publicação 5, dia 7 de janeiro de 2019).	124
Figura 29: Publicação com reações através de partilhas (Publicação 36, dia 23 de maio de 2019).	124
Figura 30: Publicações com diferentes reações.....	125
Figura 31: Publicação com reações através de gostos e de partilhas (Publicação 25, dia 26 de março de 2019).	126
Figura 32: Publicação com reações através de gostos e de partilhas (Publicação 67, dia 8 de outubro de 2019).	126
Figura 33: Tipos de comentários às publicações.....	127
Figura 34: Publicações com reações através de comentários do tipo “identificação de pessoas” (Publicação 31, dia 30 de abril de 2019).	128
Figura 35: Publicações com reações através de comentários do tipo “identificação de pessoas” (Publicação 60, dia 3 de setembro de 2019).....	128
Figura 36: Publicações com reações através de comentários do tipo “comentários positivos sobre o grupo” (Publicação 125, dia 4 de março de 2020).....	129
Figura 37: Publicações com reações através de comentários do tipo “comentários positivos sobre o grupo” (Publicação 68, dia 9 de outubro de 2019).	130
Figura 38: Tipos de emojis usados nos comentários.....	131
Figura 39: Publicação com reações através de comentários com emojis (Publicação 75, dia 11 de outubro de 2019).....	132
Figura 40: Publicação com reações através de comentários com emojis (Publicação 8, dia 18 de janeiro de 2019).	132
Figura 41: Localização do Largo da Portagem, marcado a laranja.	138
Figura 42: Local no Largo da Portagem onde o “Night Runners Coimbra” todas as quartas-feiras às 21h30 (Sessão 42, dia 13 de novembro de 2019).....	139
Figura 43: Largo da Portagem às 21h (Sessão 27, dia 31 de julho de 2019).	140
Figura 44: Largo da Portagem às 21h30 (sessão 27, dia 31 de julho de 2019).	140
Figura 45: Momento em que os organizadores cumprimentam os participantes de mais uma sessão do “Night Runners Coimbra” (sessão 27, dia 31 de julho de 2019).....	141
Figura 46: Momento de reunião da corrida intermédia, ainda no Largo da Portagem, onde é explicado o percurso e dadas as instruções de segurança a serem seguidas (Sessão 44, 27 de novembro de 2019).	142
Figura 47: Partida de mais uma corrida do grupo de corrida intermédia, no Largo da Portagem (Sessão 51, 29 de janeiro de 2020).....	143
Figura 48: Largo da Portagem, depois de mais uma saída do grupo para a sua prática, às 21h50 (Sessão 22, dia 12 de junho de 2019).	144
Figura 49: Alongamentos após mais uma corrida terminada pelo grupo de corrida intermédia, no Largo da Portagem (Sessão 28, dia 7 de agosto de 2019).	145

Figura 50: Fotografia de grupo após a sessão que serviu de angariação de alimentos para a Associação Gatos Urbanos (sessão 29, dia 14 de agosto de 2019).	147
Figura 51: Momento em que peões, que atravessando o Largo da Portagem e para não prejudicar o treino do grupo, passa por trás do mesmo (Sessão 21, dia 5 de junho de 2019).	148
Figura 52: Momento em que peões, que atravessando o Largo da Portagem e para não prejudicar o treino do grupo, passa por trás do mesmo (Sessão 21, dia 5 de junho de 2019).	149
Figura 53: Momento em que peões, que atravessando o Largo da Portagem e para não prejudicar o treino do grupo, desviam o seu caminho (Sessão 54, dia 19 de fevereiro de 2020).	149
Figura 54: Momento em que peões, que atravessando o Largo da Portagem e para não prejudicar o treino do grupo, desviam o seu caminho (Sessão 54, dia 19 de fevereiro de 2020).	150
Figura 55: Momento em que peões que atravessam o Largo da Portagem, param a sua mobilidade para ver o que se passa naquele momento, revelando curiosidade com a prática deste grupo (Sessão 23, dia 19 de junho de 2019).	151
Figura 56: Momento em que peões que atravessam o Largo da Portagem, param a sua mobilidade para ver o que se passa naquele momento, revelando curiosidade com a prática deste grupo (Sessão 23, dia 19 de junho de 2019).	151
Figura 57: Sexo dos inquiridos	156
Figura 58: Ano de nascimento dos inquiridos	156
Figura 59: Estado civil dos inquiridos	157
Figura 60: Ocupação principal dos inquiridos	158
Figura 61: Grau de instrução mais elevado que os inquiridos completaram.....	159
Figura 62: Concelho de residência dos inquiridos.....	160
Figura 63: Respostas à pergunta 2 do inquérito “Antes de começar a correr com os “night runners”.”	161
Figura 64: Respostas à pergunta 3 do inquérito “Antes de começar a correr com os “night runners”, já tinha corrido à noite, pelo menos uma vez por semana por um período superior a 3 meses?”	162
Figura 65: Respostas à pergunta 5 do inquérito “Quantas vezes corre, seja durante o dia ou durante a noite?”	163
Figura 66: Resposta à pergunta 6.1 do inquérito “Qual dos seguintes equipamentos/acessórios usa?”	163
Figura 67: Respostas à pergunta 4 do inquérito “Indique se cada uma das seguintes razões que a (o) levam a praticar atividades desportivas é muito, pouco ou nada importante para si”	164
Figura 68: Resposta à pergunta 8 no inquérito “Costuma competir, pelo menos uma vez por mês, participando em prova organizadas?”	166
Figura 69: “Costuma competir, pelo menos uma vez por semana, participando em provas organizadas?” segundo “Quantas vezes por semana corre, seja durante o dia ou de noite?”	167

Figura 70: Respostas à pergunta 1 do inquérito “Há quanto tempo começou a correr de forma regular com os “night runners”?”	167
Figura 71: Resposta à pergunta 7 do inquérito “Em relação a cada um destes seguintes aspetos, indique se, na sua opinião considera que os mesmos existem no seio do grupo”	169
Figura 72: Resposta à pergunta 7.1 do inquérito “Em relação aos aspetos que considera existirem no seio deste grupo, indique se, na sua opinião os considera uma vantagem, uma desvantagem ou nem uma vantagem nem uma desvantagem”.	170
Figura 73: Resposta à pergunta 9 do inquérito “O que é para si um “night runner”?”	170
Figura 74: Resposta à pergunta 10 do inquérito “Considera-se um “night runner”?”	171
Figura 75: “Considera-se um “night runner”?” segundo “Há quanto tempo começou a correr de forma regular com os “night runners”?”	172
Figura 76: Resposta à pergunta 12 do inquérito “Partilha nas redes sociais a sua prática noturna?”	172
Figura 77: Locais de ação usados nas sessões do “Night Runners Coimbra”	178
Figura 78: Trajeto Sessão 12, dia 6 de março de 2019.....	181
Figura 79: Trajeto Sessão 30, dia 21 de agosto de 2019.	182
Figura 80: Passagem do grupo pela Rua Ferreira Borges (Sessão 25, dia 10 de julho 2019)	183
Figura 81: Passagem do grupo pelo Parque Linear do Vale das Flores (Sessão 49, dia 15 de janeiro de 2020)	183
Figura 82: Passagem do grupo pelo Largo da Porta Férrea (Sessão 4, dia 19 de dezembro de 2018)	184
Figura 83: Passagem do grupo pela Estação Ferroviária de Coimbra-B (Sessão 23, 19 de junho de 2019)	184
Figura 84: Passagem do grupo no meio de uma esplanada, na Rua General Humberto Delgado (Sessão 46, dia 10 de dezembro de 2019)	184
Figura 85: Locais de ação mais utilizados durante a prática pelos “night runners”	185
Figura 86: Locais de ação mais usados pelos “night runners”, representado no mapa	186
Figura 87: Legenda do mapa representado na figura 86 com a representação do local de concentração (Largo da Portagem) e locais de ação mais usados pelos “night runners”	187
Figura 88: Tipo de terreno usado durante a prática	188
Figura 89: Apropriação do passeio na Rua de Fernandes Thomas (Sessão 15, dia 3 de abril de 2019)	189
Figura 90: Apropriação da estrada na Rua Fonte do Castanheiro (Sessão 26, dia 24 de julho de 2019)	189
Figura 91: Apropriação de trilhos no Parque Manuel Braga (Sessão 49, dia 15 de janeiro de 2020)	190
Figura 92: Utilização de mais que um tipo de terreno durante a prática	190

Figura 93: Apropriação de passeio e estrada na Avenida Emídio Navarro pelos “night runners” (Sessão 5, 2 de janeiro de 2019)	191
Figura 94: Apropriação de passeio e estrada na Avenida Emídio Navarro pelos “night runners” (Sessão 20, dia 29 de maio de 2019).....	191
Figura 95: Apropriação de passeio e estrada na Rua do Brasil pelos “night runners” (Sessão 32, dia 4 de setembro de 2019)	192
Figura 96: Apropriação de passeio e estrada na Rua do Brasil pelos “night runners” (Sessão 50, dia 22 de janeiro de 2020).....	192
Figura 97: Tipo de movimento nos diferentes terrenos usados durante a prática.....	194
Figura 98: Cruzamento de “night runners” com um peão na Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes (Sessão 24, dia 26 de junho de 2019).....	196
Figura 99: Cruzamento com um utilizador de trotinete eléctrica, cerca de 1 minuto depois do cruzamento com o peão da figura 99 na Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes (Sessão 24, dia 26 de junho de 2019).....	196
Figura 100: Cruzamento de “night runners” com um automóvel na Avenida Dom Afonso Henriques (Sessão 13, dia 13 de março de 2019)	197
Figura 101: Cruzamento com outro automóvel na Avenida Dom Afonso Henriques, dois minutos depois do caso representado na figura 101 na Avenida Dom Afonso Henriques (Sessão 13, dia 13 de março de 2019).....	197
Figura 102: Zonas iluminadas vs zonas mal iluminadas	198
Figura 103: Zona bem iluminada da Avenida Sá de Bandeira (Sessão 31, dia 28 de agosto de 2019).....	200
Figura 104: Zona mal iluminada na Avenida Sá de Bandeira (Sessão 31, dia 28 de agosto de 2019).....	200
Figura 105: Zona bem iluminada na Rua Miguel Bombarda (Aqui se percebe a questão relacionada com as árvores) (Sessão 37, dia 9 de outubro de 2019).....	201
Figura 106: Zona mal iluminada na Rua Miguel Bombarda (zona onde as árvores têm um papel importante na iluminação urbana) (Sessão 37, dia 9 de outubro de 2019).201	201
Figura 107: Zona bem iluminada no Parque Manuel Braga (Sessão 26, dia 24 de julho de 2019)	201
Figura 108: Zona mal iluminada no Parque Manuel Braga (Sessão 26, dia 24 de julho de 2019)	202
Figura 109: Apropriação dos “night runners” da estrada quando não passa ninguém na Avenida Marnoco e Sousa (Sessão 54, dia 19 de fevereiro de 2019).....	203
Figura 110: Apropriação dos “night runners” da estrada quando não passa ninguém na Rua General Humberto Delgado (Sessão 48, dia 8 de janeiro de 2020)	203
Figura 111: “Night runners” passam os vermelhos quando não passa ninguém na estrada na Rua Carolina Michaelis (Sessão 31, dia 28 de agosto de 2019).....	204
Figura 112: “Night runners” passam os vermelhos quando não passa ninguém na estrada na Avenida Cónego Urbano Duarte (Sessão 31, dia 28 de agosto de 2019) ...	204
Figura 113: “Night runners”, aproveitando o pouco movimento na estrada, movem-se na rotunda quase a direito na Estrada da Beira (Sessão 7, dia 23 de janeiro de 2019)	205

Figura 114: “Night runners”, aproveitando o pouco movimento na estrada, movem-se na rotunda quase a direito, obrigando os automobilistas a pararem para que estes possam passar na rotunda do Largo Santana (Sessão 38, dia 16 de outubro de 2019)	206
Figura 115: “Night runners” esperam que automobilistas passe primeiro, para puderem atravessar a passadeira na Alameda Dr. Júlio Henriques (Sessão 55, dia 26 de fevereiro de 2020).....	207
Figura 116: “Night runners” esperam que automobilistas passe primeiro, para puderem atravessar a passadeira na Alameda Dr. Júlio Henriques (Sessão 55, dia 26 de fevereiro de 2020).....	207
Figura 117: Cruzamento de “night runners” com outros atores sociais	208
Figura 118: Cruzamento com peões na Alameda Dr. Júlio Henriques (Sessão 45, dia 4 de dezembro de 2019)	211
Figura 119: Cruzamento com automobilistas na Rua D. Manuel I (Sessão 38, dia 16 de outubro de 2019)	211
Figura 120: Cruzamento com motociclista na Avenida Guarda Inglesa (Sessão 19, dia 22 de maio de 2019)	212
Figura 121: Tipo de contacto entre os “night runners” e outros atores sociais	214
Figura 122: Tipo de contactos entre “night runners” e outros atores sociais	216
Figura 123: “Night runner” cede espaço aos peões na Avenida Mendes Silva (Sessão 24, dia 26 de junho de 2019)	218
Figura 124: “Night runner” cede espaço aos peões na Avenida Mendes Silva (Sessão 24, dia 26 de junho de 2019)	219
Figura 125: “Night runner” cede espaço aos peões na Avenida Mendes Silva (Sessão 24, dia 26 de junho de 2019)	219
Figura 126: Peões cedem espaço aos “night runners” na Rua da Sofia (Sessão 35, dia 25 de setembro de 2019).....	220
Figura 127: Peões cedem espaço aos “night runners” na Rua da Sofia (Sessão 35, dia 25 de setembro de 2019).....	220
Figura 128: Peões cedem espaço aos “night runners” na Rua da Sofia (Sessão 35, dia 25 de setembro de 2019).....	220
Figura 129: “Night runner” cruza-se com peão na Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes (Sessão 31, dia 28 de agosto de 2019)	221
Figura 130: “Night runner” cruza-se com peão na Alameda Dr. Júlio Henriques (Sessão 46, dia 10 de dezembro de 2019)	222
Figura 131: Automobilista cede espaço aos “night runners” na Rua Miguel Torga (Sessão 38, dia 16 de outubro de 2019).....	223
Figura 132: Automobilista cede espaço aos “night runners” na Rua Miguel Torga (Sessão 38, dia 16 de outubro de 2019).....	223
Figura 133: Automobilista cede espaço aos “night runners” na Rua Miguel Torga (Sessão 38, dia 16 de outubro de 2019).....	224
Figura 134: “Night runner” cede espaço ao automobilista na Avenida Guarda Inglesa (Sessão 44, dia 27 de novembro de 2019)	224

Figura 135: “Night runner” cede espaço ao automobilista na Avenida Guarda Inglesa (Sessão 44, dia 27 de novembro de 2019)	225
Figura 136: “Night runner” cede espaço ao automobilista na Avenida Guarda Inglesa (Sessão 44, dia 27 de novembro de 2019)	225
Figura 137: Momento de tensão com peões na Praça 8 de Maio (Sessão 49, dia 15 de janeiro de 2020)	226
Figura 138: Momento de tensão com peões na Praça 8 de Maio (Sessão 49, dia 15 de janeiro de 2020)	226
Figura 139: Momentos antes de tensão com automobilista na Rua de Moçambique (Sessão 47, dia 18 de dezembro de 2019).....	227
Figura 140: Momento de tensão com automobilista (motorista de autocarro) na Rua de Moçambique (Sessão 47, dia 18 de dezembro de 2019)	227
Figura 141: Brainstorming sobre a Avenida Emídio Navarro	231
Figura 142: Avenida Emídio Navarro representada no mapa de Coimbra.....	232
Figura 143: Avenida Emídio Navarro na sua extensão, ao mesmo tempo que os “night runners” vão passando a passadeira (Sessão 12, dia 6 de março de 2019).....	233
Figura 144: Avenida Emídio Navarro, na sua extensão, vindo da Rua do Brasil e correndo em direção ao Largo da Portagem (Sessão 15, dia 3 de abril de 2019).....	233
Figura 145: Momento de tensão com peões que se encontram junto ao “pass-through” do restaurante. O grupo é tão grande que até tem que usar a estrada para correrem mais livremente (Sessão 16, dia 10 de abril de 2019).....	234
Figura 146: Momento de tensão com automobilista na Avenida Emídio Navarro. Quando o “night runner” se prepara para atravessar a estrada, um automóvel a alta velocidade passa à sua frente (Sessão 17, dia 24 de abril de 2019)	235
Figura 147: Zona má iluminada na Avenida Emídio Navarro (Sessão 20, dia 29 de maio de 2019)	235
Figura 148: Brainstorming sobre a Rua do Brasil	236
Figura 149: Rua do Brasil, representada no mapa de Coimbra.....	237
Figura 150: Rua do Brasil na sua extensão (Sessão 12, dia 6 de março de 2019)	237
Figura 151: Momento de tensão com peão e automóvel. O passeio é de tal maneira estreito nesta zona da rua, que alguns dos “night runners” tiveram de correr na estrada, arriscando serem atropelados pelo automóvel (Sessão 16, dia 10 de abril de 2019)	238
Figura 152: “Night runners”, deparando-se com os passeios estreitos e com automóveis estacionados em cima dos mesmos, optam por vir para a estrada (Sessão 50, dia 22 de janeiro de 2020).....	239
Figura 153: Zona mal iluminada na Rua do Brasil (Sessão 26, dia 24 de julho de 2019)	239
Figura 154: Brainstorming sobre o Parque Verde do Mondego	240
Figura 155: Parque Verde do Mondego representado no mapa de Coimbra. Fonte: ..	241
Figura 156: Parque Verde do Mondego, na sua extensão (Sessão 14, dia 27 de março de 2019)	242

Figura 157: Zona mal iluminada no Parque Verde do Mondego (Sessão 17, dia 24 de abril de 2019)	243
Figura 158: Passagem por poças de água no Parque Verde do Mondego (Sessão 1, dia 21 de novembro de 2018).....	243
Figura 159: Peões a circular no Parque Verde do Mondego, em pleno Verão (Sessão 30, dia 21 de agosto de 2019).....	244

Índice Geral

1. Introdução	1
2. A Noite Urbana: um período do dia, diferentes interpretações	9
2.1. Dicotomia Dia/Noite.....	9
2.2. A conquista progressiva da Noite para nunca mais terminar	10
2.3. Que atividades noturnas? O que fazer durante a noite?	17
2.4. Será que é tudo bom nas cidades que agora também funcionam à noite?	23
3. A apropriação de espaços urbanos como prática constante	27
3.1. Noção de apropriação de espaços urbanos	33
3.2. Quem tem direito ao espaço urbano?	36
3.3. Espaços urbanos são para quem os apropria.....	41
3.4. Tensões? Conflitos? - Como se manifestam?.....	44
3.5. Parkour e Graffiti: Dois exemplos de apropriação do espaço	50
4. A corrida enquanto atividade urbana	57
4.1. Desporto: Fenómeno saudável e urbano	57
4.2. A corrida como prática popular.....	59
4.3. Praticantes de corrida, como os distinguir?	61
4.4. Saúde ou não saúde, eis a questão!	66
4.5. Consequências da prática da corrida: Elas existem?	68
4.6. Espaço urbano e seus utilizadores: Relação dos corredores com o espaço urbano e outros utilizadores existentes	71
5. Problemática e Metodologia	67
5.1. Definição de Problemática	81
5.2. Perspetiva Epistemológica: O Construtivismo como orientador da investigação	85
5.3. Objetivos de investigação	87
5.4. Operacionalização de Conceitos	89
5.5. Abordagem metodológica e respetivas técnicas.....	90
6. “Night Runners Coimbra” nas redes sociais	101
6.1. Introdução.....	101

6.2. Publicações e seus conteúdos	104
6.3. Publicações e suas reações	121
7. “Night Runners Coimbra”: o grupo das quartas-feiras à noite	135
8. “Night Runners Coimbra”: um grupo de corrida diferente	153
8.1. Introdução	153
8.2. Caracterização sociodemográfica dos “night runners”	156
8.3. Caracterização dos “night runners”	161
9. Correndo por essa Coimbra fora	175
9.1. Introdução	175
9.2. Onde se pode correr? O que caracteriza esses locais?	180
9.3. Os “night runners” e outros atores sociais	208
9.4. O que dizer sobre estes espaços urbanos?	229
10. Conclusões finais	247
11. Referências bibliográficas	257

Anexos

Anexo I - Inquérito por questionário aplicado no grupo “Night Runners Coimbra”

Anexo II - Locais de ação usados pelos “night runners” durante o período em análise

Anexo III - Livro de Códigos Netnografia

Anexo IV - Livro de Códigos Vídeo-Etnografia

1. Introdução

No dealbar do Século XXI verifica-se uma preocupação global crescente, sobretudo nos países ditos desenvolvidos, em relação a uma prática específica: a prática de exercício físico. Sendo vários os fatores de ordem sociológica que justificam essa preocupação, ela tem vindo a ganhar destaque nas prioridades dos indivíduos e nas agendas das políticas públicas (Peixoto, 2019). Essa prática começa a manifestar-se em espaços públicos ainda no século passado (Morejon, 2019: 446). A prática de exercício físico/atividade física é compreendida e divulgada como umas das atividades ligadas à saúde pública (Krenichyn, 2006: 632), sobretudo para quem não tem esse hábito ou para quem se exercita pouco no quotidiano. No entanto, a preocupação generalizada em relação à atividade física parece estar a trazer benefícios, uma vez que se verifica, um pouco por todo o lado, que a prática de exercício físico é vista como uma forma de se ter uma vida mais saudável e mais longa. O imperativo de uma vida mais saudável tornou-se uma prioridade (Crawford, 2006: 402). A própria Organização Mundial da Saúde alerta para a importância da prática de exercício físico, de forma a que se possa ter uma vida mais saudável (2017)¹.

Entre as várias possibilidades para a prática de exercício físico destaca-se a corrida, como forma acessível de atingir essa vida mais saudável. A sua prática é vista como sendo de fácil execução e pouco dispendiosa. Hoje em dia, em contexto urbano, é inegável que esta prática ocupa um espaço central no conjunto das várias possibilidades para a prática de exercício físico. Além disso, trata-se de uma atividade física cuja prática é relativamente barata, em comparação com outras atividades físicas, podendo ser praticada por qualquer pessoa, de qualquer idade, de qualquer estrato social, podendo inclusive ser praticada dentro de casa. Pode-se mesmo pensar esta atividade física como sendo de fácil execução, não caracendo do domínio de uma técnica apurada, podendo ser executada a qualquer ritmo, a qualquer hora do dia e a

¹ Organização Mundial de Saúde (fevereiro de 2017). Physical Activity. Disponível em <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs385/en/>, acessido em 7 de fevereiro de 2019.

qualquer dia da semana, dentro das conveniências de quem queira correr. Apenas são precisas sapatilhas e roupa desportiva confortável. Sob vários pontos de vista, e em comparação com outras modalidades desportivas, são inúmeras as suas vantagens, o que serve de motivação acrescida para a sua prática. Sendo que são poucas as limitações para quem corre ou para quem quer começar a correr.

Todavia, é inegável, também, que a prática de corrida ocupa um espaço central nas nossas cidades. Não é raro, hoje em dia, ver várias pessoas a correr nos muitos parques urbanos ou outros locais considerados apropriados para esta mesma prática. Atualmente, um elemento incontornável da paisagem de qualquer cidade moderna revela o uso do espaço público para a prática de corrida (elemento que, contudo, é mais visível numas cidades do que outras, como seria de esperar), ou para a realização de outras modalidades desportivas ou atividade física. Basta olhar para os parques urbanos das cidades e verificar que, em determinadas horas ou em determinados dias da semana, é notória a quantidade de pessoas que estão a correr. Como defende Mojeron, é nos espaços públicos das cidades que encontramos a maioria das atividades desportivas (2019: 458).

Contudo, esta prática de corrida não se cinge aos espaços urbanos criados e ordenados para a prática de corrida. Na maioria das vezes, esta prática tem-se vindo a deslocar para outros espaços urbanos que não foram concebidos e que não estão preparados para a receber (Adamkiewicz, 1998: 50; Augustin, 2001: 27). Desde as ruas do centro histórico até às esplanadas de cafés e restaurantes, todos os locais da cidade podem servir de contexto para a prática de corrida. O único problema, ou pelo menos o mais premente, é que esses atletas entram em competição com outros utilizadores pelo uso desses mesmos espaços, designadamente peões e automóveis. Ou entram também em confronto com outras práticas urbanas, como o *graffiti* e o *parkour*, uma vez que esta prática permite interações sociais, de forma frequente, com outras pessoas na panóplia dos espaços urbanos (Cook *et al.*, 2016: 757). Tensões e conflitos que são recorrentemente visíveis no período diurno. Colocando-se, evidentemente, a seguinte questão: e durante o período noturno?

Nas últimas décadas, o período noturno deixou de ser um período “esquecido” pela sociologia e pelos habitantes das cidades. Pelo menos não é mais, ou apenas, um

lapso espaço-temporal entregue à criminalidade e a outras atividades ilegais. Incontestavelmente, apesar de alguma surdez e/ou cegueira sociológica, foi conquistado por quem quer usar a noite para se divertir, para cuidar do corpo, ou para trabalhar. Verificamos, por isso, um prolongamento das atividades diurnas para o período noturno, com cada vez mais pessoas presentes e ativas em espaços urbanos que, durante a noite, estavam abandonados, e que agora ganham uma nova vida. Além dessas atividades, muitas das tensões e conflitos que se verificam durante o dia, decorrente da sobreposição de usos sociais, deslocaram-se igualmente para a noite.

Tal como os automóveis e os peões, que circulam durante a noite, também os próprios corredores passaram a usar a noite para correr, fazendo-o frequentemente em espaços urbanos que não estão preparados para os receber, e entrando em competição por esses espaços com outros utilizadores. Temos, em função disso, a emergência do fenómeno dos “night runners” (corredores noturnos), que escolhem especifica e estrategicamente o período noturno para a prática de corrida. E que, tendo esta prática uma natureza iminentemente individual, o fazem de modo a impulsionar uma prática grupal que se aproxima dos comportamentos das tribos urbanas (Magnani, 1992a; Maffesoli, 1995; Pais e Blass, 2004), denotando uma intencionalidade de competir pelo uso dos espaços urbanos e de afrontar a naturalização das funções formalmente atribuídas aos espaços. Prática que se observa, por exemplo, entre grupos de ciclistas que, recusando muitas vezes fazer uso das ciclovias, se apropriam da estrada em grupo para questionar a hegemonia do automóvel. Pode-se, nesse sentido, recorrer à expressão “região moral” de Robert Park, da Escola de Chicago, para caracterizar os grupos de sociabilidade que se desviam dos códigos morais estabelecidos, usando espaços urbanos não idealizados para a prática desportiva. Foi, precisamente, partindo da perceção que existem cada vez mais pessoas que usam os espaços urbanos para se divertir ou trabalhar durante o período noturno, com o conseqüente aumento da circulação automóvel durante esse período, e arrastando tensões e conflitos do período diurno para o período noturno, que nos perguntámos como é que os “night runners” atuam e se enquadram nos espaços urbanos durante a noite? Será que também existem tensões e conflitos inerentes à prática social que concretizam? Que tipo de espaços urbanos usam? Qual o papel na cidade e nos ritmos urbanos (Paiva *et al.*, 2017) da

prática desportiva que desenvolvem? Até que ponto contribuem para configurar (micro)territorialidades geradoras de valores, subjetividades e afetos? (Fortuna, 2012)

Estas questões enquadram os propósitos da investigação subjacente à realização da tese. Pretendeu-se perceber qual o uso e as representações que os “night runners” desenvolvem relativamente aos espaços urbanos que utilizam e de que se apropriam para a prática de corrida, num contexto, como salientado, em que esses espaços não foram criados para a prática de atividades físicas e desportivas. O fenómeno dos “night runners” é um fenómeno recente, com vários grupos de corrida a surgirem nos últimos anos em várias cidades, não tendo sido referenciado qualquer estudo sobre o fenómeno até à data em que foi iniciada esta investigação².

De forma a orientar a pesquisa, a questão de partida mais concretamente formulada foi a seguinte: até que ponto os designados corredores noturnos se constituem como suporte de sociabilidades emergentes que têm consequências nos modos de usar e de representar a cidade? Os três capítulos que se seguem a esta introdução (capítulos 2 a 4) procuram enquadrar a investigação. Esses três capítulos visam construir o estado da arte do tema, inserindo-o e problematizando-o em outras tantas perspetivas. Tornou-se um desafio inicial árduo, uma vez que não existe literatura sobre o fenómeno dos “night runners”, mas necessário para delimitar o tratamento do tema em torno de abordagens sociológicas. Para o efeito, foram criados três capítulos que procuram cobrir, cada um deles, problemáticas distintas: a problemática relativa ao conceito de “noite urbana”; a problemática alusiva ao conceito de apropriação de espaços urbanos; e a problemática inerente à prática de corrida na atualidade.

No primeiro capítulo, procede-se a uma discussão sobre o conceito de “noite urbana”, discutindo-se numa primeira parte a dicotomia dia/noite, avançando-se depois para a transformação deste conceito e da sua importância na caracterização da vida urbana. Um ponto específico deste primeiro capítulo discute as atividades que passaram a ser realizadas no período noturno, fechando-se o capítulo com uma discussão sobre

² Segundo as pesquisas feitas no Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (<https://www.rcaap.pt/>) e no DART-Europe E-theses Portal (<http://www.dart-europe.eu/>), a 20 de agosto de 2018.

os problemas que os prolongamentos das atividades diurnas para este novo período da vida urbana trouxeram para as cidades.

No segundo capítulo, efetua-se a uma discussão sobre o conceito de apropriação de espaços urbanos e sobre formas de como esta se manifesta. A discussão inicia-se com a apresentação da noção de apropriação de espaços urbanos, questionando-se, de seguida, o direito ao espaço público das cidades. Num ponto seguinte, na sequência do ponto anterior, discute-se como os espaços podem ser usados por todos, mas não sem tensões ou conflitos. Para perceber melhor esta apropriação, recorreremos a exemplos de duas práticas urbanas, ambas mais estudadas pela sociologia: o *parkour* e o *graffiti*, enunciando sinteticamente como se manifestam nas nossas cidades.

Por fim, o último capítulo do estado da arte (capítulo 4), efetua uma discussão sobre os motivos para a prática de corrida. Desde logo, é possível perceber como o desporto é visto como um fenómeno saudável e, ao mesmo tempo, como um fenómeno urbano. A prática de corrida converteu-se progressivamente numa prática popular e massificada nos meios urbanos. Ainda assim, é curial, como procuramos fazer neste capítulo, distinguir tipos de corredores e diferenciar motivos para a prática de corrida. A prática de corrida tem consequências na vida dos atletas e estas não podem ser postas de parte.

Realizada a revisão bibliográfica em torno de três problemáticas passíveis de delimitar o tema, o quarto capítulo (capítulo 5) procura definir e circunscrever a problemática a ser estudada por referência ao objeto de estudo, assim como identificar e descrever as opções metodológicas retidas para o desenvolvimento do estudo. Num primeiro momento, é aclarada a problemática, de modo a circunscrever a investigação à procura de respostas para a pergunta que motivou a realização da tese. No ponto seguinte, numa perspetiva epistemológica, assume-se a abordagem construtivista que a investigação adota, visando a consecução de objetivos de pesquisa. E é exatamente sobre esse aspeto que o ponto seguinte do capítulo se concentra. Nele são fixados os objetivos que a investigação se propõe alcançar. De seguida, faz-se uma discussão sobre a operacionalização dos conceitos. Por fim, elencam-se e discutem-se as técnicas de recolha de dados que permitem concretizar a estratégia metodológica, de modo a que se possa responder à problemática e, mais especificamente, à questão de partida da

investigação. Os quatro capítulos que se seguem (capítulos 6 a 9) incidem sobre o trabalho de campo realizado e procuram responder, com dados e análise dos mesmos, às várias questões que são levantadas no início deste estudo.

Nestes quatro capítulos (capítulos 2 a 5), as notas de rodapé têm, quase todas elas, um carácter redundante, uma vez que correspondem ao texto original (em língua inglesa) transcrito, de forma livre, no corpo do texto. Esta opção permite que o texto transcrito seja lido em língua portuguesa no corpo do texto ou no original (em inglês) na nota de rodapé.

O capítulo 6 incide sobre a aplicação da netnografia ao grupo em estudo que se constitui como objeto empírico desta tese. Num primeiro ponto é realizada uma contextualização da aplicação da técnica metodológica. De seguida procede-se a uma apresentação dos resultados da aplicação desta técnica ao objeto de estudo.

O capítulo 7 relata o acompanhamento e faz a análise das sessões do grupo de corredores noturnos, por via de uma observação não-participante. Nele se procede a uma apresentação detalhada do grupo e do local de concentração, descrevendo-se como decorrem as sessões. É também feita uma breve contextualização que permite situar o grupo por referência a atores sociais envolvidos.

O capítulo 8 reporta-se à aplicação dos inquéritos por questionário, que foi dirigido aos elementos do grupo de corredores noturnos. Apresentam-se os resultados, que são relevantes para se fazer a caracterização sociodemográfica dos elementos deste grupo e uma breve caracterização da prática que executam, assim como para descrever a relação que os indivíduos mantêm com o grupo de corrida em que estão inseridos.

Por fim, o capítulo mais longo desta tese (capítulo 9) é relativo à aplicação da vídeo-etnografia. Num primeiro ponto, contextualizamos a aplicação desta técnica, cujo uso é ainda relativamente limitado nas abordagens sociológicas, procedendo-se, de seguida, a uma apresentação dos locais onde os corredores noturnos executam a sua prática. Realiza-se uma discussão sobre as relações que os corredores noturnos mantêm, durante o exercício da prática, com outros agentes sociais urbanos. Por fim, executa-se uma análise das representações dos corredores noturnos sobre alguns dos espaços que por eles são percorridos.

Feita a análise dos dados e realizada a discussão por referência à problemática, apresentam-se as conclusões finais, sintetizando-se os resultados obtidos, de modo a procurar das respostas à questão de partida, e apontando-se limitações que esta investigação comporta, assim como linhas de investigação futura.

Se a noite é, em múltiplos aspetos, a última fronteira da cidade (Gwiazdzinski, 2005) esta tese procura contribuir para abrir a noite à investigação científica, ajudando a derrubar fronteiras e a alargar horizontes. O fenómeno dos “night runners”, concorre para transformar a sociologia e a geografia da noite. Por si só, não é suficiente para materializar a cidade 24 horas, que não conhece fronteiras entre a noite e o dia. Mas, sem dúvida, insere-se em novas dinâmicas, fomentando-as, tornando mais complexas as interações entre atores urbanos e entre estes e os espaços da cidade.

2. A Noite Urbana: um período do dia, diferentes interpretações

2.1. Dicotomia Dia/Noite

Cai a noite nas cidades e a vida urbana dissipa-se. Os comerciantes recolhem os seus produtos nas bancas e fecham as suas lojas. Os transportes (públicos ou privados) que invadiam as ruas desaparecem por algumas horas. As crianças que brincavam nas ruas e iam para as escolas voltam para casa e dormem, preparando-se para um novo dia. Nesta noite urbana, as pessoas que circulam durante o dia nas cidades dão lugar às atividades consideradas ilegais, sobretudo ligadas à criminalidade ou à prostituição. As ruas tornam-se, durante o período noturno, lugares a evitar.

As horas passam e, chegando a luz do dia, tudo volta ao normal. A azáfama de pessoas a circular nos transportes, os comerciantes expondo os seus produtos nas bancas e abrindo as suas lojas, e as crianças saindo de suas casas para ir brincar na rua e ir para a escola. Atividades estas que irão durar enquanto houver luz natural (Boffi *et al.*, 2015: 1), acabando por dar lugar à noite quando a luz do sol se esconderar. Ou, como afirmam van Liempt *et al.*, o período diurno “é dominante no discurso que foca as atividades diárias urbanas e as geografias do dia-a-dia.” (2015: 407)³.

Sendo que um dia de 24 horas é composto por práticas variadas (Southerton, 2006: 440), percebe-se com esta descrição do período diurno e do período noturno que estamos a tratar de dicotomias, quando não antinomias amplamente opostas. Enquanto o dia representa a luz, a vida e a alegria, a noite representa a escuridão, os perigos contra a vida e a insegurança. Representa também uma pausa no ritmo diário da sociedade (Chausson, 2015: 1; Gwiazdzinski, 2014: 53; Gwiazdzinski, 2015: 2; Lovatt *et al.*, 1995: 130). Esta alternância entre o dia e a noite fez com que o ritmo individual e coletivo

³ Tradução original do autor. No original: “Day is often the dominant discourse focusing on urban daily activities and geographies of everyday life.” (van Liempt *et al.*, 2015: 407).

fosse estabelecido e padronizado (Gwiardzinski, 2015: 2), permanecendo assim durante séculos. A noite urbana chegou mesmo a ser associada à morte (Gwiardzinski, 2005: 30).

Outra descrição sobre o período noturno é interessante para explicar esta conceção da noite: “Era visto como um espaço de reclusão, de mistério, de descanso. As poucas actividades que se desenvolviam durante a noite estavam ligadas sobretudo à segurança, à vigília.” (Almeida *et al.*, 2011: 45 e 46). Ou, como apontam van Liempt *et al.*: “A escuridão urbana foi por muito tempo descrita com termos negativos – por exemplo como ‘o lado negro’ – e as ‘forças da escuridão’ foram concebidas como o oposto daquilo que ilumina e é iluminado.” (2015: 410).⁴ Durante o período noturno, os centros históricos das cidades “tornavam-se cidades fantasmas” (Hanningan, 1998: 47; Jaspe *et al.*, 2017: 46)⁵ depois de escurecer não havia ninguém a frequentá-los. A linguagem popular reforça esta oposição, conferindo sentidos diferentemente valorados às expressões “como do dia para a noite” e “como da noite para o dia”.

Durante vários séculos, estes dois períodos foram idealizados pelos cidadãos como realidades antagónicas, que em nada eram semelhantes entre si. A própria expressão corredores da noite foi usada, no início do século (Pitou, 2000), para retratar comportamentos de jovens delinquentes que, no século XVIII, usavam a noite para perturbar a ordem social, vendo-se na contigência de terem de correr para tentar escapar às autoridades.

2.2. A conquista progressiva da Noite para nunca mais terminar

No entanto, a partir do Século XIX, assiste-se a uma invenção que vem mudar esta perceção generalizada: a iluminação elétrica noturna nas cidades (Melbin, 1978: 3). Esta iluminação permite desofuscar espaços cobertos pela escuridão da noite, que não seriam visíveis sem esta luz artificial. De forma progressiva, a luz tem vindo de forma

⁴ Tradução livre do autor. No original: “Urban darkness has long been described in negative terms – for instance, as the ‘dark side’ – and the ‘forces of darkness’ have been conceived as the opposite of that which enlightens and illuminates.” (van Liempt *et al.*, 2015: 410).

⁵ Tradução livre do autor. No original: “Many cities (...) become ghost towns (...) dark.” (Jespa *et al.*, 2017: 46).

gradual a tomar posse do espaço urbano (Gwiazdzinski, 2015: 6). Com ela, estes espaços “ganham vida” durante a noite.

Esta alteração teve um papel importante de forma a iluminar os espaços urbanos, trazendo consigo o objetivo de atingir “uma sensação de segurança e melhorando a aparência (ou experiência) do ambiente no período do dia e da noite” (Kim *et al.*, 2018: 1134)⁶. No fundo, a introdução da iluminação urbana pretendia promover “lei e ordem”, ao mesmo tempo que “torna mais bonitas as cidades, dando conveniência e refletindo uma nova disposição para usar a cidade à noite”. (van Liempt *et al.*, 2015: 410)⁷. Ainda longe do *lighting design* dos nossos dias, que visa criar e valorizar paisagens urbanas noturnas, assim como criar novas interações e formatar comportamentos (Pihlajaniemi e Luusua, 2020), a iluminação elétrica urbana do século XIX abre uma nova era na forma de conceber a noite nas cidades.

Ao longo das décadas seguintes, existe igualmente uma conquista da noite (Boffi *et al.*, 2015: 1). A utilização de horas do período noturno, associada à introdução da iluminação elétrica (Melbin, 1978: 4), transportava um objetivo bem específico, mas funcionou também como fator de atração de novos residentes para as cidades:

“O principal objetivo residia em iluminar ruas, avenidas ou praças, ao mesmo tempo que os monumentos mais importantes eram também postos em evidência através da luz – pretendia-se que as pessoas conseguissem ver, e ser vistas.” (Almeida *et al.*, 2011: 47).

“A iluminação pode ser rápida e facilmente instalada e é também um sinal forte de vida. A iluminação é frequentemente designada como uma ferramenta de comunicação, criando novas imagens da cidade. Mudanças na iluminação urbana podem atuar como uma prova das ações municipais e consequentemente para legitimar um novo executivo municipal” (Mallet e Burger, 2015: 5)⁸.

⁶ Tradução original do autor. No original: “Enhancing a sense of security and improving the day and nighttime appearance (or experience) of the environment (...) roads.” (Kim *et al.*, 2018: 1134).

⁷ Tradução original do autor. No original: “Street-lighting (...) promote law and order. (...) Street-lighting (...) also beautifies cities, provides convenience and reflects a new willingness to use the city at night.” (van Liempt *et al.*, 2015a: 410)

⁸ Tradução livre do autor. No original: “Lighting can be quickly and easily installed, and is also a strong symbol of life. Lighting is often designed as a communication tool by creating new images of a city.

Começa, com isso, a haver um prolongamento de atividades intrinsecamente diurnas para o período noturno, fenómeno que atualmente se estende às mais variadas atividades (Melbin, 1978: 3). Começando por festas e bailes (Gwiazdzinski, 2015: 2), as atividades urbanas que progressivamente se vão instalando a noite tornam-se cada vez mais variadas, indo desde atividades ligadas ao lazer a atividades ligadas à vida profissional. Muitas delas adquirem um *ethos* especificamente urbano (Melbin, 1978: 6). Hoje, aquilo a que chamamos “dia” tem uma perspetiva completamente diferente de algumas décadas atrás:

“A noção de “dia”, associada ao período de trabalho, transformou-se e passou, assim, a ter o dobro das horas disponíveis para as demais actividades económicas, gerando novas formas de organização laboral, reformulando a própria estrutura social.” (Almeida *et al.*, 2011: 46).

Vai-se instalando uma exigência das pessoas para sair de casa e, se possível, passar um bom serão (Bianchini, 1995: 122). Atualmente, já se fala na “cidade 24h/7” (Bianchini, 1995: 126; Mallet, 2014: 2; Thoma e Bromley, 2000: 1424; Gwiazdzinski, 2005: 106; Gwiazdzinski, 2015: 3), com vários locais de trabalho a estarem abertos até mais tarde que o habitual (Gwiazdzinski, 2015: 3), criando “a necessidade de cidades que não dormem” (Góis, 2014: 223). Poderemos pensar numa nova definição de “espaço-tempo” da noite:

“O conceito de “espaço-tempo” da noite advém, assim, precisamente da duplicidade que está encerrada no período nocturno. Por um lado, este é um tempo que se inicia com o pôr-do-sol, e que finda com o nascer do sol, mas, por outro lado, a noite é simultaneamente um espaço, no sentido territorial e espacial, onde determinadas práticas, actividades, usos, etc., ocorrem preferencialmente.” (Almeida *et al.*, 2011: 48)

Assistindo-se a esta expansão das atividades pela noite dentro, pode-se mesmo falar de “sociedades 24h” (Southerton, 2003: 7; Southerton, 2006: 438), com as

Changes in urban lighting can act as proof of municipality’s actions and consequently to legitimize a new city council”. (Mallet *et al.*, 2015: 5)

fronteiras entre o dia e a noite a dissiparem-se (Boffi *et al.*, 2015: 1). Almeida *et al.* especificam que atividades são estas que se expandem durante a noite, evidenciando as razões inrentes a esse processo:

“Actividades ligadas à banca, transportes, prestação de serviços de apoio ao cliente, entre outras, passaram a funcionar 24 horas por dia, não só devido aos diferentes fusos horários, mas também para acomodar necessidades crescentes de clientes que funcionam em contínuo entre dia e noite.” (Almeida *et al.*, 2011: 47)

Com esta expansão de atividades, há uma oportunidade de duplicar a economia citadina (Bianchini, 1995: 124), dobrando o período de tempo em que os centros das cidades são produtivos (Shaw, 2014: 89). Poderemos por isso falar da chamada “night-time economy”⁹ (Lovatt *et al.*, 1995: 130), focada muito no consumo de álcool através do aumento do número de bares e clubes (Mallet, 2014: 8), mas também de restaurantes, que surgem nos centros das cidades e que ficavam abertos até mais tarde (Mallet e Burger, 2015: 4). Estes surgem sobretudo durante os anos 80 do século XX, em várias cidades inglesas, como Leeds, Nottingham ou Leicester (*idem*).

Há quem sugira que, nesta expressão, deve ser removido o termo “economia”, de forma a não colocar o foco nos benefícios financeiros, mas sim nas atividades culturais a longo prazo existentes nas cidades (Roberts *et al.*, 2007: 263). Este é um conceito que ganha relevância nos anos 90, época em que se procura “encapsular mudanças na organização e práticas na vida noturna, especialmente em termos urbanos” (Rowe *et al.*, 2008: 5)¹⁰.

Como é apontado noutro texto de Rowe, escrito em coautoria, verificamos uma passagem da “vida noturna” para o conceito de “economia noturna”, o que permite “localizar a estimulação e regulação da cidade à noite como uma das questões urbanas mais importantes que as cidades enfrentam em todo o mundo” (Rowe e Bavinton, 2011:

⁹ Como forma de tradução, será usada a expressão “economia noturna” como forma de referir à “night-time economy”.

¹⁰ Tradução livre do autor. No original: “The concept (...) to encapsulate changes to the organization and practice of after-dark life, especially in urban settings.” (Rowe *et al.*, 2008: 5).

811)¹¹. Esta mudança foi de tal maneira importante que as nossas cidades começam realmente a mudar de paisagem:

“A paisagem pós-industrial, no entanto, ofereceu oportunidades para as cidades se reinventarem a si mesmas como locais de consumo, durante o dia, assim como durante a noite. O sucesso destas economias noturnas torna-se visível no facto de os espaços de vida noturna em certas cidades poderem ser mais densificadas em termos de população à noite do que durante o dia.” (van Liempt, 2015: 486)¹².

Poderemos também pensar, seguindo esta lógica economicista, que a própria noite pode ser vista como uma oportunidade para criar novas formas de incentivo ao crescimento económico das cidades. Tal como as classes criativas, termo cunhado por Richard Florida, também a noite, através das suas características próprias, se torna criativa para o crescimento económico: “Estas novas comunidades também são mais eficazes a gerar crescimento económico e a atrair alta tecnologia para uma região. Em termos gerais, as maneiras como as comunidades criam crescimento económico foram transformadas.” (Florida, 2003: 6). Verificamos, de facto, que os centros das cidades estão cada vez mais virados para o turismo, para o lazer e para o entretenimento (Grazian, 2008: 7), tendo, com essa estratégia, tornado-se mais atrativos (Roberts, 2004: 24). Este dinamismo trazido pela atração de novas comunidades, através da criação ou recriação de espacialidades e de temporalidades, também é afirmado por Jasper *et al.*:

“O dinamismo pode ser também ligado à larga revitalização urbana e cultural promovida por uma nova classe criativa, que inclui artistas, artesãos, empreendedores e outros inovadores que ajudaram os cidadãos a reimaginar as possibilidades dos seus espaços públicos.” (Jasper *et al.*, 2017: 48)¹³.

¹¹ Tradução livre do autor. No original: “The (...) locates the stimulation and regulation of the city at night among the most important urban issues facing cities around the globe.” (Rowe e Bavinton, 2011: 811).

¹² Tradução livre do autor. No original: “The post-industrial landscape however has offered opportunities for cities to reinvent themselves as places of consumption, during the day as well as at night. The success of these night-time economies are apparent in the fact that nightlife districts in certain cities can be more densely populated at night than during the day.” (van Liempt, 2015b: 486).

¹³ Tradução livre do autor. No original: “This dynamism can also be linked to a larger civic and urban revival promoted by a new creative class that includes artists, artisans, entrepreneurs, and other innovators that have helped citizens reimagine the possibilities of their public spaces”. (Jasper *et al.*, 2017: 48).

Grazian apresenta também uma perspetiva interessante sobre as potencialidades da vida noturna nas nossas cidades:

“Além disso, espaços de sucesso ligados à vida noturna atraem visitantes cosmopolitas para as nossas cidades, aumentam a vivacidade e o tráfego de peões nas baixas das cidades depois do fecho das lojas locais; impulsionam o crescimento económico local, e na melhor das circunstâncias, servem de incubadoras para o desenvolvimento de movimentos locais de criatividade e de expressão cultural.” (2009: 909 e 910)¹⁴.

Hoje, é impossível falar de cidades sem falar da sua dimensão noturna, não só em termos de potencialidades para o crescimento económico, mas igualmente, ainda e sempre, em termos de segurança/insegurança:

“A dimensão nocturna dos espaços públicos passou a estar presente, quer por razões associadas à segurança e à criminalidade, quer pela disponibilidade da sociedade e da economia para o surgimento de vários segmentos de actividades de lazer que acontecem à noite.” (Almeida *et al.*, 2011: 44)

Pode-se mesmo falar em duas posições completamente distintas sobre a economia noturna, como apontam Rowe *et al.*:

“É ainda, apesar do potencial social, cultural e económico da economia noturna, uma fonte de discussão nos *media*, debates políticos, planeamento urbano, administração pública e policiamento, que oscila entre apoiar a estimulação da economia noturna e argumentar por um controlo altamente restritivo.” (Rowe *et al.*, 2008: 15)¹⁵.

¹⁴ Tradução livre do autor. No original: “Moreover, successful nightlife scenes attract cosmopolitan visitors to their cities; increase the liveliness and pedestrian traffic of downtowns after the close of the business day; boost local economic growth; and, under the best of circumstances, serve as incubators for developing local movements of cultural creativity and expression.” (Grazian, 2009: 909 e 910).

¹⁵ Tradução livre do autor. No original: “Yet, despite the major social, cultural and economic potential of the night-time economy, it is a source of dispute in media discussions, policy debates, urban planning, policing administration, which oscillate between supporting the stimulation of the night-time economy and arguing for highly restrictive control of it”. (Rowe *et al.*, 2008: 15)

Mais que afirmar as suas diferenças, importa perceber os seus argumentos, como alguns autores expõem:

“A primeira posição [expansão da economia noturna] é vista como benigna, pois traz um elevado potencial para deter o declínio dos centros das cidades e para criar novas formas de trocas sociais públicas e democráticas em espaços urbanos regenerados. (...) Uma segunda posição levanta questões de ordem social, policiamento e prevenção da criminalidade, que tem vindo a ser utilizada como argumento central, tendo em conta o aumento de exigências urgentes para combater comportamentos antissociais e a violência (...). Esta posição pode até encaixar com uma visão completamente cética de que a economia noturna é cada vez mais intrusa no modo de vida das cidades que alberga uma variedade de atividades criminais e antissociais, como desordem pública, vandalismo, assaltos e acidentes relacionados com o consumo de álcool, venda ilegal de droga e trabalho sexual público.” (Rowe *et al.*, 2008: 15)¹⁶

“A noite urbana não oferece apenas lazer, excitação e aventura, mas também oferece oportunidades para transgressão de normas sociais que são tidas como garantidas durante o período diurno. A noite é um tempo para experimentar algo que o período diurno não deixa, um tempo para conhecer pessoas que não deverias, para fazer coisas que os teus pais ensinaram a não fazer.” (van Liempt, 2015: 487)¹⁷

Posições antagónicas que encaram a economia noturna de maneiras diferentes. Entre a sua ampliação ou a necessidade do seu controlo, a economia noturna nas cidades tem vindo a trazer oportunidades, mas também problemas. Como apontam Rowe e Bavinton, falando sobre o espaço urbano noturno, este pode ser facilmente

¹⁶ Tradução livre do autor. No original: “The first position views it as a benign and even highly beneficial development that has the potential to arrest the decline of the inner city and to create new forms of public social exchange and democracy in regenerated urban space. (...) In a second view, questions of social order, policing and crime prevention have come forward with increasingly urgent demands to combat anti-social behavior and violence (...). This position can even dovetail with a wholly skeptical view that the night-time economy is an increasingly pernicious intrusion into city life that hosts a range of anti-social and criminal activities, such as disorder, vandalism, assaults and alcohol-related injuries, illicit drug dealing and public sex work.” (Rowe *et al.*, 2008: 15)

¹⁷ Tradução livre do autor. No original: “Thus the urban night not only offers pleasure, excitement and adventure, but also offers opportunities for the transgression of social norms that are taken for granted during the day-time. Night is a time to try to be something the daytime may not let you be, a time for meeting people you shouldn’t, for doing things your parents told you not to do.” (van Liempt, 2015b: 487)

entendido como “um campo de atração e dissuasão que estrutura a distribuição dos participantes da vida noturna no espaço e no tempo.” (2011: 819)¹⁸.

Rodrigues salienta que a cidade de hoje oferece oportunidades que não eram pensadas há algumas décadas atrás, como a oportunidade de fazer à noite o que se faz durante o dia, com problemas associados, evidentemente. A discussão sobre a expansão ou o controlo da economia noturna, que será feita nas páginas seguintes, pode ser enquadrada pelo seguinte excerto da autora: “Classicamente mal iluminada e relegada para o campo do dúbio e do perigoso, a noite da cidade – quando cruza lazer, boémia e festa – constitui atualmente uma oportunidade de duplicação do tempo da cidade e da sua experiência.” (2016: 341).

2.3. Que atividades noturnas? O que fazer durante a noite?

A noite urbana pode ser vista como livre de convenções sociais, sendo por isso um tempo livre para cada um dos indivíduos (Bianchini, 1995: 124), o que a torna, do ponto de vista dos afetos e das representações, um tempo privilegiado (Mallet, 2014: 6). Hoje, podemos pensar os espaços urbanos no período noturno como sendo “constantemente reinventado[s] e remodelado[s].” (Chatterton *et al.*, 2002: 99)¹⁹.

Como tal, as pessoas poderão realizar as mais variadas atividades noturnas. Podemos falar, como anteriormente já referido, no prolongamento de atividades diurnas para o período noturno, falando-se atualmente na existência da “cidade 24h/7” e mesmo numa “economia noturna”. Atualmente, embora esse esteja longe de ser o perfil da maioria das cidades do mundo, pode-se fazer todo o tipo de atividades nas cidades, sem haver a necessidade de ficar em casa. Como apontam Rowe e Bavinton sobre os padrões de lazer e de consumo na cidade depois de escurecer, estes “têm a tendência em produzir uma vida urbana em período noturno que constitui um complexo

¹⁸ Tradução livre do autor. No original: “Urban (...) as a field of attractors and deterrents that structures the distribution of nightlife participants in space and time.” (Rowe *et al.*, 2011: 819)

¹⁹ Tradução livre do autor. No original: “In this (...) constantly being reinvented and remodelled” (Chatterton *et al.*, 2002: 99).

e frequente campo obstinado de relações culturais.” (2011: 811)²⁰. Mais pode ser dito sobre a importância da noite nas nossas cidades e o seu impacto a quem dela faz ou queira fazer parte:

“Experiências em cidades em todo o mundo demonstram que a cultura e o entretenimento, particularmente à noite, são atividades com grande potencial para estimular a revitalização dos centros históricos. A noite é um espaço fundamental para a socialização, sobretudo para os jovens; um espaço chave que permite criar identidades e uma sensação de pertença à cidade.” (Jespa *et al.*, 2017: 46)²¹.

Uma dessas atividades, que é sobretudo levada a cabo por jovens, prende-se com a saída de casa e ida até aos bares, incluindo frequentemente consumo de álcool com os amigos. Estes tendem a ser vistos como consumidores de álcool compulsivos, sendo igualmente participantes ativos da vida urbana (Eldrige *et al.*, 2008: 367). Esta, nas múltiplas formas que assume, é uma prática social que se implementou há algumas décadas atrás, e que permitiu que este grupo social se tornasse um dos principais a conquistar a noite urbana. Para perceber melhor quem são estes jovens, em termos de tipo-ideal, basta ler a seguinte passagem de Chatterton *et al.*:

“Finalmente, muitas pessoas jovens, emergindo das universidades e com qualificações profissionais, têm capacidade para entrar num mundo de relativa estabilidade profissional e com estilos de vida ligados ao consumo. Estes jovens (...) - são anunciados como os salvadores da nova economia cultural e noturna. Além de acumular capital económico, eles também procuram capital simbólico e estatuto através do consumo, e conseqüentemente são implicados num ciclo virtuoso de crescimento.” (2002: 98)²².

²⁰ Tradução livre do autor. No original: “Leisure (...) have tended to produce an urban night life that constitutes a complex and often obstinate field of cultural relations.” (Rowe *et al.*, 2011: 811)

²¹ Tradução livre do autor. No original: “Experiences in cities around the world demonstrate that culture and entertainment, particularly at night, are activities with great potential to spur the revitalization of historic centers. The night is a fundamental space for socialization, particularly for youths; a key space in which to build identities and a sense of belonging to the city.” (Jespa *et al.*, 2017: 46)

²² Tradução livre do autor. No original: “Finally, many young people emerging from universities and professional qualifications are able to enter into a world of relatively stable employment and consumer lifestyles. These young (...) – are often heralded as the saviours of the city’s new night-time and cultural economy. As well as accumulating economic capital, they also seek symbolic capital and status through consumption, and hence are implicated in a virtuous cycle of growth.” (Chatterton *et al.*, 2002: 98).

Para Shaw, existem atividades que criam fronteiras entre as atividades diurnas e atividades noturnas (2014: 90 e 91). Esta será uma das principais atividades que criam essas fronteiras. Há quem defenda mesmo que a economia noturna está dominada pelos jovens, que saem de suas casas à noite para ir consumir álcool (Thomas e Bromley, 2000: 1403; *ibid*: 1408; Roberts *et al.*, 2007: 254), com impacto nos espaços urbanos durante a noite (Roberts, 2006: 332). Acrescentaríamos, num parêntesis, que o avolumar da pandemia tornou evidente a importância desta dimensão da vida das cidades para as economias urbanas e para o mercado urbano de lazeres.

A presença maciça de jovens, que vão para os centros das cidades para consumir álcool, desincentiva pessoas mais velhas (sobretudo a partir dos 35 anos) a sair de casa à noite, pelo que vários espaços culturais (como galerias, museus ou teatros) que, são, sobretudo, procurados por pessoas com esse perfil etário, poderiam estar abertas durante mais horas à noite, acabando, contudo, por não estar (Roberts, 2006: 337). Pelo que o investimento em atividades culturais no período noturno é fundamental (Robert *et al.*, 2007: 256). Embora este argumento de Roberts não considere outros fatores importantes, como, por exemplo, o facto de as pessoas maiores de 35 anos terem restrições familiares e profissionais que as impedem de sair mais à noite, ou o facto de o segmento dos maiores de 35 anos que vivem sozinhos se constituir como um público relevante de práticas noturnas, é curial notar que várias instituições culturais em várias cidades têm vindo a abrir portas em horários não convencionais.

Na verdade, vários esforços têm sido concretizados para atrair pessoas para atividades culturais (Lovatt *et al.*, 1995: 130), atividades desportivas com eventos especiais em determinadas noites (Gwiazdzinski, 2015: 8) e festividades que permitem igualmente uma regeneração urbana (Monaghan, 2002: 406), designadamente em alguns espaços urbanos que estavam abandonados. Além destes eventos, torna-se habitual ir a outras atividades culturais, como por exemplo, ir a concertos, ir ao cinema ou assistir a uma peça de teatro (Thomas e Bromley, 2000: 1416), ou, ainda, como apontam Almeida *et al.*, nesta linha de pensamento:

“Quer sejam concertos de música, sessões de cinema, bares, mas também actividades que até então funcionavam predominantemente durante o dia, como museus, exposições, entre outros, cada vez mais elas tendem a estar abertas a um público que sai à noite e que usa este espaço-tempo para se divertir ou descontrair.” (Almeida *et al.*, 2011: 47)

O que vem ao encontro da exigência de um público menos jovem para atividades mais diversificadas (Robert *et al.*, 2007: 262), que não se foquem tanto no consumo de álcool. Gwiazdzinski chama ainda a atenção que, perante esta conquista da noite urbana, existe a tendência em melhorar os espaços urbanos à noite (2015: 7), como forma de atrair as pessoas. Cécilia Comelli (2015), na sua tese de doutoramento, mostra precisamente, o papel e o impacto da requalificação urbana na geografia da noite em Bordéus. Jespa *et al.* evidenciam de forma claríssima, e no seguimento do que outros autores apresentam, que a cidade, durante o período noturno, não é apenas um local de consumo de álcool, mas também é um local de ocorrência de outras atividades:

“Por outro lado, descredibiliza a crença comum de que a noite é exclusivamente relacionada com a diversão; ao contrário, foca o impacto da cultura urbana, coesão social, a criação de oportunidades de emprego, e um sentimento coletivo de pertença a uma área da cidade, anteriormente esquecido.” (2017: 48)²³.

Todavia, como forma de atrair pessoas às cidades e à noite e como forma de atenuar problemas emergentes no período noturno, surge uma necessidade de regulação da vida noturna e da economia que lhe está associada:

“O aumento em ‘distúrbios’ relacionados com o consumo de álcool encorajou uma viragem dramática em direção à regulação e controlo da economia noturna. Nas instituições e debates públicos existem, no entanto, duas maneiras centrais e opostas de avaliar as economias noturnas emergentes. Existe uma grande necessidade de escapar ao *cul-de-sac* intelectual

²³ Tradução livre do autor. No original: “On the other, it discredits a common belief that the night is exclusively related to partying; instead, it highlights the impact on urban culture, social cohesion, the generation of employment opportunities, and a collective sense of belonging to a previously forgotten area of the city.” (Jespa *et al.*, 2017: 48).

apresentado pela utopia alternativa e conceptualização binária e distópica da vida noturna.” (Rowe e Bavinton, 2011: 814) (Itálico dos autores)²⁴.

O exemplo mais conhecido de regulação (ou a sua tentativa) prende-se com a legislação que foi criada no Reino Unido, com o “Licensed Act 2003”, em que se pretendia a regulação da noite através de formas de controlo, reguladas pelo policiamento e vigilância (Talbot, 2007: 4). Esta medida preconizava medidas draconianas de regulação:

“No contexto de espaços noturnos, isto significa, de modo geral, que serão concedidos direitos aos consumidores e aos negócios que se comportem responsabilmente, enquanto aqueles que não respeitam, terão de se tratados mais severamente. (...). Medidas propostas pelo Livro Branco da Reforma das Licenças e aplicadas pelo Ato de Evidência Criminal e Policial 2001 permitem à polícia fechar espaços por períodos de 24 horas, se um agente de polícia no posto de superintendente ou acima acredita que essa ação é necessária para parar com a desordem ou barulho excessivo ou pró-ativamente para ‘prevenir’ a desordem. (...) As implicações deste tipo de engenharia cultural são extensíveis para além do consumo de álcool, incluindo todos os assuntos relativos a que *tipo* de noite noturna é necessária” (Talbot, 2006: 161 e 162) (itálico da autora)²⁵.

Esta é uma medida arrojada, uma vez que pretende regular a noite urbana, visando criar condições para atrair pessoas de outros grupos etários aos centros das cidades durante este período, com efeitos práticos muito específicos, nomeadamente a exclusão de determinadas pessoas, como destacado por Talbot:

²⁴ Tradução livre do autor. No original: “Increases in alcohol-related ‘disturbance’ have encouraged a dramatic shift towards increased regulation and control of the night-time economy. In public debates and policy-making there are, thus, two main and opposed ways of appraising emergent night-time economies. There is a stark need to escape the intellectual *cul-de-sac* presented by this alternately utopian and dystopian binary conceptualization of nightlife.” (Rowe e Bavinton, 2011: 814) (itálico dos autores)

²⁵ Tradução livre do autor. No original: “In the context of night spaces, this broadly means that rights will be afforded to consumers and businesses that behave responsibly, whilst those that do not will be dealt with more harshly. (...) Measures proposed in the White Paper on Licensing Reform and enacted in the Police and Criminal Evidence Act 2001 allow the police to close premises for a series of 24-hour periods, if a police officer of the rank of superintendent or pre-emptively to ‘prevent’ disorder. (...) The implications for this kind of cultural engineering extend far beyond the consumption of alcohol to issues relating to what *kind* of nightlife is desired.” (Talbot, 2006: 161 e 162) (itálico da autora)

“Consequentemente, (...) as instalações comerciais geridas eficientemente estavam associadas à ordem, na medida em que os critérios de rentabilidade seriam o garante da própria ordem. Além (...) uma multidão problemática poderia pôr em risco uma licença. (...) Por outro lado, uma forma de consumo normativo é ditada pela mecânica do medo e como tal a localidade, o estilo e a apresentação indicam sucesso ou fracasso comercial.” (Talbot, 2006: 165)²⁶.

Outro exemplo de regulação que pode ser apresentado é aquele que resulta, não da legislação em si, mas dos investimentos realizados nas atividades culturais, como explicam Rowe e Bavinton na passagem que se segue, com consequências semelhantes às anteriormente referidas:

“Que a atividade cultural, mais do que o policiamento, tenha sido o foco da agenda política de vida noturna emergente é indicativo da eficácia atribuída à cultura como meio de transformar os padrões de vida noturna através de ações de autopolicamento (por exemplo, através de "vigilância natural" em espaços noturnos povoados e através da promoção de um meio "civilizador").” (2011: 815)²⁷ (itálico dos autores).

Dois exemplos que aparentam ser excelentes medidas de regulação da noite, com inúmeras vantagens para consumidores e donos de negócios, apresentam-se igualmente como sendo excludentes de alguns grupos sociais. Talbot, de uma forma brilhante, apresenta as conclusões do seu estudo em poucas frases. O argumento do autor permite-nos encerrar esta discussão e fazer a passagem para o ponto que se segue nesta tese, de modo a abordarmos a inevitabilidade de a própria noite poder ser tão problemática quanto o próprio dia.

²⁶ Tradução livre do autor. No original: “Hence, (...) that commercial and efficiently run premises were associated with order, in that the criteria of profitability would guarantee order. Moreover, that premises themselves, independent or otherwise, had absorbed those – in other words, a troublesome crowd could jeopardize a license. (...) On the other, a form of normative consumption is dictated by the mechanics of fear and as such locality, style and presentation indicate commercial success or failure.” (Talbot, 2006: 165)

²⁷ Tradução livre do autor. No original: “That cultural activity, rather than policing, was the focus of the emerging nightlife policy agenda is indicative of the efficacy attributed to culture as a means of transforming nightlife patterns in a self-policing manner (for example, by means of ‘natural surveillance’ in populated night-time spaces and through fostering a ‘civilizing’ *milieu*). (Rowe e Bavinton, 2011: 815)”.

“O Licensing Act 2003 resume uma década de crescimento na economia noturna comercial e estabelece uma clara agenda neoliberal para a criação cultural de um estilo de vida noturno familiar e amigável, bebendo de forma responsável. Como visto no estudo de caso, contudo, a desregulação das horas e a oferta têm tendido a reforçar noções de ordem e de desordem com base em diferenciações de raça e de classe. Isto não é simplesmente uma consequência da lei em si mesma, mas antes uma falência para cuidar de assuntos relacionados com o desenvolvimento cultural e económico assim como as subjetividades da regulação como parte do processo de licenciamento.” (Talbot, 2006: 168)²⁸.

2.4. Será que é tudo bom nas cidades que agora também funcionam à noite?

Uma resposta imediata à questão que serve de título a este ponto da tese seria um redondo não. A conquista da noite, sem dúvida, trouxe grandes vantagens às cidades e aos noctívagos, mas trouxe também alguns problemas. Podemos entender a noite urbana como um palco de relações de poder, de ideologias, de práticas, sendo por isso um elemento problemático, forçosamente conflitual, das cidades (Pieroni, 2015: 5). O facto de as cidades passarem a ser mais frequentadas durante a noite trouxe tensões e conflitos (Gwiazdzinski, 2015: 4; Pieroni, 2015: 2; Mallet e Burger, 2015: 9), sobretudo entre quem aproveita a noite para se divertir ou para trabalhar e quem vive nas cidades, e aproveita a noite para dormir (Hubbard, 2007: 118). Este é um conflito transversal que se estende no tempo.

Para melhor compreendermos a natureza dessas relações mais tensas, poderemos falar em três tipos de cidades durante o período noturno: a cidade de quem dorme/descansa; a cidade de quem trabalha; e a cidade de quem se diverte (Gwiazdzinski, 2015: 4). Com a junção destas “três cidades” numa só, torna-se perceptível que a relação entre funções não é saudável. Uma ideia que é também destacada por Jespa *et al.*: “Contudo, as cidades são espaços de conflitos de interesses: enquanto a música entretém alguns, também provoca distúrbios noutros; e enquanto alguns

²⁸ Tradução livre do autor. No original: “The Licensing Act 2003 summarizes over a decade of growth in the commercial night-time economy, and establishes a clear neoliberal agenda to culturally engineer a family-friendly café style nightlife with responsible drinking. As seen in the case study, however, deregulation of hours and supply has tended to reinforce notions of order and disorder based on differentiations of race and class. This is not necessarily simply a consequence of the law itself, but rather of a failure to take account of issues of economic and cultural development as well as regulatory subjectivities as part of the licensing process.” (Talbot, 2006: 168)

pensam que uma iniciativa é legítima, outros consideram-na sem razão para acontecer.” (2017: 51)²⁹.

Chausson é um dos autores que alerta que as tensões podem ocorrer na noite urbana, por exemplo, entre aqueles que querem silêncio para descansar e aqueles que se querem divertir e ainda aqueles que precisam de trabalhar durante a noite (2015: 2). Fundamenta esta visão defendendo que os conflitos entre as pessoas são uma característica essencial na noite urbana (*idem*). Deve ter-se em conta, sublinha, que diferentes necessidades, valores e escolhas individuais criam relações diferenciadas com a noite urbana (*ibidem*) e, dessa maneira, potenciam conflitos entre as pessoas.

Além disso, apesar de a conquista da noite urbana ter representado um acréscimo de segurança nas cidades, isso não implica necessariamente mais pessoas nas ruas. Aliás, indivíduos de determinados grupos etários não querem sair de suas casas durante o período noturno por recearem o crime e a falta de segurança (Eldrige *et al.*, 2008: 372; Lovatt *et al.*, 1995: 132; Roberts *et al.*, 2007: 257; Thomas e Bromley, 2000: 1421).

O que significa exatamente a segurança? Como aponta Tanulku, no seu estudo sobre segurança em condomínios fechados, “[a segurança] também está dependente da previsibilidade das suas vidas, no qual conhecem os seus vizinhos, membros de staff e trabalhadores e guardas da segurança.” (2018: 169)³⁰. Poderemos por isso pensar na segurança como algo que está ligado à rotina e aos espaços que as pessoas sempre conheceram.

No sentido oposto, poderemos pensar o medo como uma situação em que tememos quem nos rodeia, “pois não sabemos o que eles são capazes de fazer e por quais motivos se regem. Hoje, nós estamos expostos ao nosso desconhecido mais próximo.” (Mansano e Nalli, 2018: 73). Na mesma linha de pensamento de Mansano e Nalli, poderemos pensar o medo da seguinte forma: “O medo produz, assim, um modo

²⁹ Tradução livre do autor. No original: “However, cities are spaces of conflicting interests: while music entertains some, it also disturbs others; and while some think an initiative is legitimate, others find it unreasonable.” (Jespa *et al.*, 2017: 15).

³⁰ Tradução livre do autor. No original: “Safety was also dependent on the predictability of their lives, where they knew their neighbors, the members of staff and workers and security guards.” (Tanulku, 2018: 169).

de existência compartilhado e controlado, no qual as defesas se reconfiguram e se redistribuem no campo social, ora pelo fechamento narcísico, ora pela exposição exagerada da própria imagem.” (*ibid*: 77).

Poderemos, por isso, pensar o medo do crime como “um problema social, que tem vários efeitos adversos na coesão individual, societária, económica e social.” (Tandogan *et al.*, 2016: 2012)³¹. Os mesmos autores reforçam a sua ideia ao afirmar que este medo é “largamente aceite como fenómeno e que leva a consequências negativas de forma direta e indireta. Menos pessoas usam as ruas; espaços públicos (parques, praças, etc) estão desertos (...) insatisfeitos” (Tandogan *et al.*, 2016: 2012)³². Poderemos pensar o medo do crime, enquanto fenómeno social, como algo que se torna rotineiro: “A ditadura do medo transforma em rotina delitos de diferentes naturezas, da invasão de propriedade até o estupro, passando pela perturbação da ordem e pelo homicídio.” (Monteiro, 2018: 126).

A cidade à noite, nesse sentido, é vista como um local a evitar (Eldrige *et al.*, 2008: 367), sobretudo devido a atividades emergentes como “bares ilegais, prostituição, alojamentos em *squatters*, e espaços para o consumo de drogas.” (Góis, 2014: 223).

Como aponta Talbot, com o aumento de espaços nos centros das cidades, e com um maior horário de funcionamento, também aumentaram “os medos sociais relacionados com os impactos desses espaços” (Talbot, 2006: 160)³³.

Risor vem ao encontro destes argumentos, ao afirmar que o consumo de álcool está profundamente relacionado com “experiências de insegurança. E que os bares, casas de pasto e bordéis são locais concretos e reais onde o consumo de álcool ocorre.”

³¹ Tradução livre do autor. No original: “With (...) as social problem, have many adverse effects on individual, society, economy and social cohesion.” (Tandogan *et al.*, 2016: 2012).

³² Tradução livre do autor. No original: “Fear (...) widely accepted as a phenomenon and it leads to direct and indirect negative outcomes. Fewer people use streets; public spaces (park, squares, etc.) are deserted; (...) dissatisfied.” (Tandogan *et al.*, 2016: 2012).

³³ Tradução livre do autor. No original: “As the number (...), so have the social fears concerning the impact of these venues.” (Talbot, 2006: 160).

(2016: 334)³⁴. Algo que Rowe e Bavinton também discutem sobre a maneira como o consumo de álcool convida a comportamentos de desordem social:

“Além disso, dadas as dimensões materiais e económicas da participação nos espaços dominantes da vida nocturna, o próprio consumo em busca de prazer deve ser entendido como uma acção racional. A prevalência geral do lazer ligada ao álcool representa um sistema atrativo que encoraja formas emergentes de desestabilização da ordem que são (previsivelmente) imprevisíveis e que mitigam ativamente escolhas racionais tal como são popularmente entendidas”. (2011: 816) (itálico dos autores)³⁵.

Poderemos mesmo observar este consumo como sendo potenciador de experiências de insegurança para quem rodeia os seus consumidores:

“Pessoas, homens em particular, dizem que bebem ‘para afogar as mágoas’, e que isso os torna em *brutos* (pessoas violentas). Esta compreensão do consumo do álcool é enfatizada pelas pessoas para explicar as suas experiências de insegurança. E os bares destacam-se como os locais a partir dos quais esta deterioração social e moral se desenrola” (Risor, 2016: 334) (Itálico da autora)³⁶

Outro exemplo que pode ser apontado decorre do estudo de MacLean e Moore, que aponta claramente para um sentimento de medo quando se sai à noite: “Os homens, tanto do centro como dos subúrbios da cidade, que participaram na pesquisa

³⁴ Tradução livre do autor. No original: “Alcohol (...) experiences of insecurity, and the bars, cantinas and brothels are the tangible and concrete sites where alcohol consumption occurs.” (Risor, 2016: 334)

³⁵ Tradução livre do autor. No original: “Further, given the material-economic dimensions of participation in the dominant spaces of nightlife, pleasure-seeking consumption must itself be understood as rational action. The general prevalence of alco-leisure represents a system attractor that encourages emergent forms of destabilized order that is (predictably) unpredictable, and that actively mitigates rational choice as it is popularly understood.” (Rowe e Bavinton, 2011: 816) (itálico dos autores).

³⁶ Tradução livre do autor. No original: “People, men in particular, are said to drink ‘to drown their sorrows’, which turns them into *brutos* (brutish people). This latter understanding of alcohol consumption is what people emphasized when explaining their experiences of insecurity, and the bars stand out as the sites from which this social and moral deterioration unfolds.” (Risor, 2016: 334) (Itálico da autora).

tinham medo em ficar envolvidos em conflitos à noite e pensavam cautelosamente sobre como evitar essas ocorrências.” (MacLean e Moore, 2014: 381)³⁷.

“Este estatuto reforça a inferioridade cultural dos elementos excluídos. A experiência de Zain [participante do estudo] e os comentários depreciativos dos jovens adultos do centro da cidade sobre o fluxo de visitantes sugerem que quem vive nos subúrbios está correto, ao pensar que o seu direito em fazer parte da economia noturna da cidade é contestado, que eles próprios são, por vezes, retratados como sendo inadequados para a cidade. Isto contribui para um sentimento de ansiedade e de tensão, com a frustração a começar pelo local de entrada. Tanto os participantes masculinos, como as participantes femininas dos subúrbios das cidades, geralmente, sentem que as lutas são mais comuns nas cidades porque as pessoas estão rodeadas por vários estranhos, por oposição aos locais onde as suas relações com as pessoas que fazem parte das suas vidas diárias acabam por constringir o conflito, uma vez que estão mais próximos de casa.” (MacLean e Moore, 2014: 382)³⁸.

Estes locais, onde o consumo de álcool impera, além de potenciarem situações de violência, nomeadamente entre jovens do sexo masculino (Finney, 2004: 2 e 3), podem ser vistos como os locais perfeitos para a transgressão de normas sociais que durante o dia é mais difícil de se realizar: “Áreas ligadas à vida noturna, com bares e clubes, são espaços que estão de forma recorrente carregados de emoções que oferecem muitas oportunidades para a transgressão de normas sociais que são tidas como garantidas durante o dia.” (van Liempt *et al.*, 2015: 408)³⁹.

³⁷ Tradução livre do autor. No original: “Men from both inner and outer-urban settings who participated in the research feared getting embroiled in conflicts in the city at night and thought carefully about how to avoid this occurring.” (MacLean *et al.*, 2014: 381)

³⁸ Tradução livre do autor. No original: “This status slight reinforces the cultural inferiority of the excluded party. Zain’s experience and the disparaging comments by inner-urban young adults about the influx of visitors to the city suggest that outer-suburbanites may be right in thinking that their right to be part of the city NTE [Night-Time Economy] is contested, that they themselves are sometimes regarded as unsuited to the city. This contributes to an atmosphere of anxiety and tension, with frustration spilling over at points such as venue entry. Both male and female outer-suburban participants generally felt that fights were more likely in the city because people were surrounded by so many strangers, whereas their relationships with people who were part of their daily lives would constrain conflict when they were closer to home.” (MacLean *et al.*, 2014: 382)

³⁹ Tradução livre do autor. No original: “Nightlife areas with bars and clubs are often emotionally charged spaces offering many chances for the transgression of social norms that are taken for granted during the day.” (van Liempt *et al.*, 2015a: 408).

Mais que as questões relacionadas com o álcool, também a insegurança relacionada com a criminalidade está bem patente entre aqueles que trabalham no período noturno, como é o caso dos taxistas:

“Lugares com pouca luz são igualmente complicados, pois impedem a visualização dos sinais de risco e o esquema de percepção se debilita. A penumbra noturna, onde todos os gatos são pardos, favorece a generalização que limita a inteligência dos membros das redes. No escuro, então, como categorizar os maus gatos se todos são pardos? Neste jogo de luz e sombra - vulnerabilidade e risco apreendidos - é preciso de luz para haver nuances e poder, enfim, identificar tipos suspeitos” (Paes-Machado, 2014: 410 e 411).

No seu estudo sobre criminalidade na cidade de Chicago, nos Estados Unidos da América, Twinam descobriu que grande parte da criminalidade ocorrida durante a noite desenrola-se em bares que estejam abertos durante o período noturno, nomeadamente durante as 2 e as 6 horas da manhã (2017: 118). A cidade é de tal maneira vista como um local a evitar durante o período noturno, que o estudo que Tandogan *et al.* desenvolveram aponta para essa mesma conclusão:

“As descobertas do estudo revelam que o medo do crime ou sentimento de insegurança impõe limites na participação das mulheres na vida pública da cidade. As mulheres percecionam o medo do crime sobretudo depois de anoitecer ou quando estão sozinhas. As ruas silenciosas e isoladas, o metro escuro, as ruas mal iluminadas, parques vazios e vegetação densa, espaços urbanos desolados, estação de metro e outros trânsitos públicos durante as horas noturnas são definidos como espaços urbanos onde o medo do crime é bastante percecionado.” (2016: 2016 e 2017)⁴⁰.

Verificamos então que o vandalismo, a violência e o consumo de álcool são bastante comuns nas cidades, durante o período noturno (Chatterton *et al.*, 2002: 102). No

⁴⁰ Tradução livre do autor. No original: “The survey findings revealed that fear of crime or sense of insecurity imposes limitations on women’s participation to public life of the city. Women mostly perceive fear of crime after dark or when they are alone. The silent-isolated streets, dark subways, poorly-lit streets, empty parks and dense woodland, desolated urban spaces, subway station and other public transits during late night hours are defined as urban spaces where fear of crime is highly perceived”. (Tandogan *et al.*, 2016: 2016 e 2017).

entanto, isso não significa que não se possa contornar esta situação com medidas simples como apontam alguns autores:

“Baseado nas descobertas acima descritas, pode ser sugerido que um aumento no nível de iluminação pode levar a um aumento da percepção de segurança e na quantidade de tempo passado a circular na área, mas isso parece não fazer com que os peões sintam o espaço como sendo mais indicado para as suas atividades sociais.” (Kim *et al.*, 2018: 1146)⁴¹.

“Ou seja, quanto mais iluminado é um determinado espaço ou percurso, maior segurança é transmitida às pessoas que o frequentam ou atravessam, pois através da luz artificial é permitido o conhecimento e domínio do espaço iluminado – através da capacidade de transmitir a informação desejada, utilizando uma iluminação apropriada, é possível atingir-se segurança e conforto, essenciais à vivência dos espaços públicos. (...) A iluminação artificial afigura-se, assim, como um elemento-chave para o planeamento e os usos dos espaços públicos à noite, desempenhando um papel crucial no projeto urbano.” (Almeida *et al.*, 2011: 50).

“Mais ainda, escuridão e iluminação estão carregadas com valores contestados e são experimentados de forma diferente. (...) O que pode ser um local silencioso de melancolia para alguns, pode ser um reino de terror e suspeição para outros, e aquilo que pode ser experienciado pelos planeadores urbanos e pelos proprietários dos clubes como um espaço de consumo bastante iluminado, pode ser visto por grupos marginais como um local de vigilância e de exclusão.” (van Liempt *et al.*, 2015: 411)⁴²

Outros autores apontam outras soluções, tendo por referência o consumo excessivo de álcool que se verifica à noite nas cidades:

“Nós concluímos que os esforços para melhorar a segurança nos centros das cidades durante a noite devem colocar o foco no álcool ou o consumo de álcool em conjugação com o uso de outras drogas, para incorporar um entendimento

⁴¹ Tradução livre do autor. No original: “Based on the above findings, it could be suggested that an increase of perceived safety and amount of time spent walking in the area but does not seem to make pedestrians feel a space as being more suitable for their social activities.” (Kim *et al.*, 2018: 1146).

⁴² Tradução livre do autor. No original: “Moreover, darkness and illumination are loaded with contested values and are experienced differently. (...) What may be a quiet site of gloom for some may be a realm of terror and suspicion for others, and what might be experienced by city planners and club owners as a brightly illuminated consumption space might be conceived by marginal groups as a site of surveillance and exclusion.” (van Liempt *et al.*, 2015a: 411).

da geografia social das pessoas que se envolvem nesse consumo” (MacLean e Moore, 2014: 379)⁴³.

“No contexto da economia noturna, isto resultou na introdução de novas formas de vigilância e de medidas preventivas de segurança, como sistemas tecnológicos avançados de circuitos fechados de televisão e scanners de identificação usados em clubes noturnos, como forma de manter afastados os “indesejados” e de levar os consumidores de entretenimento noturno a comportarem-se em alinhamento com os códigos sociais que estão presentes nos discursos sobre saúde e bem-estar do indivíduo e do coletivo, que são promovidos por várias entidades como o Estado (local), a polícia e profissionais de saúde pública. É também expectável que uma redução do medo, de sentimento de ansiedade e de stress faça aumentar a motivação das pessoas para gastar dinheiro.” (van Liempt *et al.*, 2015: 413 e 414)⁴⁴.

“Uma cidade que oferece transportes seguros e acessíveis 24h por dia é muito mais atrativa e conveniente para quem a visita. Políticas que convidam as pessoas para estar mais tempo nas ruas – como a expansão das horas de funcionamento dos negócios e de infraestruturas culturais e recreativas – ajudam a criar uma maior apropriação desses espaços e, com isso, uma maior sensação de segurança na cidade.” (Jespa *et al.*, 2017: 46)⁴⁵.

Podemos mesmo pensar que, apesar desta conquista da noite, os centros urbanos nunca são inteiramente igualitários, estando marcados por fatores pesados de estratificação social (Eldrige *et al.*, 2008: 367). Além disso, dia e noite são diferentes nas suas características, como expõem Almeida *et al.*:

⁴³ Tradução livre do autor. No original: “We conclude that efforts to improve safety in the inner-city at night should broaden the focus from alcohol, or indeed alcohol in conjunction with other drug use, to incorporate an understanding of the social geography of people’s engagements with it”. (MacLean *et al.*, 2014: 379)

⁴⁴ Tradução original do autor. No original: “In the context of the NTE [Night-Time Economy]. This has resulted in the introduction of new forms of surveillance and preventive safety measures, such as technologically advanced CCTV systems and identity scanners used at nightclubs, in order to keep the ‘unwanted’ out and make consumers of night-time entertainment behave in ways that are in alignment with the social codes that are embedded in discourses about health and wellbeing of the individual and collective that are promoted by such authorities as the (local) state, the police and public health professionals. It is also expected that a reduction of fear, of feelings of anxiousness and of stress will increase people’s motivation to spend money.” (van Liempt *et al.*, 2015a: 413 e 414)

⁴⁵ Tradução livre do autor. No original: “A city that offers safe and accessible twenty-four-hour transportation is much more attractive and convenient for those who visit. Policies that invite people to stay out longer in the streets – such as the expansion of the hours of operation of business, cultural, and recreational facilities – help create a greater appropriation of these spaces and, with it, a greater sense of security in the city.” (Jespa *et al.*, 2017: 46).

“Acontece que a noite é um período *diferente* do dia, não só pelas características naturais (luz solar), mas sobretudo pela representação que esta tem no ser humano, pelos públicos que a usam, e também pelo tipo de atividades que nela existem. A noite carece de um lugar no planeamento urbano, nas agendas políticas” (Almeida *et al.*, 2011: 51) (Itálico dos autores)

Em conclusão deste ponto da tese, podemos reter que a noite urbana é uma construção que não tem estabilidade (Pieron, 2015: 11). O prolongamento do dia para a noite foi uma grande conquista para as cidades e para quem aspirava frequentar o espaço público. No entanto, passaram a existir tensões e conflitos que ainda hoje são difíceis de resolver:

“‘Territórios negociados’ podem ser observados na perspetiva da dificuldade em reconciliar os interesses de todos os stakeholders quando as áreas noturnas são negociadas. Este processo afeta o espaço partilhado, considerando que todo os stakeholders têm dificuldades em posicionar-se a si mesmos em relações de poder desiguais.” (Mallet e Burger, 2015: 12)⁴⁶.

Podemos, por isso, pensar as cidades como locais de tensões e conflitos, que a noite amplifica, diversifica e torna mais complexos:

“Existem muitos desafios para assegurar a continuidade e consolidação destes aspetos, como garantir infraestruturas públicas, melhorar os serviços de segurança e os acessos aos transportes públicos noturnos, uma atualização do uso do espaço existente e das regulações do espaço público, a estimulação para o desenvolvimento de novos negócios e garantir maior acesso às informações sobre os centros históricos.” (Jespa *et al.*, 2017: 51)⁴⁷.

⁴⁶ Tradução livre do autor. No original: “‘Negotiated territories’ can be observed in the difficulty of reconciling the interests of all stakeholders when night areas are negotiated. This process affects the shared space, considering that all stakeholders have difficulties positioning themselves in unbalanced power relationships.” (Mallet *et al.*, 2015: 12).

⁴⁷ Tradução livre do autor. No original: “There are many challenges to ensure the continuity and consolidation of these aspects, such as enhancing public infrastructure, improving security services and access to nighttime public transportation, updating existing land use and public space regulations, stimulating new business development, and providing greater access to information about historic centers.” (Jespa *et al.*, 2017: 51).

São locais em que se destacam a exclusão social, a segregação e as diferenças (Latham, 2003: 1701; Chatterton *et al.*, 2003: 4), ao mesmo tempo que se mostram como locais onde reina a heterogeneidade social (Latham, 2003: 1718). A noite nem elimina estes efeitos, nem os reproduz na forma e no alcance em relação à situação diurna.

Mas, o que esta conquista urbana trouxe foi um fenómeno adicional que é igualmente importante discutir. A par desta conquista, verifica-se uma apropriação de espaços urbanos, até então abandonados ou ocupados por outras funções para a prática de atividades ilegais, favorecendo a expansão da vida noturna. Fenómeno esse que é importante enquadrar neste contexto.

3. A apropriação de espaços urbanos como prática constante

3.1. Noção de apropriação de espaços urbanos

Para se falar em “apropriação de espaços urbanos” é preciso entender primeiro o que são “espaços urbanos”. Mas, para falar em “espaços urbanos”, também é preciso perceber o que se entende por “espaços”. Sobre “espaços”, David Harvey, comentando o trabalho de Henri Lefebvre, discorre sobre a noção de espaço, nomeadamente o espaço físico:

“O espaço material corresponde simplesmente para nós, humanos, ao mundo da interação tátil e sensorial com a matéria, é o espaço da experiência. Os elementos, momentos e eventos deste mundo são constituídos da materialidade de algumas qualidades.” (Harvey, 2015: 136).

Complementando esta definição, Wasson alerta-nos para aquilo que considera ser a diferença entre “lugar” e “espaço”:

“Um lugar é uma organização social do espaço à qual acrescentamos um determinado significado, e no qual determinadas atividades têm mais probabilidade de ocorrer. Espaço é a distância física entre os elementos sobre o qual o lugar é constituído”. (Wasson, 2007: 4634)⁴⁸.

Podemos, por isso, pensar em “espaços urbanos” como todos os espaços físicos, palpáveis, que encontramos nas nossas cidades, que sejam acessíveis, sendo, sobretudo, de livre acesso a quem os pretenda frequentar. Podemos afirmar que os espaços urbanos que todos nós frequentamos são igualmente públicos ou de uso público. Nessa medida, é também possível falar em “espaços urbanos públicos”, como sendo os espaços em áreas urbanas que estão (supostamente) acessíveis a todos

⁴⁸ Tradução livre do autor. No original: “A place is a social organization of space to which we have attached a particular meaning, and in which certain activities are more likely to occur. Space is the physical distance among the elements of which that place is constituted.” (Wasson, 2007: 4634).

aqueles que os queiram frequentar e com implicações para quem os frequenta, como apontam os seguintes autores:

“A vontade de dominar o espaço público urbano expressa o desejo de vários grupos urbanos e instituições de ser reconhecidos, de passar mensagens com força, de promover a legitimidade de uma causa. O alcance de tal expressão é grande e a competição pela visibilidade e influência é viva” (Goheen, 1998: 494)⁴⁹.

“No âmbito dos discursos das paisagens linguísticas, os espaços urbanos funcionam como canais de comunicação que permitem a expressão de uma larga escala de mensagens, que vão desde anúncios oficiais, sinalização pública, sinalização de lojas, outdoors e anúncios ao ar livre até à arte de rua e outras formas de rabiscos não-oficiais.” (Pelclová, 2017: 69)⁵⁰.

“Do ponto de vista físico do urbanismo, o espaço comum urbano pode ser considerado como espaço dentro de uma cidade para uso público e posse colectiva como um todo - por exemplo, espaços de circulação (como uma rua ou uma praça), espaços de lazer e recreação (como uma cascata), ou espaços designados para a preservação ou conservação (como uma reserva ecológica). Em todos estes casos, o direito de livre acesso e circulação é garantido a todos.” (Junior, 2014: 147)⁵¹.

Conscientes da diversidade de espaços e de interações que neles ocorrem, é curial não representar o espaço público de forma homogénea (Andrade e Baptista, 2015) e não dar por adquirido que por lhe chamarmos “público” o mesmo é apropriado. Neste contexto, como se pode apresentar o conceito de “apropriação de espaço urbano”? Quando se fala de “apropriação” entende-se, com esta palavra, o ato de tomar

⁴⁹ Tradução livre do autor. No original: “The will to command public urban space expresses the desire for many urban groups and institutions to be acknowledge, to convey messages forcefully, to promote the legitimacy of one’s causa. The range of such expression is great, and the contest for visibility and influence is lively.” (Goheen, 1998: 494).

⁵⁰ Tradução livre do autor. No original: “Within the discourse of linguistic landscapes, urban spaces function as channels of communication that allow for the expression of a broad scale of messages, ranging from official announcements, public signs, store signage, billboards, and outdoor advertisements to street art and other forms of unofficial scribbling.” (Pelclová, 2017: 69).

⁵¹ Tradução livre do autor. No original: “From the physical viewpoint of urbanism, urban common space may be considered as space within a city that is for public use and collective possession as a whole – for example, spaces for circulation (such as a street or a square), spaces for leisure and recreation (such as a waterfall), or spaces designated for preservation or conservation (such as an ecological reserve). In all of these cases, the right to free access and movement is guaranteed to everybody.” (Junior, 2014: 147).

algo para seu uso próprio. Como referem Benages-Albert *et al.*, o conceito de apropriação “permite a redefinição de determinados construtos como diferentes momentos experienciados num mesmo processo contínuo de relação simbólica e de territorialização” dos espaços que vamos ocupando (2015: 2)⁵². Esses processos promovem, como nota Baptista, uma apropriação crescente a partir da componente lúdica dos territórios e do carácter lúdico atribuídos ao espaço (Baptista, 2004). Franck *et al.* apresentam também uma boa definição sobre apropriação de espaços urbanos: “Memoriais espontâneos (...) para apropriação – isto é, propriedade pública e que tem espaço suficiente e qualidades físicas para permitir ocupação e intervenção – mas, (...), não foi oficialmente designado para esse uso.” (2007: 139)⁵³. Podemos apresentar outra definição igualmente interessante para a apropriação de espaços urbanos: “Este entendimento (...) a forma do ambiente urbano se encontra necessariamente relacionada às articulações dos interesses e esforços sociais e económicos, envolvendo neste sentido, as pessoas, seus desejos e intenções.” (Mendonça, 2007: 296). E acrescenta mesmo a seguinte ideia: “Deste modo, afetas às apropriações encontram-se as possibilidades de uso indicadas a partir dele, adaptadas às necessidades imediatas ou aos desejos e intenções não satisfeitos na construção do ambiente.” (Mendonça, 2007: 296). O que significa que a ocupação de um espaço urbano, considerado propriedade pública, pode ser ocupado ou usado por qualquer pessoa, que aí possa desenvolver usos legítimos. Rioux *et al.* apresentam de forma clara e precisa o que se pode entender por “apropriação”, sintetizando as várias ideias anteriores:

“A apropriação é um conceito complexo que tem sido utilizado para explicar o processo pelo qual as pessoas reclamam a propriedade, utilizam ativamente e, em última análise, criam significado no ambiente físico e se apegam ao mesmo. A apropriação é explicitamente proposta como um dos mecanismos pelos quais as pessoas transformam o espaço em lugar, quer o espaço se refira a áreas naturais, bairros da cidade, uma habitação, ou uma miríade de outros ambientes. (...) O tema geral é que as ações são utilizadas para apropriar

⁵² Tradução livre do autor. No original: “The concept (...) allows the redefinition of such constructs as different experimental moments within one same ongoing process of territorial and symbolic relationship with places” (Benages-Albert *et al.*, 2015: 2).

⁵³ Tradução livre do autor. No original: “Spontaneous memorials (...) to appropriation – that is, publicly owned and has sufficient space and physical qualities to allow for occupation and intervention – but, (...), has not been officially designated for this use.” (Franck *et al.*, 2007: 139).

cenários, criando assim espaços significativos aos quais as pessoas se apegam. Estes exemplos de apropriação de casas, depois apropriação de bairros, e finalmente apropriação de comunidades.” (2017: 61)⁵⁴.

É, assim, possível usar a noção de “espaço social” para caracterizar estes espaços urbanos como espaços que são constantemente criados e transformados pelo movimento de corpos sociais (Thelle, 2016: 280), tornados visíveis por quem os frequenta (Lefebvre, 1991: 75) e com fronteiras delimitadas entre si (*idem*: 86 e 87). Além disso, Lefebvre, alerta-nos, numa outra obra sua, para o facto de estes espaços acolherem e fomentarem a reprodução de relações sociais (2008: 18).

3.2. Quem tem direito ao espaço urbano?

Tendo o ser humano várias necessidades que quer satisfazer, o espaço urbano é uma condição inultrapassável de satisfação das necessidades (Lefebvre, 2011: 105). Por outro lado, é importante relevar que os corpos inseridos em processos sociais não são passivos (Harvey, 2000 :117), bem pelo contrário. O que implica que o espaço urbano possa ser usado como objeto ou palco de contestação (Harvey, 2000: 130).

Dessa forma, a apropriação do espaço urbano também pressupõe, além de ocupação, mudanças naquele mesmo espaço (Harvey, 2008: 23). Tendo sido apropriado, o indivíduo ou grupo de pessoas podem usar esse espaço para reivindicar algo que pretendem conquistar. Nessa linha de pensamento, a apropriação do espaço urbano serve também para delinear e experimentar mudanças que se pretendem alcançar. Uma dessas questões prende-se com a qualidade de vida urbana, que, tendo se tornado uma mercadoria, tem um peso importante na economia política urbana (Harvey, 2008: 31).

⁵⁴ Tradução livre do autor. No original: Appropriation is complex concept that has been used to explain the process by which people claim ownership of, actively use, and ultimately create meaning in and become attached to the physical environment. Appropriation is explicitly proposed to be one of the mechanisms by which people change space to place, whether space refers to natural areas, city neighborhoods, a dwelling, or a myriad of other settings. (...) The general theme is that actions are used to appropriate settings, thereby creating meaningful spaces to which people become attached. These examples of appropriation of homes, then appropriation of neighborhoods, and finally appropriation of communities. (Rioux *et al.*, 2017: 61).

Pensando desta forma, pode-se também imaginar que as multidões que se reúnem para marchas e protestos se apropriam de espaços urbanos, com vista a atingir os seus objetivos, ou a contestar algo com que não concordam, procurando, por isso, carrear mudanças (Thelle, 2016: 276 e 277), como é o caso dos movimentos sociais (Harvey, 2008: 33), cuja afirmação e legitimação está frequentemente dependente da apropriação do espaço urbano. A presença de corpos coletivos pode trazer, dessa forma, mudanças no espaço público (Thelle, 2016: 277), de modo a permitir ganhar poder no processo de urbanização da cidade (Harvey, 2012: 5). Podemos mesmo pensar que as multidões têm a capacidade de desestabilizar estruturas de poder existentes (Borch, 2009: 285). Como expõem Catalão *et al.*: “Esses movimentos insurgentes têm em comum o uso do espaço público como arena de disputa simbólica e meio de denúncia das atrocidades que se têm cometido em nome de um conjunto difuso e incoerente de pautas por parte dos quais detêm o poder estatal” (2017: 121).

Tendo em conta os vários direitos que surgem devido à “pressão das massas” (Lefebvre, 2011: 116), que esta apropriação acaba por gerar, é possível perceber que as pessoas têm ou reivindicam o seu “direito à cidade” (Lefebvre, 2011: 117), pelo qual se tentam apropriar de espaços urbanos, visando conquistar algo para si ou para incutir mudanças que possam beneficiar todos (Lefebvre, 2011: 139 e 140). Afirma-se, por isso, que o “direito à cidade” é um direito coletivo (Thelle, 2016: 289; Harvey, 2012: 4), sendo entendido como um direito comum, que inclui o direito de transformar os espaços urbanos (Thelle, 2016: 289). Este “direito à cidade” pressupõe igualmente “o direito de encontro e de reunião; lugares e objetos devem responder a certas “necessidades” (...): a “necessidade” de uma vida social e de um centro (...) o desejo.” (Lefebvre, 2008: 32). Leary-Owhin acrescenta que: “Por subentendimento, o direito à cidade inclui o acesso individual ao espaço público, mas adicionalmente engloba o acesso coletivo, as necessidades para emprego, segurança, certamente, aventura, emprego, semelhança, diferença, isolamento e encontro.” (2015: 6)⁵⁵. Pode-se resumir estas ideias nas

⁵⁵ Tradução livre do autor. No original: “By implication the right to the city includes individuals’ access to public space but it additionally it encompasses collective access, needs for work, security, certainty, adventure, work, similarity, difference, isolation and encounter.” (Leary-Owhin, 2015: 6).

passagens que se transcrevem de seguida, que evidenciam diferentes perspetivas desse mesmo direito:

“O direito à cidade é um dos poucos motes que conseguem reunir os mais diferentes atores sociais e isso não se dá *apesar* da multiplicidade de sentidos atribuídos ao termo, mas *exatamente por causa* da possibilidade de projetar tantos significados numa mesma expressão. A força do direito à cidade reside no facto de que ele não é um conceito mobilizado apenas por académicos nem só bandeira política ou proposta institucional. (...) Não ter casa não significa apenas não poder permanecer fisicamente na cidade, mas não pertencer aos seus laços sociais. Conseguir emprego ou usufruir da maioria dos serviços públicos tornam-se tarefas praticamente impossíveis sem endereço fixo, por exemplo.” (Tavolari, 2016: 105 e 106) (itálico da autora).

“O direito à cidade é uma reclamação e uma bandeira usadas para mobilizar um lado do conflito sobre quem deve beneficiar da cidade e que tipo de cidade a cidade deve ser. É uma reclamação moral, fundada nos princípios fundamentais de justiça, de ética, de moralidade, de virtude, do bem. ‘Direito’ não significa uma reclamação legal executável através de um processo judicial atual (embora isso pode ser parte da reclamação como um passo em direção à realização do Direito à Cidade). Pelo contrário, são múltiplos os direitos aqui incorporados: não apenas um, não apenas um direito ao espaço público, ou um direito à informação e à transparência no governo, ou um direito de acesso ao centro, ou um direito a este ou àquele serviço, mas o direito a uma totalidade, a complexidade, no qual todas as partes são parte de um simples todo no qual o direito é exigido.” (Marcuse, 2009: 192 e 193)⁵⁶.

“A segunda (...), o direito à cidade é uma construção, portanto, nunca acabada, nunca dada, nunca verticalmente estabelecida, porque é um processo de empoderamento paulatino dos cidadãos, que envolve conscientização sobre constituir-se como protagonistas da condução da vida urbana, mas não como somatório de individualidades. (...) A construção do direito à cidade é, portanto, uma proposta que vai além da democratização e do reformismo urbano proposto nos documentos legais, embora não os negue, porque eles são mediações importantes na garantia das condições materiais que vão proporcionar a revolução da vida quotidiana” (Catalão *et al.*, 2017: 125 e 126).

⁵⁶ Tradução livre do autor. No original: “The right to the city is a claim and a banner under which to mobilize one side in the conflict over who should have the benefit of the city and what kind of city it should be. It is a moral claim, founded on fundamental principles of justice, of ethics, of morality, of virtue, of the good. ‘Right’ is not meant as a legal claim enforceable through a judicial process today (although that may be part of the claim as a step in the direction of realizing the Right to the City). Rather, it is multiple rights that are incorporated here: not just one, not just a right to public space, or a right to information and transparency” (Marcuse, 2009: 192 e 193).

Mas, quem tem, afinal, direito à cidade? Quem são esses atores sociais? Que atores sociais já beneficiam deste direito? É preciso ter presente que o “direito à cidade” agrega vários direitos diferentes entre si, que pretendem ser conquistados por indivíduos e grupos distintos entre si (Attoh, 2011: 674), e que até podem entrar em competição entre si, por esses mesmo direitos, como aponta Marcuse:

“É crucial que fique claro que não é um direito de todos à cidade que nos preocupa, mas que existe de facto um conflito entre direitos que precisam de ser enfrentados e resolvidos, em vez de serem desejados. Alguns já têm o direito à cidade, estão a geri-lo agora, têm-no bem na mão (embora “bem” possa não ser apenas a palavra certa, hoje!). São os poderes financeiros, os proprietários e especuladores imobiliários, a hierarquia política chave do poder do Estado, os proprietários dos meios de comunicação social. É o direito à cidade daqueles que não o têm agora que nos preocupa. Mas essa não é uma resposta útil. É necessário saber quem é mais profundamente afectado, quem é susceptível de liderar a luta, quem será mais susceptível de a apoiar, quais serão as suas razões?” (Marcuse, 2009: 191)⁵⁷.

A exclusão do direito à cidade pode-se também abranger grupos sociais, como, por exemplo, os imigrantes, que, por serem grupos com normas sociais próprias, podem ter dificuldades em adaptar-se às comunidades locais onde se inserem, tornando-se mais difícil a sua integração:

“A capacidade de aderir ou de ter acesso a um público é, também como questão pragmática, reforçada pelas pessoas que possam desejar ser incluídas, ter opiniões e envolver-se em comportamentos consentâneos com as normas sociais e comunitárias existentes; partilhar normas pode simplesmente tornar mais fácil imaginar e construir um colectivo sociopolítico, a definição de um público que inicialmente oferecemos. A importância das normas comunitárias e sociais, contudo, é também vista nas relações entre a sociedade dominante e os membros de grupos sociais que procuram ser incluídos na mesma. Um grupo que é considerado desviante ou violador das normas do público, por exemplo, é susceptível de enfrentar conflitos à medida que procura a inclusão. Contudo,

⁵⁷ Tradução livre do autor. No original: “It’s crucially important to be clear that it is not everyone’s right to the city with which we are concerned, but that there is in fact a conflict among rights that need to be faced and resolved, rather than wished away. Some already have the right to the city, are running it now, have it well in hand (although ‘well’ might not be just the right word, today!). They are the financial powers, the real estate owners and speculators, the key political hierarchy of state power, the owners of the media. It is the right to the city of those who do not now have it with which we are concerned. But that is not a useful answer. It is necessary to know who is most deeply affected, who is likely to lead the fight, who will be most likely to support it, what will their reasons be?” (Marcuse, 2009: 191).

se os membros de um grupo social parecerem comportar-se de forma coerente com as normas sociais e comunitárias, podem ser mais facilmente aceites.” (Stachel *et al.*, 2009: 641)⁵⁸.

Nessa linha de pensamento, pode-se pensar que nem todos os atores sociais têm ainda acesso ao “direito à cidade”, sendo necessário criar estratégias para ultrapassar essa situação:

“As pessoas marginalizadas são forçadas a reinventar o seu entendimento do espaço e território num domínio público. Resiliência e criatividade emergem para mercantilizar qualquer centímetro de espaço livre que seja possível, que resulta em apropriação de espaços urbanos públicos. Em processos de apropriação, a inteligência espacial emerge.” (Nasution, 2015: 7)⁵⁹.

Falta, muitas vezes, aos atores um processo de visibilidade; ou seja, poderá ser necessário um processo de apropriação de espaços, mesmo que temporário, ainda que ilegítimo no âmbito das regras prevaletentes, para dar visibilidade a estes atores sociais. Visibilidade essa que pode ser pensada como uma “metáfora do conhecimento, mas não é simplesmente uma imagem: é um processo social real em si mesmo” (Brighenti, 2007: 325)⁶⁰. Dessa forma, todos os atores sociais, de uma maneira ou de outra, acabam por conseguir apropriar-se de espaços urbanos.

“O pedido de visibilidade envolve uma exigência de reconhecimento social que implica tornar-se atores plenos que podem exibir a sua própria identidade e

⁵⁸ Tradução livre do autor. No original: “The ability to join or gain access to a public is, also as pragmatic matter, enhanced of the people who might wish to be included hold views and engage in behaviors that are consonant with existing social and community norms; sharing norms may simply make it easier to imagine and construct a sociopolitical collective, the definition of a public we initially offered. The importance of community and social norms, however, is also seen in the relations between the dominant society and members of social groups seeking inclusion in it. A group that is seen to be deviant or to violate the norms of the public, for instance, is likely to face conflict as it seeks inclusion. If, however, members of a social group seem to behave in ways that are consistent with social and communal norms, they may be more readily accepted.” (Stachel *et al.*, 2009: 641).

⁵⁹ Tradução livre do autor. No original: “The marginalized people are forced to reinvent their understanding of space and territory in a public domain. Resiliency and creativity emerged to commodify every possible inch of available space, which results in appropriations or urban public spaces. In the appropriation process, spatial intelligence emerges.” (Nasution, 2015: 7).

⁶⁰ Tradução livre do autor. No original: “Visibility is a metaphor of knowledge, but it is not simply an image: it is a real social process in itself”. (Brighenti, 2007: 325).

especificidade no espaço público. Estamos perante uma forte mensagem simbólica: aqueles com baixo estatuto socioeconómico geralmente relegados para margens conquistam o 'centro', mesmo através de uma apropriação temporária, mas 'legitimada'. (...) Este empoderamento temporário dá-lhes voz para inverter o seu estatuto social através de uma apropriação eficiente do espaço simbólico.” (Saint-Blancat e Cancellieri, 2014: 646, 647 e 656)⁶¹

3.3. Espaços urbanos são para quem os apropria

Se estes espaços podem ser apropriados por todos os atores sociais, significa também que estes espaços podem ser produzidos socialmente, sendo vistos como relações sociais ligadas a relações de propriedade (Lefebvre, 1991: 84 e 85; Lefebvre, 2008: 55; Schimd, 2012: 3). Para Massey, estamos constantemente a criar espaços (2005: 175). Nesse sentido, se os espaços urbanos (sendo igualmente públicos para quem os quiser usar) são apropriados por quem os usa, significa que os seus utilizadores podem fazer o uso que entenderem desse espaço. Como afirma Lefebvre, “é modelado, apropriado por este ou aquele grupo, segundo as suas exigências, a sua ética e a sua estética, ou seja, a sua ideologia.” (2008: 82).

O que não significa que estes mesmos espaços não sejam apropriados por objetos colocados anonimamente por quem passa. O exemplo mais relevante são os memoriais em memória de pessoas que morreram em determinados locais (Franck *et al.*, 2007: 136). No entanto, estes mesmo espaços implicam negociação entre os vários sujeitos que os frequentam, podendo os factores de negociação ser bastante desiguais, tendo em conta relações de classe que possam existir (Massey, 2005: 169). Aliás, em espaços urbanos altamente contestados, as pessoas têm particular preocupação em estabelecer os espaços que querem dominar (Repic, 2011: 74).

O que significa que estes mesmos espaços estão em constante construção, estando inacabados e, por isso mesmo, são continuamente produzidos (Schimd, 2012:

⁶¹ Tradução livre do autor. No original: “The request for visibility implies a demand for social recognition which entails becoming full actors who can display their own identity and specificity in public space. We are facing a strong symbolic message: those with low socio-economic status usually relegated to margins conquest the ‘center’, even through a temporary but ‘legitimated’ appropriation. (...) This temporary empowerment gives them a voice to reverse their social status through an efficient appropriation of symbolic space.” (Saint-Blancat e Cancellieri, 2014: 646,647 e 656).

18) pelos vários grupos que se vão apropriando dos vários espaços urbanos. Isto permite que estes mesmos espaços ganhem significados para quem os utiliza, levando à criação de uma identidade urbana (Rosaneli *et al.*, 2016: 363).

Uma vez que estes espaços estão em constante construção, Henri Lefebvre propõe uma tríade constituída pela prática espacial (o espaço percebido), as representações do espaço (o espaço concebido) e os espaços de representação (o espaço vivido) (1991: 38 e 39; Leary-Owhin, 2015: 1; Gottdiener, 1993: 131; Neves, 2016: 8; Schimd, 2012: 14; Simonsen, 2005: 6 e 7), que se constituem como três dimensões de produção do espaço (Schimd, 2012: 14). Schimd acrescenta mesmo a seguinte ideia ao comentar esta teoria de Lefebvre: “Essa tríade é, ao mesmo tempo, individual e social; não é somente constitutiva da auto-produção do homem, mas da auto-produção da sociedade.” (2012: 14). Para Leary, estes três elementos da tríade estão “entrelaçados e interagem, por vezes, de forma conflitual entre si.” (2009: 192)⁶².

O espaço percebido é entendido como o espaço da Sociedade que é produzido e apropriado, usando o corpo e os seus sentidos (Lefebvre, 1991: 38 e 40; Schimd, 2012: 14). O espaço concebido é entendido como o espaço que é idealizado por quem tem conhecimento (cientistas, urbanistas, engenheiros) tendo em conta como o espaço é percebido e vivido (Lefebvre, 1991: 38 e 39; Schimd, 2012: 14). Por fim, o espaço vivido é entendido como a experiência adquirida com o contacto que as pessoas têm com o espaço, sendo um espaço dominado pela imaginação de quem o pretende apropriar (Lefebvre, 1991: 39; Schimd, 2012: 14). Watkins, comentando a tríade espacial de Henri Lefebvre, é direto, ao afirmar a originalidade do seu pensamento:

“A tríade espacial postulada por Lefebvre sugere uma aproximação à análise organizacional que facilita a contemplação dos espaços sociais, físicos e mentais, fornecendo uma visão integrada do espaço organizacional (...) Os três aspetos da tríade são continuamente e mutuamente informadas e informantes, e são essenciais no sucesso da negociação do mundo social.” (2005: 210 e 220)⁶³.

⁶² Tradução livre do autor. No original: “Firstly, (...) are interwoven and interact sometimes in conflicting ways.” (Leary, 2009: 192).

⁶³ Tradução livre do autor. No original: “Lefebvre’s posting of a spatial triad suggests an approach to organizational analysis that facilitates the contemplation of social, physical and mental space to provide

Como aponta Neves, “o espaço é um produto social, mas também é “produtor”, uma vez que as disposições dos objetos interferem” no dia-a-dia da sociedade (2016: 13).

Sendo os espaços produtos sociais que são produzidos e, ao mesmo tempo, produtores, surge aqui uma relação interessante entre o corpo humano e o espaço urbano. Para Lefebvre, o corpo pode ser visto como importante na produção dos espaços urbanos, podendo-se falar mesmo da ideia do “corpo urbano”, conceito cunhado por Paola Berenstein Jacques, que será discutido na conclusão deste capítulo:

“Como parte da experiência vivida, o corpo constitui um reino prático-sensorial em que o espaço é percebido através dos odores, gostos, tacto e audição, bem como através da visão. Produz um espaço que é simultaneamente biomórfico e antropológico (...) Os próprios corpos geram espaços, que são produzidos por e para os seus gestos, e isto também se aplica a sistemas que vão desde o reino microgestural quotidiano até ao macrogestural mais formalizado.” (Simonsen, 2005: 4 e 6)⁶⁴.

Estas ideias assumem um valor heurístico acrescido, se considerarmos que, para além do direito ao trabalho e do direito à habitação, que configuram as duas esferas preponderantes do direito à cidade, o direito à cidade é hoje aferido por oportunidades de mobilidade. Situações em que a mobilidade é uma opção, sendo socialmente valorizada, e permitindo configurar corpos urbanos fluidos.

No entanto, não é possível compreender o ponto seguinte sem ter presente a ideia que Gottdiener apresenta: “Espaço não é só homogeneizado e fragmentado como é igualmente hierarquizado e uma estrutura de poder.” (1993: 133).

an integrated view of organizational space. (...) All three aspects of the triad are continually and mutually informed and informing, and as such are essential in the successful negotiation of the social world”. (Watkins, 2005: 210 e 220).

⁶⁴ Tradução livre do autor. No original: “As part of the lived experience, the body constitutes a practico-sensory realm in which space is perceived through smells, tastes, touch and hearing as well as through sight. It produces a space which is both biomorphic and anthropological (...) Bodies themselves generate spaces, which are produced by and for their gestures, and this also goes for systems ranging from the everyday microgestural realm to the most highly formalized macrogestural one” (Simonsen, 2005: 4 e 6)

3.4. Tensões? Conflitos? - Como se manifestam?

Quando se fala em apropriação de espaço urbano, como é que se manifestam as suas tensões, os seus conflitos, entre os utilizadores das cidades? Que exemplos se podem dar para entender esta questão da apropriação urbana? Pode-se, em primeiro lugar, pensar a questão da mobilidade urbana, nomeadamente os conflitos entre automóveis e peões nas cidades modernas. Sendo o ato de caminhar o primeiro e mais importante meio de transporte, este exige espaço para que o ato seja livre e sem distúrbios (Gehl, 1971: 133). Poderemos pensar nos vários espaços largos e abertos que permitiam aos peões ter liberdade de circulação na cidade, podendo deslocar-se livremente para e de regresso do seu local de trabalho (Whyte, 1980: 16). No entanto, verificamos que o automóvel trouxe grandes modificações às nossas cidades, sendo estas cada vez mais desenhadas em torno deste transporte e sendo os espaços urbanos disponíveis cada vez mais reservados para os automóveis que circulam ou que estão estacionados (Gehl, 2010: 9). No fundo, este espaço urbano transforma-se na “clássica selva metropolitana, onde automobilistas e automóveis travam uma guerra extrema e cruel” (Marrone, 2015: 31), sem respeito por outros utilizadores. Jacobs, considera mesmo que as ruas das cidades se tornaram locais bárbaros (1961: 30), com o medo a instalar-se nas pessoas. Como salienta Carlos, o ritmo diário das ruas das cidades “passa a ser determinado cada vez mais pelo ritmo dos meios de transporte” (2007: 51), sejam eles quais forem. Não será por acaso que a diabolização do automóvel vai ganhando adeptos entre urbanistas e gestores urbanos.

Nesta linha de pensamento, pode-se também pensar na relação entre peões e ciclistas, que, tal como na relação anterior, pode ser tensa ou mesmo conflituosa, como demonstrado na passagem a seguir transcrita:

“As velocidades diferenciadas dos ciclistas e caminantes também aumentam a probabilidade de os percursos se cruzarem e de moldarem a dinâmica das interacções. O modo como as viagens são pontuados com múltiplas desacelerações e acelerações entrelaçadas emerge como tema chave de contestação moral. Os caminantes não querem romper o seu devaneio bípede rítmico ao pisar o caminho, tal como os ciclistas não o fazem ao abrandar, ou ao parar. (...) Os ciclistas lutaram para encontrar uma correlação óbvia entre a velocidade absoluta e as velocidades assinaladas como 'irresponsáveis' pelos caminantes. Velocidades muito lentas (quase a parar) poderiam ainda gerar

respostas de susto, e noutros cenários foram recebidas com gestos tomados pelos participantes que ficaram impacientes para 'voltar a andar'." (Brown, 2012: 810 e 811)⁶⁵.

Mas, de que outra forma é possível perceber essas ocorrências entre os utilizadores? Será que não existe negociação dos espaços urbanos entre os vários utilizadores? Que outros exemplos de tensões e conflitos podem ocorrer, que não envolvam só a questão da mobilidade urbana? É preciso ter presente que existe uma crescente competição pelo acesso aos espaços urbanos, sobretudo se tivermos em conta os interesses do sistema capitalista e também do próprio processo de globalização, que têm trazido para a discussão novos problemas nas nossas cidades, e que num passado recente não eram sequer imaginadas, como demonstra Ufer: “Participação em trocas culturais, possibilidades económicas, e deliberações políticas sobre a cidade têm se tornado uma das principais arenas de contenção e luta, em particular no que diz respeito ao confronto de interesses entre os residentes das cidades e o capital global.” (2015: 64)⁶⁶. Ideias que vêm ao encontro do que pensa igualmente Soja, quando destaca os conflitos de classes, em várias dimensões, como o acesso à habitação e à expansão urbana, mas sobretudo quando analisa os modos como o espaço urbano é organizado socialmente para consumo e reprodução (1989: 95).

Nas passagens seguintes, mobilizamos vários exemplos para mostrar como é possível encontrar conflitos e tensões, mas também situações de negociação dos espaços urbanos, nas mais variadas partes do mundo.

Oldenburg, referindo-se à cidade de Goma, na República Democrática do Congo, mostra como as associações de moto-taxistas usam o seu capital social e o grande

⁶⁵ Tradução livre do autor. No original: “Differential speeds of cyclists and walkers also increase the likelihood of routes intersecting and shape the dynamics of interactions. Precisely how journey sand encounters become punctuated with manifold, entwining decelerations and accelerations emerges as key theme of moral contestation. Walkers do not want to break up their rhythmic bipedal reverie by stepping of the path any more than cyclists do by slowing down, ‘dabbing’ or stopping. (...) Cyclists struggled to find an obvious correlation between absolute speed and the speeds signaled as ‘irresponsible’ by walkers. Very slow (nearly stopping) speeds could still engender responses of fright, and in other scenarios were met with gestures taken by participants to be impatience to ‘get going again’.” (Brown, 2012: 810 e 811).

⁶⁶ Tradução livre do autor. No original: “Participation in the cultural exchanges, economic possibilities, and political deliberations of the city has become one of the prime arenas of contention and struggle, in particular with regard to clashing interests between resident citizens and global capital.” (Ufer, 2015: 64).

número de membros da comunidade para organizar grandes desfiles e protestos nos vários espaços urbanos, ostentando um caráter agressivo para reivindicar os direitos que pretendem para si (2018: 261 e 268).

Tappert *et al.* dão o exemplo dos espaços verdes nas cidades da Suíça, onde impera a competição entre os planeadores urbanos, que querem aproveitar o espaço urbano para proveito económico. Embora os espaços verdes nas cidades sejam genericamente vistos como opções que têm inúmeras vantagens no domínio do meio ambiente, a verdade é que eles são também um recurso no campo da oferta dos espaços de lazer (Tappert *et al.*, 2018: 70). Com a crescente competição entre cidades globais, e com a invasão das agendas locais de governação pelas lógicas managerialistas, todos os espaços urbanos têm de ser rentáveis, incluindo os espaços verdes, o que cria uma tensão entre quem quer usar estes espaços para fins recreativos e quem pretende usá-los para fins económicos (Tappert *et al.*, 2018: 71). Uma situação que vem ao encontro das palavras de Barbosa *et al.*, que realçam o papel fulcral que o Estado desempenha nesta situação:

“É importante considerar que o processo de expansão urbana resultante da anexação de novos recortes territoriais à cidade implica numa contínua redefinição dos usos do solo e uma reestruturação urbana. Neste ponto, enquanto agente produtor do espaço urbano, o Estado assume papel de grande relevo. É ele o principal provedor de infraestrutura e serviços e estabelece o marco jurídico referente à ocupação e uso do solo, interferindo de forma direta e indireta na atuação dos demais agentes, a exemplo dos incorporadores e construtores.” (Barbosa *et al.*, 2012: 479)

Passando agora para a Rússia, nomeadamente para São Petersburgo, e pensando nesta lógica da competição entre cidades globais, o autor concluiu que a construção de um novo teatro na cidade, que suscitou vários protestos dos cidadãos locais e ações judiciais, devido à tensão criada por este projeto cultural (Trumbull, 2014: 5), teve resultados catastróficos, como a perda de espaço público, mas sobretudo a perda de coesão social e sentimento de pertença ao local, o que leva a conflitos alargados pelo restante espaço urbano (*idem*: 18).

Nos Estados Unidos da América, um estudo feito sobre a relação dos coiotes e os habitantes de cidades procuradas por estes animais, em busca de comida, mostra claramente que em 80% das cidades com grande densidade populacional que entram

no estudo foram relatados conflitos entre estes animais e os seus habitantes, sendo que estes conflitos se materializavam em ataques dos animais às pessoas (Poessel *et al.*, 2017: 265 e 266).

Um pouco mais a sul, ainda no continente americano, nomeadamente em Bogotá, na Colômbia, não se verificam tensões ou conflitos, mas sim negociação do espaço urbano entre os utilizadores. Uma vez que a estrada é vista como um local de vários conflitos entre os vários operadores de transportes, os motoristas de transporte informal (como, por exemplo, transportes de passageiros em motas), através das suas associações, usam estratégias para evitar conflitos com outros transportadores, como seja, apanhar os clientes em ruas secundárias ou em espaços semiprivados (Heinrichs *et al.*, 2017: 4514). Esta é uma situação que sai fora do padrão. Não há propriamente conflito ou tensão, mas criam-se mecanismos para antecipar e evitar essas situações. Tenta-se, por isso, criar uma situação de negociação do espaço urbano a ser apropriado pelos utilizadores desses espaços. Algo que também Brown encontrou no seu estudo e que deixa claro que, apesar de não existir uma negociação total por todos os espaços urbanos, prevalece uma perceção de que é necessário proceder a esta negociação sempre que os utilizadores desses espaços são chamados a tal, como se observa no trecho seguinte:

“Os ciclistas albergam claramente desejos e expectativas em relação aos seus encontros com outras pessoas inseridas em fluxos de mobilidade diferentes dos seus. Muitos parecem esperar consciência, alerta e demonstrações de respeito mútuo semelhantes aos que são legalmente obrigados a dar aos pedestres e cavaleiros, embora não exista uma compulsão legal equivalente. Do mesmo modo, os ciclistas encontraram dificuldade em aceitar que os pedestres não têm uma carga proporcional para estarem atentos à possível presença, ou alerta, de outros utilizadores. Além disso, os ciclistas queriam que os seus esforços para “fazer o que é correto” fossem reconhecidos, especialmente o facto de suportarem encargos adicionais de concessão e sintonização.” (Brown, 2012: 816)⁶⁷.

⁶⁷ Tradução livre do autor. No original: “Cyclists clearly harbour desires and expectations of their encounters with differently mobile others. Many seemed to expect awareness, alertness and demonstrations of mutual respect akin to those they are legally bound to give walkers and horse riders, even though there is no equivalent legal compulsion. Likewise cyclists found difficulty accepting that walkers have no commensurate burden to be alive to the possible presence, or warning alerts, of other users. Moreover, cyclists wanted their efforts to ‘do the right thing’ to be recognized, especially their bearing of extra burdens of concession and attunement.” (Brown, 2012: 816).

Temos dois tipos de situações de negociação do espaço urbano, entre os seus potenciais utilizadores, que põem em causa a ideia de que apenas existem tensões e conflitos entre os utilizadores de espaço urbano. Nasution, numa breve passagem, sintetiza o que poderemos entender por negociação e como ela ocorre, à semelhança do que podemos ver nos dois exemplos anteriores:

“Cada indivíduo tem o direito de expressar as suas necessidades sem violar os direitos individuais dos outros. As decisões são feitas por consenso e são constantemente avaliadas. As fronteiras estão a dissolver-se. Não existem fronteiras claras entre viver e trabalhar, produção e consumo (e distribuição).” (2015: 11)⁶⁸.

Voltando ao continente africano, nomeadamente à África do Sul, verificamos como rituais de circuncisão masculinos, realizados em espaços urbanos e acessíveis a todos, podem levar a conflitos, nomeadamente com mulheres que entram nesses espaços, e que sofrem várias formas de violência e de intimidação para deixar esses mesmos espaços onde decorrem os rituais (Kepe *et al.*, 2015: 97).

Outro exemplo que se pode apresentar prende-se com o caso de Medellín, na Colômbia, mas que poderia bem ser uma outra Medellín numa outra Colômbia qualquer. Usando a justificação para a construção de novas infraestruturas culturais numa determinada zona da cidade, várias famílias foram despejadas de suas casas, em prol de um “bem comum”, apagando décadas de luta pelo reconhecimento do seu direito à habitação naquele espaço (Vélez *et al.*, 2011: 131 e 132).

Algo semelhante ocorreu no Brasil, opondo aqueles que apoiam a regeneração de uma zona da cidade, que irá beneficiar classes com maior estatuto económico, àqueles que não têm o mesmo poder económico e que serão despejados dessa mesma zona: “Os conflitos que estão em torno da requalificação do Cais Mauá podem ser considerados eventos por meio de articulações entre aqueles que apoiam o projeto e

⁶⁸ Tradução livre do autor. No original: “Every individual has the right to express their needs without violating other individual rights. Decision made by consensus and will constantly be evaluated. Boundaries are dissolving. There are no clear boundaries between living and working, production and consumption (and distribution).” (Nasution, 2015: 11).

aqueles que consideram a requalificação um atentado contra o direito à cidade.” (Lacerda, 2017: 547). Poderemos igualmente perceber que no espaço urbano, à medida que o espaço urbanizado se expande, “os diversos setores e camadas sociais passaram a se distribuir pelo território de forma setorizada” (Martins *et al.*, 2018: 101), sendo o espaço não apenas ampliado, mas também categorizado. Esta segregação socioespacial, aqui relatada nos dois exemplos anteriores, é um indicador do crescimento das desigualdades já existentes, pondo em causa o direito à cidade defendido por Lefebvre: “Em decorrência da segregação socioespacial, ocorre a divisão de classes sociais, bem como a marginalização dos mais carentes, o que impulsiona a elevação dos índices de desigualdades.” (Silva *et al.*, 2016: 259). Bertuzzi revela mesma preocupação sobre esta questão, ao perguntar até que ponto os habitantes dos territórios locais beneficiam com este tipo de investimentos (2017: 118).

Entende-se por isso que o processo de apropriação de espaço urbano não é um processo simples e isento de problemas. Bem pelo contrário. Todos os atores sociais, individuais ou coletivos, têm direito à cidade. Impulsionados por diferentes motivações, pretendem pôr em prática esse direito, reivindicando para si espaços urbanos que entendem que podem e devem ser usados por si no exercício de práticas que cultivam. Nessa linha de pensamento, é impossível que não surjam tensões e conflitos entre os atores sociais, sendo os resultados sempre imprevisíveis: “Ter ‘autorização’ para passar de uma fronteira à outra, até chegar ao seu grupo, não significa que se está apto a permanecer onde, porventura, não é o seu espaço.” (Caruso, 2015: 73). O que não significa que não possam existir casos em que os mesmos atores sociais consigam negociar estes espaços. Todavia, esta parece ser uma situação mais difícil de acontecer, devido aos interesses que cada um pretende atingir. Com a exposição dos exemplos anteriores, as transcrições seguintes permitem resumir as ideias que é pertinente reter para a análise que aqui fazemos:

“A cidade, mais do que lugar onde se edifica a vida urbana, configura-se como um espaço de trânsito e interação de subjetividades. (...) Ela é depositária dos valores culturais estruturantes das práticas sociais necessárias ao convívio em grupo, da qual não se pode falar de forma isolada ou descontextualizada, mas sempre em termos de “quadros sociais da memória”, referentes às classes sociais, grupos de socialização, trabalho, etc. (...) No espaço citadino, os

choques, diálogos e entrecruzamentos entre memórias, valores e discursos dissonantes, proporcionam uma maior interpretação subjetiva e cultural, tornando esse par identidade-diversidade ainda mais implicado um no outro.” (Moreira e Barros, 2009: 50, 52 e 53)

“A vida quotidiana é um local de revolução, resistência e transformação diária. Dessa forma, os planeadores devem reconciliar as contradições entre as suas visões e as experiências de quem vive na cidade. O planeamento urbano, tal como é concebido e praticado enquanto principal mecanismo de produção do espaço urbano, é o responsável pela escalada dos níveis de contestação. (...) Também a política multipartidária deu origem a mudanças nas percepções das pessoas sobre o espaço urbano; as pessoas sentem que democracia e liberdade significam o direito de se apropriarem de qualquer peça livre do espaço urbano.” (Mwathunga *et al.*, 2018: 2 e 8)⁶⁹.

3.5. Parkour e Graffiti: dois exemplos de apropriação do espaço

Pode-se dar vários exemplos de práticas urbanas que se apropriam do espaço da cidade, designadamente daquelas que configuram formas de “lazer desviante” ou de “lazer [não] canónico” (Loro *et al.*, 2020). Na esteira de Rojek (1999), Loro *et al.* (2020) estabelecem uma tipologia de lazeres urbanos que define graus de tolerância ao lazer, numa escala gradativa que inclui o lazer canónico, o lazer pouco tolerado, o lazer conflitivo, o lazer não tolerado e o lazer desviante. O que a inclusão de determinadas práticas em cada uma das categorias revela são as dimensões da apropriação diferenciada das várias formas de lazer, bem como do espaço da negociação e das tensões que se abre neste domínio. O lazer sobressai como construção social que se abre à emergência de subjetividades e de novas formas de expressão (Estanque, 2008).

Nesta secção do capítulo 3, pretendemos chamar a atenção para apenas dois exemplos, que foram igualmente importantes numa fase posterior desta investigação. Uma das práticas que vale a pena abordar é o *parkour*, prática essa marcada pela apropriação do espaço urbano à medida que se percorrem vários espaços da cidade

⁶⁹ Tradução livre do autor. No original: “Everyday life is a site of revolution, resistance and everyday transformation. Planners therefore have to reconcile the contradictions between planners’ visions and the experiences of those who live in the city. Urban planning, as it is conceived and practiced as the main mechanism of producing urban space, is to blame for the escalating levels of contestation. (...) Also, multiparty politics has given rise to changes in people’s perceptions of urban space; people feel that democracy and freedom mean the right to appropriate any free piece of urban space.” (Mwathunga *et al.*, 2018: 2 e 8).

(uma prática móvel, portanto). A outra prática é o *graffiti*, prática que, depois de feita a pintura, fica marcada em determinado espaço urbano até ser posteriormente apagada (uma prática imóvel, mas que obriga os executantes a ser, frequentemente, muito móveis, e a tornarem-se “corredores da noite” para escapar às autoridades).

Relativamente ao *parkour* ou “le parkour”, devido à sua origem francesa (Grosprêtre *et al.*, 2016: 526; Loo e Bunnell, 2018: 146; Stapleton *et al.*, 2010: 19), poderemos ver esta prática como sendo uma modalidade física, cujo objetivo consiste em mover-se de um local para outro, em espaços públicos, da forma mais rápida, ágil e suave possível, ultrapassando qualquer obstáculo que surja na frente, o que obriga à elasticidade do praticante (Ameel *et al.*, 2012a: 164; Brunner, 2011: 147; Carvalho *et al.*, 2008: 435; Ferro, 2015: 178; Kidder, 2013b: 12; Loo e Bunnell, 2018: 145 e 146; Stapleton *et al.*, 2010: 18), distinguindo-se pela sua codificação de movimentos particulares (Kidder, 2013a: 236). Stapleton *et al.* explicam como se processa esta apropriação:

“A sua apropriação do espaço público serve para o remodelar. O *traceur* é um subversivo que trabalha contra o desenvolvimento urbano que exclui “indesejáveis”, tais como os jovens, os pobres e os sem abrigo, através da privatização de espaços anteriormente públicos. Os praticantes do Parkour ocupam estrategicamente partes da paisagem urbana de forma espontânea e inovadora.” (Stapleton *et al.*, 2010: 22) (itálico dos autores)⁷⁰.

Esta é uma forma diferente e inovadora de ver, experimentar e mover-se entre os espaços urbanos, oferecendo novas formas de o sentir e usar, ao mesmo tempo que cria novas relações com esses mesmos espaços (Ameel *et al.*, 2012a: 171; Brunner, 2011: 145; Loo e Bunnell, 2018: 146). Faz, por isso, pensar em novas experiências de mobilidade através do espaço, marcadas pela instabilidade e fluidez e por novos significados atribuídos ao espaço percorrido, o que ajuda a desafiar os discursos existentes sobre os espaços públicos (Loo e Bunnell, 2018: 147, 148, 155 e 156), ao

⁷⁰ Tradução livre do autor. No original: “Their appropriation of public space serves to reshape it. The *traceur* is a subversive who works against urban development that excludes “undesirables” such as the young, the poor and the homeless through the privatization of formerly public spaces. Parkour practitioners strategically occupy parts of the urban landscape in spontaneous and innovative ways.” (Stapleton *et al.*, 2010: 22) (itálico dos autores)

mesmo tempo que desafia os próprios espaços públicos (Ameel *et al.*, 2012b: 17; Carvalho *et al.*, 2008: 432 e 433). Tanto provoca admiração como frustração entre os outros utilizadores que se deparam com estes praticantes (Ameel *et al.*, 2012b: 28).

Quanto ao *graffiti*, trata-se de uma prática vista como sendo criminal (com raras exceções, como o Brasil, por exemplo, onde está regulamentado), que consiste em pintar em espaços e equipamentos públicos de forma ilegal, sendo sobretudo executada por participantes com estatuto socioeconómico baixo e que pretendem estabelecer o seu lugar na sociedade, contestando igualmente o sistema vigente de autoridade e conformidade (Eldrige, 2013: 23 e 26; Madsen, 2015: 100 e 101; Eyck, 2016: 224), ao mesmo tempo que contraria a apropriação do espaço dominante que anteriormente existia (Madsen, 2015: 99)⁷¹. Dessa forma, esta prática é vista como sendo um protesto, um desafio ao sistema vigente (Gross *et al.*, 2016: 347). Ao contrário do *parkour*, esta é uma prática com maior receção entre outros utilizadores (Ameel *et al.*, 2012b: 28). Ideias que podem ser sintetizadas através do pensamento de de la Torre *et al.*, para quem não se pode falar em apropriação de espaço urbano, mas sim em uso de espaço urbano:

“A prática do *graffiti*, de certa forma, coloca em causa as fronteiras legais entre a propriedade privada e a propriedade pública, implicando uma visão alternativa das mesmas. Poderíamos pensar que o *graffiti* é uma forma de apropriação do espaço, como são as de todos os urbanitas que usam o espaço da rua como contexto de interação e de sociabilidade, de diferentes teores e intensidades, a propósito de uma diversidade de motivos. Do nosso ponto de vista, parece que os grafiteiros usam o espaço como quadro das suas práticas específicas, mas isso não significa que eles reivindiquem os espaços públicos em que intervêm como seus territórios exclusivos; por essa razão preferimos designar tais práticas como formas de uso do espaço, em vez de formas de apropriação do mesmo” (de la Torre *et al.*, 2016: 128) (itálico das autoras).

Esta é uma perspetiva interessante que merecia ser destacada. No entanto, esta prática não pode deixar de ser vista como uma forma de apropriação de espaço urbano, uma vez que, ao pintarem determinados espaços urbanos, invariavelmente reivindicam

⁷¹ Frias e Peixoto (2002) sustentam que os estudos do *graffiti* executado por grupos sociais desfavorecidos estão sobrerrepresentados na literatura académica, estudando *graffitis* e inscrições gráficas executadas por grupos sociais favorecidos.

esses mesmos espaços para si, tornando-os seus através da sua presença física e simbólica. Enquanto pintam nesses espaços, estão a ocupá-los, mesmo que temporariamente, podendo entrar ou não em conflito com outros utilizadores desses mesmos espaços. Além disso, e como demonstra Pelclová, o *graffiti* “representa um tipo de sinalização que ocupa espaços urbanos com frequência”. (2017: 74)⁷². Ao mesmo tempo, esta prática destrói propriedade, sobretudo no espaço urbano (*ibid*: 75).

Com a sua inscrição no espaço urbano, os executantes usam a cidade como um espaço de comunicação, onde transmitem as suas mensagens a quem passa, ao mesmo tempo que mostram como o espaço urbano é múltiplo; ou seja, mostram a cidade como um local de simultaneidades, mas ao mesmo tempo de encontros (Martins *et al.*, 2006: 41 e 42). Aguiar, de uma forma insigne, mostra-nos como o *graffiti*, pode ser importante para pensar a cidade de outra forma:

“Esse centro urbano se apresenta enquanto construído, rígido, estabelecido. Destarte observamos a cidade, enquanto construção, instituída, todavia sempre por se construir se apresentando como espaço e suas representações em constante mutação. (...) Re-imaginar a cidade é uma aspiração que paira sob o consciente de diversos transeuntes do espaço urbano, o papel da arte é em sua ação subjetiva apresentar esse processo com sutileza, amenidade, encher de esperança os que já não acreditam mais em um futuro diferente.” (Aguiar, 2015: 3 e 7).

Campos, numa breve passagem, esclarece como a imagem pode ser importante para destacar conflitos existentes nas nossas cidades: “Consequentemente, nós encontramos mais e mais evidências de que o conflito simbólico em áreas metropolitanas é transmitido através da comunicação visual que tira vantagem do potencial oferecido pelo espaço público da cidade” (2015: 20)⁷³.

Em conclusão a este capítulo, poderemos sustentar que a apropriação do espaço urbano é um fenómeno praticado por todas as pessoas que usam as cidades, ainda que

⁷² Tradução livre do autor. No original: “As written above, (...) represents a type of signage that occupies urban spaces very frequently”. (Pelclová, 2017: 74).

⁷³ Tradução livre do autor. No original: “Consequently, we find more and more evidence that the symbolic conflict in metropolitan areas is conveyed through visual communication that takes advantage of the potential offered by the city’s public space.” (Campos, 2015: 20).

de forma inconsciente, de modo a conquistar o espaço urbano enquanto utilizadores. Nesse seu papel, são coprodutores desse mesmo espaço urbano, reclamando o seu “direito à cidade” (Koster *et al.*, 2016: 291), ao mesmo tempo que, além de serem utilizadores, também são, ou mais ou menos, construtores de espaço público urbano, podendo mesmo contribuir para que sejam desconstruídos os discursos estabelecidos associados a esse mesmo espaço (Daskalaki *et al.*, 2008: 54).

Poderemos também pensar que o próprio cidadão, em contacto com a cidade e com os espaços urbanos de que se vai apropriando, vai transformando o seu corpo, tornando-o num “corpo urbano”. Britto, defende que “corpo e cidade se relacionam, mesmo que involuntariamente, através da simples experiência urbana.” (Britto *et al.*, 2008: 79). Acrescenta mesmo: “Os praticantes ordinários das cidades realmente experimentam os espaços quando os percorrem e, assim, dão-lhe “corpo” pela simples ação de percorrê-los.” (*idem*: 83). É possível entender, por isso, que existe uma relação entre o “corpo físico do cidadão (...) e esse ‘outro corpo urbano’, donde poderia surgir uma outra forma de apreensão da cidade.” (Jacques, 2005: 20). Todavia, “o corpo sofre restrições e por isso ‘correções’ na sua forma de expressão em relação à cidade.” (Ferreira, 2011: 89). O corpo torna-se um meio de redefinição da paisagem urbana ao interagir com ela (Carvalho *et al.*, 2008: 439). Poderemos pensar, por isso, que o corpo, ao se relacionar com a cidade, observa rápidas alterações ao longo da História, apanhando desprevenidos e mal preparados os seus habitantes (Bauman, 2003: 3).

Com isto, não se pode deixar de falar das várias negociações, tensões e conflitos que surgem entre os vários atores sociais que compõe as cidades (Machado e Pizzinato, 2015: 6) aquando da apropriação desses mesmos espaços urbanos. Compreende-se, assim, que o espaço urbano pode-se definir da seguinte maneira:

“O espaço urbano, em suma, surge como dispositivo de construção e desconstrução incessante da subjetividade individual e coletiva, onde corpos, espaços e tecnologias – mesclando-se em hierarquias variáveis – aparecem como atores de graus semelhantes, sujeitos precisamente, dotados de programas análogos de ação e paixão.” (Marrone, 2015: 32)

Nesse sentido, durante a noite urbana, tem havido apropriação de espaços urbanos, que até então não estavam apropriados ou que estavam apropriados por algumas atividades e pessoas, dando lugar a um crescente número de atividades e pessoas que se apropriam desses mesmos espaços. Uma dessas atividades é de real importância para a discussão do que aqui se pretende desenvolver. Essa atividade, que também pode servir como forma de mobilidade (Cook *et al.*, 2016: 744), deriva do ato de caminhar, já anteriormente referido, e consiste no mesmo ato, praticado a um ritmo acelerado. Falamos do ato da corrida.

4. A corrida enquanto atividade urbana

4.1 Desporto: Fenómeno saudável e urbano

O desporto, tal como outras práticas sociais que se manifestam nas nas nossas cidades, é um fenómeno tipicamente associado ao bem-estar físico, mas também é possível de ser caracterizado enquanto fenómeno urbano, originando uma urbanidade desportiva. Como apontam Loy *et al.*, o desporto é “uma atividade física corporificada, estruturada, orientado para objetivos, sendo competitiva, contestada, lúdica” (2007: 4651)⁷⁴.

Poderemos pensar nos vários discursos dominantes, provenientes da área da Medicina e das Ciências do Desporto, amplamente mediatizados nas sociedades de consumo, que nos lembram à exaustão que é necessário fazer exercício físico, de forma a ter-se uma vida sem problemas ligados à saúde; uma vida dita saudável. Este conceito de “vida saudável” prende-se com o consumo extensivo de produtos e de serviços, como roupa e calçado desportivo, dietas alimentares, idas ao ginásio, entre outros (Cockerham, 2007: 2061). Como apontam Assumpção *et al.*, “sustenta-se a hipótese da necessidade de se promover mudanças nos estilos de vida, levando as pessoas a incorporar a prática de atividades físicas ao seu cotidiano” (2002: 1). Nos nossos dias, existe uma ideia geral de que “a saúde deve ser atingida” (Crawford, 2006: 402)⁷⁵. Como descreve Little na passagem seguinte, existe um medo geral em relação à gordura corporal:

“A gordura é temida tanto por homens como por mulheres, mas embora as discussões sobre a masculinidade contemporânea argumentem que os homens estão sob pressão crescente para regular os seus corpos e se conformam com noções socialmente prescritas do corpo aceitável ou desejável, e que estão igualmente insatisfeitos com corpos considerados com excesso de peso ou inaptos, existem ainda importantes diferenças de género na relação entre a gordura, a forma física e o corpo. Assim, enquanto o foco do corpo masculino

⁷⁴ Tradução livre do autor. No original: “Sport is an embodied, structured, goal oriented, competitive, contest based, ludic, physical activity” (Loy *et al.*, 2008: 4651).

⁷⁵ Tradução livre do autor. No original: “Today, (...) is that health must be achieved” (Crawford, 2006: 402).

em forma está no corte da gordura e no aumento do tamanho muscular, para as mulheres o corpo em forma é caracterizado pelo tamanho de referência de partes do corpo e pela perda de peso.” (2017: 322)⁷⁶.

Nessa linha de pensamento, poderemos ver o desporto ou a atividade física como um meio de prevenir o aumento de peso, ao mesmo tempo que está relacionado com as normas culturais relativas à atração física (Krenichyn, 2006: 632). No estudo de Krenichyn, as entrevistadas falam dos benefícios desta prática de exercício físico, porque promove a “autoconfiança, previne doenças e lesões, alivia o stress e fomenta a saúde mental – uma ‘antidroga’ ou antídoto para se tornar ‘um vegetal’”. (Krenichyn, 2006: 637)⁷⁷. É uma forma de “perder peso, parecer bem e sentir-se melhor” (Crawford, 2006: 408)⁷⁸. É possível, igualmente, afirmar que a prática desportiva, em si mesma, não exige grandes conhecimentos técnicos, como aponta Waddington:

“Considere-se, por exemplo, a situação de uma pessoa que faz regularmente uma caminhada rápida, ou vai correr ou nadar, como um meio de “manter a forma”, ou talvez como um meio de controlo de peso. Quando tais actividades são realizadas sozinhas, como o são frequentemente, a natureza precisa do movimento físico - isto é, a acção de caminhar, correr ou nadar - assim como a duração e a intensidade do exercício. Assim, por exemplo, uma pessoa a correr ou a nadar sozinha pode determinar durante quanto tempo continuar o exercício, e a que ritmo.” (2000: 43) ⁷⁹.

⁷⁶ Tradução livre do autor. No original: “Fat is feared by men and women alike but although discussions of contemporary masculinity argue that men are under increasing pressure to regulate their bodies and conform to socially prescribed notions of the acceptable or desirable body, and that they are equally as dissatisfied with bodies deemed to be overweight or unfit, there are still important gender differences in the relationship between fat, fitness and the body. Thus, while the focus of the fit male body is on cutting fat and increasing muscle size, for women the fit body is characterized by size and weight loss.” (Little, 2017: 332).

⁷⁷ Tradução livre do autor. No original: “Physical activity as they described it promoted self-confidence, prevented illness and injury, relieved stress and promoted mental health – an ‘anti-drug’ or antidote to becoming ‘a vegetable’” (Krenichyn, 2006: 637).

⁷⁸ Tradução livre do autor. No original: “Not least, (...) to lose weight, look good and feel better.” (Crawford, 2006: 408).

⁷⁹ Tradução livre do autor. No original: “Consider, for example, the situation of a person who regularly takes a brisk walk, or goes jogging or swimming, as a means of ‘keeping fit’, or perhaps as means of weight control. When such activities are undertaken alone, as they frequently are, the precise nature of the physical movement – that is the action of walking, jogging or swimming – as well as both the duration and the intensity of the exercise. Thus, for example, a person jogging or swimming alone can determine for how long to continue the exercise, and at what pace.” (Waddington, 2000: 43).

No entanto, também no desporto, poderemos ver relações de poder dominantes entre os grupos sociais, o que não impede o surgimento de alternativas a essas relações, como nos apontam Carvalho *et al.* na passagem seguinte:

“O desporto é um espaço de relação e de prática, sendo, frequentemente, percebido como uma forma de manter a posição dos grupos dominantes, através do reforço e reprodução das relações sociais típicas do capitalismo, i.e., como um meio de reprodução das normas e valores culturais dominantes. Mais recentemente, o desporto começou também a ser visto como um fenómeno onde estes valores e normas são desafiados através de formas desportivas alternativas.” (Carvalho *et al.*, 2008: 428).

Todavia, crescem os grupos de habitantes das cidades que participam cada vez mais em atividades desportivas, nos espaços públicos urbanos, com várias alternativas possíveis (Camy *et al.*, 1993: 175). Uma dessas alternativas, que tem assumido um carácter de transversalidade social, é a prática de corrida, que irá ser discutida nos pontos seguintes.

4.2. A corrida como prática popular

A corrida, designadamente a corrida de estrada⁸⁰, é atualmente considerada uma das práticas desportivas mais populares (Scheerder *et al.*, 2015: 1; Gratão *et al.*, 2016: 91; Dias, 2017: 2 e 22). Ou, como aponta Pišot, “correr como um meio e um como um caminho para a aptidão física, saúde e bem-estar tornou-se uma revolução mundial e uma “marca” popular de um estilo de vida saudável.” (2015: 119)⁸¹. Salienta mesmo que não existem dúvidas ao afirmarmos que a prática da corrida, como a conhecemos, “tornou-se numa das atividades mais populares” (Pišot, 2015: 119)⁸².

⁸⁰ Uma vez que os “night runners” fazem sobretudo corrida em espaços urbanos, ou seja, corrida de estrada, o foco deste capítulo e restante investigação será focada nesta prática de corrida em particular. Chama-se também a atenção para o facto de que será dado enfoque à prática de corrida em regime de treino e não em regime de competição.

⁸¹ Tradução livre do autor. No original: “Running as a mean and a path to physical fitness, health and wellbeing became a world revolution and popular “brand” of a healthy lifestyle” (Pišot, 2015: 119).

⁸² Tradução livre do autor. No original: “There (...) has become one of today’s most popular activities” (Pišot, 2015: 119).

A corrida é mais que uma atividade física (Dias, 2017: 29). É uma atividade física de fácil execução (Truccolo *et al.*, 2008: 109), acessível a qualquer pessoa (Shipway e Holloway, 2010: 270; Shipway e Holloway, 2016: 78) e com impactos percebidos e reais na saúde (Truccolo *et al.*, 2008: 108; Gratão *et al.*, 2016: 91) e na vida dos seus praticantes. Esta prática, além de poder ser executada em grupo, tem a particularidade de poder ser exercida de forma individual (Hitchings *et al.*, 2017: 337), além de que não existe uma orientação social para a sua prática (*idem*: 342). Tal como apontado por Waser, esta é entendida como “uma atividade regenerativa, pois a corrida tem muitas virtudes fisiológicas e psicológicas. Permite manter um equilíbrio entre um estilo de vida ativo cada vez mais sedentário e uma necessidade de fazer exercício físico” (1998: 65)⁸³.

Podemos, por isso, afirmar que a prática de corrida, sendo uma prática não-profissional (para a maioria dos seus praticantes), caracteriza-se como sendo uma atividade de lazer, realizada nos tempos livres dos seus praticantes, como nos aponta Stebbins, ao debater formas de “lazer”:

“Para este fim, o lazer é aqui definido como: atividade não concertada que as pessoas querem fazer durante o tempo livre e, de forma satisfatória ou gratificante (ou ambas), utilizam as suas capacidades e recursos para ter sucesso nesse tempo livre.” (2006: 7)⁸⁴.

Desde pequenas a longas distâncias, desde os jovens aos mais velhos, sejam homens ou mulheres, a corrida é das atividades físicas socialmente mais transversais e abrangentes. Ainda que, como nota Paulo Peixoto (2019), a idade e o sexo sejam fatores de exclusão e de diferenciação. Os mais idosos e as mulheres são tendencialmente excluídos. Sendo que as diferenças na prática de atividades físicas não separam tanto os homens e as mulheres pela regularidade da prática, mas sim pela intensidade da mesma (*idem*). Foi exatamente isso que constatámos no nosso estudo de caso. Se o grupo de

⁸³ Tradução livre do autor. No original: “Perçue comme une activité régénératrice, la course aurait de nombreuses vertus physiologiques et psychologiques. Elle permettrait de maintenir un équilibre entre une vie active de plus en plus sédentaire et un besoin ressenti d’exercices ou de dépenses physiques. (Wasser, 1998: 65).

⁸⁴ Tradução livre do autor. No original: “To this end, leisure is defined here as: uncoerced activity engaged in during free time, which people want to do and, in either a satisfying or fulfilling way (or both), use their abilities and resources to succeed at this”. (Stebbins, 2006: 7).

night runners é relativamente homogéneo, é verdade, porém, que essa homogeneidade se verifica mais no grupo da corrida intermédia, sendo a corrida rápida quase exclusivamente masculina e o grupo da caminhada tendencialmente mais feminino. Existem, não obstante uma certa transversalidade social da corrida, formas subtis de distinguir os corredores entre si. O que nos leva à questão de classificar quem corre.

4.3. Praticantes de corrida, como os distinguir?

Existem claramente distinções, que não são aparentes, entre quem corre por gosto e quem corre por objetivos pessoais. Stuart Smith foi pioneiro ao criar uma tipologia que distingue os vários praticantes da corrida. Esse sistema consiste nos “atletas”, “corredores” e “joggers”.

Os “atletas” são sobretudo constituídos por praticantes de elite, que treinam para entrar em competições, com a motivação de ganhar corridas (Smith, 1998: 179; Shipway et al., 2012: 270). A corrida tem um papel muito importante nas suas vidas (Smith, 1998: 179; Oborný, 2016: 104). Apesar de não usarem este termo, Ogles *et al.*, falando em “corredores compulsivos”, defendem que estes usam grandes quantidades de tempo para a sua prática, para correr vários quilómetros e horas por semana (1995: 234). E sustentam adicionalmente que: “À medida que os corredores desenvolvem uma tolerância para os atuais níveis de treino eles precisam de gradualmente ir aumentando os quilómetros e horas de corrida por semana” (*idem*)⁸⁵.

Aos corredores compulsivos juntam-se os “joggers”. São praticantes que correm tendo em vista, não a obtenção de resultados desportivos, mas a manutenção física do corpo; ou seja, executam uma prática primordialmente relacionada com motivos de saúde (Smith, 1998: 180), não tendo necessidade de correr vários quilómetros por semana para atingir níveis mais saudáveis (Smith, 2000: 180). Wasser contribui para este debate definindo os *joggers*:

⁸⁵ Tradução livre do autor. No original: “He then (...); as runners develop a tolerance for current training levels they need to gradually increase their miles and hours of running per week.” (Ogles *et al.*, 1995: 234).

“Praticam sem cronómetro ou relógio e estão mais próximos da modalidade “jogging”, que consiste em correr mais ou menos regularmente em percursos definidos, tentando manter a distância. Não participam em nenhuma corrida popular e não procuram aprender sobre o assunto ou pertencer a um grupo especificamente formado em torno da corrida. Para eles, o caminhar ou o correr é assimilado a um exercício físico que lhes dá a satisfação de terem feito um esforço que faz parte de uma lógica de “manutenção da forma física.” (1998: 66)⁸⁶.

Para Latham, poderemos ver os “*joggers*” como uma figura urbana incontornável:

“Hoje em dia, o jogger tornou-se uma figura urbana omnipresente - pelo menos nas cidades norte-americanas, europeias nas suas antípodas. Mulheres e homens praticantes de jogging de todas as idades e formas povoam os passeios, parques e calçadas das cidades, de tal forma que a sua presença nem sequer é notada” (2015: 104)⁸⁷.

Por último, os “corredores” são aqueles que correm mais rápido e mais quilómetros que os *joggers*, correndo mais do que necessário para a manutenção da forma física que almejam (Dias, 2017: 27). Fixam algumas metas a serem atingidas (Gratão *et al.*, 2016: 91), mostrando uma maior dedicação a esta prática e permitindo distinguir-se dos *joggers* pelo nível de envolvimento (Smith, 1998: 181 e 182). Pišot, entra nesta discussão, designando os “corredores” por “amadores”:

“A conceção do lazer como atividade marginal é evidente para os amadores. Eles não participam no lazer popular, pelo que a sua forma de lazer está mais perto do trabalho do que qualquer outra coisa. Levam a sério o lazer e a sua

⁸⁶ Tradução livre do autor. No original: «Ils pratiquent sans chronomètre ni montre et sont plus proches de la modalité «jogging» qui consiste à courir plus ou moins régulièrement sur des parcours définis en essayant de tenir la distance. Ils ne participent à aucune course populaire et ne cherchent pas à se documenter sur la question ni à appartenir à un groupe spécifiquement constitué autour de la course. Pour eux, le footing ou le jogging est assimilé à un exercice physique qui procure la satisfaction d’avoir réalisé un effort qui s’inscrit dans une logique de « maintien en forme » (Wasser, 1998: 66).

⁸⁷ Tradução livre do autor. No original: “These days the jogger has become a ubiquitous urban figure – in North American, European, and Antipodean cities at least. Women and men joggers of all ages and shapes populate city walkways, parks and sidewalks such that their presence goes largely unnoted”. (Latham, 2015: 104).

actividade principal (a corrida), por vezes estão preocupados com a atividade desportiva, o que poderia reflectir-se em fadiga e lesões.” (Pišot, 2015: 120)⁸⁸.

Há outras distinções feitas a partir de outros critérios. Um deles prende-se com o uso de roupa desportiva e a linguagem usada entre os praticantes. Esta é uma forma subtil e muitas vezes meramente aparente, uma vez que entre os atletas que executam a prática com mais regularidade, o vestuário e a linguagem são formas de se destacarem das massas de praticantes, evidenciando-os como os “verdadeiros” praticantes. Poder-se-ia pensar que os ténis usados, enquanto produto indispensável para a concretização da prática (Ladeira *et al.*, 2012: 136), seriam uma, ou a principal, forma de distinção. Mas isso não chega. Shipway e Immy, na transcrição que se segue, explicam melhor como esta distinção se faz:

“O vestuário de corrida como manifestação da identidade das pessoas como corredores foi reforçado pelo significado especial e pela associação indexada ao colete, à T-shirt, ao casaco de chuva ou à camisola que muitos dos participantes usaram durante todo o evento do Chipre, como evidenciado pelas histórias associadas a cada peça de vestuário retratada por alguns dos corredores. (...) A identidade dos corredores, ao contrário de identidades como a raça, ou o género, não é necessariamente identificável imediatamente como tal, e por isso o uso de significantes como o vestuário e a linguagem pode ser visto como consequência do desejo tanto de retratar uma certa identidade social, como também de se conformar com a identidade do papel associada a esse grupo. (...) O vestuário não era o único símbolo deste mundo social em particular. Algumas das expressões utilizadas eram específicas do mundo da corrida, por exemplo, os concorrentes falavam de ‘rebentar’, ‘ir contra o muro’ ou ‘cair de cu’ depois de uma corrida dura, ou de meter ‘quilómetros nas pernas’.” (2007: 377 e 378; 2008: 68 e 69)⁸⁹.

⁸⁸ Tradução livre do autor. No original: “The marginal view to leisure is evident for amateurs. They do not participate in popular leisure, so their form of leisure is closer to being work than any other. They are serious about their leisure and its core activity (running), sometimes they are preoccupied with sport activity what could reflect in fatigue and injuries.” (Pišot, 2015: 120).

⁸⁹ Tradução livre do autor. No original: “Running apparel as a statement of people’s identity as a runner was reinforced by the special meaning and association attached to the vest, T-shirt, rain jacket or sweatshirt that many of the participants wore throughout the duration of the Cyprus event, as evidenced through the stories associated with each garment told by some of the runners. (...) The running identity, unlike identities such as race, or gender, is not necessarily immediately identifiable as such, and hence the use of signifiers such as clothing and language can be seen as consequence of the desire both to portray a certain social identity, but also to conform to the role identity associated with that group. (...) Dress was not the only symbol of this particular social world. Some of the language used was specific to the running world, for example, competitors spoke of ‘blowing up’, ‘hitting the wall’ or ‘hanging out of

Outra distinção possível prende-se com o sexo dos praticantes. Como aponta Smith, a prática de corrida permite aos “atletas”, demonstrar a sua força física ou velocidade, que são atributos mais ligadas à masculinidade do que à feminilidade (2000: 189), assim como as suas conquistas desportivas (Smith, 2000: 193). No estudo de Ogles *et al.*, a distinção entre homens e mulheres foi também uma das preocupações, emergindo conclusões que vêm reforçar as ideias anteriores, designadamente no que diz respeito aos perfis dos praticantes de ambos os sexos e em relação aos tipos de treinos que executam, como é possível verificar neste trecho:

“Os homens são mais propensos a participar em corridas mais longas. Os homens são também mais propensos a treinar 45 milhas por semana, a prever a sua continuação nesse nível e a correr maratonas. As mulheres relatam correr menos anos e são menos propensas a correr sozinhas. Embora as mulheres participem em tantas corridas quanto os homens, não correm tantas milhas por semana, nem preveem continuar no mesmo nível de treino após uma corrida. A típica corredora do nosso estudo treina cerca de 70% do tempo com um parceiro de corrida, prepara-se para corridas mais curtas, corre há menos anos, e é mais provável que reflua e flua no seu nível de treino. Enquanto o típico corredor masculino treina sozinho 80% do tempo, prepara-se para corridas mais longas, corre há mais tempo, e é mais consistente no nível de treino. Em conjunto, estas características sugerem que os homens são mais semelhantes ao perfil do chamado corredor compulsivo. (...) Talvez as mulheres pudessem ser igualmente dedicadas (por exemplo, correndo 45 milhas por semana) à corrida se os seus horários de treino não fossem interrompidos por gravidez, parto, cuidados infantis, etc..” (Ogles *et al.*, 1995: 244)⁹⁰.

your arse’ after a hard race, or getting ‘miles in your legs’”. (Shipway *et al.*, 2007: 377 e 378; *ibid.*, 2008: 68 e 69).

No desporto, sobretudo nas provas de resistência, “ir contra o muro” traduz a situação de chegar a uma condição de fadiga extrema e de perda de energia causada pelo esgotamento das reservas que sustentam o corpo.

⁹⁰ Tradução livre do autor. No original: “A higher proportion of men participate in longer races. Men are also more likely to be training 45 miles per week, anticipate continuing that level, and to run marathons. Women report running fewer years and are less likely to run alone. Although women participate in as many races as men, they do not run as many miles per week nor do they anticipate continuing the same level of training following a race. The typical woman runner in our study trains about 70% of the time with a running partner, prepares for shorter races, has been running fewer years, and is more likely to ebb and flow in her level of training while the typical male runner trains alone 80% of the time, prepares for longer races, has been running longer, and is more consistent in level of training. Taken together, these characteristics suggest that men are more similar to the profile to the so called obligatory runner. (...) Perhaps women would be just as dedicated (e.g. 45 miles per week) to running if their training schedules were not interrupted by pregnancy, childbirth, child care, etc” (Ogles *et al.*, 1995: 244).

É também possível dar conta desta distinção se nos focarmos nos motivos pelos quais homens e mulheres correm. Ogles *et al.*, embora mais centrados nos motivos que levam as mulheres a correr, dão conta de motivações diferenciadas entre sexos:

“Como esperado, homens e mulheres também diferem nos seus motivos de treino e de participação em corridas. As mulheres são mais propensas do que os homens a elencar uma vasta gama de motivos, incluindo a preocupação com o peso, genealogia, auto-estima, significado da vida, e estrutura psicológica. Isto sugere que as mulheres são mais propensas a usar a corrida para lidar com a sua apreensão acerca do peso, para socializar com outros corredores, e para se cuidarem psicologicamente através da resolução de problemas, reduzindo a ansiedade e a depressão, a auto-estima, e afastando-se, através da corrida, de tudo isto. Da mesma forma, indica que as mulheres podem experimentar mais benefícios psicológicos da corrida, incluindo o aumento da auto-estima, a redução da ansiedade, a sensação de paz de espírito, e o sentimento de se sentirem bem na própria pele.” (Ogles *et al.*, 1995: 245)⁹¹.

Atletas que treinam para correr maratonas, não se fazendo aqui distinção entre homens e mulheres, aduzem motivos semelhantes aos destacados nos trabalhos anteriormente citados: “Correr como uma atividade de auto-realização mostrou que ‘competir comigo mesmo’, ‘melhorar a saúde e a aptidão física’ e ‘diminuir o stress’ foram as respostas mais comuns à pergunta relativa à motivação para correr.” (Pišot, 2015: 120)⁹².

⁹¹ Tradução livre do autor. No original: “As expected, men and women also differ in their motives for training and participating in races. Women are more likely than men to endorse a broad range of motives including weight concern, affiliation, self-esteem, life meaning, and psychological coping. This suggests that women are more likely to use running to deal with their apprehension about weight, to socialize with other runners, and to take care of themselves psychologically through problem solving, reducing anxiety and depression, self-enhancement, and getting away from it all. Similarly, it indicates women may experience more psychological benefits from running including enhanced self-esteem, reduced anxiety, having a sense of peace with themselves, and feeling good about themselves.” (Ogles *et al.*, 1995: 245).

⁹² Tradução livre do autor. No original: “Running as a self-fulfilling activity showed that “to compete with myself”, “to improve health and physical fitness” and “to diminish stress” were the most common answers to the question with regard to the motivation for running” (Pišot, 2015: 120).

4.4. Saúde ou não saúde, eis a questão!

Motivos são “justificações aceitáveis para atos ou programas do presente, do futuro ou do passado” (Mills, 1940: 907)⁹³. Significa que para iniciar a prática de corrida as pessoas têm motivos, que podem ser os mais variados entre si, que levam à iniciação e posterior continuidade, ou abandono, dessa prática.

Podemos sustentar que a ideia que a prática de corrida traz bastantes benefícios a nível da saúde física e mental constitui uma representação social amplamente difundida. Sendo igualmente curial registrar a prevalência de uma pressão social tendencial para que cada indivíduo se sinta responsável por ser fisicamente ativo (Hervik *et al.*, 2016: 337 e 340). Entre os motivos dominantes, há quem comece a correr por ter sido incentivado por amigos ou pelos próximos, como há quem o tenha feito por sentir a necessidade de melhorar a condição física ou a sua saúde (Oborný, 2016: 97). Na maior parte das vezes, os praticantes não precisam de ser incentivados, uma vez que sentem ‘naturalmente’ a necessidade de correr por motivos de saúde física - perda de peso, por exemplo (Summers *et al.*, 1982: 965; Truccolo *et al.*, 2008: 110; Gratão *et al.*, 2016: 92 e 96; Shipway e Holloway, 2016: 84; Hitchings *et al.*, 2017: 338); e de saúde mental - redução do stress, por exemplo (Summers *et al.*, 1982: 965; Truccolo *et al.*, 2008: 111; Shipway e Holloway, 2010: 271; Whipple *et al.*, 2011: 390; Shipway *et al.*, 2012: 270; Wolf e Wohlfart, 2014: 96; Shipway e Holloway, 2016: 84). Ao mesmo tempo que existe uma necessidade de cuidado dos praticantes com a sua aparência (Gratão *et al.*, 2016: 98; Truccolo *et al.*, 2008: 112). Dessa forma, e como aponta Tulle, o corpo passa a ser interpretado como um “corpo vivo, existindo na confluência da sentimentos e sensações, regulação e agência ativa” (2007: 331) (itálico do autor)⁹⁴. A corrida é vista, também, como forma de escapar aos constrangimentos do dia-a-dia (Shipway e Holloway, 2010: 272; Cook *et al.*, 2016: 753).

No entanto, poderemos apontar motivos não ligados diretamente à saúde, mas suficientemente relevantes para apontar como razões da prática de corrida. Outro

⁹³ Tradução livre do autor. No original: “Motives (...) accepted justifications for present, future, or past programs or acts.” (Mills, 1940: 907).

⁹⁴ Tradução livre do autor. No original: Accordingly, (...) as *lived* body, existing at the confluence of sentience and sensation, regulation and active agency” (Tulle, 2007: 331) (itálico do autor).

motivo prende-se com o divertimento que as pessoas encontram nesta prática, ao mesmo tempo que socializam e expandem a sua rede de contactos (Truccolo *et al.*, 2008: 112; Gratão *et al.*, 2016: 92). Pode-se ainda destacar o aumento da autoestima e a possibilidade de usufruir de uma prática ao ar livre (Truccolo *et al.*, 2008: 110; Wolf e Wohlfart, 2014: 98), como também a superação pessoal que decorre do ato de se alcançar metas estabelecidas (Truccolo *et al.*, 2008: 112).

Para além da abordagem mais teórica, interessa discutir alguns casos concretos. Num estudo realizado com participantes na maratona de Nova Iorque, questionados sobre os motivos para terem iniciado a prática de corrida, os respondentes permitiram aos autores do estudo recolher dados reveladores e que vêm ao encontro dos vários motivos apontados anteriormente:

*“Razões para Começar a Correr: (...) A classificação subsequente das razões específicas em sete categorias gerais mostrou que três das categorias representavam 84,6% do total das respostas: “saúde física” (por exemplo, aptidão física, perda de peso) com 53,5% do total de respostas, “saúde psicológica” (por exemplo, gozo, relaxamento) com 18,5% do total de respostas, e “realização de objectivos” (por exemplo, vencer um desafio, treinar para uma maratona) com 12,6% do total de respostas.” (Summers *et al.*, 1983: 318) (itálico dos autores)⁹⁵.*

Os autores do mesmo estudo perceberam que “os praticantes percebem os benefícios, tanto físicos, como psicológicos provenientes da corrida” (*ibid*: 320).

Paulo Peixoto, realizando uma análise fatorial exploratória para uma amostra representativa da cidade de Lisboa, identifica quatro tipos de praticantes, sendo cada um deles motivado por diferentes fatores.

“Os ‘desportistas’ praticam atividades desportivas para se superarem, para melhorarem o seu nível de rendimento desportivo, para desenvolverem novas

⁹⁵ Tradução livre do autor. No original: “*Reasons for Beginning Running: (...) Subsequent classification of the specific reasons into seven general categories showed that three of the categories accounted for 84,6% of the total responses: “physical health” (e.g. physical fitness, weight loss) with 53,5% of total responses, “psychological health” (e.g., enjoyment, relaxation) with 18,5% of total responses, and “goal achievement” (e.g., meeting a challenge, to train for a marathon) with 12,6% of total responses.” (Summers *et al.*, 1983: 318) (itálico dos autores).*

capacidades, mas também, ainda que em menor escala, para se divertirem e para relaxarem. ‘Os preocupados com a saúde’ praticam atividades desportivas por recomendação médica, para combater o envelhecimento e para controlar o peso. ‘Os partidários da interação social’ praticam atividades desportivas para estar com os amigos, para conhecer novas pessoas e, mais que os desportistas, para se divertirem e para relaxarem. Os ‘hedonistas’ são uma espécie de vigilantes do corpo que fazem atividades desportivas para se manterem mais saudáveis, para estar em boa forma física e para combater o peso. Os desportistas e os preocupados com a saúde estão sujeitos a estímulos externos que motivam a prática desportiva. Ao passo que os partidários da interação social e os hedonistas respondem mais a estímulos internos.” (2019: 6).

4.5. Consequências da prática da corrida: elas existem?

A prática de corrida acarreta consequências, sejam elas boas ou más. Uma das consequências prende-se com a saúde dos corredores. Iniciada a prática, os praticantes acreditam nos efeitos positivos que a corrida traz para a saúde e para o bem-estar (Smith, 2000: 198; Oborný, 2016: 98; Shipway e Holloway, 2016: 84). Aliás, os entrevistados no estudo de Oborný apontam que a sua saúde está melhor do que outras pessoas que não praticam desporto (2016: 101). Pode-se mesmo mencionar uma maior sensação de felicidade entre os praticantes da corrida (Shipway e Holloway, 2016: 85).

Poderemos salientar outras consequências que comumente relacionadas com esta prática: o respeito e a admiração de outras pessoas em relação às pessoas que correm (Smith, 1998: 187; Smith, 2000: 200 e 201), permitindo aos praticantes criar algum capital social (Shipway e Holloway, 2016: 84). Aliás, em geral, as proezas físicas no desporto, associadas aos sucessos desportivos, trazem prestígio a quem executa essas práticas (Smith, 1998: 188).

Hitchings *et al.* explicam melhor como é possível perceber esta situação de estatuto que é ganho com esta prática:

“O argumento aqui é que, à medida que correm, os praticantes acabam por reconhecer e por aprender certas formas corretas de participar na atividade. O praticante individual não se limita a correr. Em vez disso, através da corrida, eles tornam-se parte de um grupo social identificável. O segundo argumento é sobre como se presume que a corrida se torna um elemento chave da auto-identidade dos seus praticantes. Esta identidade estende-se para além dos benefícios imediatos como o tom corporal, a perda de peso, e a aptidão geral, e passa a incluir uma auto-identificação mais intrínseca como corredor. Assim,

eles não só passam a ser subsumidos a uma subcultura reconhecível da corrida, como também passam a ver-se como corredores em vez de simples pessoas que se exercitam através da corrida.” (2017: 338)⁹⁶.

Voltando aos “corredores compulsivos”, Ogles *et al.*, no seu estudo, perceberam que este tipo de corredores, além de procurarem bater recordes pessoais e vencer os adversários, procuram e acabam por conseguir “receber reconhecimento da família e dos pares, pelas suas conquistas, que ultrapassa o bem-estar físico.” (1995: 242)⁹⁷.

Um outro exemplo relata-nos um estudo realizado com praticantes de corrida em parques urbanos, que, segundo os autores, revelaram melhores aptidões físicas e melhores indicadores de saúde, assim como uma maior satisfação com a vida, em termos gerais (Grunseit *et al.*, 2018: 6 e 7).

Em termos de consequências negativas, sobressai, recorrentemente, a obsessão que se cria com o controlo do peso corporal, o que se torna problemático caso haja um aumento do peso, levando a maiores horas de treino e a posteriores lesões, devido ao excesso de treino e falta de descanso que o corpo tanto necessita (Shipway e Holloway, 2016: 91). Algo que também Little e Tulle discutem nos textos de que são autores:

“Reconheceu-se, no entanto, que a corrida em excesso poderia ser prejudicial ao organismo e que era essencial algum tipo de equilíbrio. Alguns dos inquiridos (mulheres que tinham feito muitas corridas, incluindo várias maratonas e meias maratonas) falaram em serem obsessivas em relação à corrida. Identificaram isto como uma questão premente que estava na realidade a colocar em estresse os seus corpos e a anular os benefícios para a saúde.” (Little, 2017: 326)⁹⁸.

⁹⁶ Tradução livre do autor. No original: “The argument here is that, as they run, runners come to recognize and learn certain right ways of participating in the activity. The individual exerciser does not just run. Rather through running they become part of an identifiable social group. The second is about how running is accordingly presumed to become a key element of the self-identity of its practitioners. This identity extends beyond immediate benefits such as body tone, weight loss, and overall fitness and comes to include a more intrinsic self-identification as runner. So, they not only come to be subsumed into a recognizable subculture of running, they also come to see themselves as runners instead of simple people who exercise through running.” (Hitchings *et al.*, 2017: 338).

⁹⁷ Tradução livre do autor. No original: “Behaviorally (...) receiving recognition from family and peers for their accomplishments which extend beyond physical well-being” (Ogles *et al.*, 1995: 242).

⁹⁸ Tradução livre do autor. No original: “It was, however, acknowledged that excessive running could be damaging to the body and that some kind of balance was essential. Some of the respondents (women who had done a lot of running including several marathons and half marathons) talked about being

“O alvo da intervenção não era apenas o corpo. Os relatos dos informadores revelam que a mente era também um alvo. Isto manifestou-se em duas áreas-chave: lesões e corridas. Os ferimentos são um risco profissional em qualquer empreendimento desportivo. O risco de lesões está sempre presente, independentemente do sexo e da idade. As lesões podem lançar uma carreira atlética e uma identidade em dúvida.” (Tulle, 2008: 11)⁹⁹.

Collinson *et al.*, usando a sua experiência enquanto praticantes de corrida, sabem bem como um período de lesão pode ter impactos na sua identidade enquanto praticantes: “Uma lesão desportiva envolve o praticante dedicado muito diretamente na negociação e na renegociação da sua identidade e o ‘tempo de lesão’ pode ter um impacto muito grande, quer o atleta seja profissional, quer seja amador” (2007: 389)¹⁰⁰. Mas como os mesmos autores apontam, existem formas de contornar o período de lesão, mantendo a identidade de praticantes de corrida:

“Prática e funcionalmente, caminhar sobre a superfície mais macia e relvada do parque ajudou a proteger as juntas do joelho do maior impacto gerado pela caminhada na estrada ou no pavimento. A nível simbólico, continuar a percorrer alguns dos mesmos percursos representou para nós o nosso compromisso com o “espaço” de treino - tanto geográfico como temporal - e, em última análise, com uma eventual restituição à plena aptidão para correr. (...) Um resultado do nosso empenho em caminhar também corresponde à categoria de trabalho de identidade relacionada com a disposição da aparência pessoal. Pois, embora não produzindo os mesmos efeitos cardiovasculares que a corrida, a marcha rápida garantiu que mantivemos a forma somática distinta do corredor de distância, com níveis relativamente baixos de gordura corporal. (...) Apreciamos muito o seu encorajamento, empatia e conselhos práticos, mas talvez o elemento mais valorizado do seu apoio tenha sido a sua percepção contínua de nós como corredores à distância e a sua validação das nossas identidades de corrida.” (2007: 390 e 392)¹⁰¹.

obsessive about their running. They identified this as a point running was actually putting a stress on their bodies and undoing the previously discussed health benefits.” (Little, 2017: 326).

⁹⁹ Tradução livre do autor. No original: “the target of intervention as not just the body. The informants’ accounts reveal that the mind was also a target. This was manifested in two key areas: injuries and racing. Injuries are an occupational hazard in any sporting endeavor. The risk of injury is ever present, irrespective of gender and age. Injury can throw an athletic career and identity into doubt.” (Tulle, 2008: 11).

¹⁰⁰ Tradução livre do autor. No original: “A sporting injury involves the serious runner very directly in the negotiation and re-negotiation of her/his identity, and ‘injury time’ can have a highly deleterious impact, whether the athlete is professional or amateur.” (Collinson *et al.*, 2007: 389).

¹⁰¹ Tradução livre do autor. No original: “Practically and functionally, walking on the softer, grassy surface of the parkland helped protect the knee joints from the greater impact generated by road or pavement

Apontam-se, por vezes, situações de elevados níveis de obsessão com esta prática, mas também com situações de depressão causada pelas lesões, ou casos de casamentos que falharam devido à alienação de um dos esposos causados pela dedicação a esta prática (Shipway e Immy, 2008: 70).

4.6 Espaço urbano e seus utilizadores: Relação dos corredores com o espaço urbano e outros utilizadores existentes

Com muita relevância para esta investigação, este é um ponto no qual se pretende discutir a relação que os corredores desenvolvem com os espaços urbanos que se vão apropriando ao longo do seu trajeto e a relação que estes desenvolvem igualmente com outros utilizadores que se cruzam no seu caminho, dando origem a relações de tensão e de conflito, ou a relações de negociação entre os grupos competidores por esse espaço. No entanto, deve-se considerar o praticante de corrida como alguém que não é um sujeito passivo. Bem pelo contrário. Estamos perante um sujeito ativo, que, ao deslocar-se ao longo da sua rota de treino, vai descobrindo novos terrenos e vivendo novas experiências, ao contactar com novos espaços urbanos. Algo que Lorimer deixa vincado na passagem seguinte:

“Eu considero o praticante de corrida de longa-distância como um sensualista altamente realizado, como alguém que acaba por conhecer a variedade do mundo de acordo com o sentimento de texturas de terrenos diferentes – rocha, areia, terra, cimento – e os tipos de ecologia que crescem entre eles. (...) Eu sei isto porque a corrida é a minha maneira preferida para descobrir novos lugares. Eu reconheço isso como uma prática exploratória, uma oportunidade para

walking. On the symbolic level, continuing to tread some of the same routes represented to us our commitment to the training ‘space’ – both geographical and temporal – and ultimately to an eventual restitution to full running fitness. (...) A result of our commitment to walking also corresponds with the category of identity work relating to the arrangement of personal appearance. For, whilst not producing the same cardiovascular effects as running, brisk walking did ensure that we retained the distinctive somatic form of the distance runner, with relatively low levels of body fat. (...) We appreciated greatly their encouragement, empathy and practical advice, but perhaps the most valued element of their support was their continuing perception of us as distance runners and their validation of our running identities.” (Collinson *et al.*, 2007: 390 e 392).

orientar e investir. É possível imaginar esse conhecimento acumulado e compilado como um atlas de memórias.” (Lorimer, 2012: 83)¹⁰².

Focando a atenção na autoetnografia realizado por Collinson (ela própria uma praticante de corrida), é possível perceber como estas relações já aqui destacadas se desenvolvem. Ela explica que os praticantes de corrida, como ela, evitam determinados locais, como, por exemplo, os locais com muito tráfego automóvel ou com pouca iluminação, procurando locais apropriados para essa prática, como sejam os caminhos para peões ou zonas sem tráfego (2008: 46). Recuperando a tríade espacial de Henri Lefebvre, Collinson, de uma forma exemplar e esclarecedora e usando a perspectiva de praticante de corrida, mostra-nos como os praticantes, no geral, percebem, concebem e vivem os espaços:

“O primeiro tipo de envolvimento delineado é o da prática espacial ou do espaço percebido, que no nosso caso envolve a passagem física através/sobre o(s) espaço(s) social(ais) específico(s) conhecido(s) por rotas de formação. O segundo tipo de envolvimento envolve aquilo a que Lefebvre chama representações do espaço ou espaço concebido - espaços sociais que são abstractos e imaginados. Como corredores, envolvemo-nos com representações do espaço através dos nossos pensamentos, ideias, planos, narrativas, e memórias, tais como a partilha de memórias carinhosas de um determinado percurso. A terceira forma de envolvimento, talvez a mais nebulosa na sua formulação, é o que Lefebvre denomina espaços de representação ou espaço vivido: (...) De relevância directa para este artigo é a ideia de que este espaço vivido produz formas específicas de conhecimento, que são os resultados de práticas espaciais e que, por sua vez, informam essas práticas espaciais.” (2008: 46 e 47) (itálico da autora)¹⁰³.

¹⁰² Tradução livre do autor. No original: “I consider the long-distance runner as a highly accomplished sensualist, as someone who comes to know the variety of the world according to the feeling of differently textured terrains – bare rock, sand, soil, concrete – and the kinds of ecology that grow through them. (...) I know this because running is my preferred way to set foot in new places. I reckon it is an exploratory practice, an opportunity for orientating and inveigling. It is possible to imagine such knowledge amassed and compiled as an atlas of memories (Lorimer, 2012: 83).

¹⁰³ Tradução livre do autor. No original: “The first type of engagement outlined is that of *spatial practice* or *perceived space*, which in our case involves physical running through/over the particular social space(s) known to us as training routes. The second kind of engagement involves what Lefebvre calls *representations of space* or *conceived space* – social spaces that are abstract and imagined. As runners, we engage with representations of space through our thoughts, ideas, plans, narratives, and memories, such as sharing fond memories of a particular route. The third form of engagement, perhaps the most nebulous in his formulation, is what Lefebvre terms *spaces of representation* or *lived space*: (...) Of direct relevance to this article is the idea that this lived space produces specific forms of *knowing*, which are the

Há, por isso, uma necessidade de avaliar os espaços por onde os praticantes de corrida podem correr: “Uma componente crucial de certos hábitos de atividades de treino é a avaliação do ambiente no qual o treino tem lugar, pois é através desta atividade interpretativa que linhas de ação individual e conseqüentemente interação social ocorrem.” (Hockey *et al.*, 2006: 70)¹⁰⁴.

Tendo estas ideias presentes, para Collinson, pensado na perspectiva do praticante, um hábito que se tornou rotina são as colisões ou quase-colisões com outros utilizadores, nomeadamente peões (2008: 48). De grande interesse para esta investigação, será importante perceber que informações Collinson recolheu na sua autoetnografia. Segundo os dados recolhidos, “a expectativa dos nossos colegas peões aparentou de que nós, praticantes, devemos tomar responsabilidade primária para evitar qualquer ação” (Collinson, 2008: 48)¹⁰⁵. Foi possível perceber, assim, que na maioria dos casos são os adultos de idade média ou mais velhos que facilitam a passagem dos praticantes, correndo sozinhos ou em grupo, com o extremo oposto a acontecer; ou seja, por norma, são as crianças, adolescentes e cães que não desviam o seu caminho, fazendo-o apenas quando aconselhados por adultos (2008: 49).

Além de terem que se cruzar com outros utilizadores nos mesmos espaços urbanos, existem outros problemas com que os praticantes de corrida têm de deparar, conforme explica Smith: “Uma primeira lição que cada praticante de corrida tem de aprender é como se comportar quando confrontado com os assobios, vaias, anedotas, piadas, insultos, com o ridículo e ameaças ou a atual realidade do ataque físico originado por outros que usam o mesmo espaço público” (2001: 163)¹⁰⁶. No caso do assédio aos

outcomes of spatial practices and which in turn inform those spatial practices.” (Collinson, 2008: 46 e 47) (itálico da autora).

¹⁰⁴ Tradução livre do autor. No original: “A crucial component of such habitual training activity is the evaluation of the environment within it takes place, for it is via such interpretive activity that lines of individual action and subsequently social interaction take place” (Hockey *et al.*, 2006: 70).

¹⁰⁵ Tradução livre do autor. No original: “In majority (...), the expectation of our fellow pedestrian(s) appeared to that we runners should take primary responsibility for any avoidance action” (Collinson, 2008: 48).

¹⁰⁶ Tradução livre do autor. No original: “An early lesson that every runner must learn is how to conduct oneself when confronted with the whistles, catcalls, jokes, mockery, insults, derision and threat or actuality of physical attack originating from others using the same public space.” (Smith, 2001: 163).

praticantes de corrida, segundo as evidências existentes, não é uma prática incomum (Gimlin, 2010: 269) e explica como este fenômeno se processa, tanto para homens, como para mulheres, complementando as ideias de Smith:

“Dada a importância da magreza nos ideais contemporâneos de feminilidade, as acusações de gordura (como outras que acusam as mulheres de exibições de gênero inadequadas) funcionam tanto para envergonhar os seus alvos como para criar uma justificação parcial para o assédio (...). Ou seja, ao afirmar que o seu alvo carece de um corpo masculino adequado e é afectado por uma doença associada a homens homossexuais, acusa o corredor masculino de não conseguir uma auto-apresentação suficientemente sexuada (e, mais uma vez, justifica o comportamento do assediador como uma resposta à impropriedade).” (Gimlin, 2010: 275 e 276)¹⁰⁷.

“Os motoristas que passam podem abrandar, “apitar” com a sua buzina numa tentativa de assustar o corredor, ou os passageiros da viatura podem gritar impropérios através de uma janela aberta. Os corredores principiantes podem achar tal tratamento uma fonte significativa de desconforto, ou mesmo de ameaça. Os corredores mais experientes tendem a ficar inquietos com a incivilidade, mas podem ainda, ocasionalmente, considerá-la uma causa de aborrecimento ou mal-estar. O efeito global, se não a intenção, de tais observações de rua é frequentemente induzir uma sensação de embaraço e irritação, pelo menos momentaneamente, ao tornar-se o alvo inocente da conduta indelicada de outrem.” (Smith, 2001: 170)¹⁰⁸.

Pode parecer estranho este tipo de atitudes perante os praticantes de corrida, mas Gimlin apresenta a sua tese:

¹⁰⁷ Tradução livre do autor. No original: “Given the importance of slimness in contemporary ideals of femininity, accusations of fatness (like others which charge women with inadequate gender displays) function both to shame their targets and to create a partial justification for the harassment (...). That is, by asserting that its target both lacks an appropriately masculine body and is stricken with a disease associated with gay men, it accuses the male runner of failing to achieve a sufficiently gendered self presentation (and again, justifies the harasser’s behavior as a response to impropriety).” (Gimlin, 2010: 275 e 276).

¹⁰⁸ Tradução livre do autor. No original: “Passing motorists may slow down, ‘beep’ their horns in an endeavor to startle the runner, or their passengers may shout abuse through an open window. Beginning runners can find such treatment a significant source of discomfort, even threat. More experienced runners tend to become inured to the incivility but may still on occasion find it a cause of annoyance or unease. The overall effect, if not intention, of such street remarks is often to induce a sense of awkwardness and irritation, momentarily at least, at becoming the innocent target of another’s discourteous conduct.” (Smith, 2001: 170).

“No entanto, nenhuma destas tendências explica porque é que os corredores públicos são tratados como alvos mais aceitáveis de assédio do que, digamos, os indivíduos que participam em desportos como o ciclismo. À semelhança da corrida, o ciclismo é geralmente público. Envolve frequentemente trajes que são mais reveladores do que a roupa de rua normal e que podem chamar a atenção para “falhas” corporais. (...) O assédio aos corredores públicos é sem dúvida moldado por ideologias de classe e género (e presumivelmente também de raça, idade, e capacidade física) (...). No entanto, o assédio aos corredores públicos é também, diria eu, motivado pela sua percepção de uma “excessiva” auto-evolução.” (2010: 277 e 279)¹⁰⁹.

Situações desta natureza e deste tipo contrariam a ideia de “desatenção civil”, de que Erving Goffman fala. Ou seja, ao notar-se a presença de praticantes de corrida em determinados espaços urbanos, estes poderão ser alvo de ataques verbais por outros utilizadores, ao contrário da perspetiva de Goffman:

“Atualmente, na nossa sociedade, este tipo de tratamento é para ser construtivo com o tipo geralmente sentido como mais adequado na maioria das situações, que aqui será chamado de “desatenção civil”. O que parece estar em causa é que um dá a outro um aviso visual suficiente para demonstrar que um aprecia que o outro está presente (e que admite abertamente tê-lo visto), enquanto no momento seguinte lhe retira a atenção de modo a expressar que não constitui um alvo de curiosidade ou desenho especial. (...) De acordo com a desatenção civil, o indivíduo implica que não tem motivos para suspeitar das intenções dos outros presentes e não tem motivos para temer os outros, ser hostil a eles, ou desejar evitá-los. (...) Isto demonstra que ele não tem nada a temer ou evitar em ser visto e em ser visto dando-se conta disso, e que não tem vergonha de si próprio ou do lugar e companhia em que se encontra.” (Goffman, 1963: 84)¹¹⁰.

¹⁰⁹ Tradução livre do autor. No original: “However, neither of these tendencies explains why public runners are treated as more acceptable targets of harassment than, say, individuals who take part in sports like cycling. Similar to running, cycling is generally public. It often involves attire that is more revealing than normal street clothes and might draw attention to bodily “flaws”. (...) The harassment of public runners is undoubtedly shaped by ideologies of class and gender (and presumably of race, age, and physical ability as well) (...). Yet the harassment of public runners is also, I would argue, motivated by its perceived display of an “excessive” self-involvement.” (Gimlin, 2010: 277 e 279)”.

¹¹⁰ Tradução livre do autor. No original: “Currently, in our society, this kind of treatment is to be contrasted with the kind generally felt to be more proper in most situations, which will here be called “civil inattention”. What seems to be involved is that one gives to another enough visual notice to demonstrate that one appreciates that the other is present (and that one admits openly to having seen him), while at the next moment withdrawing one’s attention from him so as to express that he does not constitute a target of special curiosity or design. (...) By according civil inattention, the individual implies that he has no reason to suspect the intentions of the others present and no reason to fear the others, be hostile to them, or wish to avoid them. (...) This demonstrates that he has nothing to fear or avoid in being seen and being seen seeing, and that he is not ashamed of himself or of the place and company in which he finds himself.” (Goffman, 1963: 84).

Todavia, Goffman também admite que situações como as já referidas acima possam ocorrer, estando, no entanto, dependentes das regras de conduta face a face em determinadas comunidades (1967: 147). Ora, tendo presente estas situações, os praticantes de corrida têm de se ir moldando aos vários ambientes que encontram, à medida que atravessam os vários espaços urbanos, durante a sua prática. Dessa forma, o corpo do praticante “ajusta-se ao que é visto e entendido à medida que ela/ele se move ao longo da rota do treino.” (Hockey *et al.*, 2006: 73)¹¹¹. É possível entender, igualmente, que existem potenciais tensões e conflitos quando estes praticantes passam por determinados utilizadores, sendo, por isso, necessário criar estratégias para evitar esses potenciais perigos. Hockey *et al.* explicam que perigos são esses e como os praticantes os tentam evitar:

“Consequentemente, os corredores tornam-se extremamente conscientes de locais específicos (clubes, bares) nas suas rotas de corrida, onde existe um risco potencial de tal tipo de abuso. Juntamente com este tipo de ameaça, existe outra ameaça mais prevalente ao bem-estar dos corredores. Isto é gerado por uma amálgama de perigos - por exemplo, ciclistas, veículos e seus proprietários, a população canina e certas características físicas do próprio terreno de corrida. Visto da perspectiva do corredor, esta amálgama de características alberga sempre o potencial de provocar lesões atléticas, com a consequente perda de tempo de treino e de corrida. (...) Os pontos perigosos no percurso (cruzamentos de tráfego intenso, caminhos de acesso escondidos, caminhos de passeio de cães muito utilizados, etc.) são os identificados e categorizados pelos corredores. Além disso, a biografia de cada corredor individual influencia necessariamente os tipos de perigo percebidos e identificados.” (2006: 77)¹¹².

¹¹¹ Tradução livre do autor. No original: “The runner’s body adjusts to what is seen and understood as s/he moves over the training route”. (Hockey *et al.*, 2006: 73).

¹¹² Tradução livre do autor. No original: “Runners consequently become acutely aware of particular sites (clubs, pubs bars) on their running routes, where there is potential risk of such kind of abuse. Along with this kind of menace there exists another more prevalent threat to runners’ well-being. This is generated by an amalgam of hazards – for example, cyclists, vehicles and their owners, the canine population and certain physical features of the running terrain itself. Viewed from the perspective of the runner, this amalgam of features always harbours the potential for provoking athletic injury, with the consequent loss of training and racing time. (...) Hazardous points on the route (busy traffic intersections, hidden driveways, heavily used dog-walking paths, and so on) are the identified and categorized by runners. In addition, the biography of each individual runner necessarily influences the kinds of hazard perceived and identified.” (Hockey *et al.*, 2006: 77).

Tal como se falou no capítulo anterior, quando se abordou o conceito de apropriação de espaço urbano, também os praticantes de corrida sentem que a sua prática é ameaçada pelos utilizadores que circulam nos mesmos espaços urbanos, podendo gerar tensões ou mesmo conflitos entre os praticantes de corrida e os outros utilizadores (peões, automóveis, ciclistas, cães, entre outros exemplos).

Mas, estas tensões e conflitos não acontecem apenas quando os praticantes de corrida correm individualmente. Também ocorre quando estes praticantes se juntam e correm em grupo, nos mesmos trajetos de treino, e, por isso, nos mesmos espaços urbanos onde também correm individualmente. Fala-se por isso na “multidão” ou “grupo”, como Robert Park destaca:

“A multidão é tanto a forma original como a geral do grupo humano. (...) Na multidão, a pessoa simples ou ignorante perde os seus sentimentos de insignificância, que são substituídos pela ideia de poder ilimitado. (...) . O que é essencial nesta concepção da multidão não é apenas o facto de aqui os sentimentos e desejos de um certo número de pessoas serem mutuamente modificados, promovidos e inibidos. Também é importante que todo o processo tenha um único e mesmo objectivo; a unidade resultante é teleológica. É isto que se entende quando a psicologia colectiva atribui uma mente à multidão. Nela reside a existência real do grupo.” (Park, 1972: 10, 16 e 22)¹¹³.

Seja como prática individual, seja como prática de grupo, a corrida é uma atividade urbana que não é inerente a tensões e conflitos entre os utilizadores dos espaços urbanos públicos. Esta é uma atividade que também pode ser praticada nas passadeiras dos ginásios. Mas que o é cada vez mais realizada no exterior. Invariavelmente, tensões e conflitos entre os praticantes de corrida e os outros utilizadores dos mesmos espaços surgem pela competição da apropriação desses mesmos espaços.

¹¹³ Tradução livre do autor. No original: “The crowd is both the original and the general form of the human group. (...) In the crowd, the simple or ignorant person loses his feelings of insignificance which are replaced by the idea of unlimited power. (...) . What is essential in this conception of the crowd is not only the fact here the feelings and desires of a number of people are reciprocally modified, promoted, and inhibited. Also important is that the entire process bears upon one and the same goal; the resulting unity is teleological. This is what is meant when collective psychology attributes a mind to the crowd. In it resides the real existence of the group.” (Park, 1972: 10, 16 e 22).

Em conclusão deste capítulo, salientamos que a prática da corrida se tem vindo a popularizar um por pouco por toda a parte, com benefícios, sobretudo, ao nível da saúde, mas também com o aumento do prestígio de quem corre, sobretudo se for associado a conquistas desportivas. Tulle, através do estudo que realizou, apresenta sucintamente as suas ideias sobre a prática de corrida:

“A corrida não é, portanto, uma mera actividade de lazer, mas um processo muito mais abrangente, envolvendo a realização de vários tipos de capital, do qual o próprio corpo é uma parte constitutiva e para o qual a aposta é a capacidade de reivindicar uma identidade atlética, não diminuída pela idade.” (2007: 336)¹¹⁴.

Hitchings *et al.*, em conclusão ao seu estudo, sintetizam várias das ideias anteriormente referidas neste capítulo da tese:

“Em primeiro lugar, a corrida recreativa é social, na medida em que é um modo de exercício físico amplamente reconhecido como uma forma prática de exercício e como uma atividade em que não existe obviamente uma forma 'certa' ou 'errada' de fazer as coisas. (...) Em segundo lugar, embora a corrida recreativa seja uma atividade que é em grande parte realizada sozinha, é ainda assim algo que se realiza na presença de outros. A presença de outros, quer sigam praticantes ou pessoas envolvidas noutras actividades, proporciona uma série de socialidades, que de forma variada ajuda os corredores a permanecer na tarefa, proporciona distrações e oferece uma sensação de estar envolvido nos ritmos comunitários do seu bairro. (...) Em terceiro lugar, e partindo do primeiro e segundo pontos, muitos corredores recreativos oscilam entre períodos em que a sua corrida é orientada para corridas divertidas ou eventos de corrida em massa, e períodos em que a sua corrida é menos obviamente orientada para o social.” (2017: 342)¹¹⁵.

¹¹⁴ Tradução livre do autor. No original: “Running is therefore not a mere leisure activity but a much more comprehensive process, involving the achievement of several types of capital, of which the body itself is a constitutive part and for which the stake is the ability to claim an athletic identity, undiminished by age.” (Tulle, 2007: 336).

¹¹⁵ Tradução livre do autor. No original: “Firstly, recreational running is social in as much as it is a mode of physical exercise that is widely recognized as a practical way of exercising and as an activity in which there is no obviously ‘right’ or ‘wrong’ way of doing things. (...) Secondly, whilst recreational running is an activity that is largely undertaken alone, it is nonetheless still something that takes place in the presence of others. The presence of others, be they follow exercisers or people involved in other activities, affords a range of socialities, that variously helps runners remain on task, provides distractions, and offers a sense of being involved in the communal rhythms of their neighborhood. (...) Thirdly, and building on the first and second points, many recreational runners swing between periods when their running is oriented

No entanto, a literatura revista e aqui referenciada retrata esta prática desportiva como se fosse uma prática que é realizada em qualquer período do dia, não especificando se é realizada durante o dia ou se, pelo contrário, é realizada durante a noite. É neste sentido que se coloca a problemática desta investigação, que se desenvolve no capítulo seguinte.

towards fun runs or mass participation running events, and periods when their running is less obviously oriented towards the social.” (Hitchings *et al.*, 2017: 342).

5. Problemática e Metodologia

5.1. Definição de Problemática

Foi possível perceber, em capítulos anteriores, que uma atividade tão popular como é a corrida é percecionada como tendo impacto na saúde e na vida das pessoas. A essa ideia, poderemos também acrescentar o facto de esta prática se poder potencialmente constituir como forma de apropriação de espaços urbanos. Seja individualmente, seja em grupo, os corredores, ao correr em determinado local ou locais, aquando da sua passagem, vão-se apropriando desses espaços em concreto. No entanto, esta prática, além de ser popular durante o dia, também se tem vindo a tornar muito popular durante a noite, havendo evidências do aumento dos praticantes que correm à noite.

É cada vez mais comum atravessar várias ruas das cidades e ver pessoas a correr, individualmente ou em grupo (Latham, 2015: 104), sendo que a prática noturna se processa sobretudo na forma grupal ou, no mínimo, em pares. Este fenómeno é de tal maneira significativo que estes corredores se auto designam por “night runners” (em português, corredores noturnos). Contudo, estes corredores não praticam a sua atividade propriamente em espaços urbanos convencionados para a prática da corrida. É preciso ter presente que muitas destas práticas se desenvolvem em espaços urbanos que não foram idealizados para tal, desafiando-se por isso, através da prática, o uso e as representações desses mesmos espaços (Adamkiewicz, 1998: 57; Augustin, 2001: 27; Wasser, 1998: 59). O contrário é igualmente válido, ocorrendo uma recusa dos espaços convencionados para o uso. É o caso dos parques urbanos, que inicialmente foram planeados para concentrar várias atividades urbanas num só local, como é o caso da corrida, acabando por surtir o efeito desejado, uma vez que durante o período noturno o sentimento de segurança é menor e, por isso, esta prática acaba por se desenvolver noutros espaços urbanos:

“Embora estas questões sejam mais vastas do que as relativas à economia noturna, elas revelam que o desporto e o exercício da participação e do

espetador são atualmente componentes subutilizadas do mesmo. Por exemplo, o parque principal de Parramatta, com a sua combinação de instalações para desporto e exercício estruturado e não estruturado, e para a assistência de atividades desportivas, é utilizado apenas ocasionalmente para grandes eventos e é considerado por muitos residentes como inapto e perigoso após o anoitecer.” (Rowe *et al.*, 2008: 30)¹¹⁶.

É possível apresentar, tendo presente as discussões anteriores, uma primeira definição de “night runners”, como sendo um grupo de praticantes de corrida que, em grupo e durante durante o período noturno, correm fora dos espaços desportivos convencionais, apropriando-se de outros espaços urbanos, interagindo com outros utilizadores desses mesmos espaços, como, por exemplo, peões, automobilistas, ciclistas, motociclistas, praticantes de *parkour*, *graffiters*, entre outros. Poderemos, igualmente, pensar esta prática de corrida como um “desporto alternativo”, sobretudo porque esta é uma prática que corresponde a critérios muito particulares para a sua prática (Honea, 2007: 4661) e que, em alguns casos, a torna próxima de uma subcultura.

Os corredores noturnos são grupos de corrida que têm vindo a emergir nas cidades de Portugal, sendo vistos como um fenómeno recente e ainda bastante desconhecido da sociologia e dos gestores urbanos. Quem são estes “night runners” e porque correm à noite é uma incógnita, ao mesmo tempo que se questiona que consequências estão a surgir, ou podem emergir, por via dos efeitos de apropriação dos espaços urbanos que este grupo concretiza no período noturno, não esquecendo que esses mesmos espaços urbanos já estão apropriados por outros utilizadores. Tal como durante o dia, também durante a noite existem tensões e conflitos entre os utilizadores do espaço, como vincado por Carvalho *et al.*: “Este uso alternativo do espaço urbano provoca, no entanto, alguns conflitos, nomeadamente, em áreas comerciais movimentadas, onde existe o risco de choque com outras pessoas e veículos.” (2008: 433).

¹¹⁶ Tradução livre do autor. No original: “While these issues are greater than those concerning the night-time economy, they reveal that sport and exercise participation and spectatorship are currently under-utilised components of it. For example, Parramatta’s main park, with its combination of facilities for structured and unstructured sport and exercise, and sport spectatorship, is utilized only occasionally for major events and is regarded by many residents as unappealing and dangerous after dark.” (Rowe *et al.*, 2008: 30).

É por isso importante ter em consideração a presença simultânea de outras pessoas nas ruas das nossas cidades que, não estando a correr, se cruzam com os corredores, e conferir atenção às possíveis tensões que se podem criar entre os vários utilizadores (Gwiazdzinski, 2015: 4), como os peões ou automobilistas, num contexto em que a circulação pedestre é cada vez mais difícil (Gehl, 2010: 6 e 9); ou mesmo com outras práticas urbanas, como o *graffiti* e o *parkour* (Ferro, 2015: 178; de la Torre *et al.*, 2016: 125). Como nos refere Park, a cidade tem hábitos e normas sociais orientadores:

“O facto é que, no entanto, a cidade é marcada por hábitos e pelos costumes das pessoas que habitam nelas. A consequência é que a cidade possui uma moral assim como uma organização física, e estas duas interagem mutuamente de maneiras semelhantes para moldar e para se modificarem uma à outra.” (Park, 1915: 578)¹¹⁷.

Podemos partir do conceito de “regiões morais”, para usar a expressão de Robert Park, para caraterizar este grupo de corredores que têm em comum o seu gosto pela corrida e pelos proveitos que isso lhe pode trazer, ao mesmo tempo que prevalece, no espaço da prática, um código moral divergente (1967: 65) ao estabelecido para o uso dos espaços urbanos. No fundo, estamos perante uma contestação às normas urbanas que tinham sido estabelecidas através do planeamento urbano. Estanto, por outro lado, perante uma reinterpretação e uma recreação dos espaços urbanos pelos seus utilizadores:

“Os habitantes das cidades começam, então, a reinterpretar o espaço urbano e as atividades que nele se desenvolvem. Passeios, ruas, parques, espaços livres entre edifícios, são usados como local de prática de desportos de forma informal. Por conseguinte, o carácter funcional da relação entre os praticantes de desportos alternativos urbanos e a construção do ambiente envolvente não pode ser ignorado. O conhecimento que estes sujeitos têm da ‘rua’ torna-os conhecedores das questões urbanas sem que alguma vez tenham lido algum livro sobre urbanismo. Os praticantes destes desportos são constantemente desafiados a pensar a cidade, os seus quarteirões e os seus habitantes, fazendo-o crítica e ativamente. Na sua deambulação pela cidade, transportam consigo

¹¹⁷ Tradução livre do autor. No original: “The fact is, however, that the city is rooted in the habits and customs of the people who inhabit it. The consequence is that the city possesses a moral as well as a physical organization, and these two mutually interact in characteristic ways to mold and modify one another.” (Park, 1915: 578).

a faceta humana da urbe, fazendo ressurgir a cidade”. (Carvalho *et al.*, 2008: 433).

Como referido, pode pensar-se este grupo como estando enquadrado na ideia de Robert Park, quando este nos fala de “multidão”. Não como um agregado de pessoas separadas nas ruas das cidades, mas como um conjunto de pessoas que partilham um “espírito coletivo” ou um “desejo comum”, agindo todos juntos em prol dos desejos que partilham (Shils, 1990: 96).

Nesta linha de pensamento, pensando os “night runners” como um grupo que desafia as normas morais e o planeamento urbano - questionando as opções do planeamento - e hipotizando uma possível relação conflitual com outros utilizadores urbanos, anteriormente referidos, pode partir-se de uma ideia de circuito, que reúne vários atores sociais e que atuam de forma relacionada entre si, o que nos permitirá responder à questão de partida desta investigação:

“O circuito passa, assim, a abrigar diversas classes de atores, inclui os espaços onde ocorrem suas práticas e se pauta pelo calendário de sua realização. Não se trata apenas de identificar pessoas, objetos, locais, estilos e marcas que estão em relação por compartilharem determinados interesses, valores, práticas: o que torna vivo o circuito é a movimentação dos atores, que pode ser apreciada, por exemplo, nos eventos, celebrações, rituais coletivos, etc. (...). Circuito, neste caso, permite juntar, num mesmo conjunto, terreiros e ilés ligados por filiações entre seus participantes; identificar conflitos e observar passagens de membros de um para outro; registrar obrigações e quebra de lealdades, acompanhar fofocas e maledicências, disputas e, alianças. (...) Em ambos os casos, o circuito não é dado de antemão, mas construído: são os trajetos dos atores sociais que criam, mobilizam e o tornam vivo, assim como é o observador que circunscreve, põe em contato e articula determinadas dimensões desse circuito no curso de sua etnografia.” (Magnani, 2014: 4, 6 e 10) (itálico do autor).

Robert Park, enquanto sociólogo, valorizava muito a ida ao terreno para observar as condutas e as experiências dos seres humanos, nas suas vidas normais (Shils, 1990: 96). Essa perspetiva e o valor heurístico que reconhecemos à noção de ‘circuito’, tal como nos é apresentada por Magnani (1992b; 2014), convida a olhar a relação dos “night runners” com o espaço urbano que por eles é apropriado, as formas de partilha com os outros utilizadores do espaço e o modo como o circuito é construído por via de negociações e de disputas.

5.2 Perspetiva Epistemológica: O Construtivismo como orientador da investigação

Émile Durkheim, entre os vários contributos que deu à Sociologia, defendeu nas suas obras que factos sociais são explicados por factos sociais. Durkheim, numa das suas obras mais reconhecidas, *As Regras do Método Sociológico*, aponta claramente uma definição, que eternizou, do que são factos sociais:

“Facto social é toda a maneira de fazer, fixada ou não, susceptível de exercer sobre o individuo uma coerção exterior: ou então, que é geral no âmbito de uma dada sociedade tendo, ao mesmo tempo, uma existência própria, independente das suas manifestações individuais” (Durkheim, 2010: 47) (itálico do autor).

Neste âmbito, os “night runners”, enquanto fenómeno social emergente, específico e distinguível de outros fenómenos, bem como a apropriação que fazem dos espaços urbanos - configurando um facto social, com consequências positivas e negativas, que têm forçosamente efeito nas interações sociais com outros utilizadores dos mesmos espaços urbanos e nas representações e narrativas sobre esses mesmos espaços – constituem-se como o objeto empírico desta tese.

Contudo, antes de selecionar a melhor forma de orientar a pesquisa que se pretende desenvolver, existe uma questão importante que há que definir à partida: Qual a perspetiva epistemológica que esta investigação irá adotar? Será mais adequado adotar uma posição positivista, relativista ou construtivista? No caso desta pesquisa, sem dúvida, a perspetiva escolhida é a do construtivismo. Mas, o que entendemos concretamente por construtivismo e quais as razões para seguir esta via? Sem pretender esgotar essa discussão e procurando ser muito sucintos, partimos para uma breve reflexão que nos permite situar a problemática.

Para o construtivismo, os factos encontrados na investigação são criações humanas, na perspetiva realçada por Magnani (2014). Nessa medida, os objetivos da pesquisa partem de uma ideia de construção de conhecimento que ainda não existe.

*“Geralmente, dizer que algo é *construído* é dizer que esse algo não estava simplesmente lá para ser encontrado ou descoberto, mas sim que foi *fabricado*,*

trazido à existência pela atividade intencional de alguém num dado momento de tempo. E dizer que foi *socialmente* construído é acrescentar que foi fabricado por uma sociedade, por um grupo de pessoas organizadas de um modo particular, com valores, interesses e necessidades particulares” (Boghossian, 2012: 35) (itálico do autor).

Segundo esta perspectiva, o conhecimento é construído socialmente (Boghossian, 2012: 38; Castañon, 2004: 71; Castañon, 2005: 39), resultando de conversações e de práticas sociais partilhadas pelos atores sociais (Ageeva, 2016: 1). Significa, por isso, que a sociedade é um produto da interação humana, sendo produzida ao longo do tempo (Swatos Jr., 2007: 686).

Como nos lembram Lievens *et al.*, o construtivismo tem um papel central na construção da ciência: “Em outras palavras, nós necessitamos de reconhecer que toda a ciência é baseada em práticas sociais de conhecimento, que não são a base para a refutação de ciência, mas que deve levar a mais reflexividade da parte da comunidade científica” (Lievens *et al.*, 2018: 82)¹¹⁸. Não existindo conhecimento científico específico sobre os “night runners”, pretende-se, sem prejuízo de inferências por aproximação temática, criar um conhecimento que ainda não existe.

Ao contrário das formas mais convencionais de pesquisa, em que se parte de uma hipótese geral e de hipóteses específicas, o recurso ao construtivismo leva à adoção de uma abordagem indutiva. Por isso, não existem hipóteses a serem testadas, partindo-se de ideias que se tem sobre o fenómeno a partir de outros fenómenos que são considerados os mais próximos. No caso dos “night runners”, entendemos, com cada um dos capítulos anteriores, fixar ângulos de abordagem, que nos fornecem ideias gerais sobre o fenómeno.

Em termos de técnicas metodológicas, recorreremos a técnicas que se baseiam, sobretudo, na conversação com os atores sociais que participam no fenómeno a ser estudado, ao mesmo tempo que se interpreta aquilo que se vê. Neste caso, as técnicas metodológicas usadas, e conforme se verá mais à frente, são técnicas que levaram o

¹¹⁸ Tradução livre do autor. No original: “In other words, we need to acknowledge that all science is based on social practices of construction, which are not a basis for refuting science, but which should lead to more reflexivity on the part of the scientific community” (Lievens *et al.*, 2018: 82).

investigador a conversar com os atores sociais, nomeadamente com os “night runners”. No entanto, também foram aplicadas outras duas técnicas que permitiram uma interpretação do fenómeno no seu meio ambiente; ou seja, interpretando toda a relação que os “night runners” estabelecem com os espaços urbanos que se vão apropriando à medida que vão executando a sua prática, mas também todas as relações que estabelecem com os outros utilizadores desses mesmos espaços urbanos, já anteriormente identificados (peões, automobilistas, ciclistas, etc).

Com a análise e a interpretação dos dados recolhidos, por via da triangulação de dados efetuada, pretendeu-se captar e atribuir sentidos às descobertas. Especificamente, pretendeu-se perceber porque é que os praticantes se chamam e se assumem como “night runners”; o que faz com que um praticante de corrida seja considerado um “night runner”; mas, igualmente, perceber porque correm em determinados espaços urbanos e a relação que desenvolvem com esses espaços; e, por fim, a relação que desenvolvem com os outros utilizadores desses mesmos espaços urbanos.

Por essa via, na fase das conclusões desta investigação, pretendeu-se compreender o que é um “night runner”, trazendo para o campo do conhecimento sociológico uma definição deste fenómeno, mas também entender as consequências, positivas ou negativas, da relação dos “night runners” com os espaços urbanos que vão sendo apropriados ao longo da prática da corrida noturna. No fundo, numa ambição mais geral, pretendeu-se compreender o papel das práticas desportivas contemporâneas e emergentes nas nossas cidades e dar um contributo para o enquadramento de uma urbanização desportiva, em que aos projetos urbanos que favorecem o desenvolvimento de práticas noturnas, designadamente desportivas, se juntem os desafios de práticas emergentes para soluções urbanísticas que as acolham e as promovam possam ser equacionadas.

5.3. Objetivos de investigação

A questão de partida para esta investigação é, relembramos, a seguinte: até que ponto os designados corredores noturnos se constituem como suporte de sociabilidades emergentes que têm consequências nos modos de usar e de representar a cidade?

A esta questão, associa-se o seguinte objetivo geral:

- Compreender como o grupo dos “night runners” se constitui como suporte de sociabilidades com consequências nos modos de usar e de representar a cidade.

Para este objetivo geral, foram estabelecidos sete objetivos específicos a serem atingidos, designadamente:

- Inferir as características sociodemográficas dos “night runners” de modo a testar a hipótese da heterogeneidade social e da segregação social do espaço urbano por grupos diferenciados;
- Analisar as motivações (ligadas à saúde, sociabilidades predominantes, entre outros) para a prática de corrida em ambiente urbano e no período noturno dos “night runners”;
- Mapear os espaços urbanos que são percorridos pelos “night runners” aquando da prática de corrida e destacar narrativas relativas a esses espaços;
- Perceber a existência de possíveis tensões entre os “night runners” e outros utilizadores dos espaços urbanos, aquando da prática de corrida;
- Identificar a possível negociação dos espaços urbanos entre os “night runners” e outros utilizadores;
- Entender de que forma o uso dos espaços urbanos pelos “night runners” ajuda a transformar o uso e representações desses mesmos espaços;
- Cotejar as formas de apropriação e de representação das cidades deste grupo com subculturas de raiz urbana (praticantes de *parkour*, *graffiters*, entre outros).

5.4. Operacionalização de Conceitos

Relativamente aos conceitos, que são abstrações que devem ser definidas antes de se fazer a recolha de dados, a sua operacionalização é igualmente importante, uma vez que permite estabelecer as suas dimensões e os seus indicadores. Enquanto as dimensões são as várias faces nas quais o conceito se pode desdobrar, os indicadores são os elementos que são passíveis de serem observados e que permitem medir as dimensões dos conceitos.

No caso desta pesquisa empírica, foram operacionalizados dois conceitos. O conceito de “night runners” e o conceito de “apropriação de espaço urbano”.

TABELA 1: OPERACIONALIZAÇÃO DO CONCEITO “NIGHT RUNNERS”

Conceito	Dimensões	Indicadores
“Night Runners”	Caraterização sociodemográfica	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Sexo dos corredores ❖ Ano de nascimento ❖ Estado civil ❖ Nacionalidade ❖ Localidade de residência ❖ Grau de escolaridade ❖ Ocupação Profissional (Conta de outrem, Conta própria, etc.)
	Motivação	<ul style="list-style-type: none"> ❖ Motivos para o início da prática de corrida; ❖ Motivos para a continuação da prática de corrida ❖ Motivos para a prática de corrida durante a noite ❖ Importância da corrida na vida dos praticantes

TABELA 2: OPERACIONALIZAÇÃO DO CONCEITO “APROPRIAÇÃO DE ESPAÇO URBANO”

Conceito	Dimensões	Indicadores
Apropriação de Espaço Urbano	Utilizadores	❖ Utilizadores que frequentam esses espaços (corredores, peões, ciclistas, automóveis, etc.);
	Espaço	❖ Que espaços/ruas percorrem durante a sua prática; ❖ Circuito único ou vários circuitos (Praticantes usam um circuito único todas as noites ou têm circuitos diferentes de cada vez que vão correr)
	Uso	❖ Tipos de uso para determinado espaço urbano (por exemplo, estrada onde passam automóveis, aproveitada pelos corredores, passeio e estrada usados pelos corredores, etc.);
	Representações	❖ Tipos de representações associadas com determinados espaços (por exemplo, rua com pouco movimento torna-se local privilegiado de passagem de corredores);
	Negociação	❖ Tipo de prioridade dada entre utilizadores do mesmo espaço urbano (por exemplo, no encontro entre peões e corredores no mesmo passeio, quem passa para a estrada; Na mesma rua, peões param para deixar passar os corredores, por exemplo);
	Tensões	❖ Momentos em que nenhum dos utilizadores abdica do espaço que ocupa (por exemplo, num encontro próximo entre peões e corredores, nenhum dos grupos cede a passagem ao outro ou se desvia, por exemplo);
	Conflitos	❖ Momentos em que possam ocorrer agressões verbais e/ou físicas entre utilizadores (por exemplo, corredores que vão na estrada são insultados por automobilistas).

5.5. Abordagem metodológica e respetivas técnicas

Para esta investigação, e perante a falta de literatura sociológica específica sobre esta temática, pretende-se seguir uma abordagem indutiva, na qual se “toma como ponto de partida os dados, construindo a partir deles as categorias e a partir destas a teoria” (Moraes, 1999: 16). Esta abordagem, tributária da teoria ancorada (Grounded Theory), tem como principal objetivo não “testar hipóteses, mas construir uma compreensão dos fenômenos investigados” (*idem*).

Para atingir os objetivos deste projeto de investigação, pretende-se usar, um estudo de caso. Como aponta Bell, o estudo de caso “proporciona uma oportunidade

para estudar, de uma forma mais ou menos aprofundada, um determinado aspecto de um problema”. (1993: 23).

Como terreno empírico, foi selecionada a cidade de Coimbra. Conhecida como a “Cidade dos Estudantes”, pela sua universidade histórica e com o reconhecimento em anos recentes com a distinção de Património Mundial da UNESCO, esta é uma cidade que além de ter grande número de estudantes, tem um grande número de turistas que a frequentam, além dos próprios habitantes que a compõem (cerca de 140 mil no concelho). Além disso, em Coimbra encontra-se um dos grupos de corredores noturnos com maior dimensão, em termos de participantes, já com alguns anos de existência e com uma forte presença nas redes sociais, nomeadamente no Facebook¹¹⁹. Tendo isto em consideração, tornou-se fulcral estudar o grupo principal que compõe este fenómeno nesta cidade, sendo o caso de estudo sobre o grupo de corrida “Night Runners Coimbra”.

O grupo “Night Runners Coimbra” surgiu em novembro de 2013, no âmbito de um projeto elaborado por alguns estudantes numa unidade curricular da Licenciatura em Desporto e Lazer, da Escola Superior de Educação de Coimbra, com o objetivo de criar alternativas para a prática de desporto, sobretudo para as pessoas que tivessem menos tempo para a sua prática durante o dia. O projeto cresceu de tal maneira que, passados alguns anos, este projeto passou a envolver todos os três anos de licenciatura, com a maior responsabilidade a ser atribuída ao terceiro ano. São também estes estudantes que surgem como os organizadores dos grupos de corrida que se juntam no dia estabelecido (todas as quartas-feiras, às 21h30), marcando o ritmo e delineando os trajetos a serem feitos, à medida que se vai correndo. Desde o seu início e até agora (março de 2020), este grupo oferece duas possibilidades: caminhada e corrida, sendo que a corrida se desdobra, num grupo médio e num grupo rápido, em termos de ritmos da prática. Apesar de a caminhada aparecer como alternativa à prática de corrida, numa lógica mais inclusiva, os praticantes desta prática mais lenta não são considerados “night runners” pelos próprios organizadores do grupo.

¹¹⁹ No dia 5 de novembro de 2018, a página de Facebook deste grupo - <https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA> - já continha 12 346 gostos, com os registos a subir acima dos 13 500 gostos em março de 2020, no período de encerramento do trabalho de campo.

Este é um grupo que se reúne todas as semanas e que percorre várias ruas de Coimbra, estando sempre aberto o convite a quem queira acompanhar, sobretudo através da publicidade via redes sociais. Tendo este grupo alguma dimensão (em média, correm entre 20 a 50 atletas por cada sessão), e apesar de a corrida ser uma prática individualizada, os “night runners” preferem a prática em grupo. A dimensão deste grupo é tal, que algumas superfícies comerciais ligadas ao comércio de material de desporto já contactaram os organizadores, de forma a que a atividade deixasse de ser uma responsabilidade dos estudantes para passar a ser organizada pelas marcas que essas lojas representam, algo que não foi aceite até ao momento da escrita da tese. Estas razões, aliadas à proximidade e facilidade de abordagem do objeto de estudo, tornam Coimbra uma cidade interessante para estudar o fenómeno dos “night runners” e a sua relação com o espaço urbano.

Pretendeu-se usar, essencialmente, uma abordagem metodológica mista; ou seja, recorrendo a uma abordagem metodológica de cariz quantitativo e a uma abordagem metodológica de cariz qualitativo. Como tal, foi usada uma abordagem quantitativa exploratória, por via da realização de inquéritos por questionário a elementos do grupo. Ao mesmo tempo que se usou uma abordagem qualitativa, realizando-se uma vídeo-etnografia durante a execução das práticas. Acrescenta-se também, e como forma de complemento a esta análise, a aplicação de uma netnografia; a realização de uma observação não-participante; e a concretização de uma sessão de brainstorming.

A realização dos inquéritos por questionário prendeu-se com a necessidade de caracterizar sumariamente este grupo de atletas. Buscava-se o objetivo de caracterizar socio demograficamente o grupo, mas igualmente perceber as motivações para a prática de corrida, assim como as motivações para a mesma prática durante o período noturno, como, por exemplo, motivos de saúde, de estabelecimento de sociabilidades, de diversão, etc. Não se apontava um número de inquéritos a serem respondidos, uma vez que não era possível identificar de forma exata, quantas pessoas fazem parte do grupo, usando-se, por isso, o critério da saturação. Ou seja, foram aplicados inquéritos até que “o acréscimo de dados e informações em uma pesquisa não altera a compreensão do fenómeno estudado”. (Thiry-Cherques, 2009: 21).

Quanto à vídeo-etnografia, trata-se de uma metodologia diferente das habituais etnografias (observação participante, por exemplo), uma vez que o investigador está presente e não está presente. O investigador vê e não vê, ouve e não ouve. Como defende Pink, o uso do vídeo permite formas diferentes de olhar o mesmo objeto (2001a: 595). Permite captar momentos fugazes em experiências móveis e contínuas (Spinney, 2011: 163). Esta técnica de observação permite igualmente captar a forma como as pessoas constroem as suas identidades, com impacto nas relações sociais que desenvolvem com outras pessoas (Pink, 2001b: 36). Permite identificar construções e sociabilidades concretizadas na mobilidade, ajudando a ultrapassar a cegueira e a surdez das ciências sociais em relação à sua capacidade em retratar as práticas sociais que ocorrem no tempo e no espaço da mobilidade. Construções essas que estão relacionadas com o que se pretendeu captar com a utilização desta técnica de observação das práticas de corredores noturnos. Com o recurso a esta técnica, pretendeu-se acompanhar os trajetos realizados pelos corredores noturnos, durante todo o tempo em que decorre a prática da corrida, desde o ponto de partida até ao ponto de chegada. A motivação para a aplicação desta técnica metodológica prende-se, em primeiro lugar, com motivações pessoais. O investigador não reúne condições de saúde que lhe permitam correr com o grupo e fazer uma etnografia através de observação participante. Todavia, mais que um problema a ser resolvido, esta situação foi encarada como uma oportunidade, uma vez que permite trazer para a observação sociológica uma técnica metodológica emergente que ainda é muito pouco utilizada. Mais que pioneira, esta é uma técnica inovadora, já muito usada na antropologia social, mas raramente na sociologia.

Para a aplicação desta técnica, e em todas as sessões, beneficiámos da disponibilidade de um voluntário que, correndo, transportou consigo uma pequena câmara portátil, acoplada à cabeça, gravando todo o percurso que ia sendo realizado pelos corredores. Cada gravação efetuada permitiu, não só registar o percurso realizado em cada sessão, mas também observar a circulação de outros utilizadores nos mesmos espaços urbanos, modalidades de interação e de negociação nos espaços percorridos, e dar conta dos tipos de relações que se desenvolvem entre atletas e outros utilizadores

(negociação/tensão/conflito), entre outros aspetos que foram igualmente observados. Recolhidas as imagens, era feita uma análise da gravação efetuada durante a corrida.

Uma questão importante que convém esclarecer é relativa ao trajeto percorrido. Os organizadores sugerem todas as semanas trajetos diferentes a serem percorridos, para qualquer um dos três grupos. Dessa forma, todas as sessões que foram acompanhadas têm a particularidade de terem sido diferentes umas das outras, permitindo potencialmente captar situações que ainda não tinham sido captadas anteriormente. Relativamente à existência dos três grupos, colocava-se a questão de decidir qual dos grupos acompanhar: o grupo de corrida intermédia ou o grupo de ritmo rápido. A escolha feita será debatida e explicada nos capítulos seguintes.

De forma a complementar a análise e durante a realização da pesquisa, realizou-se uma netnografia. A netnografia consiste numa etnografia realizada em páginas de Internet, de forma a estudar o comportamento de comunidades *online*, participando nessas mesmas comunidades (Kozinets, 1998: 1; Kozinets, 2010: 60). Com esta técnica, que em certo sentido corresponde a uma observação participante em comunidades cuja existência se exprime online, além de se tirarem notas de campo, retiram-se igualmente outros “artefactos” resultantes desta interação virtual, como *posts* dos membros, fotografias ou ficheiros em formato áudio (Kozinets, 1998: 1). Tal como a vídeo-etnografia, também esta é uma técnica inovadora, que ainda não é muito utilizada na sociologia. Como tal, esta investigação procura também contribuir para trazer esta técnica metodológica para o estudo de uma realidade com relevância para a sociologia.

Neste caso, pretendeu-se analisar a principal página do grupo em estudo, a página de Facebook, onde são colocados vários *posts* sobre a organização das sessões realizadas por este grupo, e onde ocorrem interações entre os seus membros. Acrescente-se também que se pretendeu fazer uma análise das páginas do Facebook e do Instagram¹²⁰ de alguns dos membros do grupo, de forma a perceber como percecionam a sua presença neste grupo, através de publicações realizadas relativamente à prática que realizam.

¹²⁰ Foi apenas analisada a página de Facebook do grupo, uma vez que não dispõe de página de Instagram.

A netnografia, permite-nos chamar a atenção para a importância da própria tecnologia, nomeadamente aplicações para smartphones e sua interligação com as redes sociais da Internet, sendo esta uma dimensão do empoderamento, da aquisição de autoestima e de obtenção de reconhecimento social que funciona como forma de motivação para a prática de corrida. Tal como aponta Lupton:

“Usar tecnologias de auto rastreamento encoraja as pessoas a pensar nos seus corpos e em si mesmos através de números. A implicação do lema “autoconhecimento através de números” traduz-se no “autoconhecimento” que é atingido através de auto rastreamento e a produção de ‘números’ é um objetivo digno para os indivíduos atingirem”. (Lupton, 2013: 7)¹²¹.

No caso particular das redes sociais da Internet, a sua utilização pode ter várias consequências no nível e nas formas de participação na prática da corrida:

“Sites de redes sociais como o Facebook foram considerados por alguns como importantes, sobretudo para gerarem informação coletiva sobre nutrição e sobre programas em torno da corrida. Provavelmente o mais importante, contudo, não foram os dados técnicos adquiridos através da tecnologia e pela partilha de informação, mas o apoio que é dado pelos amigos da corrida e pela ‘comunidade’ da corrida”. (Little, 2017: 326)¹²².

“De facto, a adesão às redes sociais pelos praticantes de corrida na atual amostra parece indicar que os utilizadores de sites de redes sociais estão expostos a uma abundância de conteúdo informacional quando comparados aos praticantes de corrida que não utilizam estas plataformas. Isto é, os sites de redes sociais podem ter o potencial para oferecer um acesso acrescido de informação sobre a corrida (por exemplo, conselhos de treino) que permite ao indivíduo ‘manter-se motivado’ independentemente do exercício de corrida. Outra explicação para esta descoberta poderia ser que a utilização de sites de redes sociais para divulgar conteúdos forneceu aos corredores desta amostra um ambiente mais sócio-afetivo que lhes permitiu perceber benefícios sociais

¹²¹ Tradução livre do autor. No original: “Using self-tracking technologies encourages people to think about their bodies and their selves through numbers. The implication of the ‘self-knowledge through numbers’ motto is that ‘self-knowledge’ as it accomplished via self-tracking and the production of ‘numbers’ is a worthy goal for individuals to aspire to.” (Lupton, 2013: 7).

¹²² Tradução livre do autor. No original: “Social media sites such as Face Book were regarded by some as important in addition for generating collective information about nutrition and programmes around running. Perhaps most important, however, was not the technical data gained from technology and sharing information, but the support that this provided from running friends and the running ‘community’.” (Little, 2017: 326).

(ou seja, uma relação de apoio), encorajando-os assim a estarem mais envolvidos no exercício de corrida.” (Mahan III *et al.*, 2015: 190)¹²³.

Tendo em conta as ideias que acabamos de discutir, afigurou-se curial não deixar de lado a análise destas páginas das redes sociais, que foram igualmente importantes na definição do conceito de “night runners”, uma vez que nas páginas das redes sociais se encontram várias maneiras de os praticantes de corrida se identificarem como “night runners”. Por isso, além de fonte de motivação para a prática da corrida, as redes sociais da Internet surgem como fonte de definição e de delimitação deste conceito, o que permite que, através da consulta das páginas, se possa aprofundar o conhecimento sobre os “night runners”.

Uma outra técnica metodológica, que não estava inicialmente prevista, foi a observação não participante. Trata-se de uma técnica semelhante à observação participante, em que o observador participa na ação. No caso vertente, o investigador não participou na ação, observando toda a ação à distância (*Cfr.* Flick, 2009: 204), permitindo captar outras situações que seriam difíceis de captar se o investigador participasse na ação estudada. Flick resume em poucas palavras o que pressupõe esta observação: “As observações envolvem praticamente todos os sentidos – visão, audição, percepção, olfato.” (*idem*). E desenvolve melhor sobre como se pode concretizar esta técnica:

“De um modo geral, essa forma de observação é uma abordagem ao campo observado a partir uma perspectiva externa. Por essa razão, deve ser aplicada principalmente na observação de espaços públicos, nos quais o número de membros não pode ser limitado ou definido.” (Flick, 2009: 207).

¹²³ Tradução livre do autor. No original: “In fact, the pervasiveness of social media among the runners in the current sample seemed to indicate that SNS users are exposed to an abundance of informational content as compared to runners who do not utilize these platforms. That is, SNS could have the potential to offer increased access to running information (e.g. training tips) that allows an individual to ‘stay motivated’ regarding running exercise. Another explanation for this finding could be that using SNS for running content provided runners in this sample with a more social-supportive environment that allowed them to perceive social benefits (i.e., a sense of support and supportive relationship), thereby encouraging them to be more engaged in running exercise.” (Mahan III *et al.*, 2015: 190).

Neste caso em particular, o “Night Runners Coimbra” reúne-se antes do início de cada sessão para fazer o aquecimento e para que todos os participantes possam chegar a horas à sessão. Marcadas para todas as quartas-feiras às 21h30, este grupo reúne-se no Largo da Portagem, onde os organizadores de cada uma das sessões, mas igualmente participantes da caminhada, corrida intermédia e corrida rápida, se juntam todos para dar início a mais uma sessão. Além de ser o seu ponto de concentração, é também aqui que fazem exercícios de aquecimento e alongamentos e de onde partem, depois de realizados rituais motivacionais, para a sua prática desportiva. É também aqui que se reúnem no fim da sua prática, fazendo os devidos exercícios de alongamentos, servindo o local de palco das fotografias das fotos de grupo, como irá ser demonstrado mais à frente nesta tese. Tendo presente que, além dos “night runners”, existem muitos outros atores sociais que circulam neste espaço urbano, e estando em estudo a forma de apropriação de espaço urbano, designadamente, neste caso, de uma das principais praças da cidade, entendeu-se que os momentos de concentração do Largo da Portagem, também deveriam ser alvo de análise. Como tal - e com a presença do investigador negociada com o grupo, uma vez que a intromissão poderia ser considerada incómoda para o grupo, por ter alguém que estaria todas as semanas a assistir às sessões -, o investigador acompanhou integralmente todas as sessões em que esteve presente, registando o modo como este grupo ia ocupando o espaço para executar a sua prática, mas sobretudo percebendo as reações das pessoas à presença deste grupo, observando o que faziam quando encontravam este grupo no seu caminho.

Outra técnica que foi aplicada foi a técnica de brainstorming. Considerada a técnica consagrada para gerar ideias e sendo amplamente usada (Geschka *et al.*, 1976: 48), envolvendo entre 6 a 12 elementos, permite encontrar respostas possíveis para os problemas em análise (Summers e White, 1976: 100). Tal como aponta o pioneiro desta técnica, só é possível encontrar soluções se existirem ideias (Osborn, 1953: 4). Como o autor sublinha, quantas mais ideias forem geradas, maior a possibilidade de resolução dos problemas em discussão (*ibid*: 151), acrescentando:

“Para além da produção de conjuntos de ideias, estas participações comuns de reflexão fazem algo por aqueles que participam. Os participantes não podem deixar de ganhar em poder criativo. Veem a prova de que podem brilhar se

quiserem. Tornam-se batizados num hábito que os pode ajudar nas suas carreiras e também na sua vida privada.” (*ibid*: 299)¹²⁴

A concretização desta técnica pressupõe princípios básicos que garantem a sua realização. Osborn apresenta as principais, que convém destacar de forma sumária:

“As conferências de produção de ideias são relativamente infrutíferas, a menos que determinadas regras sejam compreendidas por todos os presentes e fielmente cumpridas. Aqui estão quatro noções básicas:

(1) *A decisão judicial está excluída.* A crítica de ideias deve ser retida até mais tarde.

(2) *A “marcha livre” é bem-vinda.* Quanto mais louca a ideia, melhor; é mais fácil domar do que pensar para cima.

(3) *A quantidade é desejada.* Quanto maior for o número de ideias, maior é a probabilidade de se atingir ideias vencedoras.

(4) *Procura-se combinação e melhoria.* Para além de contribuírem com ideias próprias, os participantes devem sugerir como as ideias dos outros podem ser transformadas em ideias melhores; ou como duas ou mais ideias podem ser unidas noutra ideia ainda.” (*ibid*: 300 e 301) (itálico do autor)¹²⁵

Esta técnica também não estava prevista inicialmente, uma vez que se esperava que os “night runners” falassem sobre o que pensavam sobre os locais que iam percorrendo durante a sua corrida; ou seja, que revelassem as suas representações sobre determinados locais ou espaços. Contudo, isto nunca aconteceu, entendendo-se

¹²⁴ Tradução livre do autor. No original: “In addition to producing rafts of ideas, such joint ventures in thinking-up do something for those who take part. The participants cannot help but gain in creative power. They see proof that they can spark if they will. They become baptized into a habit which can help them in their careers and in their private live as well.” (Osborn, 1959: 299)

¹²⁵ Tradução livre do autor. No original: “Idea-producing conferences are relatively fruitless unless certain rules are understood by all present, and are faithfully followed. Here are four basics:

(1) *Judicial judgment is ruled out.* Criticism of ideas must be withheld until later.

(2) *“free-wheeling” is welcomed.* The wilder the idea, the better; it is easier to tame down than to think up.

(3) *Quantity is wanted.* The greater the number of ideas, the more the likelihood of winners

(4) *Combination and improvement are sought.* In addition to contributing ideas of their own, participants should suggest how ideas of others can be turned into *better* ideas; or how two or more ideas can be joined into still another idea.” (Osborn, 1959: 300 e 301) (itálico do autor)

que seria necessário aplicar uma técnica que fizesse com que os praticantes falassem sobre o que pensavam sobre estes espaços da cidade de Coimbra. Perante as condições encontradas no campo, esta técnica demonstrou ser a mais viável de ser aplicada. Contudo, considerando a versatilidade com que pode ser aplicada, foi adaptada de forma a que pudesse ser realizada no fim das sessões, onde, apesar de tudo, existia mais tempo disponível. Na verdade, era fundamental não demorar muito tempo, uma vez que, no fim das sessões, os participantes vão-se logo embora e não seria fácil retê-los por muitos minutos. Nesse sentido, esta técnica foi adaptada para dar a palavra a 10 elementos do grupo em cada sessão de brainstorming, onde se discutiam as representações sobre 5 locais previamente escolhidos pelo investigador. Os voluntários verbalizavam a primeira ideia que se lembravam sobre o local em discussão e os restantes voluntários concordavam ou não, tendo todos a oportunidade de falar e de dizer algo sobre o local em discussão. Dessa forma, procedeu-se da seguinte maneira:

- Reunir um grupo de voluntários (até 10 elementos);
- Indicar um local (previamente escolhidos pelo investigador);
- Os voluntários, um a um, indicam a primeira coisa que se lembram sobre esse local de ação (por exemplo, rua muito movimentada, pouca luz, algum edifício que destaquem desse local, momentos de interação com outros atores sociais);
- Outros voluntários dizem se concordam ou não;
- Repetir o procedimento percorrendo todos os voluntários;
- No fim da volta, se se lembrarem de mais alguma coisa, pode-se pôr essa ideia a discussão;
- Começar nova volta com um novo local;
- Repetir os mesmos procedimentos anteriores até se percorrerem todos os locais.

Com a aplicação desta técnica, pretendia-se perceber se os “night runners” concordavam entre si em relação a formas de representar o espaço. O que os “night runners” pensavam sobre os espaços percorridos em concreto e, sobretudo, das interações que ocorriam nesses espaços com outros atores sociais. Pelo facto de ser uma técnica que é aplicada em grupo, esta opção metodológica iria permitir que os “night runners” pudessem lançar ideias para o grupo, recebendo um retorno imediato que permitisse suscitar a discussão e reter ideias dominantes. Esta técnica foi aplicada

no fim da uma sessão (sendo a vítima mais imediata da chegada da pandemia) e será discutida no capítulo relativo à vídeo-etnografia. Também será nessa discussão que se explicará quais os locais escolhidos e qual o critério usado.

A estratégia de investigação adotada implicava alguns riscos, destacando-se, particularmente, dois. O primeiro risco prendia-se, sobretudo, com a indisponibilidade das pessoas para participar na aplicação dos inquéritos e do brainstorming, uma vez que poderiam não ter tempo ou não querer mesmo ser inquiridos. O segundo risco prendia-se com a objeção de transportar uma câmara para filmar as práticas de corrida.

Para ambos os casos, na eventualidade de ser realmente necessário ativar um plano B, a solução passava por uma observação indireta, num período a definir, em que seriam frequentadas as sessões marcadas semanalmente (as corridas que efetuavam), de forma a captar o que se pretendia estudar. Ou seja, por um lado, tentar caracterizar estes membros. Por outro lado, analisar a sua prática de corrida nos termos anteriormente expostos. Essa observação indireta não seria realizada pelo investigador, mas por um “intermediário de confiança”; ou seja, através do recurso a outro investigador, com experiência na área da etnografia e com experiência na prática de corrida, de forma a colmatar as dificuldades encontradas inicialmente. Embora tenha sido possível concretizar o plano A, o plano B acabou também por funcionar, complementando e enriquecendo a recolha de dados.

6. “Night Runners Coimbra” nas redes sociais

6.1. Introdução

É inegável que as redes sociais da Internet desempenham um papel fulcral nas nossas vidas. Seja para falar com pessoas amigas, para publicar vídeos engraçados ou para publicar fotografias de uma viagem feita recentemente, a visibilidade que se poderá atingir com as redes sociais, chegando a outras pessoas, é incalculável. As redes sociais da Internet podem também servir como “porta de entrada” para divulgação de movimentos e de eventos de cariz desportivo ou solidário. Por isso, a visibilidade que as redes sociais da Internet podem oferecer é infinita e depende daquilo que se partilha nestas redes digitais.

Tendo presente a visibilidade que as redes sociais digitais têm nas nossas vidas, uma das técnicas usadas neste estudo prende-se com essa mesma importância. Ou seja, perceber como se desenvolvem determinadas comunidades, através dos vários conteúdos que são partilhados e como se processa a interação entre os seus membros. Esse é o principal objetivo da netnografia que desenvolvemos neste capítulo da tese. A netnografia é uma etnografia, mas, como o nome indica, é uma etnografia feita em páginas web, analisando-se todos os conteúdos que são partilhados, de modo a caracterizar a interação entre os seus membros, dando-se conta do que os une enquanto comunidade.

Esta é uma técnica bastante interessante e relevante nos dias de hoje e em particular nesta investigação, uma vez que este grupo de corredores noturnos usa a rede social “Facebook” como forma preferencial de divulgar publicamente a sua existência, querendo, com esse instrumento de comunicação, não só chegar a quem já faz parte deste grupo, mas sobretudo a potenciais novos participantes.

Como tal, durante o período de acompanhamento deste grupo, entre novembro de 2018 e março de 2020, foi realizada uma netnografia na página de perfil de “Facebook” do grupo “Night Runners Coimbra”, durante todo o período em que decorreu o acompanhamento das sessões noturnas de corrida. Também estava prevista a análise de páginas de perfis de alguns “night runners”, perfis esses recolhidos durante

a aplicação dos inquéritos exploratórios, de forma a podermos analisar se se apresentavam nas redes sociais como “night runners” e, em caso afirmativo, como faziam essa apresentação. Porém, devido ao baixo número de pessoas que afirmaram que faziam essa apresentação, mas, sobretudo, devido à não publicação de conteúdos sobre as suas práticas noturnas de corrida às quartas-feiras à noite, optou-se, por uma questão de economia de tempo, por prescindir dessa análise e focar a aplicação desta técnica apenas na análise da página de perfil da rede social “Facebook” do grupo. Também estava prevista a análise de página de perfil da rede social “Instagram” do grupo, mas, uma vez que esta não existe, o foco recaiu obrigatoriamente na única página existente em redes sociais.

Com esta análise, pretendeu-se atingir dois objetivos. Por um lado, perceber como o grupo se apresenta a potenciais participantes, no mundo virtual, através das publicações que são feitas, e que atividades são realizadas e onde. Por outro lado, pretendeu-se entender como é que aqueles que interagem com a página veem este grupo, designadamente que tipo de reações existem às publicações feitas e aos seus conteúdos. Atingindo estes dois objetivos, pretendia-se perceber quem são os “night runners” e o que fazem no espaço público.

Tal como já foi referido anteriormente, o “Night Runners Coimbra” é um grupo focado na prática de corrida noturna, tendo dois grupos de corrida (corrida intermédia e corrida rápida) e ainda um grupo alternativo para quem não gosta de correr ou para quem não pode correr (caminhada). Como será possível observar ao longo deste capítulo, a página foca-se no grupo no seu todo e não em subgrupos, em particular. Por isso, a análise foi feita ao “Night Runners Coimbra” e não a subgrupos específicos que compõem o mesmo. Essa análise diferenciada será feita mais à frente nesta tese.

Como se apresenta o “Night Runners Coimbra” na rede social “Facebook”? Com mais de 13 mil gostos¹²⁶, o grupo “Night Runners Coimbra” apresenta-se ao mundo com um texto simples, mas direto, tendo em conta os objetivos que pretende atingir todas as semanas: desafiar as pessoas a fazerem exercício físico, todas as quartas-feiras à

¹²⁶ Dados do dia 12 de março de 2020. Página de perfil do grupo “Night Runners Coimbra” disponível em <https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/>

noite, às 21h30, seja a correr ou a caminhar, promovendo o espírito de convívio e de diversão.

Our Story

 NIGHT RUNNERS COIMBRA · SÁBADO, 13 DE OUTUBRO DE 2018 ·

Somos alunos de Desporto e Lazer da Escola Superior de Educação de Coimbra e, à semelhança do que tem sido feito em algumas cidades do país, pretendemos organizar na cidade dos estudantes uma Night Run.

Com o desenvolvimento do projeto "Night Runners Coimbra", pretendemos trazer as pessoas para a rua numa perspetiva de "Desporto para Todos". Seja a correr ou a caminhar, teremos no convívio, na cor, na luz e na animação em todos os momentos, a essência desta festa, do desporto para todos.

Para participar, basta aparecer à hora marcada no dia marcado!

A participação não tem qualquer custo.

FIGURA 1: APRESENTAÇÃO DO GRUPO “NIGHT RUNNERS COIMBRA” NA SUA PÁGINA DE FACEBOOK.

FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)

Esta é a forma do grupo se apresentar no mundo virtual, convidando todos aqueles que queiram praticar desporto durante o período noturno, a participar na iniciativa, seja a correr, seja a caminhar, na cidade dos estudantes, na cidade de Coimbra. Esta é a primeira forma de os “night runners” se apresentarem. Todas as publicações que são feitas na sua página de Facebook são realizadas pelos estudantes da Licenciatura em Desporto e Lazer da Escola Superior de Educação de Coimbra, que organizam também as sessões e que participam acompanhando os praticantes da corrida/caminhada noturna.¹²⁷

¹²⁷ Levanta-se aqui uma questão que é importante esclarecer desde já. Ao longo desta investigação, mencionam-se, repetidas vezes, os “organizadores” e os “night runners”, sendo por isso importante esclarecer essa distinção. Entende-se por “organizadores” todos os estudantes que aparecem nas sessões e que estão a organizar a mesma, liderando os subgrupos que compõem o “Night Runners Coimbra”. Por “night runners”, entende-se todos os participantes das sessões das corridas (intermédia e rápida) e aqui também se incluem os “organizadores”, uma vez que eles também correm juntamente com os participantes, seja nas sessões que organizam, seja nas sessões onde vão correr como participantes. Além disso, ao fazerem estas publicações, também são “night runners” e não só “organizadores” pelo seu papel ativo na organização e na manutenção deste grupo.

Para efeitos desta investigação, a amostra é composta por 127 publicações feitas durante o período de análise já referido (novembro de 2018 a março de 2020). A análise foi feita a dois níveis, dividindo-se este capítulo em duas grandes partes: numa primeira fase, será feita uma discussão sobre os conteúdos que compõem as publicações que foram realizadas no período de referência. Numa segunda parte, o foco analítico incide nas reações às publicações que foram feitas, avaliando-se que tipo de reações se destacaram e o seu conteúdo (nomeadamente analisando os comentários). Em ambas as partes, serão apresentados exemplos para complementar a discussão que irá ser feita, na exata medida que for relevante. Desse modo, e conforme indicado, será feita de seguida uma discussão sobre as publicações e os seus conteúdos.

6.2. Publicações e seus conteúdos

Nesta parte do capítulo, será dado destaque para as publicações que foram sendo feitas no período em análise, nomeadamente no que concerne ao seu conteúdo. Ou seja, perceber que tipo de conteúdo os “night runners” partilham no mundo virtual permite perceber como é que se apresentam a potenciais novos participantes, mostrando igualmente um pouco aquilo que este grupo faz. É preciso primeiro perceber que tipo de conteúdo fazem parte das publicações.

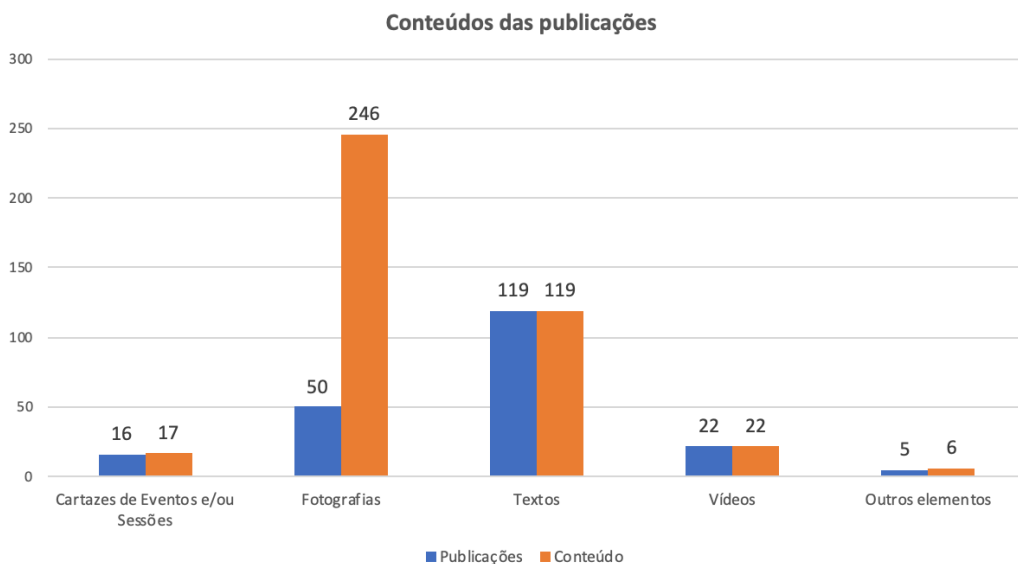


FIGURA 2: ELEMENTOS DE PUBLICAÇÃO

Uma análise cuidada da Figura 2 dá conta da importância da utilização dos textos e das fotografias nas publicações deste grupo. Em 127 publicações, os textos foram usados em 119 publicações e foram publicados 119 textos. Destaque também para as fotografias, e para a aposta na componente visual da página, tendo sido publicadas 246 fotografias em apenas 50 publicações. Isto significa uma aposta em dois sentidos por parte dos gestores do grupo: por um lado, a aposta em texto pode servir para dar informações sobre as atividades do grupo e também sobre o modo como potenciais novos participantes podem vir, eventualmente, a participar no futuro. Por outro lado, a aposta em elementos visuais, mostra as atividades que o “Night Runners Coimbra” desenvolve, mas serve também como chamada de atenção e como elemento apelativo para as publicações. O uso da fotografia pode ser entendido como “uma forma de “congelar” os momentos vividos, as expressões reveladas, as reações desencadeadas.” (Romero *et al.* 2014: 32). Os exemplos a seguir são ilustrativos destas apostas feitas pelos gestores da página.



Boa tarde Night Runners, 🏃🏃

MUITO OBRIGADO a todos os que se juntaram ontem à família NRC para uma edição cheia de boa energia! 😊

Na próxima quarta-feira, dia 17, voltamos a nos encontrar no Largo da Portagem. Alinhas? 💪

Boa semana! 😊

*Relembramos que, para participar, não necessita de se inscrever e não tem qualquer custo monetário associado.

FIGURA 3: EXEMPLO DE TEXTO PUBLICADO (PUBLICAÇÃO 47, DIA 15 DE JULHO DE 2019).

FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)

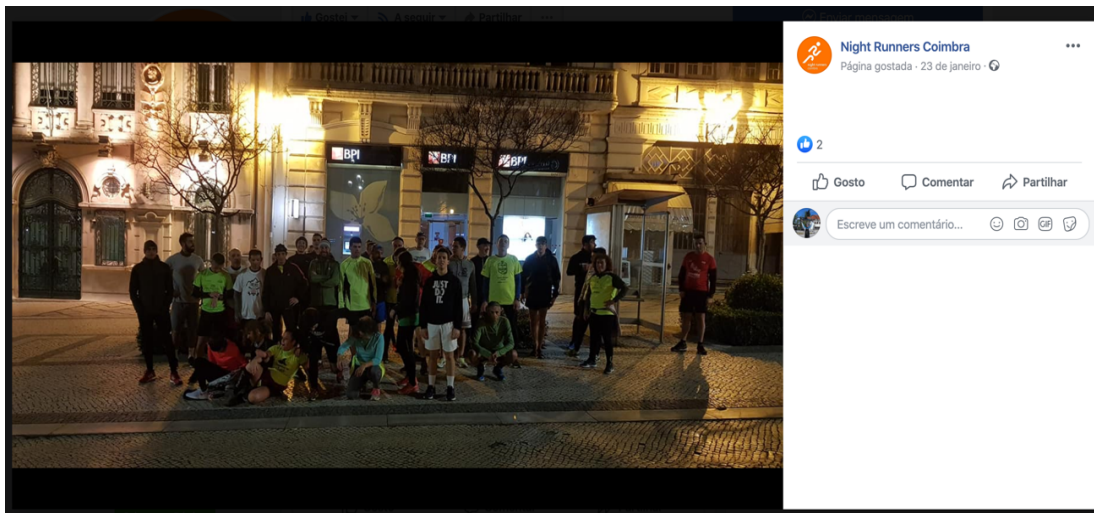


FIGURA 4: EXEMPLO DE FOTOGRAFIA (PUBLICAÇÃO 110, DIA 23 DE JANEIRO DE 2020).

FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)

Contudo, também se pode olhar para estes dados numa outra perspetiva: Até que ponto as publicações que os “night runners” vão fazendo agregam diferentes conteúdos? Será que existem publicações com textos e fotografias ou textos e vídeos? Os dados do gráfico anterior poderiam já apontar para estas suposições. Basta olhar para os dados das fotografias publicadas que apontavam já neste sentido, mas os dados da Figura 5 são mais esclarecedores.

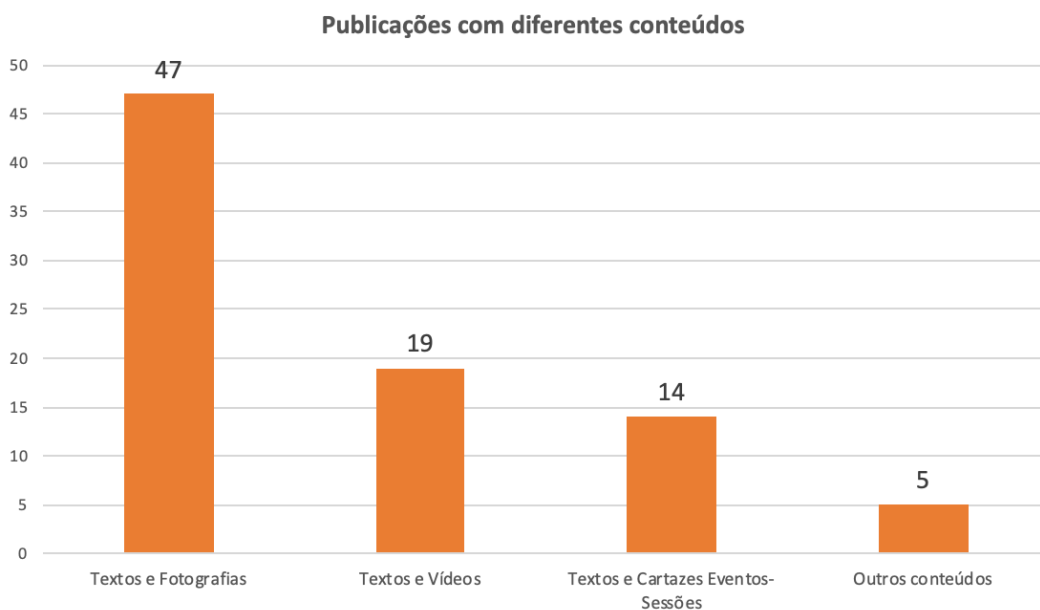


FIGURA 5: PUBLICAÇÕES COM DIFERENTES CONTEÚDOS

Tal como era previsível, muitas das publicações que são feitas não incluem apenas textos ou fotografias ou somente vídeos. Na sua grande maioria, as publicações são constituídas por textos e fotografias, tendo ocorrido esta situação em 47 das 127 publicações realizadas no período em análise. Estes dados vêm ao encontro do que já foi referido anteriormente: existe uma clara lógica de duplo sentido. Ou seja, por um lado apostar em textos para dar informações sobre as sessões que estão a decorrer e informações sobre como participar nas mesmas. Por outro lado, apostar em fotografias que evidenciem as atividades que são feitas pelo “Night Runners Coimbra” no espaço público, na cidade de Coimbra, ao mesmo tempo que com estes elementos visuais podem chamar a atenção para as informações do texto. O exemplo a seguir é ilustrativo disso mesmo.

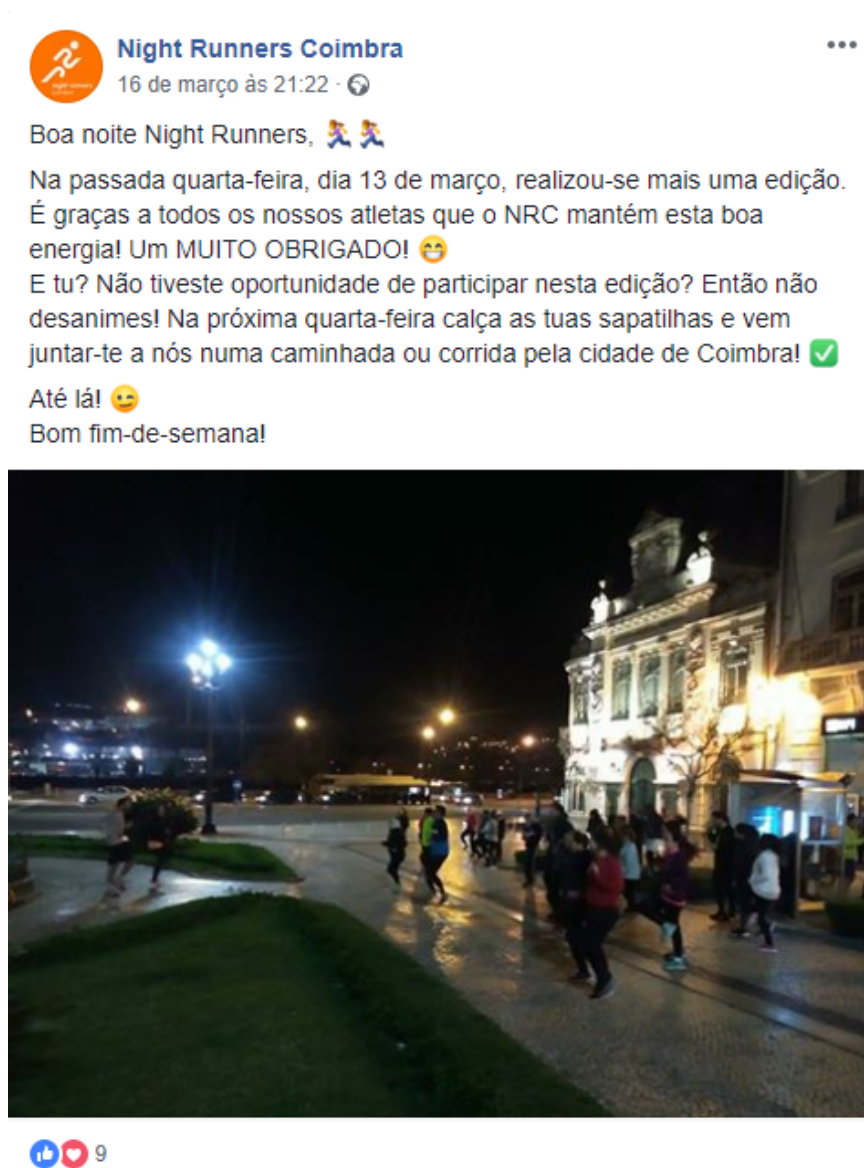


FIGURA 6: EXEMPLO DE PUBLICAÇÃO COM TEXTO E FOTOGRAFIA (PUBLICAÇÃO 22, DIA 16 DE MARÇO DE 2019).
FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)

Percebendo que existe uma certa importância no uso de textos e fotografias, é preciso então focar a discussão em torno dos textos e das fotografias que são tornados públicos nestas publicações. Focando a atenção nos textos, pretende-se, a partir daqui, perceber que tipo de textos são publicados, mas sobretudo perceber que mensagens eles transmitem. Na Figura 7, é perceptível quais os temas que se destacam nestes textos.

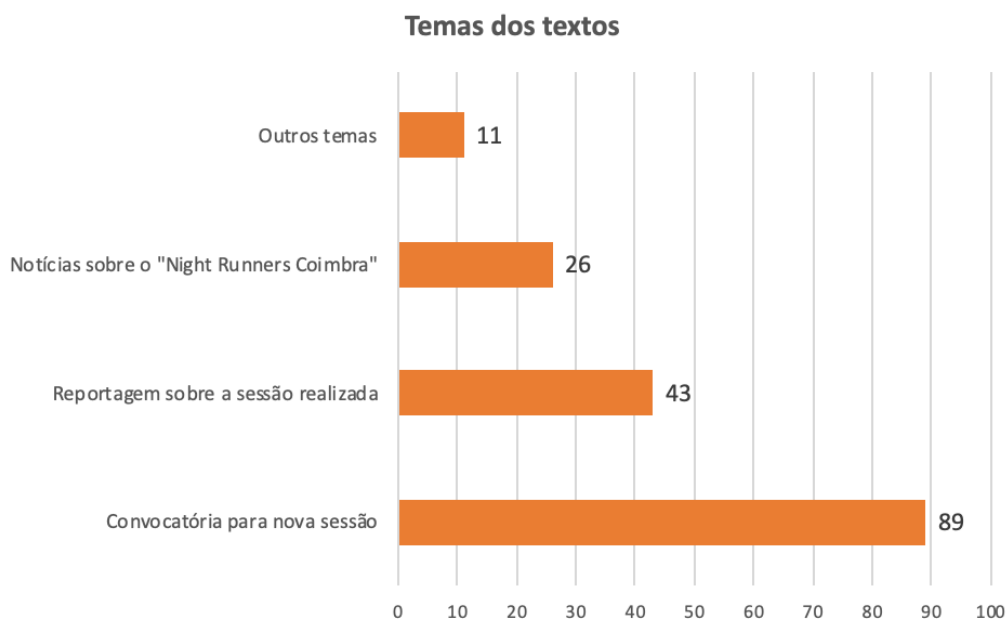


FIGURA 7: TEMA DOS TEXTOS

Analisando a figura, verifica-se que os temas dos textos publicados dizem respeito claramente a informações sobre a prática realizada por este grupo. Em primeiro lugar, um claro destaque para o tema “convocatória para nova sessão”, com 89 publicações das 119 que incluem textos. Este tipo de tema evidencia textos ou excertos de textos no qual existe um convite explícito para a participação na próxima sessão que será realizada. De seguida, destaca-se o tema “reportagem sobre a sessão realizada”, no qual o objetivo destes textos ou excertos de textos é dar informações sobre o que passou na última sessão, podendo ser destacado algum ponto em particular que se evidenciou na sessão. No fundo, o grande objetivo da publicação dos textos é dar informações sobre o funcionamento das sessões do grupo.

Aliás, verifica-se mesmo que existe uma tendência para as publicações retratarem, não um, mas dois temas ao mesmo texto, reforçando assim a importância de dar informações sobre o que o grupo faz e o que pretende fazer em sessões seguintes, como se pode ver nos exemplos apresentados de seguida.

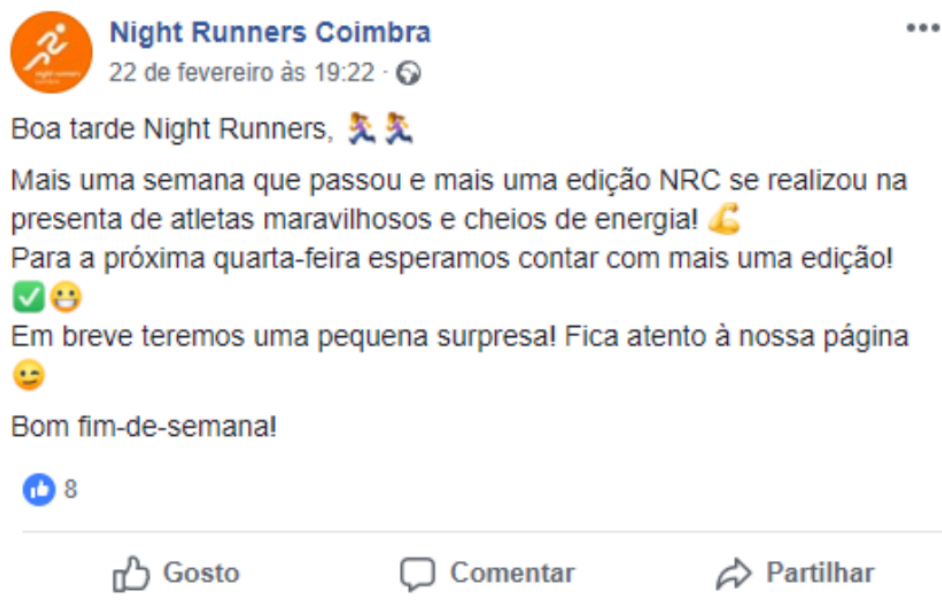


FIGURA 8: EXEMPLO DE TEXTO COM DOIS TEMAS: CONVOCATÓRIA DE CORRIDA E REPORTAGEM FEITA DA SESSÃO (PUBLICAÇÃO 17, DIA 22 DE FEVEREIRO DE 2019).

FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)

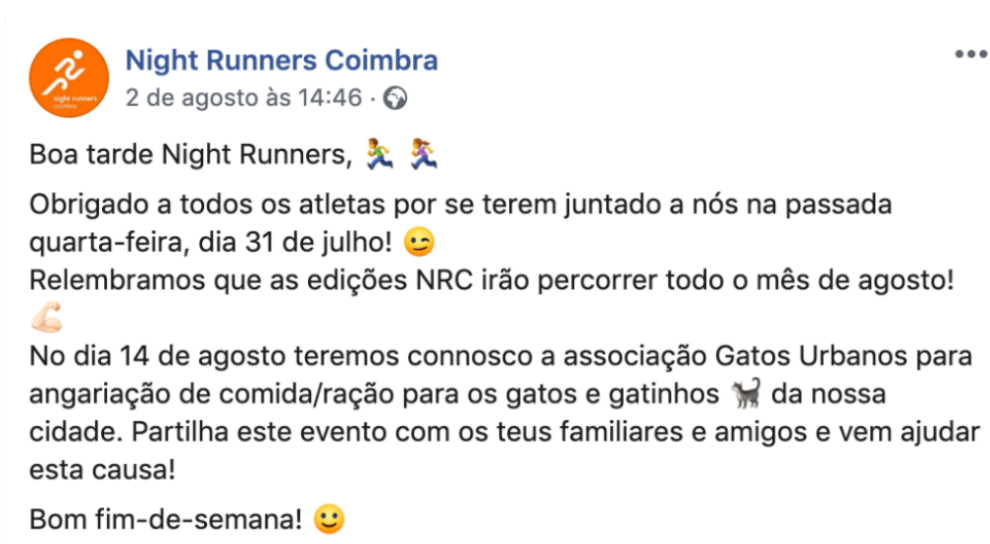


FIGURA 9: EXEMPLO SEMELHANTE À FIGURA 8 (PUBLICAÇÃO 51, DIA 2 DE AGOSTO DE 2019).

FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)

Além da importância de se darem a conhecer a potenciais novos participantes e como forma de manter os participantes regulares, existe uma tendência para fazer referências a características positivas das pessoas que compõem este grupo. Usadas em 61 dos 119 textos publicados, estas são referências já evidentes em exemplos anteriores e ainda mais relevantes em publicações onde o grande destaque vai para estas mesmas características positivas, como os exemplos a seguir evidenciam.

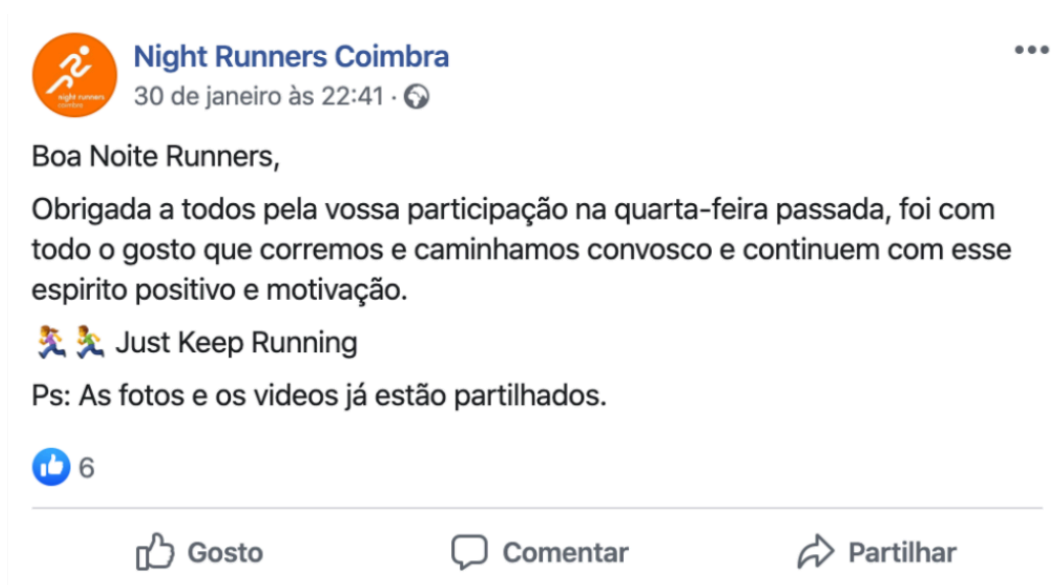


FIGURA 10: EXEMPLO DE TEXTO QUE APRESENTA CARACTERÍSTICAS POSITIVAS SOBRE OS “NIGHT RUNNERS” (PUBLICAÇÃO 116, DIA 30 DE JANEIRO DE 2020).

FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)

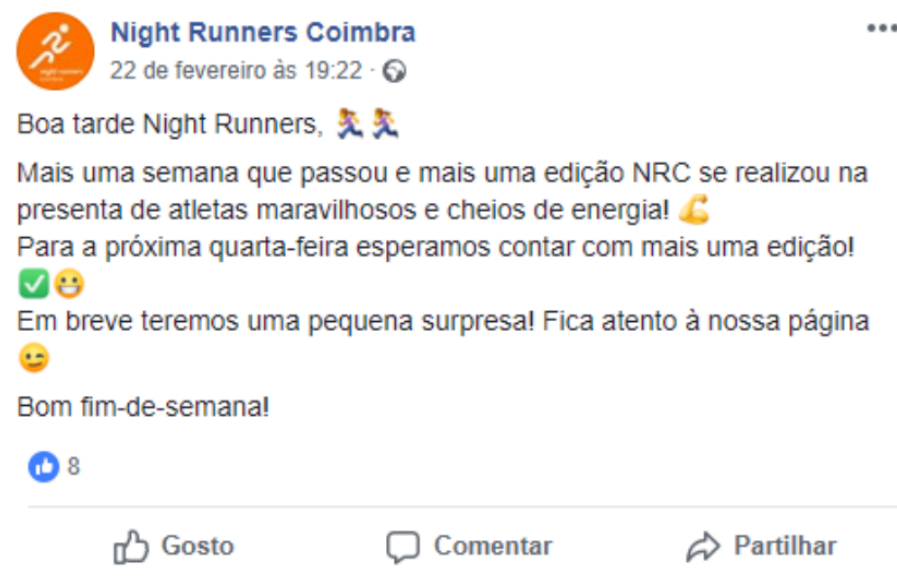


FIGURA 11: EXEMPLO SEMELHANTE À FIGURA 10 (PUBLICAÇÃO 17, DIA 22 DE FEVEREIRO DE 2019).

FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)

Esta é uma forma de chamar a atenção, não só a potenciais participantes, mas igualmente aos membros atuais do grupo que correm de forma regular nas sessões, mostrando que os organizadores, ao mesmo tempo que também são “night runners”, querem ajudar todos aqueles que comparecem nas sessões e outros que se venham juntar a eles em futuras sessões. A vertente motivacional orientada para a prática de exercício físico em grupo é uma constante das publicações.

Esta é também uma forma de tenta fazer com que os participantes nas sessões se sintam parte de um coletivo, que olha por todos aqueles que queiram participar, pois, com pouca ou muita experiência na prática de corrida, ou, em alternativa, na caminhada, o que interessa é participar e divertir-se, como apontam as publicações. São, por outro lado, acrescentadas informações que procuram reforçar a atratividade da iniciativa, deixando-se claro que a participação não tem qualquer inscrição associada e não tem qualquer custo monetário.

Estas são duas razões muito usadas para incentivar as pessoas a participar na atividade. A que se junta o argumento da convivialidade, da integração e do espírito não competitivo.



FIGURA 12: EXEMPLO DE UM TEXTO QUE REFORÇA A IDEIA DE QUE AS PARTICIPAÇÕES NAS SESSÕES DESTE GRUPO SÃO GRATUITAS (PUBLICAÇÃO 7, DIA 14 DE JANEIRO DE 2019).

FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)

Ao analisar as mensagens, algo salta à vista por ser uma constante em todas as publicações: o uso de emojis. O uso de emojis é algo bastante comum na comunicação entre pessoas, designadamente no envio de mensagens através de aplicações móveis, mas também nas publicações das redes sociais da Internet. As utilizações de ideogramas e *smileys* nos textos escritos permite evidenciar determinados sentimentos ou reforçar determinadas ideias de uma forma mais intuitiva e simplificada que que aquilo que as palavras conseguem fazer. No caso desta amostra, o uso de emojis foi evidente em 112 textos e a sua utilização poderá ajudar a complementar algumas das ideias aqui referidas ou evidenciar outras que possam ser igualmente importantes. De seguida (Figura 13), é feita uma apresentação dos emojis que foram usados nestas publicações.

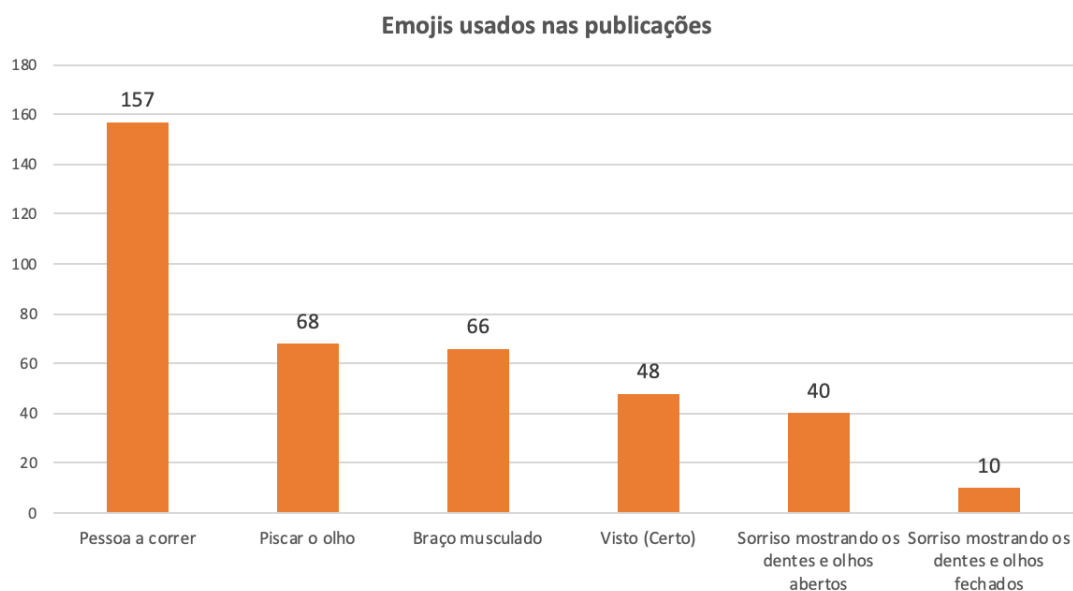


FIGURA 13: TIPOS DE EMOJIS USADOS NAS PUBLICAÇÕES

Como se pode ver na Figura 13, os emojis desempenham um papel muito importante nas publicações do grupo, uma vez que permitem que os textos publicados não sejam meros conjuntos de palavras, eventualmente pouco apelativos para quem lê. Com o uso de emojis, o texto torna-se mais expressivo e a probabilidade da leitura do texto entre os internautas que veem a publicação é maior. Um claro destaque para o emoji em que aparece uma pessoa a correr, que é usado 157 vezes na amostra em análise. O uso deste emoji ajuda a reforçar a ideia de que este grupo é essencialmente um grupo de corrida vocacionado para a prática desportiva. Destaque também para o uso de emojis como o “piscar o olho” ou o “braço musculado”, com 68 e 66 utilizações,

respetivamente. Além de evidenciar a ideia de prática desportiva (“braço musculado”), a utilização do emoji “pisar o olho” pode ser interpretado como uma forma de incentivar as pessoas que visualizam estas publicações a participar nas sessões. O emoji a “pisar o olho” significa, genericamente, aprovação, apreciação e compreensão. Podendo também transportar um sentimento de namoro: um convite à permanência dos que já fazem parte; e um convite à entrada de quem não faz parte do grupo. Pode também evidenciar um certo sentimento de confiança e de cumplicidade entre os “night runners”, mostrando que os “night runners” já se conhecem entre si (são uma família). Aliás, este emoji é muito usado no fim das publicações, podendo ter esse mesmo efeito.

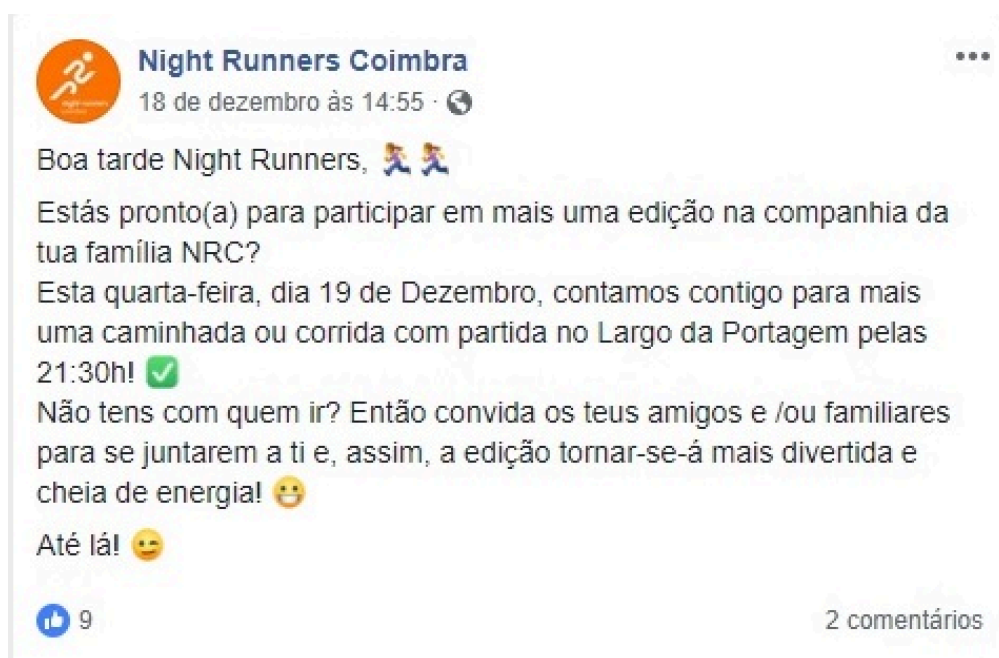


FIGURA 14: EXEMPLO DE TEXTO USANDO EMOJIS DE PESSOAS A CORRER (PUBLICAÇÃO 1, DIA 18 DE DEZEMBRO DE 2018).

FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)

Feita a análise dos textos que foram publicados no período observado, passamos à análise das fotografias que são publicadas pelos “night runners”. Relembrando alguns dos dados anteriores, foram publicadas 246 fotografias em 50 publicações. As fotografias ocupam uma função visual bastante importante, uma vez que são um elemento que chama a atenção dos internautas para as publicações, ao mesmo tempo que ilustram as atividades desenvolvidas pelo grupo, os locais onde decorrem as sessões e como se desenrolam as mesmas.

Tal como nos textos, é curial fazer-se uma análise sobre os temas das fotografias; ou seja, o que evidenciam as fotografias publicadas pelo “Night Runners Coimbra” na sua página de Facebook. Será que estão em linha com os temas dos textos, limitando-se a ilustrar esses mesmos textos? Ou introduzem outros temas além dos identificados através dos textos? Os dados da Figura 15 são elucidativos em relação a estas questões.

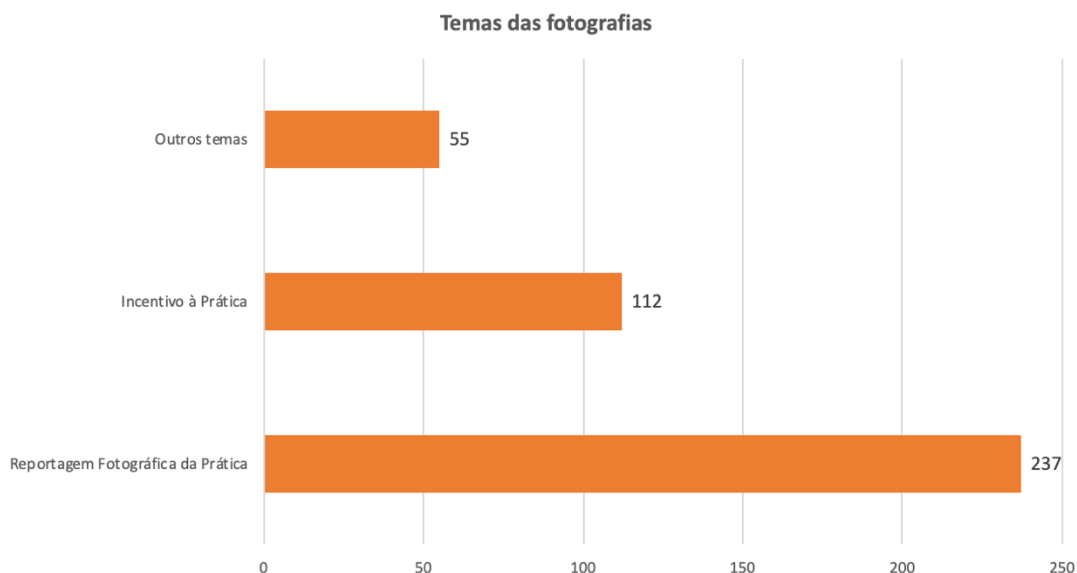


FIGURA 15: TEMA DAS FOTOGRAFIAS

A Figura 15 evidencia claramente que a publicação de fotografias está em linha com os temas dos textos, ou seja, os temas das fotografias dizem claramente respeito a fotografias sobre a sessão que decorreu, num total de 237 fotografias; mas também dizem respeito a fotografias que incentivam à prática, num total de 112 fotografias.

É muito frequente encontrar entre as fotografias que são publicadas fotografias de grupo que são tiradas no fim da sessão e também fotografias tiradas durante a própria sessão. Podemos, por isso, classificar as fotografias que são tiradas durante a sessão como fotografias que servem de claro incentivo à prática de exercício físico com este grupo, uma vez que elas revelam o tipo de atividades que se desenvolvem, permitindo distinguir claramente as especificidades do grupo em relação a outros grupos de corrida.

Não classificamos as fotografias de grupo como incentivo à prática, porque não evidenciam a prática que é feita pelos “night runners”. As fotografias de grupo enfatizam a dimensão mais tribal da prática. A pose, solicitada pelos organizadores, procura vincar

os aspetos da convivialidade e do espírito familiar. Apresentamos dois exemplos onde não se percebe bem que tipo de prática executam.



FIGURA 16: FOTOGRAFIA DE REPORTAGEM DA SESSÃO CAPTADA NO FIM DA SESSÃO (PUBLICAÇÃO 19, DIA 3 DE MARÇO DE 2019).

FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)



FIGURA 17: FOTOGRAFIA CAPTADA DURANTE A PRÁTICA DA CORRIDA INTERMÉDIA (PUBLICAÇÃO 8, DIA 18 DE JANEIRO DE 2019).

FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)

Nas Fotografias 16 e 17, não é possível perceber o tipo de atividade que se desenvolve. Nestes casos, é difícil afirmar que funcionam como claros incentivos à prática desportiva com os “night runners”. Funcionam mais na segunda dimensão identificada, embora a noite possa funcionar como apelo suficiente para alguns dos participantes. No entanto, existem bons exemplos de fotografias que evidenciam claramente a atividade física, permitindo atrair a atenção daqueles que são mais sensíveis a esse aspeto.



FIGURA 18: FOTOGRAFIA RELACIONADA COM O INCENTIVO À PRÁTICA (PUBLICAÇÃO 113, DIA 30 DE JANEIRO DE 2020).
FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)



FIGURA 19: FOTOGRAFIA RELACIONADA COM O INCENTIVO À PRÁTICA (PUBLICAÇÃO 126, 9 DE MARÇO DE 2020).
FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)

O número mais reduzido de fotografias que classificamos como explicitamente incentivadoras da prática de corrida sugere que a estratégia visual usada nas publicações na página do Facebook pode não ser a melhor, sobretudo para um grupo que quer sempre atrair novos participantes e manter os que já participam regularmente. Podemos, neste contexto, estabelecer uma distinção entre os sujeitos que se apresentam sem se mexer - denominados “sujeitos passivos” - e outros sujeitos que se apresentam nas fotografias como sendo pessoas em movimento - denominados “sujeitos ativos” (Jones, 2006: 116).

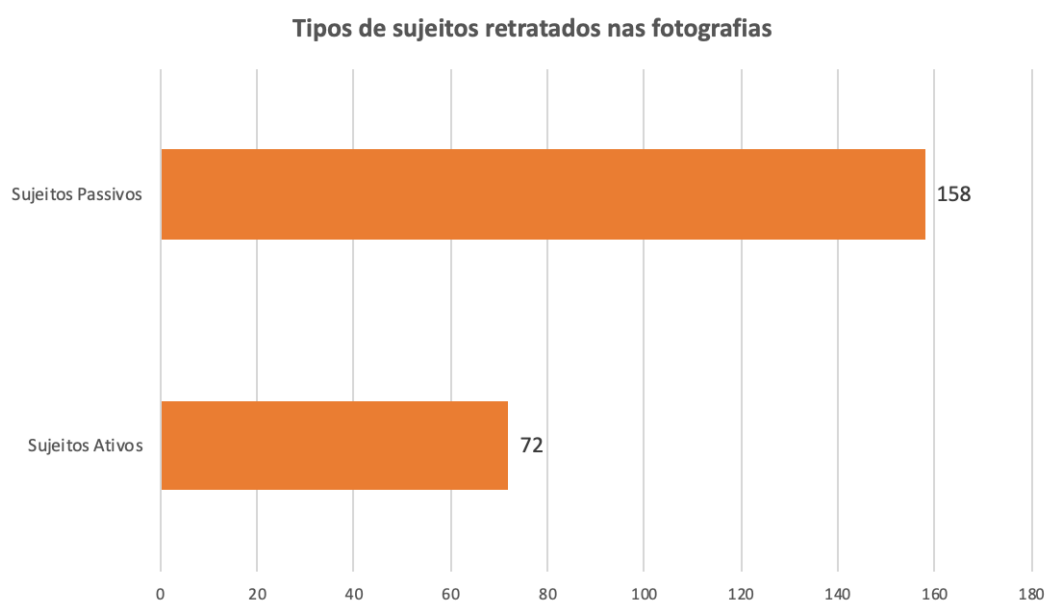


FIGURA 20: SUJEITOS ATIVOS/PASSIVOS

Em linha com a publicação de fotografias de grupo, tiradas no fim da sessão, verifica-se nas fotos um claro predomínio dos sujeitos que se apresentam como sendo “sujeitos passivos”, sendo esse tipo de presença verificável em 158 fotografias. Às quais se contrapõem 72 fotografias em que estão presentes “sujeitos ativos”. Ora, o facto de se mostrarem como sujeitos passivos, não evidencia, na maior parte das publicações, que tipo de prática executam, podendo criar alguma confusão entre os internautas que não conhecem este grupo e que querem saber um pouco mais sobre o “Night Runners Coimbra”. Contudo, também existe um número significativo de fotografias publicadas em que se evidencia melhor a prática que é desenvolvida, quando os participantes que são retratados são apresentados como sujeitos ativos; ou seja, quando estão a praticar

a sua atividade física, constituindo por isso um incentivo à prática desportiva. Os exemplos seguintes são boas sugestões para evidenciar essas diferenças.



FIGURA 21: FOTOGRAFIA QUE RETRATA SUJEITOS PASSIVOS (PUBLICAÇÃO 44, DIA 29 DE JUNHO DE 2020).
FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)



FIGURA 22: FOTOGRAFIA QUE RETRATA SUJEITOS ATIVOS (PUBLICAÇÃO 113, DIA 30 DE JANEIRO DE 2020).
FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)

Importa igualmente perceber e para terminar esta leitura netnográfica a partir das fotografias que são publicadas pelos “night runners”, quais são os locais mais usados para tirar as fotografias que materializam a reportagem fotográfica das sessões, e que, nalguns casos, servem para incentivar à prática desportiva com este grupo. Os dados da Figura 23 permitem chegar a algumas conclusões.

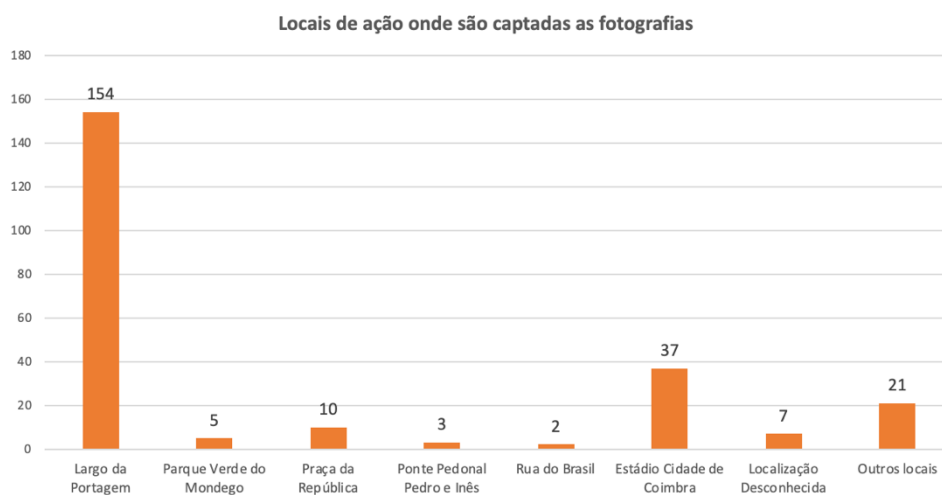


FIGURA 23: LOCAIS DE AÇÃO ONDE SÃO CAPTADAS AS FOTOGRAFIAS

Os dados da Figura 23 são claramente elucidativos. Por uma larga vantagem, a maioria das fotografias publicadas pelo “Night Runners Coimbra” na sua página do Facebook são tiradas no Largo da Portagem. Aliás, como será explicado no capítulo seguinte, o Largo da Portagem serve como ponto de encontro das sessões semanais do “Night Runners Coimbra”, mas também como o ponto de início e de conclusão da sua prática, seja de caminhada, seja de corrida. Este é um lugar central da prática da corrida noturna, e também da cidade. E, como será evidenciado no capítulo seguinte, o local onde o “Night Runners Coimbra” “ganha vida” e se mostra aos outros atores sociais como grupo que está presente na vida da cidade de Coimbra.



FIGURA 24: FOTOGRAFIA CAPTADA NO LARGO DA PORTAGEM (PUBLICAÇÃO 10, DIA 25 DE JANEIRO DE 2019).
FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)



FIGURA 25: FOTOGRAFIA CAPTADA NO LARGO DA PORTAGEM (PUBLICAÇÃO 100, DIA 13 DE DEZEMBRO DE 2019).
FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)

Destaque também para as fotos que foram tiradas no Estádio Cidade de Coimbra, com um total de 37 fotografias publicadas, relativas ao aniversário do “Night Runners Coimbra”, escolhido como local para fazer uma sessão diferente e para cantar os parabéns ao grupo que nasceu em novembro de 2013 e que, durante o período de observação desta tese, em novembro de 2019, comemorou o seu 6º aniversário.



FIGURA 26: FOTOGRAFIA CAPTADA NO ESTÁDIO CIDADE DE COIMBRA, DURANTE O 6º ANIVERSÁRIO DO GRUPO “NIGHT RUNNERS COIMBRA” (PUBLICAÇÃO 93, DIA 20 DE NOVEMBRO DE 2019).

FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)

Apresentado e discutidos os conteúdos que compõem as publicações que os “night runners” fazem na sua página de Facebook, percebendo como se apresentam no mundo virtual, que estratégias usam para atrair novos participantes, para fidelizar os praticantes regulares e para revelar os conteúdos das sessões de corrida noturna, interessa perceber as reações a estas mesmas publicações, o que poderá evidenciar mais características sobre os “night runners”.

6.3. Publicações e suas reações

As publicações não são apenas constituídas pelo seu conteúdo, mas também pelo impacto que têm em quem as visualiza, o que se traduz nas reações que as pessoas têm em relação a essas mesmas publicações. Essas reações podem ser de vários tipos:

seja através de “gostos” expresos na página; de partilhas das publicações; de comentários às publicações; de visualizações dos vídeos, entre outras possibilidades.

Além disso, esta discussão, que agora se faz, também se revela importante pelo seguinte: os “night runners” que fazem as publicações são apenas uma parte do grande grupo que compõe o “Night Runners Coimbra”. A discussão sobre as reações às publicações vai permitir perceber como é que os restantes “night runners” (tendo presente que apenas alguns têm página de Facebook) se identificam com este grupo e, sobretudo, o que podem evidenciar de relevante as suas reações em relação às características e às ações do grupo. O que nos ajuda a alcançar o segundo objetivo inerente à aplicação desta técnica, ou seja, como é visto este grupo de prática de corrida noturna.

Uma das dificuldades no estudo dos tipos de reações, e que se tornará patente ao longo desta discussão, prende-se com a impossibilidade de distinguir entre quem são “night runners” e entre os que, comentando, participam nas sessões com regularidade e aqueles que, por exemplo, são apenas potenciais participantes, mas que acabam também por reagir às publicações. No entanto, recorrentemente, os conteúdos dos comentários permitem fazer essa distinção, como se verá.

Tal como nas publicações, interessa perceber que tipo de reações foram mais recorrentes na amostra em análise. Seja através de “gostos”, de partilhas, de comentários, de visualizações de vídeos ou com combinações de várias reações, as possibilidades são várias e foram frequentes em praticamente todas as 127 publicações, que suscitaram reações diversas, como é possível observar na Figura 27.

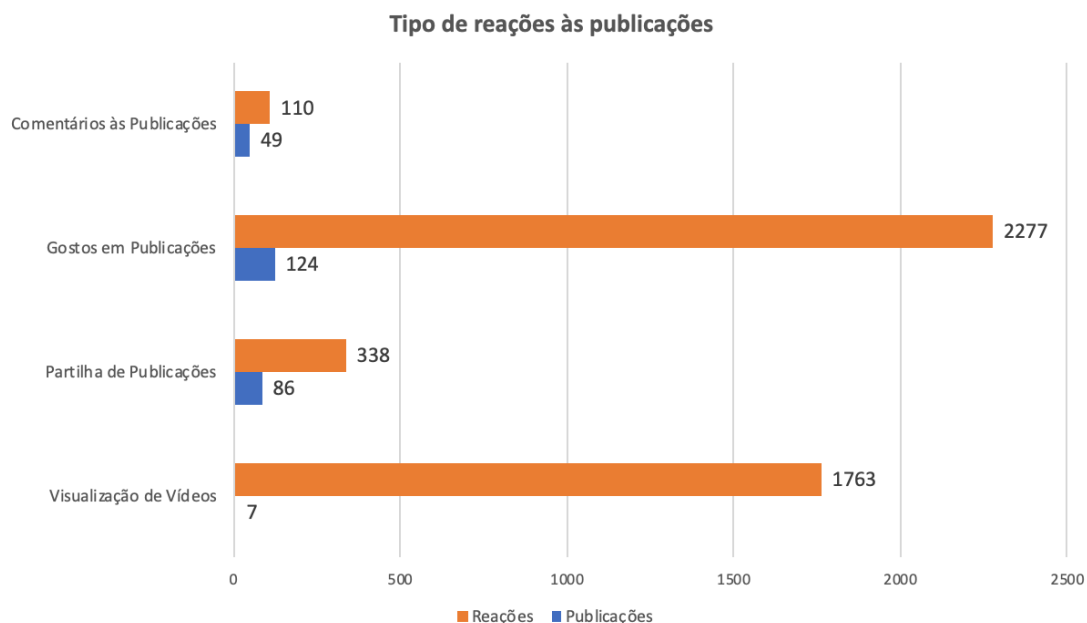


FIGURA 27: TIPO DE REAÇÕES ÀS PUBLICAÇÕES

Como nos revela a Figura 27, não sendo uma grande surpresa, registou-se um total de 2277 “gostos” em 124 das 127 publicações (uma média de 18 comentários por publicação), o que evidencia uma clara relação e empatia entre quem vê as publicações e os conteúdos que são publicados, com variações entre os 10 e os 40 “gostos” por publicação. Pode-se também colocar a hipótese de que possam existir muitos internautas que veem a publicação e não reagem, mas não dispomos desses dados para perceber se realmente essa é uma hipótese válida ou não.

Destaque igualmente para as 1763 visualizações de vídeos em 7 publicações com vídeos. Embora tenham existido mais publicações com vídeos, não foi possível quantificar o total das visualizações. Não deixa de ser importante fazer referência às partilhas e aos comentários, uma vez que têm, em termos de impacto, uma relevância maior que os “gostos”, uma vez que estamos perante outro tipo de reações, com maior alcance e nível de compromisso, e que devem ter uma leitura adicional à feita para os “gostos”. Assinalamos 338 partilhas de 86 publicações e 110 comentários registados em 49 publicações.

Como se pode observar, há diferentes reações às diferentes publicações, mas nota-se claramente que os “night runners” e outros potenciais participantes reagem às

publicações feitas. Este empenho é um dado relevante para sustentarmos os argumentos que enunciamos nas páginas que se seguem desta tese.



FIGURA 28: PUBLICAÇÃO COM REAÇÕES ATRAVÉS DE GOSTOS (PUBLICAÇÃO 5, DIA 7 DE JANEIRO DE 2019).
FONTE: <HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/>

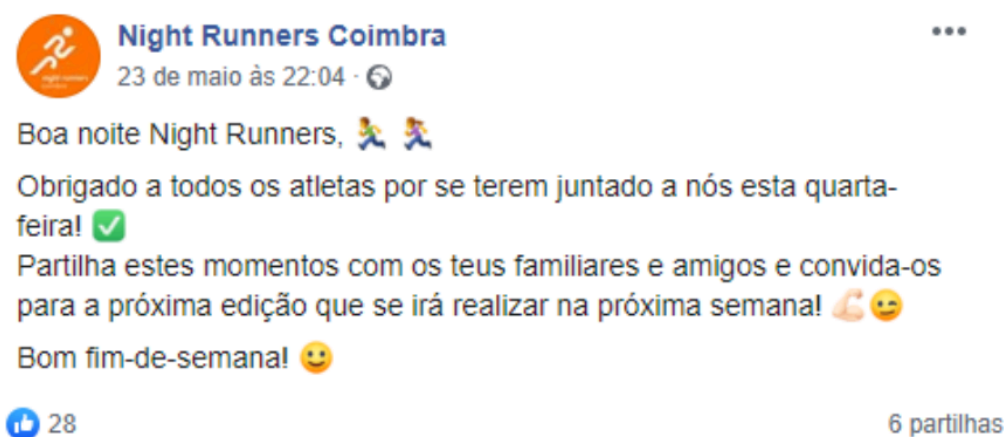


FIGURA 29: PUBLICAÇÃO COM REAÇÕES ATRAVÉS DE PARTILHAS (PUBLICAÇÃO 36, DIA 23 DE MAIO DE 2019).
FONTE: <HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/>

Tal como na análise das publicações, pretendeu-se entender igualmente, para as reações, se existiam publicações com diferentes reações. Para o efeito criámos

categorias exclusivas que permitem tipificar as reações, de modo a dar conta quais as mais frequentes. A Figura 30 esclarece quais as categorias de reações (que não meramente os “gostos”) que são mais frequentes.

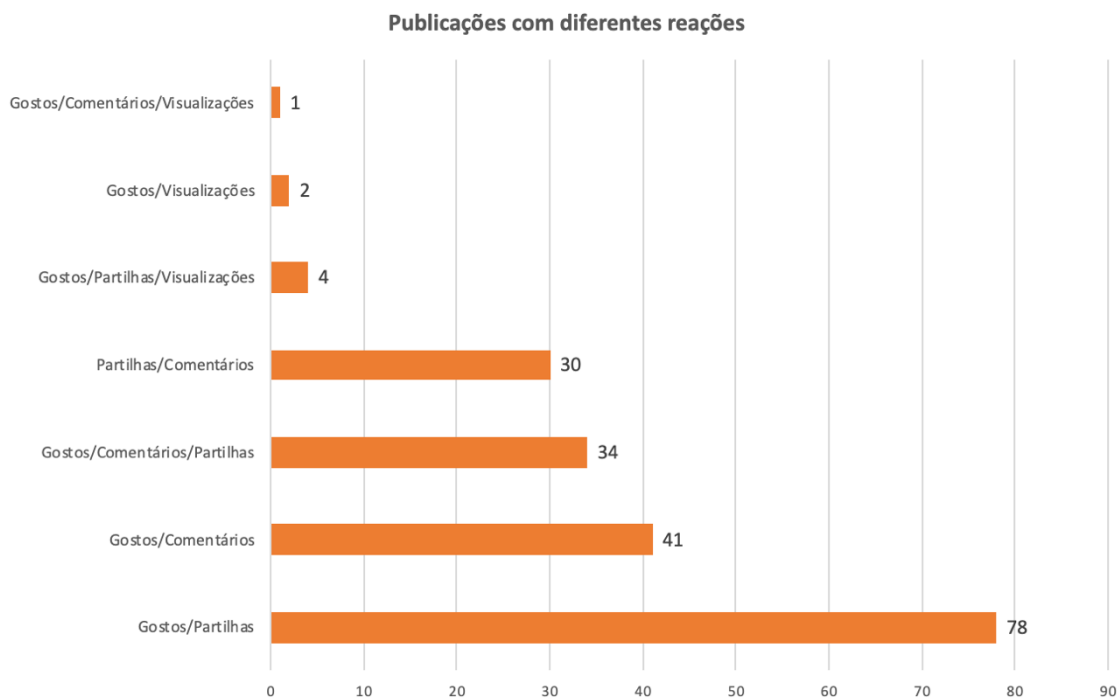


FIGURA 30: PUBLICAÇÕES COM DIFERENTES REAÇÕES

Tendo presente os dados anteriores, em que os “gostos” se evidenciavam como a principal forma de reação às publicações dos “night runners”, com estes novos dados entende-se claramente que a utilização de “gostos” é bastante importante e que é bastante regular, estando presente em quase todas (exceto uma) as categorias. A utilização deste tipo de reação (“gostos”), combinada com a ação “partilha” da publicação, foi a mais frequente, tendo ocorrido em 78 publicações.

Isto vem ao encontro do que já foi referido anteriormente. Ou seja, as pessoas, na grande maioria das publicações, reagem, identificando-se com os conteúdos das publicações, ao mesmo tempo que partilham estas publicações, permitindo que estas publicações cheguem a mais pessoas e espalhando cada vez mais o nome do “Night Runners Coimbra” e a prática de exercício físico associado à corrida e à caminhada noturnas. É uma publicidade gratuita que o grupo acaba por ter através de um mecanismo que se adapta ao perfil dos praticantes. Aliás, pode-se mesmo postular que as reações associadas, mostram que as pessoas se identificam não só com os conteúdos

publicados, mas também com a prática grupal associada. Se esta forma de divulgação não cumpre o objetivo de ativar e de mobilizar as redes sociais para trazer novos participantes para o grupo (Figuras 31 e 32) - fator que parece ser corroborado pela chegada dos participantes ao local de concentração, pois raramente chegam e partem sozinhos -, cumpre, pelos menos, os objetivos de divulgação e de visibilização alargada preconizados pelo uso das redes sociais da Internet.



FIGURA 31: PUBLICAÇÃO COM REAÇÕES ATRAVÉS DE GOSTOS E DE PARTILHAS (PUBLICAÇÃO 25, DIA 26 DE MARÇO DE 2019).
FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)

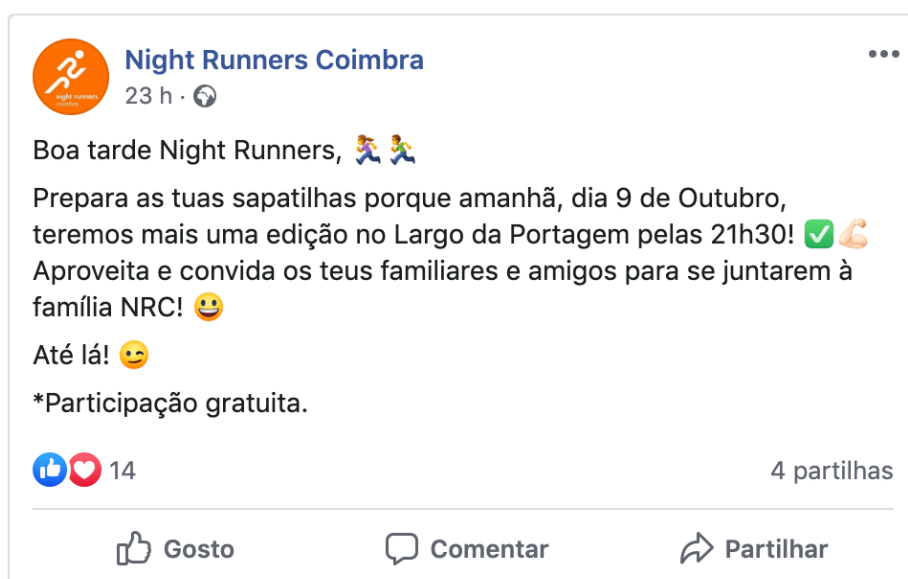


FIGURA 32: PUBLICAÇÃO COM REAÇÕES ATRAVÉS DE GOSTOS E DE PARTILHAS (PUBLICAÇÃO 67, DIA 8 DE OUTUBRO DE 2019).
FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)

Os “gostos” e as “partilhas” evidenciam-se como sendo importantes reações às publicações dos “night runners”. Isso é indiscutível. Embora menos frequentes, os “comentários” são também um bom indicador do que as pessoas pensam sobre este grupo. Ajudam a perceber como o grupo é percecionado, podendo também dar pistas relevantes sobre quem são os “night runners”, sobre o grau de participação dos comentadores nas sessões de corrida e indicações sobre potenciais participantes. Torna-se, por isso, importante analisar o conteúdo dos comentários, de modo a perceber quais são os temas dominantes.

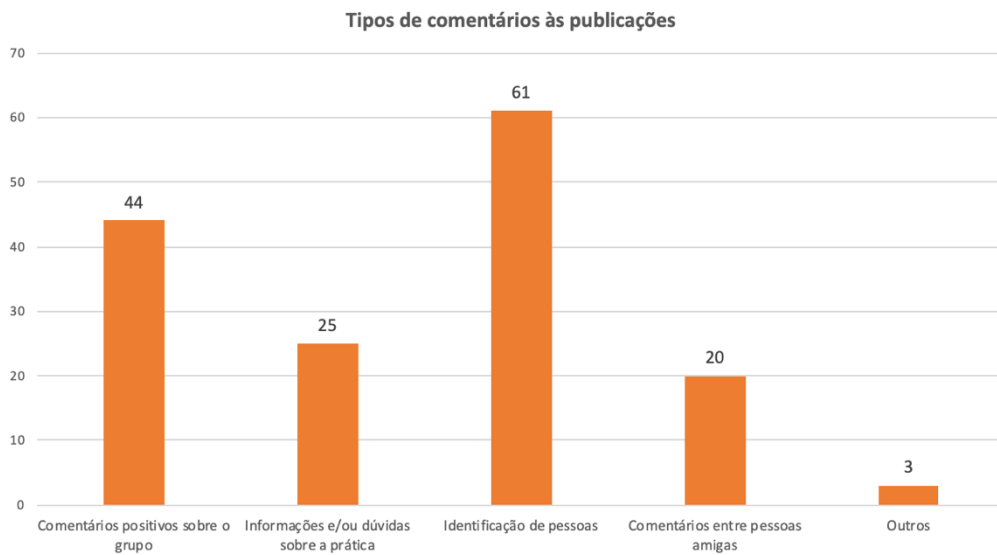


FIGURA 33: TIPOS DE COMENTÁRIOS ÀS PUBLICAÇÕES

A Figura 33 expõe os diferentes temas que agregam os comentários às publicações do “Night Runners Coimbra”, sendo que um comentário pode ser incluído em mais que um tema. O destaque vai para a “identificação de pessoas”, com 61 comentários, através dos quais os comentadores identificam amigos. Não sendo uma partilha de publicação, acaba por ter o mesmo efeito, uma vez que os amigos identificados acabam por ser notificados.

Este tipo de comentários não permite distinguir entre quem possa ser “night runner”, ou apenas potenciais participantes, ou meros curiosos, mas pode-se pressupor todas as situações: “night runners” que desafiam amigos para começarem a ir às sessões e potenciais participantes ou curiosos que descobriram o grupo no Facebook e que desafiam outros amigos para se juntarem à atividade. Seja de uma forma ou de outra,

os exemplos a seguir (Figuras 34 e 35) demonstram esta “identificação de amigos”, que serve para lançar o desafio da participação.

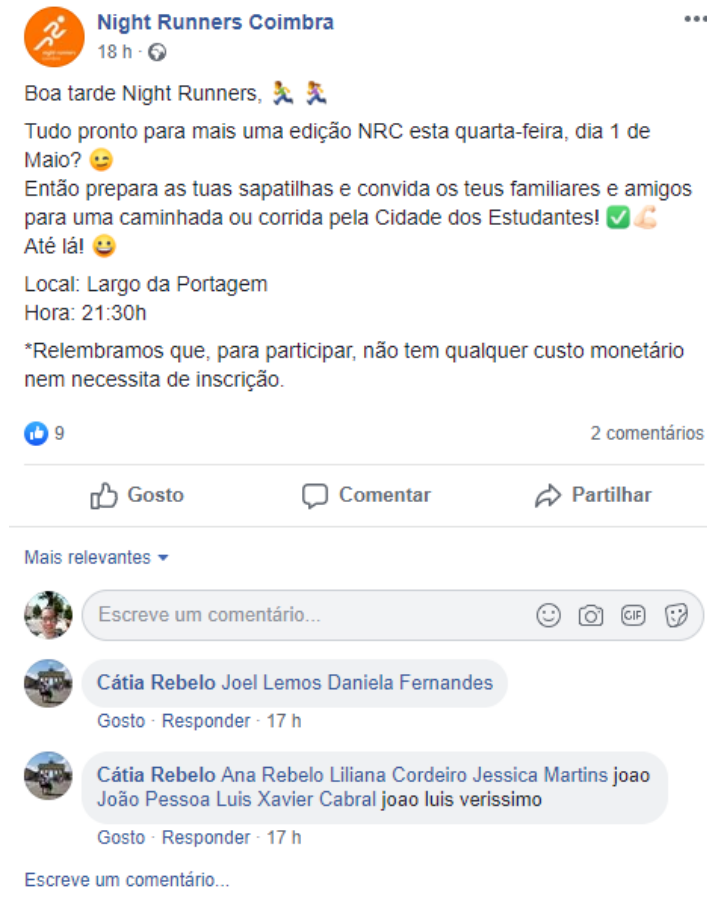


FIGURA 34: PUBLICAÇÕES COM REAÇÕES ATRAVÉS DE COMENTÁRIOS DO TIPO “IDENTIFICAÇÃO DE PESSOAS” (PUBLICAÇÃO 31, DIA 30 DE ABRIL DE 2019).

FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)



FIGURA 35: PUBLICAÇÕES COM REAÇÕES ATRAVÉS DE COMENTÁRIOS DO TIPO “IDENTIFICAÇÃO DE PESSOAS” (PUBLICAÇÃO 60, DIA 3 DE SETEMBRO DE 2019).

FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)

A par da “identificação de pessoas”, é importante destacar os 44 comentários identificados como “comentários positivos sobre o grupo”. Ao contrário do comentário mais comum aqui identificado, não se fazem identificações de pessoas, potenciando a atração de novas pessoas para o grupo, mas os “night runners” que participam no grupo apresentam a sua própria perspetiva sobre o que pensam relativamente ao “Night Runners Coimbra”. E, como se percebe pela designação do tema, os comentários são muito positivos.

Neste tipo de comentários, percebe-se que os “night runners” se mostram satisfeitos com a existência deste grupo e com o seu propósito. A criação e manutenção deste grupo ao longo dos últimos anos mostra o impacto positivo que teve nas pessoas que nele participam e que vão correr ou caminhar todas, ou quase todas, as semanas. O facto de as pessoas fazerem este tipo de comentários evidencia que estão satisfeitas com a sua presença neste grupo e como as sessões de quarta-feira à noite, seja a correr, seja a caminhar, já fazem parte das suas rotinas semanais e constituem um elemento positivo nas suas vidas. Os exemplos a seguir são exemplos claros disso mesmo.



FIGURA 36: PUBLICAÇÕES COM REAÇÕES ATRAVÉS DE COMENTÁRIOS DO TIPO “COMENTÁRIOS POSITIVOS SOBRE O GRUPO” (PUBLICAÇÃO 125, DIA 4 DE MARÇO DE 2020).

FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)



FIGURA 37: PUBLICAÇÕES COM REAÇÕES ATRAVÉS DE COMENTÁRIOS DO TIPO “COMENTÁRIOS POSITIVOS SOBRE O GRUPO” (PUBLICAÇÃO 68, DIA 9 DE OUTUBRO DE 2019).

FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)

Sobretudo neste tipo de comentários, evidencia-se, claramente, que são “night runners” a fazê-los, não só pelas palavras usadas, mas também pelos emojis. Para terminar esta análise aos tipos de reações, e tal como em relação aos textos, também aqui, há que relevar o facto de os emojis terem um papel importante, não só para reforçar a mensagem que se pretende passar nos comentários, mas sobretudo para reforçar os sentimentos associados aos comentários. Tal como se procedeu para os textos das publicações, também nos comentários se pretendeu perceber quais eram os emojis mais usados no momento de escrever comentários, tendo sempre presente que os temas mais usados nos comentários são a “identificação de pessoas” e “comentários positivos sobre o grupo”.

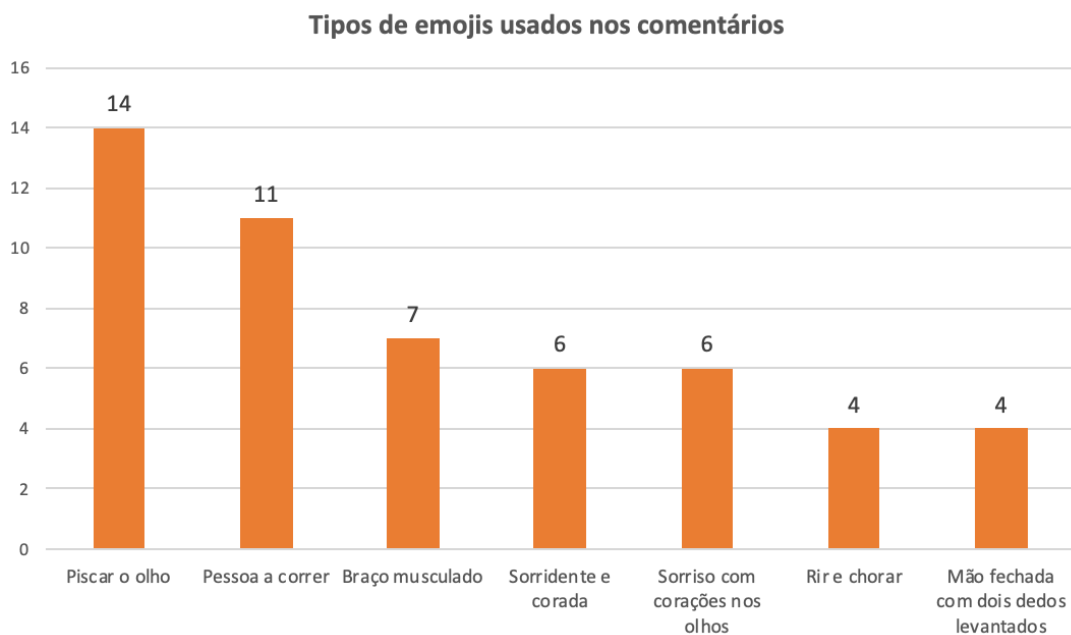


FIGURA 38: TIPOS DE EMOJIS USADOS NOS COMENTÁRIOS

Uma análise breve da Figura 38 permite verificar que os resultados não são muito diferentes dos resultados da análise dos emojis usados nas publicações da página. Tal como nas publicações, destaca-se o emoji “piscar o olho”, com 14 utilizações e o emoji “pessoa a correr” com 11 utilizações. Pode-se pensar, por isso, que existe aqui uma relação de confiança e de cumplicidade entre os “night runners”, nomeadamente entre quem publica e quem reage ou igualmente entre os “night runners” que estão a fazer comentários entre si. Isto pode ser interpretado como mais um sinal do sentimento de pertença a este grupo, a par de outros já aqui identificados. No que diz respeito ao emoji “pessoa a correr”, evidencia “night runners” motivados para a prática do desporto e para melhorar a sua qualidade de vida. Também aqui o uso pode ser encarado como um sentimento de pertença, ao mostrar que se tem vontade de ir às sessões deste grupo e de correr/caminhar à noite na cidade.



FIGURA 39: PUBLICAÇÃO COM REAÇÕES ATRAVÉS DE COMENTÁRIOS COM EMOJIS (PUBLICAÇÃO 75, DIA 11 DE OUTUBRO DE 2019).

FONTE: <HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/>



FIGURA 40: PUBLICAÇÃO COM REAÇÕES ATRAVÉS DE COMENTÁRIOS COM EMOJIS (PUBLICAÇÃO 8, DIA 18 DE JANEIRO DE 2019).

FONTE: <HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/>

Genericamente, a página do Facebook do “Night Runners Coimbra” cumpre dois objetivos. Por um lado, dar a conhecer as atividades do grupo, promovendo estilos de vida saudáveis de forma gratuita. Por outro lado, através das reações das pessoas, gera e amplifica sentimentos de pertença, fidelizando praticantes e procurando atrair novos praticantes. Esta rede social da Internet aposta no poder das redes sociais, usando as redes sociais digitais para tirar partido das redes sociais comunitárias, no sentido tradicional do conceito. Sendo uma forma de publicidade gratuita, suscita reações às publicações (fomentando a partilha e a identificação de pessoas amigas), consolidando um sentimento tribal e cortejando novos participantes para as sessões de corrida/caminhada noturna. As descobertas feitas e discutidas nesta netnografia vêm ao encontro da discussão levada a cabo por Little e Mahan III *et al.* no capítulo anterior sobre a importância das redes sociais no âmbito da prática desportiva (Mahan III *et al.*, 2015: 190; Little, 2017: 326).

Todavia, e embora de forma limitada, porque nem todos os participantes usam redes sociais digitais, percebe-se como este é um grupo bastante aberto, mas ao mesmo tempo bastante congregado. Bastante aberto, porque é um grupo que não se fecha em si mesmo, divulgando sempre as suas atividades e reiterando convites todas as semanas, para que cada vez mais pessoas se juntem aos “night runners” visando a prática da corrida/caminhada noturna. Congregado, uma vez que, como apontam conteúdos e reações às publicações, os “night runners” procuram motivar-se uns aos outros, respondendo ao repto de se verem como uma “família”, mostrando que as sessões não são competitivas e que são acessíveis para todos, inclusive os que têm menos experiência na prática desportiva. Os participantes reconhecem que a sua pertença ao grupo tem um impacto significativo nas suas, o que faz com que haja um núcleo fiel que tenha, há muito, consolidado a rotina de correr/caminhar semanalmente com o grupo. Sendo também notório que, numa cidade de estudantes deslocados, uma parte do grupo seja volátil, quer ao longo do ano, quer ao longo dos anos.

Fechamos aqui uma análise centrada no mundo virtual, que se afigura tão importante quanto a centrada no mundo real. E que serve de ponto de partida para se entender melhor o que faz este grupo quando se junta às quartas-feiras à noite às 21h30, faça frio ou chuva, em meses de Inverno ou nos meses de Verão. O próximo

capítulo marca a passagem do mundo virtual para o mundo real dos corredores noturnos de Coimbra. Muitas das questões aqui levantadas serão aprofundadas e discutidas a partir de outras perspetivas.

7. “Night Runners Coimbra”: o grupo das quartas-feiras à noite

A análise e a apresentação do grupo a partir da sua existência na realidade virtual, designadamente na sua página do Facebook, revela-nos um coletivo que desenvolve atividades que justificam um olhar sociológico. O grupo, as atividades em si mesmas, a capacidade de mobilização e a criação de novos atores urbanos, que respondem ao repto de invadir espaços citadinos para nele correr e caminhar à noite coletivamente, são fatores suficientemente apelativos para justificar a realização de uma tese em sociologia.

No entanto, mais que uma análise virtual, é curial mergulhar no mundo real e reificado do “Night Runners Coimbra”. Há várias questões que carecem de respostas que só é possível obter conhecendo quem organiza e correndo com quem corre.

Quando esta investigação se tornou um projeto, numa fase embrionária, apenas estava previsto realizar uma netnografia, analisando páginas de redes sociais, e uma vídeo-etnografia, analisando as corridas que eram feitas por este grupo. Contudo, observadas, a título de pesquisa exploratória, as primeiras sessões de corrida, tornou-se evidente que os momentos de encontro no início e no fim das sessões concentravam informações relevantes, permitindo complementar os dados recolhidos com a aplicação da vídeo-etnografia. Sem participar diretamente nas sessões, mas acompanhando apenas à distância e ao vivo, com o consentimento do grupo, procedeu-se à aplicação de uma observação não-participante, também conhecida por observação indireta. Esta observação pressupõe que o investigador está presente no local onde decorre a ação, mas não participa na mesma. Isto permitiu captar informações sobre a presença do grupo no espaço público que não seriam possíveis de obter se o investigador não mantivesse uma certa distância.

Nesse sentido, e recorrendo aos apontamentos do diário de campo que foram sendo feitos durante a observação, inicia-se agora uma apresentação detalhada do “Night Runners Coimbra”, descrevendo-se e analisando-se como o grupo é constituído, como decorrem os momentos de encontro e que reações resultam da ocupação de um

espaço público central por este grupo numeroso que se apropria do espaço para uma atividade não convencional.

Esta presença foi negociada e consentida pelos organizadores das sessões semanais do “Night Runners Coimbra”, que, aliás, desempenharam um papel bastante importante. Não só para esclarecer dúvidas que iam surgindo ao longo do período de análise, mas também disponibilizando-se para transportar a câmara de vídeo usada durante a vídeo-etnografia, como é explicado no capítulo que analisa a aplicação dessa técnica. Quem são, então, os organizadores que estão por detrás do grupo “Night Runners Coimbra”?

Tal como brevemente explicado em capítulos anteriores, o “Night Runners Coimbra” foi criado por alunos do último ano da Licenciatura de Desporto e Lazer da Escola Superior de Educação de Coimbra, em novembro de 2013. A criação do grupo visava um objetivo central: a promoção da prática de exercício físico entre os habitantes da cidade de Coimbra, de forma gratuita, com uma postura não competitiva e divertida e mantendo uma regularidade semanal. Inicialmente, tratava-se de um projeto do terceiro ano da Licenciatura, tendo sido alargado mais tarde aos três anos da Licenciatura, abrangendo assim todos os estudantes e professores. Passou, assim, a ser assumido como um projeto da Licenciatura. Numa primeira fase, a ideia passava por constituir apenas um grupo de corrida, que se juntasse num dia da semana à noite, para percorrer as ruas da cidade de Coimbra, ao mesmo tempo que se faziam exercício físico. Este grupo foi idealizado como um grupo de corrida com ritmo, nem muito alto, nem muito baixo. Foi denominado grupo de “corrida intermédia”. Mais tarde, foi criado um segundo grupo de corrida, com características semelhantes, mas que reunia quem quisesse correr mais depressa, criando-se assim o grupo da “corrida rápida”. No entanto, para não discriminar quem não gosta de correr, ou quem não corre por outro motivo qualquer, foi criado um grupo alternativo para quem quisesse apenas caminhar.

Como é que este grupo funciona? O funcionamento é simples. Todas as quartas-feiras à noite, excetuando momentos pontuais, às 21h30, existe uma sessão do “Night Runners Coimbra”, constituída por três grupos: caminhada, corrida intermédia e corrida rápida. Em todas as sessões, existe sempre um grupo diferente de estudantes dos três anos da Licenciatura referida que é responsável pela organização da sessão. Este é um

projeto da Licenciatura, através do qual devem ganhar experiência e competências que mais tarde poderão usar nas suas vidas profissionais, e, dessa forma, os estudantes trabalham para este projeto sempre de uma forma voluntária e integrada em atividades curriculares.

Além de serem responsáveis pelas publicações na página do Facebook do grupo, organizam-se entre si, preparando os circuitos a serem feitos em cada sessão. Estes circuitos têm a particularidade de serem secretos até à hora de começar a caminhada ou a corrida e são sempre escolhidos trajetos diferentes para cada um dos grupos, o que não evita que possam existir momentos e locais em que os três grupos se cruzam entre si durante a prática. Na hora da sessão, o grupo organizador dá as boas-vindas a todos os participantes, faz o devido aquecimento e, terminada esta fase inicial, os organizadores dividem o grande grupo nos três grupos referidos, liderando os mesmos durante os percursos e dando todo o apoio que seja necessário aos participantes, durante as sessões.

Contudo, os organizadores apenas participam em dois desses grupos, nomeadamente nos grupos de caminhada e da corrida intermédia. A corrida rápida tem autonomia para ir sozinha. Questionados os organizadores sobre esta opção, referem que os elementos da corrida rápida são pessoas que, por regra, fazem competições aos fins-de-semana e que a maioria dos seus membros são colegas de treino e de competição ainda antes do surgimento do projeto “Night Runners Coimbra”. Aliás, a maioria dos elementos da corrida rápida são da mesma equipa de *trail running* que existe em Coimbra, há mais tempo que o grupo em estudo, e que compete aos fins de semana. Embora o grupo de corrida rápida esteja sempre aberto a outros atletas, a verdade é que este é um grupo pequeno e são poucos os que se juntam a eles, preferindo correr com o grupo de corrida intermédia. Esta questão da distinção entre grupos será discutida mais à frente nos capítulos seguintes.

Organizando sessões semanais desde novembro de 2013, o “Night Runners Coimbra” tem sempre sessões durante todo o ano, mesmo em período de férias escolares de Verão. Existem apenas algumas interrupções pontuais, nomeadamente quando ocorrem situações de condições atmosféricas extremas ou devido a datas festivas, como Natal e a Passagem de Ano, em dezembro, e as Festas da Cidade de

Coimbra, em julho, e ainda em semanas de festas dos estudantes, como a semana da Queima da Fitas, em maio.

Quase como se de um ritual se tratasse, e de forma ininterrupta desde o seu início, este grupo encontra-se todas as quartas-feiras às 21h30 no mesmo local de sempre: o Largo da Portagem.

Localizado junto ao Rio Mondego, o Largo da Portagem pode ser visto como um ponto central da cidade de Coimbra. Partindo deste ponto, é possível deslocar-se para vários pontos da cidade. Seja em direção ao interior da Baixa da cidade, através da Rua Ferreira Borges. Seja para aceder à margem esquerda do rio, para Santa Clara, através da Ponte de Santa Clara. Seja ainda para seguir em direção ao Parque Verde do Mondego ou em sentido oposto, para a Avenida Fernão Magalhães, usando a Avenida Emídio Navarro. Seja, enfim, para, num ato de coragem, enfrentar a subida à colina do polo I da universidade, galgando a Couraça da Estrela e depois a Couraça de Lisboa. O Largo da Portagem é um local icónico e de referência para este grupo. Escolhido como local do encontro semanal dos praticantes, permite iniciar trajetos para qualquer ponta da cidade. Também é aqui que se encontram os três grupos para finalizar a sessão, esperando uma semana para que nova sessão se possa realizar.



FIGURA 41: LOCALIZAÇÃO DO LARGO DA PORTAGEM, MARCADO A LARANJA.

FONTE: [HTTPS://DRIVE.GOOGLE.COM/OPEN?ID=1CYUQRBVINQ8A1J0XOU95W9UE-D-S8PHU&USP=SHARING](https://drive.google.com/open?id=1CYUQRBVINQ8A1J0XOU95W9UE-D-S8PHU&usp=sharing)

Este é um local que serve de porta de entrada para o comércio que existe na Baixa de Coimbra, caracterizando-se pela existência de serviços, de comércios e alojamento local. É também um ponto de passagem para diferentes atores sociais, nomeadamente peões, que usam este espaço urbano como ponto de passagem na sua deslocação para outros pontos da cidade.



Figura 42: Local no Largo da Portagem onde o “Night Runners Coimbra” todas as quartas-feiras às 21h30 (Sessão 42, dia 13 de novembro de 2019).

Fonte: Fotografia captada pelo autor.

Embora o Largo da Portagem seja um local amplo onde várias pessoas podem circular livremente, o espaço representado por esta fotografia representa o local exato onde os “night runners” fazem a sua concentração semanal.

Como é possível verificar, e ainda antes do que será discutido no capítulo da vídeo-etnografia, por aqui se percebe como este grupo faz notar a sua presença no espaço público. Sendo este um local de passagem diária e sempre ocupado por muitas e diversas pessoas, que circulam de um lado para o outro, pode-se pensar que este local não é o espaço ideal para um grupo de pessoas se reunir e fazer exercício físico. Contudo, os espaços urbanos estão sempre a ser reinventados no domínio dos seus usos e das funções para que estão destinados. Basta apor as duas imagens seguintes (Figuras

43 e 44), para deixar patente como um local de passagem para muitos peões pode passar, mesmo que temporariamente, a ser um local de prática de desporto¹²⁸.



FIGURA 43: LARGO DA PORTAGEM ÀS 21H (SESSÃO 27, DIA 31 DE JULHO DE 2019).

FONTE: FOTOGRAFIA CAPTADA PELO AUTOR



FIGURA 44: LARGO DA PORTAGEM ÀS 21H30 (SESSÃO 27, DIA 31 DE JULHO DE 2019).

FONTE: FOTOGRAFIA CAPTADA PELO AUTOR.

¹²⁸ Este é o momento exato para esclarecer uma questão que se irá levantar, não só neste capítulo, mas igualmente no capítulo da vídeo-etnografia. Essa questão prende-se com o direito à imagem. Segundo o Código Civil Português, a captação de imagens deve ter sempre o devido consentimento de todas as pessoas que nelas possam aparecer (Presidência do Conselho de Ministros, 1967:17). Todavia, como apontado no seu Artigo 79º: “Não é necessário o consentimento da pessoa retratada quando assim o justifiquem (...) finalidades científicas, didáticas ou culturais (...) decorrido publicamente” (*idem*). Sendo esta investigação de cariz científico, esta investigação encontra-se albergado por essa isenção e dessa forma, todas as fotografias captadas pelo autor e aqui publicadas estão na conformidade da respetiva Lei, respeitando igualmente diretivas comunitárias mais recentes.

Comparando ambas as fotografias, é notória a diferença entre o Largo da Portagem, às 21h, quando é um local de passagem para muitos peões ou para consumidores e turistas sentados nas esplanadas dos cafés, e o Largo da Portagem às 21h30. Num curto espaço de tempo, consegue transformar-se num local de encontro de pessoas que se reúnem para fazer exercício físico, tornando-se igualmente um espaço de convívio e de confraternização dos elementos do grupo, como é possível perceber na Figura 44. Visualmente, o fenómeno ganha traços de rolezinho (e não de arrastão), trazendo para o palco da cena urbana modos alternativos de mobilidade, ainda que esteja em causa mais o exercício do “poder de desconcertar” que do “poder de ameaçar” (Hebdige, 1988).

Variando ao longo do ano e dependendo das condições atmosféricas e dos ritmos da cidade, este grupo consegue, por vezes, juntar perto de 100 pessoas para a prática de exercício físico, dividindo-se os praticantes pelos três grupos já anteriormente referidos.



FIGURA 45: MOMENTO EM QUE OS ORGANIZADORES CUMPRIMENTAM OS PARTICIPANTES DE MAIS UMA SESSÃO DO “NIGHT RUNNERS COIMBRA” (SESSÃO 27, DIA 31 DE JULHO DE 2019).

FONTE: FOTOGRAFIA CAPTADA PELO AUTOR.

A partir das 21h35, para dar tempo às pessoas, que possam estar um pouco atrasadas, de se juntar à sessão, os organizadores responsáveis pela sessão dessa noite cumprimentam todas as pessoas presentes, dando início o aquecimento de todo o grupo, incluindo os participantes do grupo da caminhada. Além de uma sessão de aquecimento, o momento é também uma sessão de animação e de motivação para a

prática, onde se procura criar envolvimento coletivo. Seguindo as instruções dos estudantes, os participantes esforçam-se para acompanhar quem lidera o aquecimento/animação e para executar todos os exercícios de alongamentos que têm de ser feitos.



FIGURA 46: MOMENTO DE AQUECIMENTO DO GRUPO NO LARGO DA PORTAGEM (SESSÃO 37, DIA 9 DE OUTUBRO DE 2019).
FONTE: FOTOGRAFIA CAPTADA PELO AUTOR.



FIGURA 46: MOMENTO DE REUNIÃO DA CORRIDA INTERMÉDIA, AINDA NO LARGO DA PORTAGEM, ONDE É EXPLICADO O PERCURSO E DADAS AS INSTRUÇÕES DE SEGURANÇA A SEREM SEGUIDAS (SESSÃO 44, 27 DE NOVEMBRO DE 2019).
FONTE: FOTOGRAFIA CAPTADA PELO AUTOR.

Feito o aquecimento, o grande grupo que temporariamente ocupou uma parte do Largo da Portagem divide-se nos três grupos que compõem este grande grupo que ali se juntou. Dividido o grupo, e com cada grupo em determinado ponto do Largo da Portagem, são feitas as devidas preparações ainda antes de se começar a corrida ou a caminhada.

São os momentos em que “night runners” se juntam para ouvir os responsáveis pela sessão, sendo dadas instruções sobre o trajeto que será feito naquela sessão e as indicações de segurança que devem ser cumpridas, para o bem de todos e para que não haja acidentes. É neste momento que são sugeridos os trajetos, que nunca são objeto de divulgação durante a semana precedente. Trajetos esses que, sublinhe-se, não são estáticos. Como será discutido mais à frente, os trajetos podem sofrer alterações, havendo momentos de negociação entre os “night runners”, que, frequentemente, levam a redefinição dos circuitos.



FIGURA 47: PARTIDA DE MAIS UMA CORRIDA DO GRUPO DE CORRIDA INTERMÉDIA, NO LARGO DA PORTAGEM (SESSÃO 51, 29 DE JANEIRO DE 2020).

FONTE: FOTOGRAFIA CAPTADA PELO AUTOR.

Tendo os três grupos partido simultaneamente para percorrerem os circuitos escolhidos pelos organizadores, o Largo da Portagem volta ao que era antes. Um local

de referência, às portas da Baixa de Coimbra e junto ao rio, onde peões vão fazendo as suas deslocações de forma livre e sem necessidade de fazer desvios no seu percurso.



FIGURA 48: LARGO DA PORTAGEM, DEPOIS DE MAIS UMA SAÍDA DO GRUPO PARA A SUA PRÁTICA, ÀS 21H50 (SESSÃO 22, DIA 12 DE JUNHO DE 2019).

FONTE: FOTOGRAFIA CAPTADA PELO AUTOR.

No entanto, esta é uma situação temporária. O Largo da Portagem serve como local de encontro dos “night runners”, como local de execução dos exercícios de aquecimento e como local de chegada dos três grupos. Por vezes, pode acontecer também que o circuito inclua uma passagem pelo Largo da Portagem. Se a saída é simultânea, a chegada está apenas programada para um horário indicativo: às 22h30. Esse novo efeito de concentração, para nova sessão de alongamentos e de reforço do espírito grupal, terminando sempre com a realização de uma fotografia coletiva, faz parte do *ethos* do grupo. A fotografia é sempre publicada na página de Facebook do grupo, onde se encontram outras fotografias da sessão¹²⁹.

¹²⁹ Alguns exemplos dessas fotografias encontram-se no capítulo anterior.



FIGURA 49: ALONGAMENTOS APÓS MAIS UMA CORRIDA TERMINADA PELO GRUPO DE CORRIDA INTERMÉDIA, NO LARGO DA PORTAGEM (SESSÃO 28, DIA 7 DE AGOSTO DE 2019).

FONTE: FOTOGRAFIA CAPTADA PELO AUTOR.

Quando os night runners se dispersam, caminhando a passos largos para as 23h, e já depois de captadas as fotografias e feitas as devidas despedidas, o Largo da Portagem torna-se um local mais tranquilo. A essa hora já não há praticamente ninguém a cruzá-lo ou que nele permaneça, embora no Verão esse fenómeno seja menos frequente. Deixa de ser um local vivo, sem o bruaá de uma praça de pessoas a rir e a falar entre si, tornando-se um local silencioso, acompanhando o silêncio das ruas em volta, aqui e ali cortado pelo som de um carro que passa.

Este é o ritual que se repete todas as semanas, tendo-se concretizado de forma semelhante durante as 56 sessões que foram acompanhadas, entre novembro de 2018 e março de 2020. Tendo o período de análise sido longo, foi possível identificar outras questões. Uma delas diz respeito à composição do próprio grupo e tem a ver com sazonalidades. O período analisado permitiu distinguir dois perfis de participantes: os regulares, que raramente deixam de marcar presença e os esporádicos, sendo este último grupo composto por frequentadores intermitentes e por aqueles que são regulares durante um período de tempo de, a dado momento, deixam de aparecer. Este efeito é sobretudo mais visível no subgrupo de corrida intermédia, o subgrupo mais numeroso dos três.

Embora não seja possível explicar com rigor o porquê desta situação, a observação indireta permite apontar possíveis causas. Uma delas prende-se com a condição de estudantes e de trabalhadores (ex-estudantes em Coimbra), que, deslocando-se irregularmente a Coimbra, por questões académicas ou de trabalho, acabam por participar nestas sessões de forma esporádica. Também as próprias condições atmosféricas contribuem para esta situação, sobretudo se a temperatura estiver baixa, ou se chover, o que não incentiva muito para uma caminhada ou corrida à noite. Observou-se também a ocorrência de casos pontuais marcados pelo desagrado de participantes que, não se identificando com o conceito, deixaram de comparecer nas sessões. Discutindo esta questão com os estudantes organizadores, estes apontam para queixas pontuais sobre o ritmo usado na corrida intermédia, como estando ou muito alto ou muito baixo, o que não agrada a todos.

O impacto deste grupo é de tal modo significativo que são organizadas sessões especiais que coincidem com as sessões ordinárias. Pode-se mesmo falar numa espécie de sessões temáticas, nas quais uma determinada causa social marca presença, animando a sessão. Exemplos disso são a caminhada especial promovida durante a sessão do “Night Runners Coimbra” para a sensibilização para a luta contra o Cancro (realizada no dia 15 de maio de 2019, na sessão de observação 18) ou ainda a sessão especial do grupo, em parceria com a Associação Gatos Urbanos, para angariação de alimentos para os animais que se encontram disponíveis para adoção. Mesmo nestas sessões especiais, o número de participantes não varia muito em relação a sessões com condições atmosféricas semelhantes.



FIGURA 50: FOTOGRAFIA DE GRUPO APÓS A SESSÃO QUE SERVIU DE ANGARIAÇÃO DE ALIMENTOS PARA A ASSOCIAÇÃO GATOS URBANOS (SESSÃO 29, DIA 14 DE AGOSTO DE 2019).

FONTE: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/](https://www.facebook.com/NIGHTRUNNERSCOIMBRA/)

Os organizadores confirmam a sazonalidade dos fluxos nos anos que antecedem o período de observação, razão que induz a um esforço acrescido de renovação constante do grupo de corredores noturnos. Sair do conforto do lar, em dias de chuva e de frio, aventurando-se a correr ou a caminhar pela cidade à noite em grupo, pode não ser para todos. Mas o grupo de indefectíveis que mantêm a regularidade da prática tem sido suficiente para fazer notar a sua presença no espaço, mesmo nos momentos em que os praticantes diminuem. Encher o Largo da Portagem com uma massa humana significativa, a meio da semana à noite, para praticar exercício, como várias vezes se viu durante a observação, não é muito comum nas cidades portuguesas.

A concentração de pessoas que se verifica todas as quartas-feiras à noite no Largo da Portagem, sempre à mesma hora, torna-se um *happening* urbano que caracteriza as cidades performativas, configurando a formação de novas identidades e sociabilidades (Peixoto, 2013: 143). Todavia, e como aqui foi já referido, o Largo da Portagem, não é apenas um local de encontro e de expressão dos “night runners”.

Nos momentos, mesmo que temporários e localizados, em que este espaço se transforma no local de concentração e de manifestação dos “Night Runners Coimbra”, outros atores sociais, nomeadamente peões, usam também este espaço, como ponto de passagem para outros locais. Usando o Largo da Portagem para se moverem de um ponto para outro, dentro da cidade, deparam-se com um grupo de pessoas que está a ocupar uma grande porção do espaço que, normalmente, iriam usar na sua mobilidade. Tendo em consideração este cruzamento iminente entre “night runners” e peões, procurámos observar como é que os peões lidavam com a presença deste grupo, neste espaço urbano em particular.

Ao longo das várias sessões que foram sendo presenciadas, verificou-se que os peões, apercebendo-se da presença deste grupo, e de forma a não perturbar a sua prática, desviavam o seu caminho. Este desvio efetua-se passando por detrás do grupo, no espaço que existe entre os edifícios e o grupo como mostram as duas fotografias seguintes (Figuras 52 a 55).



FIGURA 51: MOMENTO EM QUE PEÕES, QUE ATRAVESSANDO O LARGO DA PORTAGEM E PARA NÃO PREJUDICAR O TREINO DO GRUPO, PASSA POR TRÁS DO MESMO (SESSÃO 21, DIA 5 DE JUNHO DE 2019).

FONTE: FOTOGRAFIA CAPTADA PELO AUTOR.



Figura 52: Momento em que peões, que atravessando o Largo da Portagem e para não prejudicar o treino do grupo, passa por trás do mesmo (Sessão 21, dia 5 de junho de 2019).

Fonte: Fotografia captada pelo autor.

No entanto, também existem casos de pessoas que passam pelo lado da estátua que fica nas costas dos organizadores quando estes estão voltados para os participantes. O que significa, igualmente, que desviam o seu caminho de forma a não perturbar a sessão que está a decorrer naquele momento.



Figura 53: Momento em que peões, que atravessando o Largo da Portagem e para não prejudicar o treino do grupo, desviam o seu caminho (Sessão 54, dia 19 de fevereiro de 2020).

Fonte: Fotografia captada pelo autor.



FIGURA 54: MOMENTO EM QUE PEÕES, QUE ATRAVESSANDO O LARGO DA PORTAGEM E PARA NÃO PREJUDICAR O TREINO DO GRUPO, DESVIAM O SEU CAMINHO (SESSÃO 54, DIA 19 DE FEVEREIRO DE 2020).

FONTE: FOTOGRAFIA CAPTADA PELO AUTOR.

Além de fazer com que haja pessoas a desviar-se do seu caminho, a presença deste grupo torna-se frequentemente alvo de curiosidade por parte de peões que cruzam o local e que, não conhecendo o grupo, nem a atividade que se está a realizar naquele local, param a sua deslocação para apreciar o acontecimento. No momento captado pela foto da Figura 56, embora não seja visível (devido ao poste de iluminação), há quem tire fotografias. Aconteceu também algumas vezes ver turistas de outros países, surpreendidos com a quantidade de pessoas a fazer exercício à noite na praça, imitar o grupo na prática de exercícios de alongamento, promovendo um misto de carnavalização das práticas e um esforço de integração na cultura local.

Como é possível perceber, o impacto da presença do “Night Runners Coimbra” no espaço público não é apenas visual, induzindo também uma alteração dos comportamentos dos demais utentes do espaço em que as atividades se realizam.



FIGURA 55: MOMENTO EM QUE PEÕES QUE ATRAVESSAM O LARGO DA PORTAGEM, PARAM A SUA MOBILIDADE PARA VER O QUE SE PASSA NAQUELE MOMENTO, REVELANDO CURIOSIDADE COM A PRÁTICA DESTE GRUPO (SESSÃO 23, DIA 19 DE JUNHO DE 2019).
FONTE: FOTOGRAFIA CAPTADA PELO AUTOR.



FIGURA 56: MOMENTO EM QUE PEÕES QUE ATRAVESSAM O LARGO DA PORTAGEM, PARAM A SUA MOBILIDADE PARA VER O QUE SE PASSA NAQUELE MOMENTO, REVELANDO CURIOSIDADE COM A PRÁTICA DESTE GRUPO (SESSÃO 23, DIA 19 DE JUNHO DE 2019).
FONTE: FOTOGRAFIA CAPTADA PELO AUTOR.

Resumindo as ideias que foram sendo apresentadas e debatidas ao longo deste capítulo, evidencia-se uma clara presença do “Night Runners Coimbra” no espaço público, sendo notória a intencionalidade dessa presença, mormente quando se reúne no Largo da Portagem para dar início, ou para concluir, mais uma sessão de corrida/caminhada noturna. Ainda que o número de participantes seja variável ao longo

do ano, regista-se a tendência para a presença regular de um número significativo de pessoas, raramente, mesmo nos períodos mais críticos, abaixo das duas dezenas.

Um dos indicadores mais sólidos do reconhecimento público do grupo reside na associação, através de sessões especiais, das atividades que promove a iniciativas de cariz solidário. Estas parcerias nem sempre têm origem no interior do grupo. O facto de algumas surgirem de fora para dentro é revelador do capital social que o grupo vem acumulando localmente.

A presença efetiva deste grupo num espaço público central tem forçosamente repercussões em termos de interações com outros atores sociais, no caso com peões, que usam o mesmo espaço. O tipo de interações, caracterizado pela cedência de espaço por parte dos transeuntes e pela contemplação que estes fazem da prática desportiva dos corredores noturnos, resulta do facto de nos encontrarmos num espaço público central e pedonal, sendo expectável que o mesmo não ocorra nas interações dos “night runners” com outros utentes da cidade em outros espaços urbanos.

Este grupo, que ocupa o Largo da Portagem todas as quartas-feiras à noite, composto por membros que partilham características comuns, pode ser apresentado como uma “multidão” (Shils, 1990: 96) que assume uma dimensão performativa e desconcertante. Mas, interessa ir mais longe. É preciso conhecer melhor quem são estas pessoas e o que as leva a estar ali a participar todas as semanas em sessões de corrida/caminhada noturna. É preciso ir mais além e perceber como é que este grupo marca a sua presença, não só neste local em particular, mas em toda a cidade de Coimbra e como se processam as suas interações com os restantes atores sociais.

No capítulo seguinte, é feita uma discussão sobre os resultados obtidos com a aplicação dos inquéritos exploratórios por questionário a membros do grupo “Night Runners Coimbra”, percebendo-se melhor, através dessa recolha, quem são e porque saem das suas casas para correr à noite na cidade.

8. “Night Runners Coimbra”: um grupo de corrida diferente

8.1. Introdução

A aplicação da técnica de inquérito por questionário é bastante comum quando se pretende fazer uma caracterização sociodemográfica e genérica de uma amostra, assim como para observar tendências do (ou em relação ao) objeto estudado.

Esta investigação poderia preencher essa necessidade, ou pelo menos parte dela, recorrendo à observação indireta e à netnografia. Apesar disso, e sabendo de antemão que o universo era pequeno, e que uma taxa elevada de não resposta limitava a validade dos resultados, entendemos assumir esta estratégia metodológica como exploratória, de modo a promover a triangulação de dados, sem qualquer objetivo de representatividade estatística. Foi também uma estratégia que pretendia, e que surtiu efeito nessa ambição assumida, dar a conhecer a pesquisa junto dos integrantes do grupo. Por outro lado, a elaboração do questionário e a formulação concreta das questões e das opções de resposta ajudava a identificar e a testar as dimensões a explorar na vídeo-etnografia.

Nesse âmbito, e visando os objetivos identificados, foi elaborado um inquérito por questionário, de reduzida dimensão, de modo a poder ser respondido em poucos minutos, e que tornasse possível recolher informação genérica capaz de ajudar a enquadrar a pesquisa. Para além da caracterização demográfica dos elementos do grupo, numa fase ainda inicial da pesquisa, era, sobretudo, importante ter algumas referências sobre a relação que estes corredores noturnos mantêm com o desporto e com a prática de corrida. O formulário do questionário está disponível no Anexo I.

A sua aplicação foi iniciada poucas semanas depois do início do trabalho de campo e foi aplicado em cinco sessões. Para a sua aplicação, existiam apenas dois períodos temporais disponíveis. Antes da sessão ter início, ou seja, minutos antes das 21h30, ou, em alternativa, no final da sessão, já depois das 22h40. Como é possível perceber, a aplicação do inquérito neste contexto não era fácil, uma vez que a maioria das pessoas chegava muito em cima das 21h30, ou, no final, dispersava rapidamente

para voltar a casa. Ainda que isto se tornasse visível logo na primeira sessão de aplicação do inquérito, com alguns a terem taxas de preenchimento que não permitiam a sua validação, resolvemos prosseguir a tarefa.

Não obstante a colaboração empenhada dos inquiridos a amostra de inquéritos validados é composta por 20 respostas completas. Os respondentes são elementos do “Night Runners Coimbra”, tendo sido escolhidos elementos em concreto para serem entrevistados. Trata-se, por isso, de uma amostra intencional, não probabilística, dependendo a seleção dos respondentes do critério prévio do investigador. Relembramos que o “Night Runners Coimbra” é um grupo de corrida, composto por dois grupos de corridas (corrida intermédia e corrida rápida) e por um grupo de caminhada, para quem não quer, não gosta ou não pode correr. Estes três grupos são diferentes entre si, quer na sua composição, quer nas suas motivações. Essas diferenças de base estiveram na origem da fixação de um critério prévio de amostragem intencional.

Dos três grupos, na aplicação do inquérito, foi imediatamente excluído o grupo da caminhada, que viria, como se dá conta mais à frente, a ser igualmente excluído da vídeo-etnografia. Como o próprio nome do grupo indica, na sua essência, à qual se dirige a ambição heurística da tese, este é um grupo de corrida noturna. Daí chamar-se “Night Runners” e não “Night Walkers”. O grupo da caminhada é apenas um grupo alternativo à corrida, ainda que numeroso quando não chove, cuja existência visa reforçar o caráter eclético da iniciativa e evitar suspeições de discriminação entre quem corre e quem caminha, e até mesmo entre quem corre a diferentes ritmos. Visa igualmente afastar a ideia de competição, favorecendo uma participação alargada, familiar e lúdica. Aliás, como é visível nos exemplos do capítulo anterior, os emojis mais usados apontam para pessoas a correr e não a caminhar. Embora os organizadores tratem todos por “night runners”, sejam participantes da corrida ou da caminhada, a designação do grupo aponta para as pessoas que correm e não para as que caminham.

Restam ainda os dois grupos de corrida, mas também aqui existem diferenças. Mais à frente, as diferenças entre os dois grupos de corrida serão exploradas. Para já, e para justificar o critério prévio de inquirição, o grupo de corrida rápida, apesar de, frequentemente, ter um ritmo de corrida semelhante ao grupo de corrida intermédia, é um grupo que corre sem os organizadores, correndo de livre vontade por sua conta e

risco. Além disso, é um grupo pequeno, quase totalmente masculino. Na prática, durante a corrida, cada um dos atletas acaba por correr sozinho e não em grupo, embora façam o mesmo percurso, inicialmente combinado ou na perseguição do elemento mais rápido. Em contrapartida, o grupo de corrida intermédia é o maior grupo dos três, constituindo grande parte do conjunto de pessoas que comparecem nas sessões, alcançando um pico de presenças de cerca de 50 participantes, incluindo pessoas de várias idades e de ambos os sexos. É também o grupo cuja composição é a mais regular, mantendo-se ao longo do ano, mesmo com condições atmosféricas adversas e variáveis. É sempre acompanhado pelos organizadores da iniciativa.

Estas razões definem o critério prévio que circunscreveu a aplicação do inquérito a este subgrupo. São também as mesmas razões que levaram a que a vídeo-etnografia se realizasse através do acompanhamento das sessões de corrida deste subgrupo. Para realização do inquérito, procurou-se abordar o maior número possível de participantes na corrida intermédia. Além disso, a partir da validação do décimo quinto inquérito, usámos o critério da saturação de informação para a nona pergunta do questionário, que era uma questão importante no âmbito da tese e cuja resposta não podia ser obtida com a aplicação de nenhuma das outras técnicas. Ou seja, fomos tentando aplicar inquéritos até que a informação recolhida não trouxesse novas informações relevantes e novas para a investigação. Ao fim da aplicação dos 20 inquéritos, atendendo à dimensão do subgrupo, à economia de realização da pesquisa e ao facto de os inquéritos serem anónimos - e, por causa disso, não ser possível controlar, entre aqueles que nos informavam já ter respondido, quem tinha preenchido inquéritos não validados -, não fazia sentido continuar a sua aplicação, uma vez que as informações que estavam a ser recolhidas ou já não eram novas, ou não alteravam as tendências. De forma muito sintética, neste capítulo, apresentamos os resultados finais da aplicação de 20 inquéritos validados entre elementos do “Night Runners Coimbra” que participaram nas sessões do grupo durante o período de aplicação do instrumento metodológico.

Numa primeira parte do capítulo, é feita uma apresentação dos resultados relativa à caracterização sociodemográfica dos “night runners”. Complementando-se essa análise com uma segunda parte onde se procede a uma análise comportamental e motivacional em relação à prática de correr à noite pelas ruas da cidade de Coimbra.

8.2. Caracterização sociodemográfica dos “night runners”

Nos próximos parágrafos, fazemos uma caracterização genérica do grupo da corrida intermédia dos “night runners”, dando conta da composição sexual do grupo, do perfil etário, do estado civil, da ocupação atual, do grau de instrução completo mais elevado e do concelho de residência no momento da aplicação do inquérito. Esta moldura geral permite perceber se existe ou não homogeneidade no subgrupo.

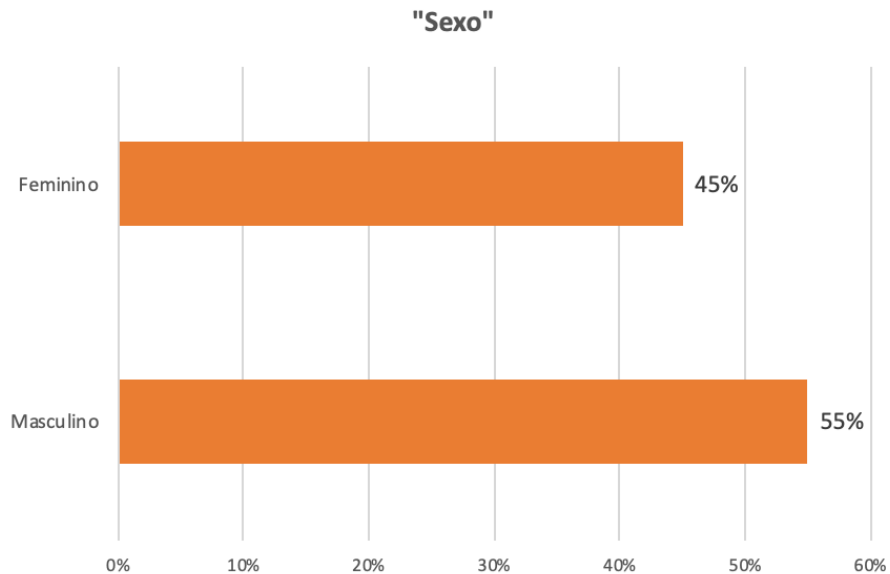


FIGURA 57: SEXO DOS INQUIRIDOS

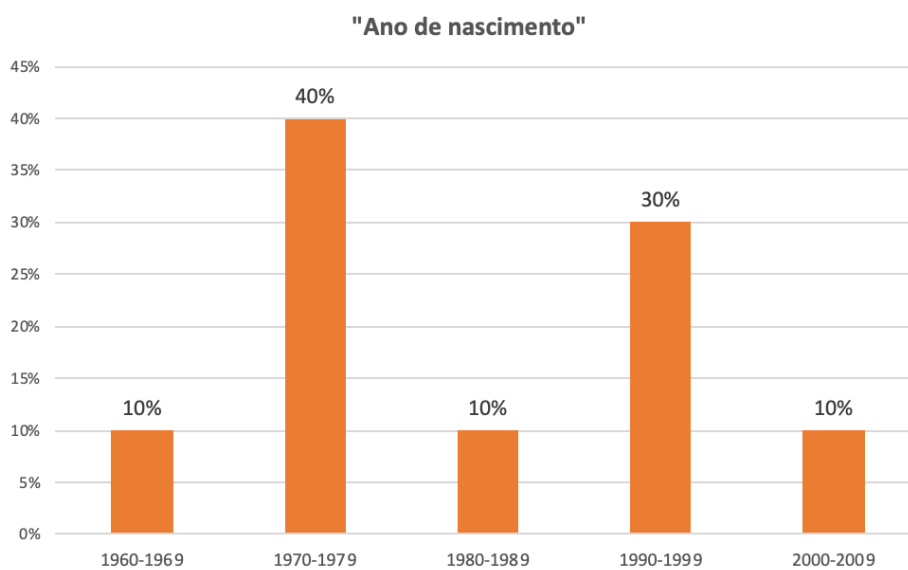


FIGURA 58: ANO DE NASCIMENTO DOS INQUIRIDOS

A figura 58 comprova umas das observações registada através da observação indireta. O subgrupo é composto em partes quase iguais por elementos de ambos os sexos, com uma ligeira predominância para os elementos do sexo masculino. Como se verifica, 55% da amostra é composta por participantes masculinos. Embora alguns autores vinquem que existem distinções significativas entre sexos no que diz respeito à adesão à prática de corrida (Ogles *et al.*, 1995: 244; Smith, 2000: 193), no caso analisado essa tendência não é verificável.

Além da heterogeneidade sexual, o subgrupo é igualmente heterogéneo do ponto de vista etário (Figura 59). Se a categoria etária modal é a composta por aqueles que nasceram na década de 1970, e que estão agora na chamada meia idade, ou a chegar lá, os jovens entre os 20 e os 30 anos, nascidos na década de 1990, têm também uma presença significativa no subgrupo. Em termos etários, o subgrupo fecha-se entre os 16 e os 60 anos de idade. Esta heterogeneidade, definida pelas duas variáveis que tradicionalmente mais excluem as pessoas da prática de atividades físicas (Peixoto, 2019), são um aferidor do sucesso da iniciativa, que se apresenta como abrangente e inclusiva.

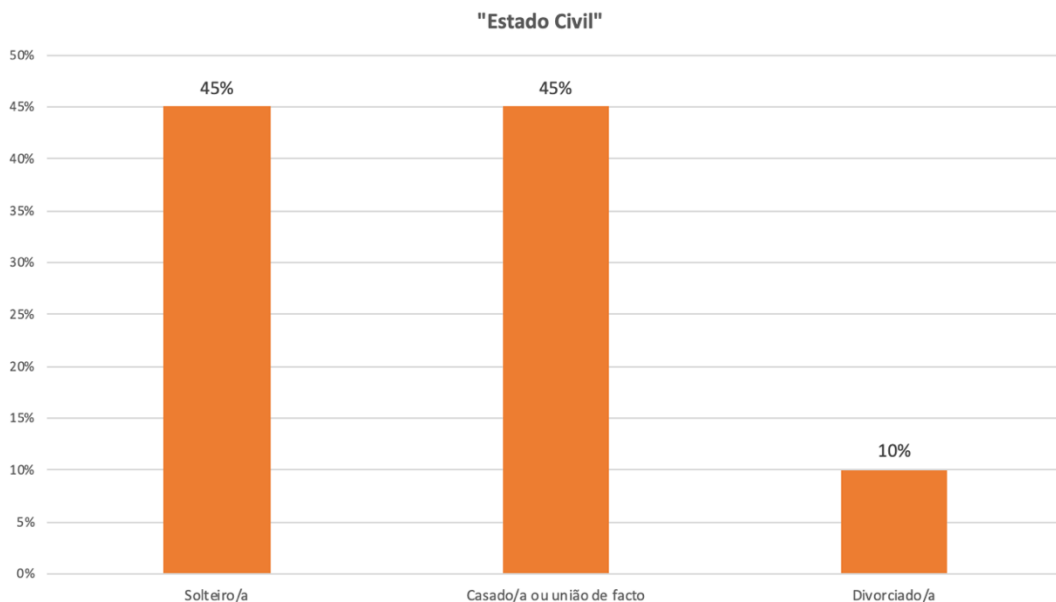


FIGURA 59: ESTADO CIVIL DOS INQUIRIDOS

A heterogeneidade prolonga-se também na variável “estado civil” (Figura 60), o que decorre, em boa parte, da própria composição etária do grupo. Estende-se ainda à variável “ocupação atual” (Figura 61). A predominância de participantes que trabalham a tempo inteiro é um dado relevante, pois legitima a hipótese que a causa para correr à noite possa ser a falta de disponibilidade para o fazer a outra hora, ou uma válvula de escape para rotinas associadas ao trabalho. Já a presença também significativa de estudantes não é alheia às origens e ao enquadramento institucional da iniciativa.

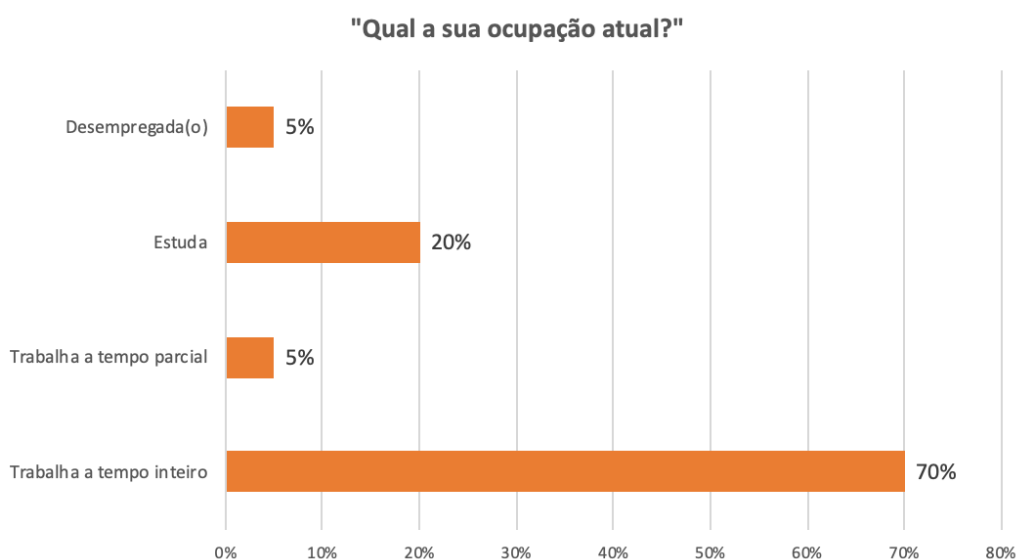


FIGURA 60: OCUPAÇÃO PRINCIPAL DOS INQUIRIDOS

Onde a amostra se torna tendencialmente mais homogénea é em relação à variável “grau de instrução mais elevado que completou” (Figura 62). A predominância de pessoas altamente escolarizadas corrobora os dados recentemente coletados por Paulo Peixoto para o concelho de Lisboa, que confirmam o grau de escolaridade como a terceira variável, a seguir à idade e ao sexo, mais segregadora da prática desportiva. O elevado grau de escolarização dos participantes sugere a hipótese de haver outras razões, que não a mera indisponibilidade para a prática em outros horários, para que se corra em grupo à noite na cidade, designadamente razões conviviais, hedonistas e, eventualmente, razões ligadas a preocupações com a saúde.

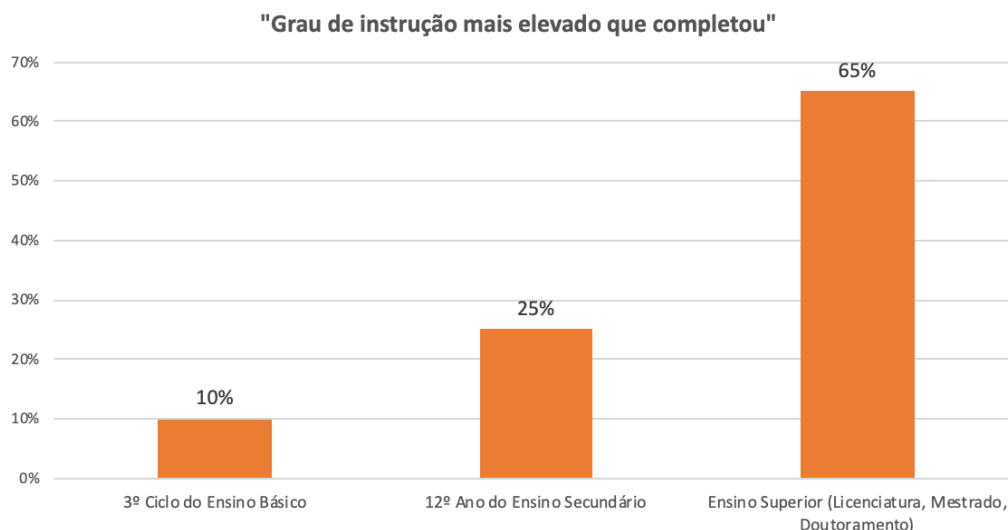


FIGURA 61: GRAU DE INSTRUÇÃO MAIS ELEVADO QUE OS INQUIRIDOS COMPLETARAM

Tendo presente que a prática de exercício físico é o grande objetivo que guia as sessões do “Night Runners Coimbra”, em teoria, as qualificações escolares e académicas dos praticantes apontam para uma maior consciencialização em relação aos benefícios da prática de exercício físico. Os participantes poderão, eventualmente, encarar a prática grupal de atividade física noturna como uma terapia de grupo que lhes permite escapar à pressão de ocupações diárias mentalmente exigentes. O facto de o poderem fazer entre iguais, envolvidos numa sensação de desurança, mas ao mesmo tempo de desafio, estando acompanhados por corredores experientes são fatores não despendidos para um grupo com este capital escolar e académico. Esta é uma dimensão a que voltaremos neste capítulo.

Outra marca de homogeneidade relativa às características sociodemográficas dos corredores tem a ver com o concelho de residência (Figura 63).

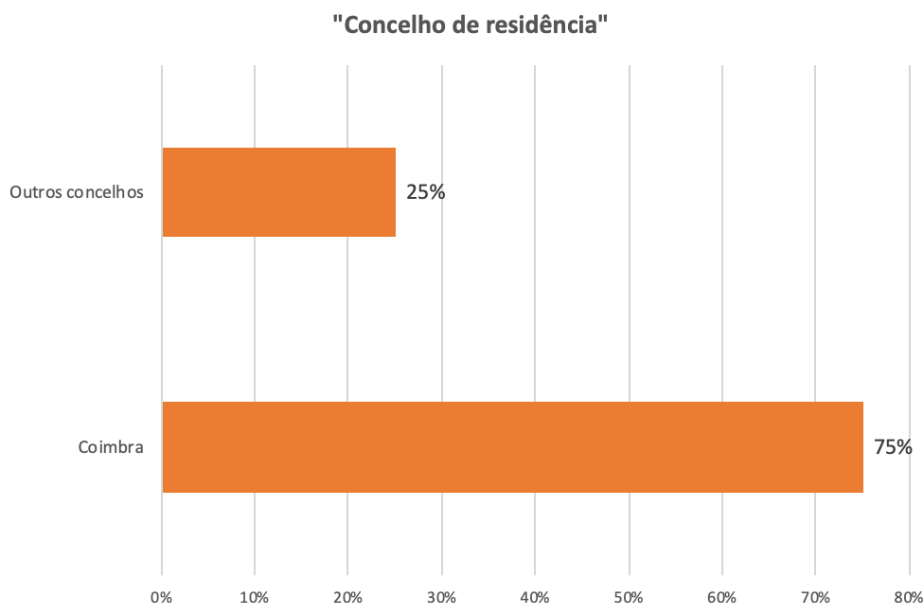


FIGURA 62: CONCELHO DE RESIDÊNCIA DOS INQUIRIDOS

Uma vez que o grupo está centrado em Coimbra e tem como objetivo percorrer as ruas da cidade, seja a correr ou a caminhar, e tendo presente que as sessões decorrem à noite, acabando tarde, não admira que a tendência prevalecente aponte para uma nítida predominância de residentes no concelho de Coimbra, com 75% dos inquiridos a afirmarem serem residentes no concelho de Coimbra. Ainda assim, seja por haver estudantes do ensino superior no grupo, seja pela replicação de movimentos pendulares de trabalho/estudo de concelhos limítrofes, nomeadamente Condeixa-a-Nova e Montemor-o-Velho, o grupo não é apenas constituído por residentes locais.

Antes de avançarmos para a secção seguinte deste capítulo, na qual procuramos identificar características da prática de corrida dos “night runners” e a relação que cada elemento mantém com o grupo, é curial registar que o subgrupo mais detalhadamente observado tem características que o tornam homogéneo e outras que o tornam heterogéneo. Em termos do perfil do subgrupo, podemos dizer que o mesmo é constituído por pessoas de várias idades; solteiras ou casadas; que, na sua grande maioria, trabalham a tempo inteiro; altamente qualificados, do ponto de vista escolar e académico; residindo predominantemente no concelho de Coimbra. Este carácter dual, ao mesmo tempo homogéneo e heterogéneo, e muito particularmente a heterogeneidade associada às variáveis idade e sexo, torna o grupo permeável a quem se quiser juntar à corrida urbana noturna. Sendo a corrida, uma atividade física, de fácil

execução (Truccolo *et al.*, 2008: 109) e acessível a qualquer pessoa (Shipway e Holloway, 2010: 270; Shipway e Holloway, 2016: 78), é sempre mais fácil captar novos membros para a prática executada pelo grupo.

8.3. Caraterização dos “night runners”

Nesta terceira e última secção da apresentação dos resultados da aplicação dos inquéritos exploratórios, procedemos a uma caracterização mais abrangente do subgrupo dos “night runners”. Para o efeito, seguimos a estrutura de perguntas do questionário, que incluía questões sobre a prática da corrida dos “night runners” e sobre a relação dos “night runners” com o “Night Runners Coimbra”.

Quisémos, em primeiro lugar, conhecer a experiência dos respondentes em prática de corrida, bem como as razões para essa prática. Como tal, procurámos saber mais sobre a prática de corrida dos inquiridos antes de começarem a correr com os “night runners” (Figura 64).

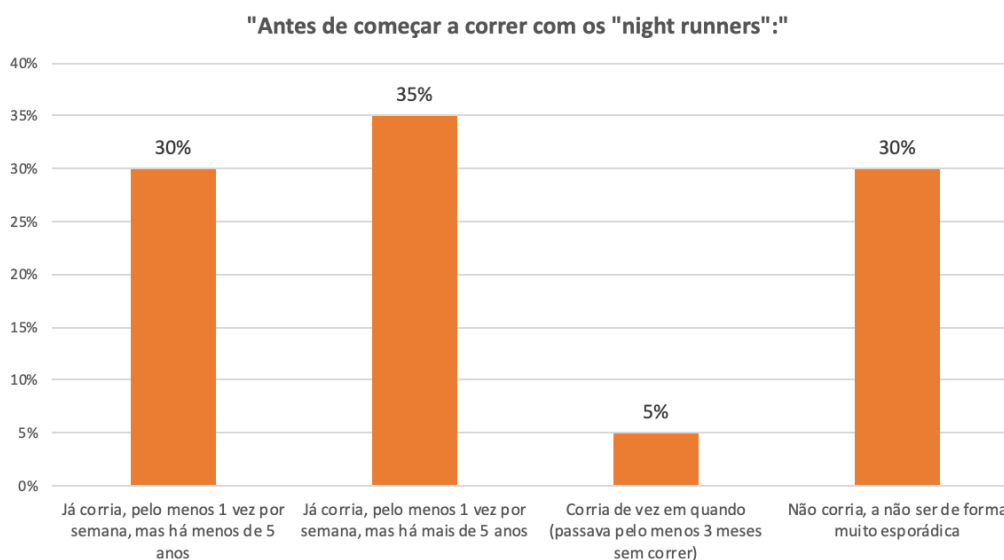


FIGURA 63: RESPOSTAS À PERGUNTA 2 DO INQUÉRITO “ANTES DE COMEÇAR A CORRER COM OS “NIGHT RUNNERS”:

Mais uma vez fica patente a heterogeneidade do subgrupo, ainda que tendencialmente o grupo da corrida intermédia seja composto por elementos que, antes de se juntarem aos “night runners”, já corriam pelo menos uma vez por semana.

Porém, para dar conta dos objetivos da pesquisa, pretendíamos saber se a prática de corrida noturna foi iniciada com a adesão aos "night runners" ou se já era um hábito incorporado previamente por estes praticantes.

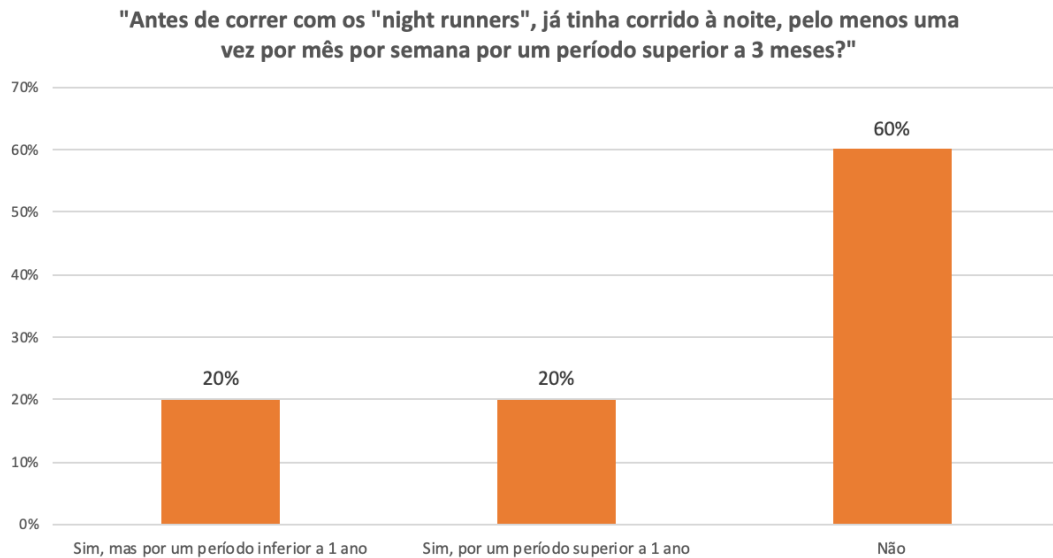


FIGURA 64: RESPOSTAS À PERGUNTA 3 DO INQUÉRITO "ANTES DE COMEÇAR A CORRER COM OS "NIGHT RUNNERS", JÁ TINHA CORRIDO À NOITE, PELO MENOS UMA VEZ POR SEMANA POR UM PERÍODO SUPERIOR A 3 MESES?"

As respostas revelam que, tendencialmente, a prática de corrida noturna se iniciou com a chegada aos "night runners", ainda que haja elementos que mantinham, com maior ou menor regularidade, essa prática antes de aderirem ao grupo.

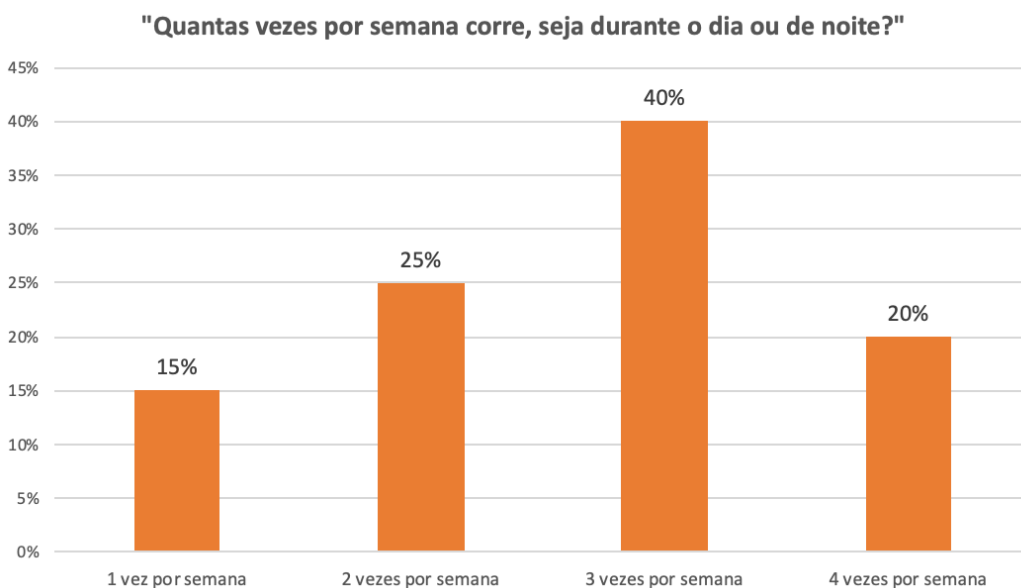


FIGURA 65: RESPOSTAS À PERGUNTA 5 DO INQUÉRITO “QUANTAS VEZES CORRE, SEJA DURANTE O DIA OU DURANTE A NOITE?”

Em relação ao hábito de correr, independentemente da hora do dia (Figura 66), regista-se uma disposição predominante para a regularidade da prática de corrida. Os membros do grupo da corrida intermédia não correm tendencialmente apenas uma vez por semana quando se juntam aos night runners, o que afasta a hipótese de estarmos perante pessoas que apenas correm à noite com os “night runners” por não terem oportunidade de o fazer noutro momento. Presumivelmente, pelos menos para uma parte, a adesão aos “night runners” representa não apenas a oportunidade de intensificação da prática, mas também um modo diferenciado de praticar.

Para testarmos a permeabilidade de apetrechos tecnológicos de corrida, e explorar hipóteses de ligação da prática a estilos de vida saudáveis marcados pelo controlo de indicadores de performance corporal, ou a estilos de vida orientados para a competição, procurámos saber se os elementos da corrida intermédia se municiam com os instrumentos que as tecnologias colocam atualmente ao serviço dos corredores.

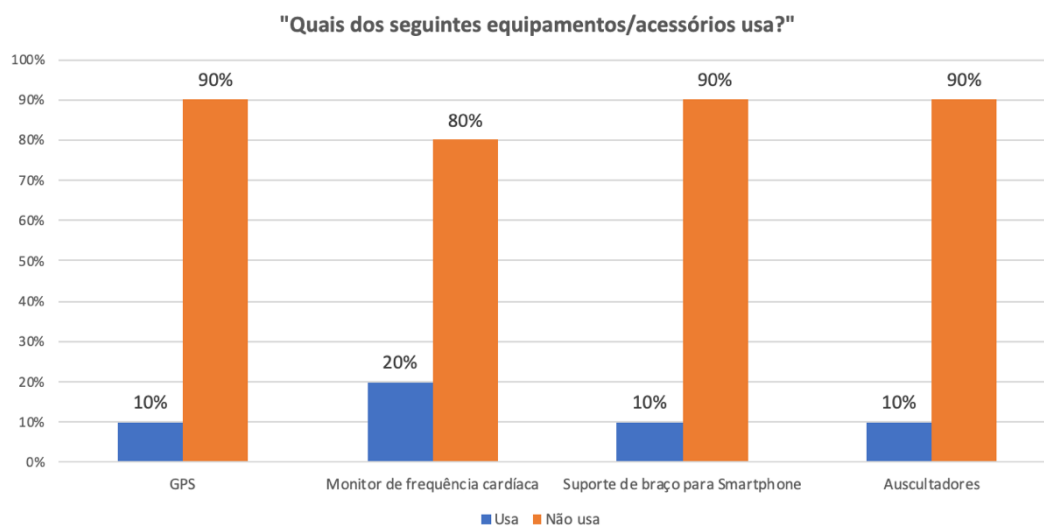


FIGURA 66: RESPOSTA À PERGUNTA 6.1 DO INQUÉRITO “QUAL DOS SEGUINTE EQUIPAMENTOS/ACESSÓRIOS USA?”

Como apontam Shipway e Immy (2007: 377 e 378; 2008: 68 e 69), o uso de dispositivos e de equipamentos desportivos permite identificar vários tipos de atletas ou de corredores. Interessava perceber se usavam algum equipamento desportivo específico e que equipamento era esse. Ainda que alguns dos respondentes indiquem

usar, durante a corrida, GPS, monitor de frequência cardíaca, suporte de braço para Smartphone, ou auscultadores para ouvir música – como já tinha sido possível verificar através da observação indireta -, verifica-se um pendor marcante entre os elementos do subgrupo para apenas usar roupa e calçado desportivo, não havendo uma preocupação notória em relação ao uso de acessórios. Ou seja, existe apenas uma preocupação em fazer a corrida e nada mais, não sendo, neste caso, possível traçar distinções entre atletas a partir do uso diferenciado de tecnologias de corrida.

Quisemos também conhecer as razões que levam os inquiridos a praticarem atividades desportivas, confrontando os elementos do subgrupo com motivos de várias ordens e pedindo-lhes que, na escala “Nada”, “Pouco” e “Muito”, indicassem a importância de cada um dos motivos para a prática que executam. Os motivos em relação aos quais pedimos aos respondentes que se pronunciassem foram os seguintes: “Para se manter saudável”; “Para se superar”; “Para combater o envelhecimento”; “Para se divertir”; “Para relaxar”; “Para desenvolver novas capacidades”; “Para estar com amigos”; “Para conhecer novas pessoas”; “Para estar em boa forma física”; “Para controlar o peso”; “Para melhorar o seu nível de rendimento físico”; e, por fim, “Por recomendação médica”. As respostas dos inquiridos são esclarecedoras.

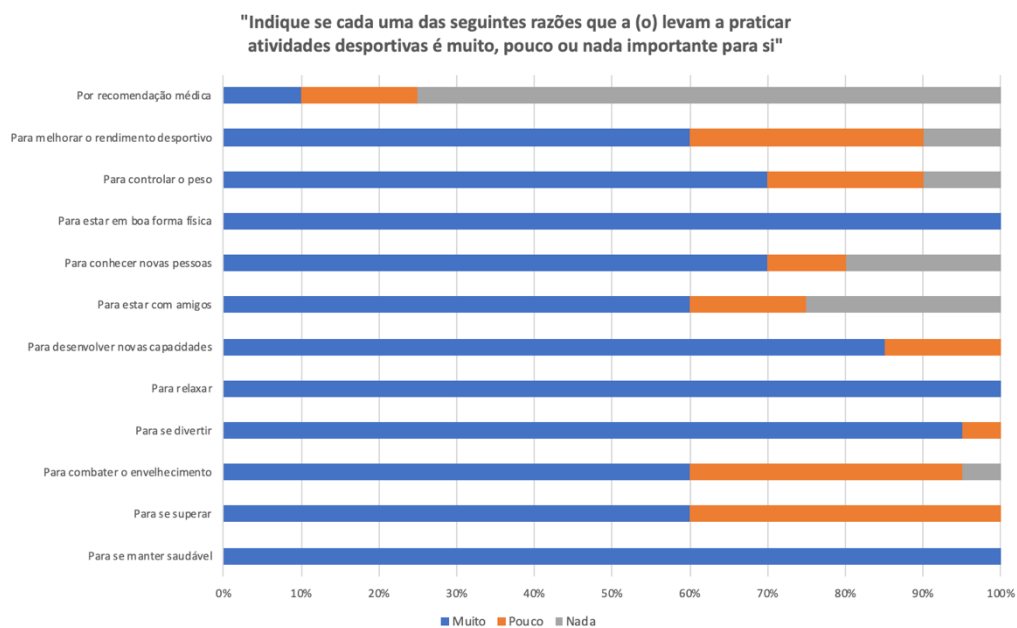


FIGURA 67: RESPOSTAS À PERGUNTA 4 DO INQUÉRITO “INDIQUE SE CADA UMA DAS SEGUINTE RAZÕES QUE A (O) LEVAM A PRATICAR ATIVIDADES DESPORTIVAS É MUITO, POUCO OU NADA IMPORTANTE PARA SI”

A figura 68 mostra que os elementos do subgrupo tendem a considerar quase todas as razões como “muito importantes”, exceção feita ao motivo “por recomendação médica”, que é o único em que a resposta modal não se enquadra nesse grau da escala. Praticar desporto “Para se manter saudável”, “Para relaxar” e “Para estar em boa forma física”, sobressaem como motivos que todos os respondentes identificam como muito importantes. Se a estes juntarmos o motivo “Para se divertir”, quase unanimemente considerado como “muito importante”, aproximamo-nos do perfil dos hedonistas, identificados por Peixoto (2019), no estudo já citado. Por outro lado, ao arrepio do que que pensávamos confirmar, embora tendencialmente considerados “muito importantes”, motivos como “Para estar com amigos” e “Para conhecer novas pessoas” concitam menor importância que o esperado. Por outras palavras, este subgrupo de corredores revela-se, através da sua prática, mais “hedonista” que “partidário da interação social” (*idem*). Em geral, estes motivos, e a importância diferenciada que lhes é atribuída, são semelhantes aos já referidos por outros autores (Summers *et al.*, 1982: 965; Truccolo *et al.*, 2008: 110; Gratão *et al.*, 2016: 92 e 96; Shipway e Holloway, 2016: 84; Hitchings *et al.*, 2017: 338). As tendências das respostas que obtivemos aproximam os praticantes de corrida inquiridos na classificação de *joggers*, usando a classificação de Smith (1998: 180), já apresentada no capítulo 4 (*Cfr.* pp. 61-62). Essa importância diferenciada atribuída aos motivos, resulta seguramente de este subgrupo, ao contrário do subgrupo da corrida rápida, não ter o hábito de fazer competição, o que nos leva a outra questão que colocávamos no questionário (Figura 69).

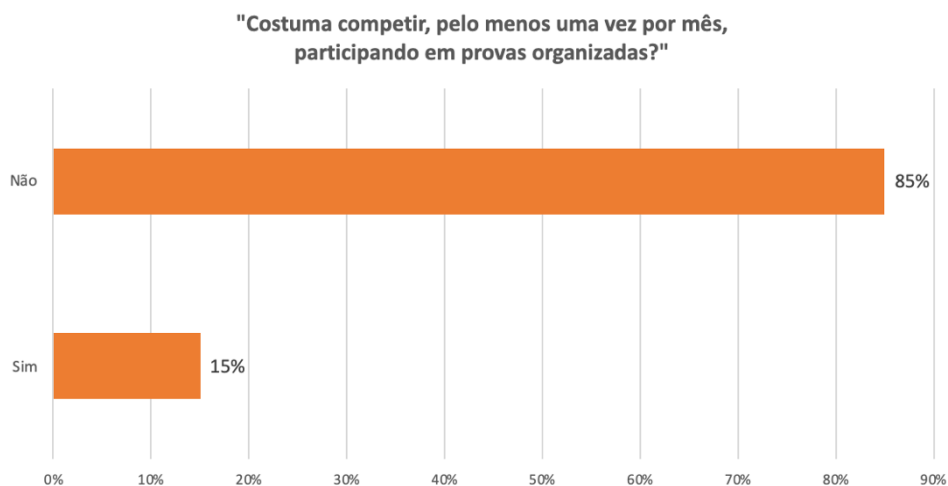


FIGURA 68: RESPOSTA À PERGUNTA 8 NO INQUÉRITO “COSTUMA COMPETIR, PELO MENOS UMA VEZ POR MÊS, PARTICIPANDO EM PROVA ORGANIZADAS?”

Os membros do subgrupo não se mostram propensos a entrar regularmente em competição (Figura 69). Essa especificidade explica a sua disposição em relação a cada um dos motivos. Os quatro motivos a que é atribuída maior importância para justificar a prática desportiva destacam a valorização do prazer e a satisfação pessoal imediatos. Como aponta Smith, fazer exercício por questões de saúde não implica que se tenha que entrar em competições (Smith, 2000: 188). A competição, para os inquiridos, parece residir no desafio que se lançam a eles próprios. Não necessariamente para se superarem (figura 68), embora isso seja “muito importante” para a maioria dos respondentes - o que, conjugado com a fuga à competição os afasta de um perfil puro e duro de desportistas. Mas para se sentirem bem consigo mesmos.

Atendendo a que a maioria dos respondentes corre três ou quatro vezes por semana (Figura 66), o que configura um nível elevado de regularidade da prática, quisemos testar, através de um exercício exploratório de estatística descritiva, que nos pudesse dar pistas para pesquisas futuras, a possibilidade de se registar uma tendência para uma correlação positiva entre o número de vezes que se corre por semana e a propensão para entrar em competições? Apesar do reduzido tamanho da amostra, a tendência registada na Figura 70 abre pistas relevantes.

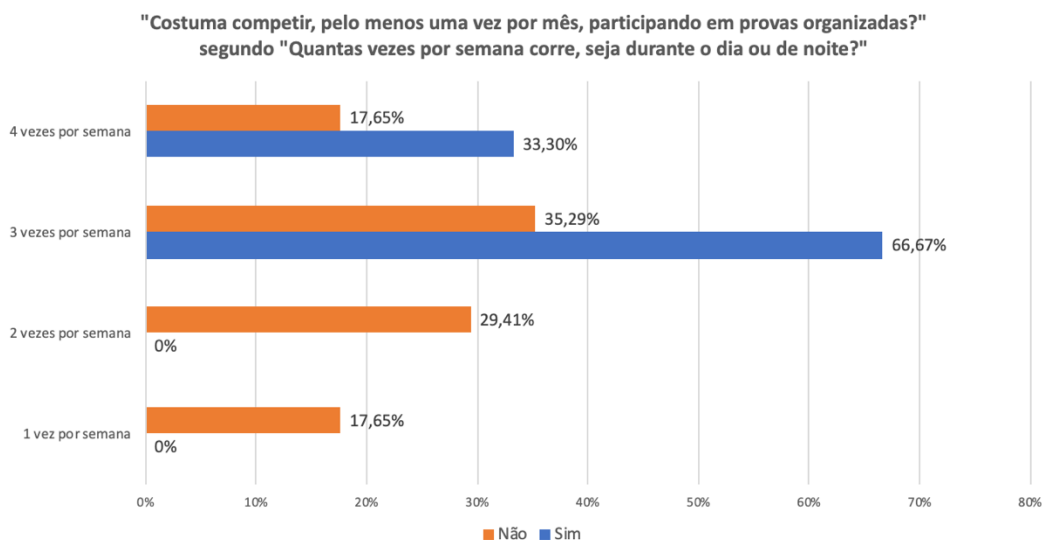


FIGURA 69: “COSTUMA COMPETIR, PELO MENOS UMA VEZ POR SEMANA, PARTICIPANDO EM PROVAS ORGANIZADAS?”
SEGUNDO “QUANTAS VEZES POR SEMANA CORRE, SEJA DURANTE O DIA OU DE NOITE?”

A hipótese da correlação positiva é verosímil, uma vez que os corredores noturnos da corrida intermédia que entram em competições treinam entre três a quatro vezes por semana (Figura 70). Porém, a maioria dos que não entram em competição mantém também esses mesmos níveis elevados de regularidade da prática. Perante estes dados fica aqui assinalada uma limitação heurística que valeria a pena ter explorado, mas que as contingências de realização da tese não permitiram. Se, tendencialmente, todos (os que competem e os que não competem) correm com muita frequência, será que além de correrem em grupo nas noites de quarta-feira, alguns dos elementos do grupo repetem a prática da mesma forma e nas mesmas circunstâncias?

Realizada a caracterização genérica da prática dos inquiridos da corrida intermédia, havia que abordar a relação desses mesmos inquiridos com o grupo “Night Runners Coimbra”. Ou seja, pretendíamos saber, designadamente, há quanto tempo estavam inseridos neste grupo, ao mesmo tempo que se tentava recolher opiniões dos inquiridos sobre o próprio grupo.

Em primeiro lugar, tentou-se perceber há quanto tempo os inquiridos estavam inseridos neste grupo, correndo em conjunto com outros “night runners”.

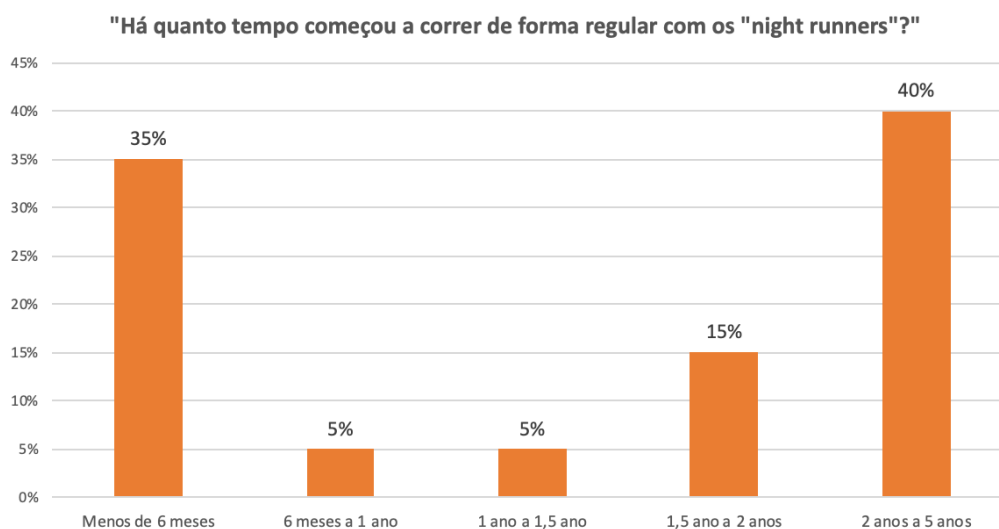


FIGURA 70: RESPOSTAS À PERGUNTA 1 DO INQUÉRITO “HÁ QUANTO TEMPO COMEÇOU A CORRER DE FORMA REGULAR COM OS “NIGHT RUNNERS”?”

A resposta a esta pergunta (Figura 71) vem confirmar aquela que é uma percepção consolidada através da observação indireta. Enquanto grupo, os “night runners” caracterizam-se, no que diz respeito à sua composição, por terem, tendencialmente, dois tipos de membros. Por um lado, aqueles que chegaram há muito tempo ao grupo e que passados dois ou mais anos continuam a correr com o grupo. Por outro lado, aqueles que só mais recentemente, há seis meses ou menos, se juntaram ao grupo. Pelo contexto da sua existência e do seu enquadramento institucional, o grupo tem tendência a manter estruturalmente este perfil. O facto de o grupo se estruturar na componente curricular de uma licenciatura contribui, por via da inclusão dos novos estudantes, para que o grupo mantenha sempre um número significativo de recém-chegados ao grupo. Esse mesmo fator, abrangendo a iniciativa os três anos da licenciatura, faz engrossar o número daqueles que correm com o grupo há mais de dois anos. Acresce que esta concentração nos dois polos da escala temporal revela também a volatilidade do próprio grupo, sujeito a entradas temporárias, seja de estudantes que permanecem temporariamente na cidade, seja daqueles se aventuram na corrida, mas que não encontram motivação para continuar passado algum tempo. Um trabalho mais aprofundado com aqueles que estão há mais tempo com o grupo, particularmente os que correm com o grupo há mais de três anos, permitiria dar conta de lógicas de fidelização e de sociabilidades estendidas, entre esses membros, para lá da corrida à noite às quartas-feiras. Mas exigiria a adoção de uma metodologia adicional, fosse ela a realização de entrevistas semiestruturadas, de retratos sociológicos ou de grupos focais. Em qualquer dos casos seria um trabalho que hipotecaria a realização desta tese no período calendarizado.

Em relação à dimensão grupal da corrida noturna, procurámos recolher impressões dominantes entre os participantes. Uma vez que o inquérito por questionário visava registar exploratoriamente tendências e regularidades, recorreremos, também nesta questão, a uma escala simples e intuitiva: “Sim”, “Não” e “Talvez”. Para essa escala, pedimos aos inquiridos que, na opinião deles, nos indicassem se determinadas situações estavam presentes no grupo, nomeadamente: “As pessoas ajudam-se mutuamente”; “Existem ritmos adaptados a cada um dos participantes”; “As paragens ao longo do trajeto percorrido são adequadas”; “Os trajetos têm um grau de

dificuldade apropriado”; “Os participantes são acompanhados por pessoas com experiência na prática de corrida”; “Os participantes correm sempre em grupo”; “A prática permite conversar com outras pessoas”; “Correr com este grupo permite a prática de uma forma mais segura”; “O grupo oferece percursos com grau de dificuldade variada”; e, por fim, “Permite conhecer melhor a cidade”. As opiniões relativas a cada uma destas questões estão registadas na Figura 72.

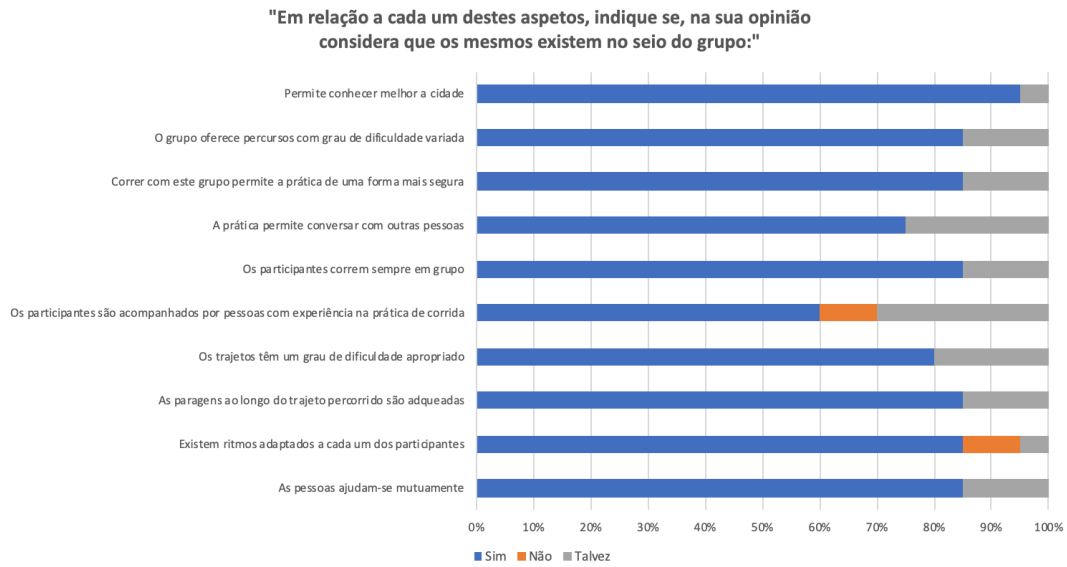


FIGURA 71: RESPOSTA À PERGUNTA 7 DO INQUÉRITO “EM RELAÇÃO A CADA UM DESTES SEGUINTE ASPECTOS, INDIQUE SE, NA SUA OPINIÃO CONSIDERA QUE OS MESMOS EXISTEM NO SEIO DO GRUPO”

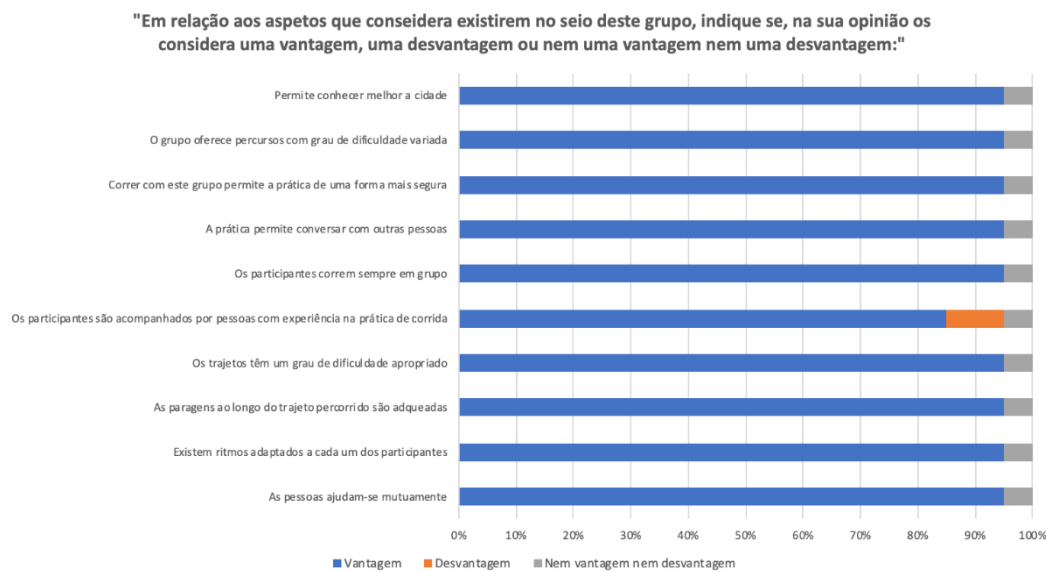


FIGURA 72: RESPOSTA À PERGUNTA 7.1 DO INQUÉRITO “EM RELAÇÃO AOS ASPETOS QUE CONSIDERA EXISTIREM NO SEIO DESTE GRUPO, INDIQUE SE, NA SUA OPINIÃO OS CONSIDERA UMA VANTAGEM, UMA DESVANTAGEM OU NEM UMA VANTAGEM NEM UMA DESVANTAGEM”.

Naturalmente que o facto de uma parte dos praticantes estar a correr com o grupo há menos de seis meses pode suscitar mais dificuldades de resposta ou levar os respondentes a refugiar-se na opção “Talvez”. Em todo o caso, regista-se uma tendência nítida para respostas “Sim” em relação a todas as situações colocadas na questão. A Figura 73 reforça e ajuda a perceber que a identificação com o grupo é muito forte. De uma maneira muito clara, as características do grupo e aquilo que ele oferece são, quase unanimemente, reconhecidas como vantagens. Salientamos, na Figura 72, o facto de o grupo permitir conhecer melhor a cidade ser a situação que concita maior concordância.

Com o inquérito pretendíamos também fixar as visões predominantes do que é, na visão dos próprios ser um “night runner”.

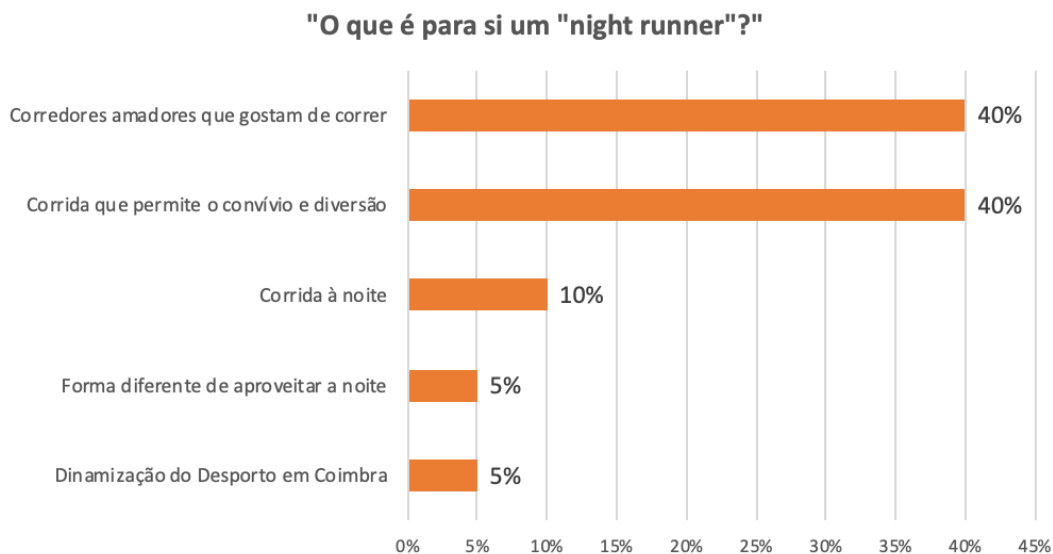


FIGURA 73: RESPOSTA À PERGUNTA 9 DO INQUÉRITO “O QUE É PARA SI UM “NIGHT RUNNER”?”

Colocada sob a forma de pergunta aberta, esta foi, manifestamente, a pergunta à qual os respondentes demonstraram maior dificuldade em responder. Há, nas respostas (Figura 74), três aspetos que se evidenciam. O gosto pela prática da corrida enquanto prática não competitiva, gosto esse que o grupo parece permitir cultivar. A

prática de corrida como dimensão lúdica, diríamos um território lúdico da mobilidade (Cfr. Baptista, 2004). A menor valorização da noite no contexto da prática de corrida grupal noturna na cidade. Mais uma vez, registamos respostas que confirmam as razões predominantes para a prática desportiva não profissional, sobressaindo a diversão como uma das principais razões para correr (Truccolo *et al.*, 2008: 112; Gratão *et al.*, 2016: 92).

Quisemos ainda, mais diretamente, saber se os praticantes se assumem como “night runners” (Figura 75).

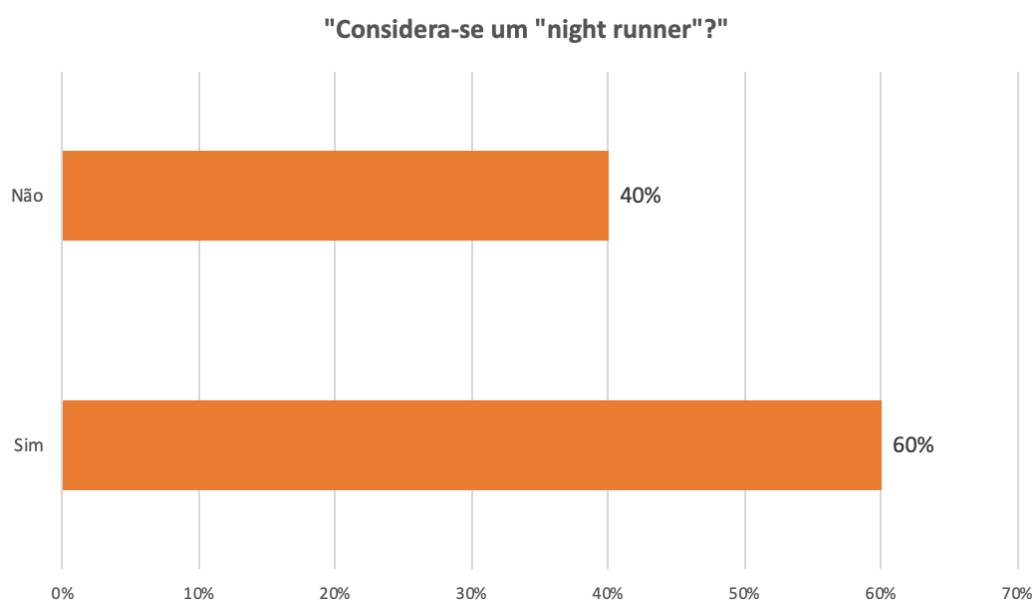


FIGURA 74: RESPOSTA À PERGUNTA 10 DO INQUÉRITO “CONSIDERA-SE UM “NIGHT RUNNER”?”

As respostas mostram que os praticantes estão divididos em relação à assunção desta identidade performativa. Uma amostra mais alargada, impossível de garantir ao ponto necessário, dado o tamanho do universo, ou metodologias alternativas, ajudariam a perceber razões para as formas diferenciadas de identificação, postulando-se haver uma correlação positiva entre a identificação com a designação do grupo e o tempo de inclusão nesse mesmo grupo. O exercício exploratório possível (Figura 75) confirma esta mesma hipótese. Os dados sugerem que à medida que aumenta o tempo de prática de corrida com este grupo aumenta igualmente a incidência de praticantes que se consideraram “night runners”.

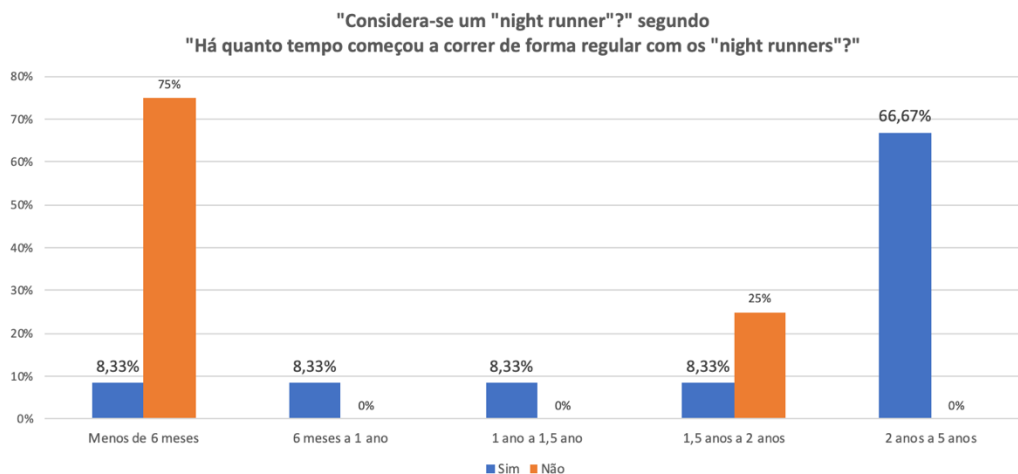


FIGURA 75: “CONSIDERA-SE UM “NIGHT RUNNER”?” SEGUNDO “HÁ QUANTO TEMPO COMEÇOU A CORRER DE FORMA REGULAR COM OS “NIGHT RUNNERS”?”

Sendo hoje as redes sociais da Internet uma forma comum de cultivar a identidade grupal, pretendemos também saber se os utilizadores dessas redes as usam para aí partilhar momentos ou performances da prática de corrida grupal noturna (Figura 76).

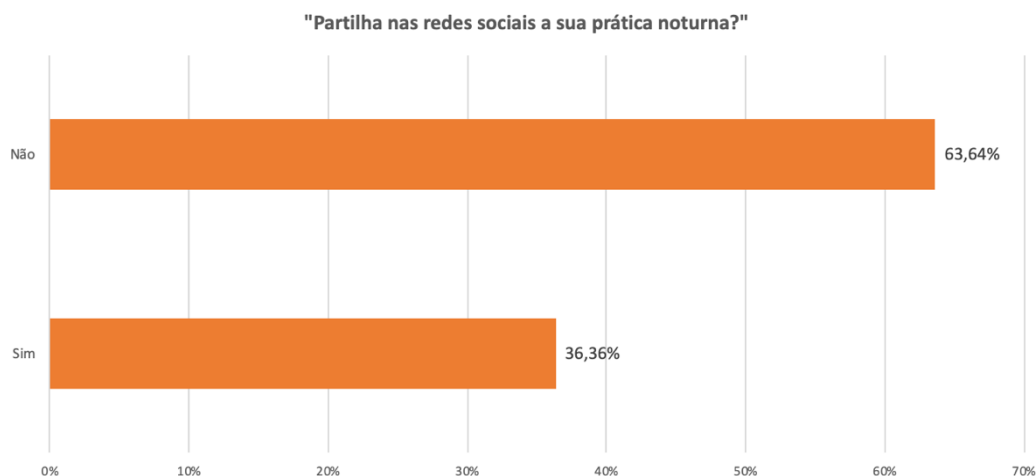


FIGURA 76: RESPOSTA À PERGUNTA 12 DO INQUÉRITO “PARTILHA NAS REDES SOCIAIS A SUA PRÁTICA NOTURNA?”

Entre os inquiridos que usam redes sociais da Internet, a tendência é para que essas redes não sejam usadas para dar conta da prática de corrida. Este facto pode ter várias leituras. Acreditamos que o, já referido, gosto pela prática da corrida em si mesma prevalece sobre outras funções sociais que a corrida possa ter, nomeadamente a de funcionar como prática exibicional ou legitimadora perante os próximos. Além de que

correr e usar dispositivos móveis de registo da prática, em simultâneo, não só não são atividades facilmente compagináveis, como parecem ser mais comuns no domínio da competição. Isso não invalida, como já se procurou demonstrar, que os participantes não sejam ativos em relação às publicações da página de Facebook do “Night Runners Coimbra”, seja através da mera aposição de um “gosto”, seja através de comentários ou mesmo da partilha de publicações.

Feita a apresentação dos resultados da aplicação dos inquéritos exploratórios é possível apresentar uma primeira definição de “night runners” e delinear um perfil destes corredores.

Um “night runner” é um atleta amador que pratica corrida durante o período noturno, privilegiando a diversão e o convívio com outros atletas, valorizando a prática como forma de se relacionar com a cidade e correndo sempre em grupo. Treinando entre duas a quatro vezes por semana e correndo, sobretudo, com roupa e calçado desportivo adequado e confortável, corre por vários motivos, mas, fundamentalmente, para se manter saudável, para fugir à rotina diária e para se interagir com outros corredores. É alguém que não costuma competir e que não partilha a sua prática de corrida nas redes sociais. Não existem idades específicas para ser um “night runner”, nem um estado civil dominante, mas o perfil é marcadamente definido pelo elevado grau de qualificações académicas, predominando os estudantes universitários e profissionais empregados. Estas são tendências gerais que resultam da aplicação de um inquérito exploratório por questionário. Falta ainda perceber como é que um grupo de corrida, que se junta para treinar à noite, se relaciona com o espaço urbano que usa para as suas práticas, criando novos usos e funções para esses mesmos espaços, ao mesmo tempo que esses espaços são usados por outros atores sociais. Ou seja, o conceito de “night runner” carece ainda de uma abordagem que o relacione ao espaço urbano da cidade de Coimbra.

A relação dos “night runners” com o grupo em que estão inseridos evidencia uma satisfação geral com a pertença ao grupo. As características do grupo são amplamente reconhecidas como positivas e vantajosas. Subsiste, contudo, uma certa dificuldade em especificar o conceito de “night runner”, mas quanto maior é o tempo de inclusão no

grupo mais os participantes assumem a identificação com o grupo e com a designação do mesmo.

No próximo, e último capítulo, antes das conclusões finais, através da aplicação da vídeo-etnografia ao grupo de corrida intermédia do “Night Runners Coimbra”, aprofundamos o conceito de “night runner”.

9. Correndo por essa Coimbra fora

9.1. Introdução

Este é, sem dúvida, um dos capítulos mais importantes desta tese. É, também, um dos capítulos mais extensos que dela fazem parte. Neste último capítulo, analisamos o objeto de estudo a partir da vídeo-etnografia que realizámos.

No capítulo relativo à metodologia, já foi feita uma apresentação da técnica em si, das suas vantagens e de como se aplicou no âmbito desta investigação. Todavia, é relevante fazer uma breve revisão sobre como a técnica foi adaptada para esta investigação. Sendo esta uma técnica mais commumente usada na Antropologia Social e ainda pouco utilizada na Sociologia, a sua utilização pela primeira vez por parte de um sociólogo, e foi o caso, é desafiante, designadamente quando a ação que se pretende registar e analisar se encontra quase sempre em constante movimento. Por isso, durante a preparação do trabalho de campo, nomeadamente no que diz respeito a esta técnica, foram preparados todos os procedimentos e pormenores, de forma a que a sua aplicação corresse da melhor maneira possível.

A vídeo-etnografia pressupõe a utilização de uma câmara de vídeo para gravar toda a ação que ia decorrendo em cada uma das sessões registadas. Neste caso, em particular, o objetivo perseguido com o recurso à técnica era gravar toda a corrida efetuada pelo grupo da corrida intermédia. Com isso, pretendíamos dar conta, por um lado, dos locais percorridos pela ação e, por outro lado, caracterizar esses locais e as interações que aí ocorriam em termos de apropriação e de disputa do espaço. Para cumprir estes objetivos, em todas as sessões em que o investigador esteve presente, foi solicitada a colaboração de um voluntário que transportaria uma câmara desportiva acoplada à cabeça, permitindo a gravação de imagens. Entre os voluntários que colaboraram na investigação, destaco alguns dos organizadores das sessões, voluntários mobilizados a partir da rede pessoal do investigador e o orientador da tese, que, tendo o gosto pela corrida, e sendo um ex-atleta federado, sempre esteve disponível para colaborar no registo de imagens vídeo. No caso dos organizadores das sessões tratava-

se de estudantes que estavam escalados para fazer a corrida. Cada semana, sempre que necessário, era feito o devido pedido de colaboração, que foi sempre prontamente atendido. A câmara era sempre colocada pelo investigador na cabeça dos voluntários, fazendo os devidos ajustes, para que as gravações corressem da melhor maneira possível. Colocada a câmara, os voluntários faziam a sua corrida, deslocando-se sempre em várias posições dentro do grupo, variando entre a frente do grupo e a parte de trás do mesmo, consoante as indicações prévias do investigador.

No entanto, tal como foi referido no capítulo sobre a apresentação do grupo (Capítulo 7), existem dois tipos de corrida: a corrida intermédia e a corrida rápida. Não existindo duas câmaras disponíveis, foi necessário escolher qual dois acompanhar. Pesando vários fatores, já escarpelizados, a escolha recaiu sobre a gravação das sessões da corrida intermédia, excluindo a corrida rápida desta análise. Existem diferenças nítidas entre ambas que convém lembrar.

Relativamente à corrida rápida, apesar de assim ser denominada (“rápida”), o ritmo da corrida não é tão rápido quanto possa parecer, sendo muito semelhante ao ritmo da corrida intermédia. Aliás, para ajudar a testar a escolha, foram realizadas duas sessões acompanhando o grupo da “corrida rápida”. Chegou-se à conclusão que o ritmo não diferia verdadeiramente, sendo essa mais uma perceção decorrente da designação de cada um dos subgrupos. Pode-se apontar igualmente a maior individualização deste subgrupo, ou seja, as pessoas que correm neste subgrupo acabam por correr quase sempre muito separadas entre si, não sendo possível afirmar com propriedade que são um grupo que corre sempre junto ao longo do percurso que realiza. Sendo o objetivo estudar um grupo de corrida que corre à noite, e não estudar uma prática individual, a escolha era óbvia. Além disso, este é um grupo que não é acompanhado por nenhum organizador, sendo o percurso definido no momento da partida por quem vai correr neste subgrupo. Pode-se mesmo afirmar que é uma espécie de um grupo independente do “Night Runners Coimbra”, embora esteja aberto a todos os que se queiram juntar a eles.

A corrida intermédia apresenta mais aspetos que justificam o facto de a termos selecionado. É um subgrupo que corre a ritmos variados, não deixando nunca de ser um ritmo que todos os participantes, independentemente da sua experiência na prática de

corrida, não consigam acompanhar. Dos três subgrupos que compõem o “Night Runners Coimbra”, este subgrupo tem a tendência para ser o mais numeroso, sendo, por vezes, suplantado pelo grupo da caminhada. Durante as sessões acompanhadas no período de observação, houve algumas em que estiveram presentes entre 20 a 50 pessoas para fazer corrida intermédia. Algo que não acontece na corrida rápida (que, no seu melhor, junta 15 a 20 pessoas). Além disso, trata-se de um grupo que tende a ser estável, em termos de dimensão, ao longo de todo o ano, registando várias sessões consecutivas, nas quais o número de participantes nunca era inferior a 30. Os percursos são muito variados, percorrendo vários locais da cidade de Coimbra, como veremos de seguida. Conta sempre com a presença de organizadores, permitindo que este grupo possa correr sempre junto ao longo de todo o percurso.

Entre novembro de 2018 e março de 2020¹³⁰, foram acompanhadas 56 sessões semanais. Ao longo destas várias sessões, foi possível cobrir vários dos aspetos inerentes a esta investigação. Muitos deles são desenvolvidos neste capítulo.

As sessões de corrida que foram acompanhadas tiveram uma duração que variou entre 45 minutos a 1 hora de corrida, correndo-se em cada sessão entre 7 a 10 km. Cada semana foi realizado um trajeto diferente, escolhido pelos organizadores e adaptado por estes com o acordo dos participantes, numa ‘negociação’ que se ia fazendo à medida que se ia correndo. Os percursos alastram-se a várias zonas da cidade de Coimbra, usando cada sessão, em média, 24 locais de ação¹³¹ diferentes. Mas como alguns desses locais eram atravessados mais que uma vez na mesma sessão, podemos falar de uma média, por sessão, de 30 passagens por espaços urbanos existentes na cidade de Coimbra. Durante este período, registamos um total de 1185 passagens por locais de ação diferentes, num total de 1471 passagens em locais de ação. Os percursos são de tal maneira diferentes, de semana para semana, que durante o período do trabalho de

¹³⁰ Inicialmente e conforme definido no cronograma que servia de base a esta investigação, o acompanhamento das sessões semanais deste grupo estava previsto para se estender por cerca de ano e meio, com previsão de ser terminos para o mês de maio de 2020. Todavia, devido à pandemia de Covid-19 que afetou todo o Mundo, e de forma a permitir o distanciamento físico pedido pelas autoridades de saúde, as sessões foram suspensas no dia 11 de março de 2020, terminando abruptamente este trabalho de campo. Os dados recolhidos são, porém, suficientes para atingir os objetivos desta investigação.

¹³¹ Por “locais de ação” entende-se todos os espaços urbanos como ruas, avenidas, pontes, parques, largos, entre outros.

campo, os “night runners” do subgrupo da corrida intermédia atravessaram 191 locais de ação diferentes por toda a cidade de Coimbra. Nesses locais de ação incluem-se: ruas, avenidas, pontes, largos, parques, entre outros locais. Tendo como referência o Largo da Portagem, invariavelmente ponto de partida e ponto de chegada (marcado com o ícone da corrida, a cor laranja, na da Figura 77), a diversidade dos percursos é tal que se torna impossível identificar um a um neste capítulo¹³².

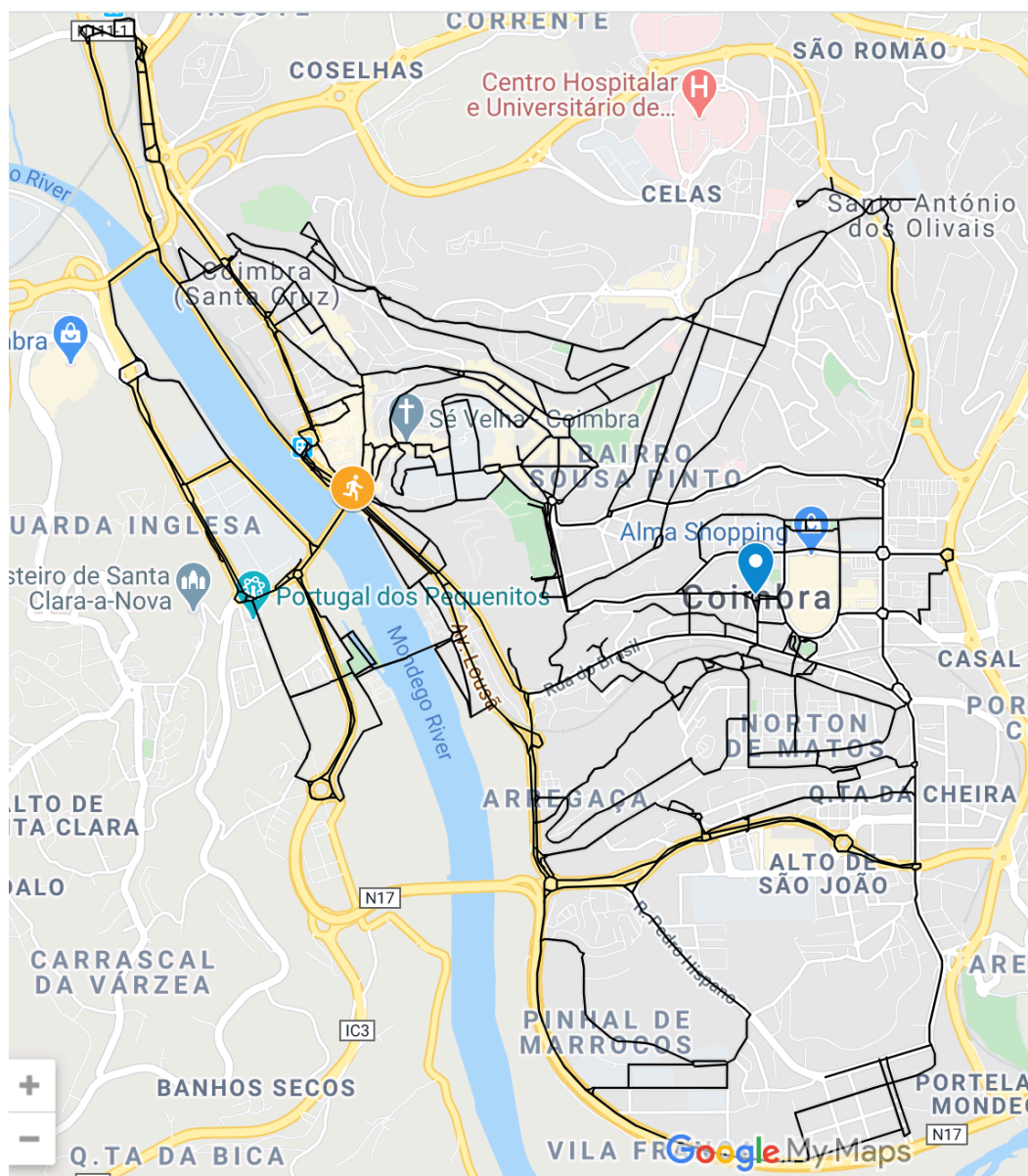


FIGURA 77: LOCAIS DE AÇÃO USADOS NAS SESSÕES DO “NIGHT RUNNERS COIMBRA”.

FORTE:

<https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1769YmoBbxgXmVcJHOeLaSRkeGfNzHOsW&ll=40.203552326037794%2C-8.421734850000007&z=13>

¹³² Consultar o Anexo II para ver a lista completa dos locais de ação percorridos.

Tendo o mapa da Figura 77 como ponto de partida, este capítulo divide-se em três grandes partes, procurando sempre mobilizar os melhores exemplos disponíveis¹³³. Numa primeira parte procedemos a uma apresentação geral dos locais de ação que os “night runners” usam para a sua prática. Pretende-se apresentar alguns dos locais mais usados para a prática de corrida noturna, ao mesmo tempo que se pretende localizá-los no mapa e relevar a sua importância. Fazemos uma caracterização geral destes locais de ação, recorrendo a duas variáveis: movimento e iluminação. Estes são dois aspetos que serão discutidos mais tarde. Além destas duas variáveis, discutimos também que tipo de territórios os “night runners” mais se apropriam quando correm em determinado local. Ou seja, se optam mais por locais com passeio ou se, pelo contrário, optam mais pelo uso da estrada ou, até mesmo, pelo uso do passeio e da estrada em simultâneo em determinados lugares. É também nesta primeira parte do capítulo que realizamos uma discussão sobre como os “night runners” se movem na cidade, desafiando muitas das convenções, dos códigos e das normas de como nos devemos mover na cidade enquanto peões ou corredores.

Numa segunda parte, mais longa que a primeira, é feita uma discussão sobre como se processa a relação que vai sendo criada e desenvolvida entre os “night runners” e os restantes atores sociais. Uma vez que, à medida que se vão movendo pela cidade, os corredores noturnos cruzam-se com outros utentes do espaço urbano, havendo interações que são necessárias para que a mobilidade não seja interrompida. Esses contactos e interações foram avaliados segundo três grandes categorias (negociação, tensão e conflito). A discussão que daí resulta permite perceber de que forma se relacionam os corredores e outros atores sociais, como peões, automobilistas, motociclistas, utilizadores de trotinetes elétricas, outros corredores que praticam individualmente e ciclistas.

Por fim, numa terceira parte, e relacionado com as duas partes anteriores, é dada voz aos “night runners”, tentando perceber-se como percecionam alguns dos locais de ação que percorrem, ao mesmo tempo que se discute como os próprios “night runners”

¹³³ Sendo a captação de imagens feita por vídeo, a captação de fotografias dos vídeos gravados não é uma tarefa fácil, existindo situações em que a perceção e a resolução não são as melhores. Para contornar esse efeito, sempre que necessário, usamos o texto para fazer descrições mais pormenorizadas.

podem também eles ter um papel importante no que toca às representações que temos sobre a cidade em que nos movemos.

9.2. Onde se pode correr? O que caracteriza esses locais?

Tal como anteriormente exposto, todas as semanas, os organizadores, antes de qualquer sessão, escolhem um determinado percurso já pré-estabelecido por outros colegas que o tenham já percorrido. No entanto, estes percursos têm a particularidade de poderem sofrer alterações pelo caminho. Neste aspeto, os participantes, nalgumas situações, conversando entre si e chegando a um consenso, sugerem, durante a corrida, outros locais a ser percorridos, de forma, umas vezes, a correr mais tempo e a fazer mais quilómetros e, outras vezes, a definir desafios mais ambiciosos. Os organizadores estão sempre abertos a novas propostas, discutindo-as em pontos de reagrupamento com os participantes na sessão, permitindo e promovendo trajetos diferentes todas as semanas, como se vê nos dois exemplos mapeados nas Figuras 78 e 79.

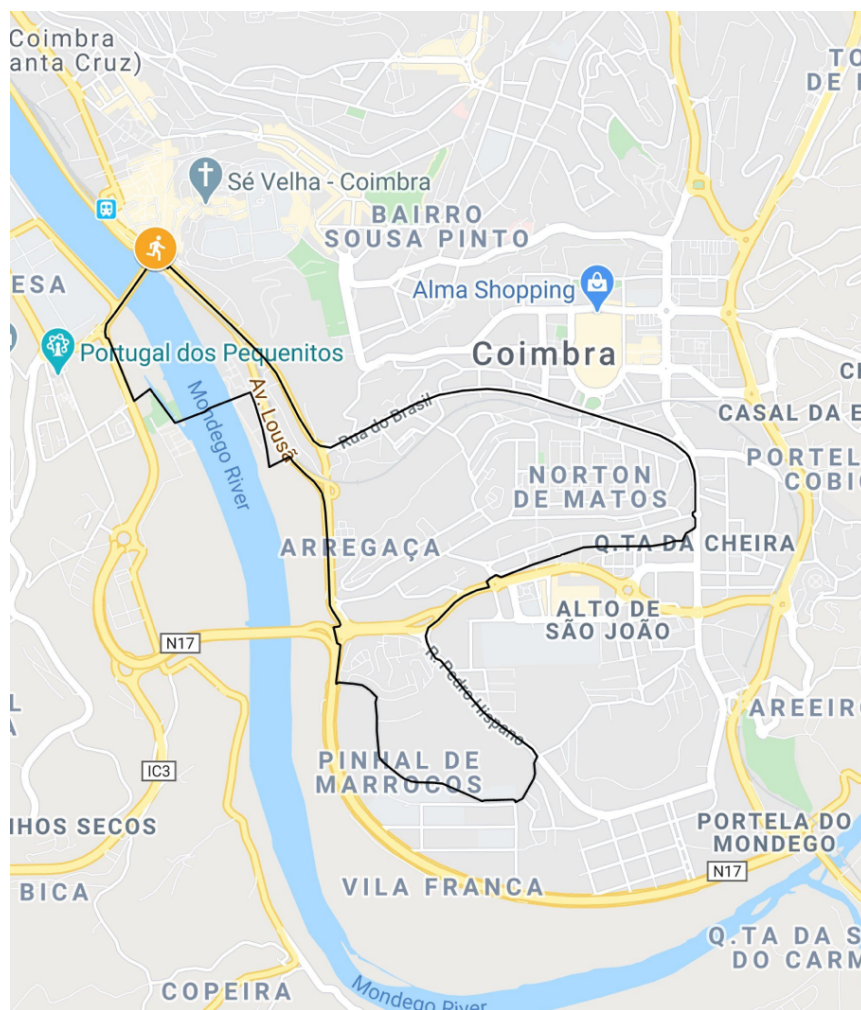


FIGURA 78: TRAJETO SESSÃO 12, DIA 6 DE MARÇO DE 2019.

FONTE:

https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1hIHuUhrF_ljyfqHXPiB496EY_LB5yw5&ll=40.19679789037241%2C-8.417395599999963&z=14

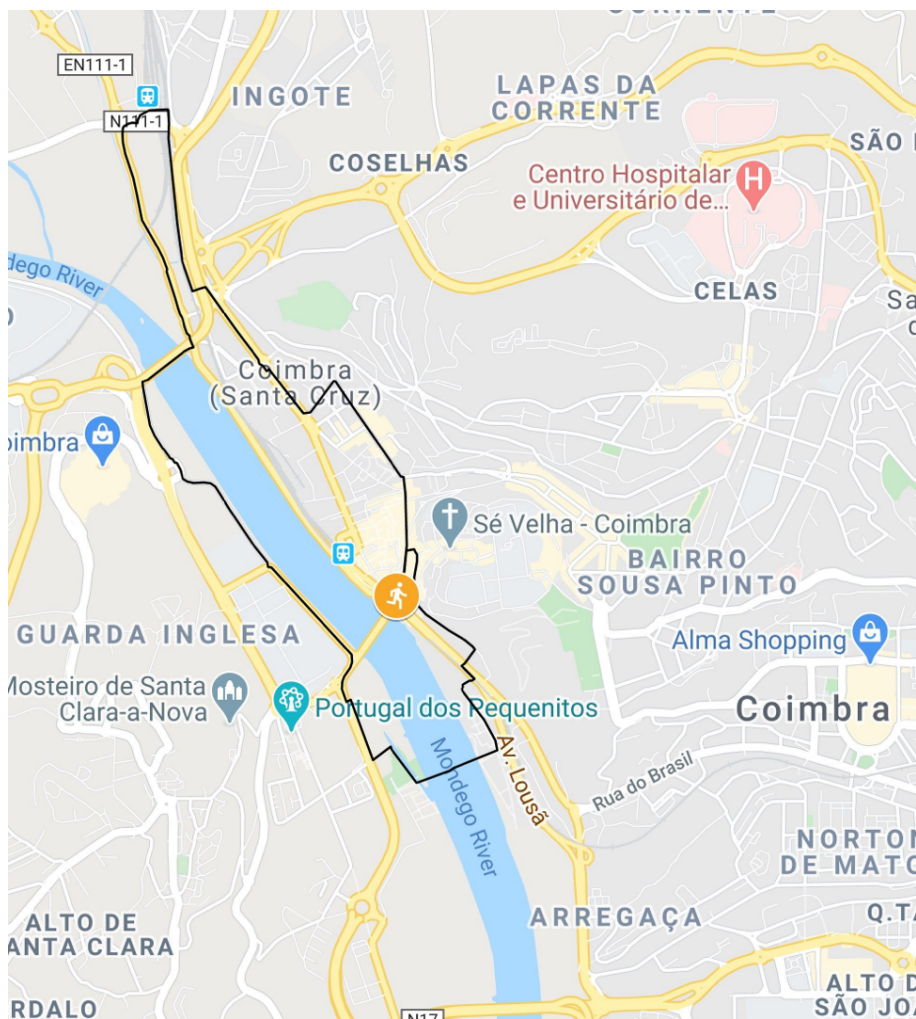


FIGURA 79: TRAJETO SESSÃO 30, DIA 21 DE AGOSTO DE 2019.

FONTE: [https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1VNyseI6cOsV-](https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1VNyseI6cOsV-NhMShC6nakiOSnhTOTVv&ll=40.21257396832098%2C-8.433527400000003&z=14)

[NhMShC6nakiOSnhTOTVv&ll=40.21257396832098%2C-8.433527400000003&z=14](https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1VNyseI6cOsV-NhMShC6nakiOSnhTOTVv&ll=40.21257396832098%2C-8.433527400000003&z=14)

Uma característica relevante destes percursos é a transfiguração, por via do uso, dos locais usados para a prática da corrida. Locais que foram planeados para terem determinadas características e para satisfazerem determinadas necessidades na cidade são adotados pelos “night runners”, que os transformam em locais de prática de corrida noturna, dando-lhes uma nova funcionalidade e desafiando os usos que estavam previamente estabelecidos. Uma rua que serve essencialmente para o comércio de bens e serviços ou um espaço urbano considerado património mundial, podem, de repente, servir como locais de treino dos “night runners”. Os exemplos apresentados a seguir são apenas alguns, entre muitos outros, de como uma rua pode servir para muito mais do

que o comércio de bens e de serviços (Figura 80). Ou de como uma estação ferroviária não é apenas um local de passagem e de cruzamento de comboios, que vão e vêm para outras localidades. Pode ser também um lugar onde passageiros e “night runners” se encontram, mas com propósitos diferentes (Figura 83).



FIGURA 80: PASSAGEM DO GRUPO PELA RUA FERREIRA BORGES (SESSÃO 25, DIA 10 DE JULHO 2019)



FIGURA 81: PASSAGEM DO GRUPO PELO PARQUE LINEAR DO VALE DAS FLORES (SESSÃO 49, DIA 15 DE JANEIRO DE 2020)



FIGURA 82: PASSAGEM DO GRUPO PELO LARGO DA PORTA FÉRREA (SESSÃO 4, DIA 19 DE DEZEMBRO DE 2018)



FIGURA 83: PASSAGEM DO GRUPO PELA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE COIMBRA-B (SESSÃO 23, 19 DE JUNHO DE 2019)



FIGURA 84: PASSAGEM DO GRUPO NO MEIO DE UMA ESPLANADA, NA RUA GENERAL HUMBERTO DELGADO (SESSÃO 46, DIA 10 DE DEZEMBRO DE 2019)

Os “night runners” não se retraem na hora de passar a correr, por exemplo, no meio da esplanada onde outros cidadãos desfrutam momentos de lazer e de relaxamento. Ou de incluírem no circuito a passagem pela esplanada vazia que ocupa o passeio. Fazem-no, sem reservas aparentes, em outros lugares inusitados. Os locais por onde passam são mais que locais de treino. São também lugares de provocação de convenções sociais e de reflexividade sobre usos alternativos do espaço urbano. Por isso, os “night runners” percorrem frequentemente espaços que não são os ideais ou que não são os melhores para o treino. Os exemplos das Figuras 80 a 84 ilustram a versatilidade destes corredores. Mais à frente neste capítulo, a questão da versatilidade será discutida de forma mais aprofundada, tendo por referência a presença de outros atores sociais no espaço público. Agora, interessa abordar os 191 locais de ação, e verificar quais os que mais se destacam (Figura 85), discutindo, igualmente, possíveis razões para estas escolhas.

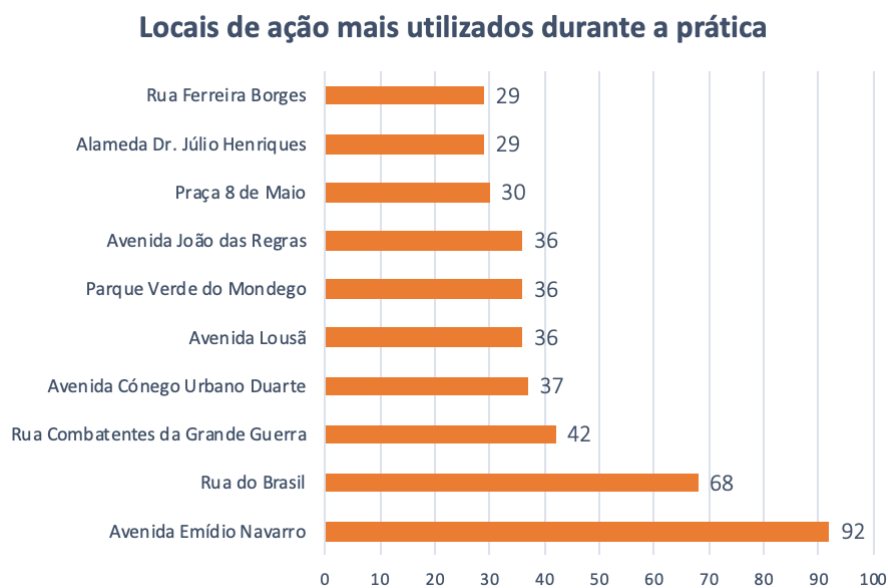


FIGURA 85: LOCAIS DE AÇÃO MAIS UTILIZADOS DURANTE A PRÁTICA PELOS “NIGHT RUNNERS”

De um universo de 191 locais de ação usados para a prática de corrida noturna, colocamos na Figura 85 os 10 locais de ação com maior número de passagens, destacando-se claramente dois locais. Em primeiro lugar, a Avenida Emídio Navarro, com 92 passagens, seguida da Rua do Brasil, com cerca de 68 passagens. É preciso relembrar que muitos destes locais de ação são atravessados mais que uma vez na mesma sessão, levando a que estes valores sejam mais elevados que aquilo que se

poderia supor a partir no número de sessões vídeo-etnografadas. Além disso, e focando a atenção no local com o maior número de passagens, a Avenida Emídio Navarro, com 92 passagens em 56 sessões, há locais incontornáveis ou quase incontornáveis. É o caso deste local de ação, que desemboca no Largo da Portagem, sendo atravessado em todas as sessões e, em muitas delas, mais que uma vez. É preciso notar que esta avenida, assim como outras ruas, podem ser parcialmente percorridas, ou cruzadas em alguns dos seus segmentos.

Mesmo que sejam apenas percorridos parcialmente, não deixa de ser importante registrar a passagem da corrida nesses lugares, uma vez que uma utilização recorrente, não só traduz a sua importância na malha urbana que sustenta a mobilidade, como permite dar conta da importância que esses mesmos lugares possam ter no imaginário dos “night runners”. Sendo locais de referência da corrida noturna, há que indagar as representações que suscitam entre os corredores. E também que imagens nos oferecem da cidade. Estas questões são desenvolvidas mais tarde, particularmente quando se apresentarem os dados do brainstorming realizado com alguns dos “night runners”.

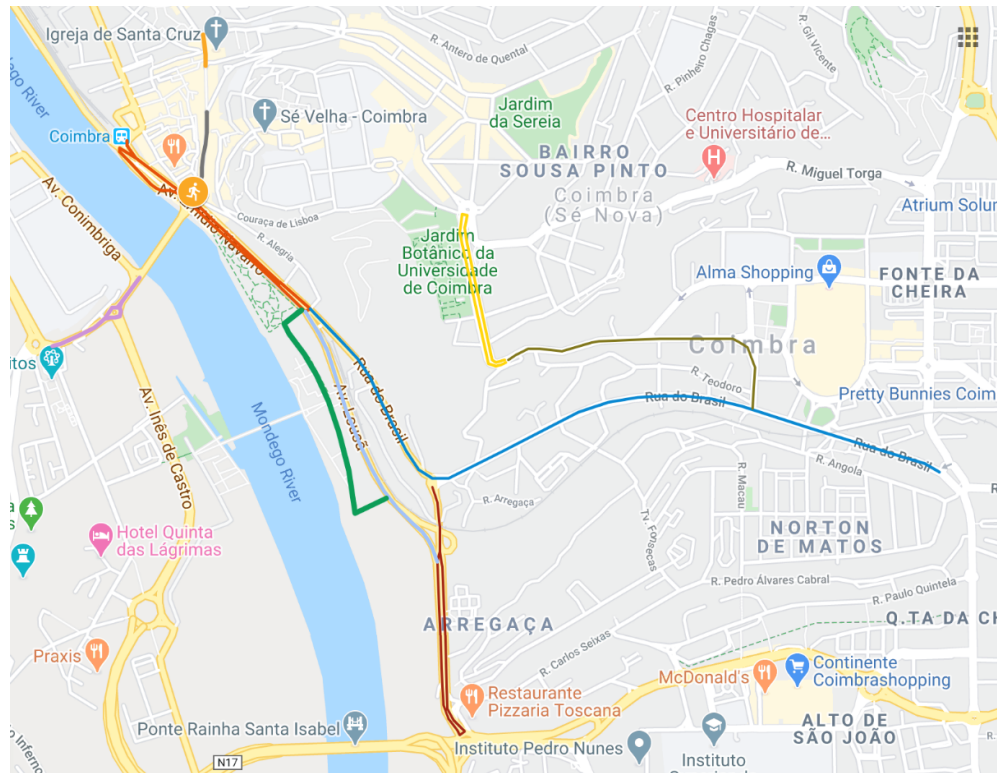


FIGURA 86: LOCAIS DE AÇÃO MAIS USADOS PELOS “NIGHT RUNNERS”, REPRESENTADO NO MAPA.

FONTE:

https://www.google.com/maps/d/edit?mid=13QjjNW_N_5H6WzIXN2O_g3v57PucW5Ep&ll=40.20224144405181%2C-8.41909529999998&z=15












- Locais de Ação
-  Local de Concentração
 -  Avenida Emídio Navarro
 -  Rua do Brasil
 -  Rua Comb. Grande Guerra
 -  Av. Cônego Urbano Duarte
 -  Avenida Lousã
 -  Parque Verde do Mondego
 -  Avenida João das Regras
 -  Praça 8 de Maio
 -  Alameda Dr. Júlio Henriques
 -  Rua Ferreira Borges

FIGURA 87: LEGENDA DO MAPA REPRESENTADO NA FIGURA 86 COM A REPRESENTAÇÃO DO LOCAL DE CONCENTRAÇÃO (LARGO DA PORTAGEM) E LOCAIS DE AÇÃO MAIS USADOS PELOS “NIGHT RUNNERS”

O mapa da Figura 86 assinala os locais de maior utilização da prática de corrida noturna. Tendo como ponto de referência o local de concentração, no Largo da Portagem, que serve como ponto de partida e ponto de chegada das atividades dos subgrupos que compõem o “Night Runners Coimbra”, é mais fácil perceber que muitos destes locais mais usados não são apenas locais de passagem, mas sim locais incontornáveis do início e do fim das sessões. Em rigor, é quase impossível não passar pelos locais contingentes ao Largo da Portagem, como é o caso da Avenida Emídio Navarro. No caso da Rua do Brasil, trata-se de de uma rua que é sobretudo usada no final da sessão, servindo de acesso à Avenida Emídio Navarro e, conseqüentemente, ao Largo da Portagem, tendo também um acesso que faz a ligação à Ponte Rainha Santa Isabel e ao Parque verde do Mondego. Além destes acessos, é uma rua longa com elevado grau de conectividade a outras zonas da cidade, sendo que é também uma rua com passeios estreitos que obriga, quando o grupo é grande, a estender o grupo, ampliando o efeito visual da multidão, e, não raras vezes, a usar a estrada como espaço da corrida. A Figura 86 mostra os locais mais usados pelos “night runners”, sendo curial caracterizar, mais pormenorizadamente, esses locais – tarefa de que nos ocupamos de seguida.

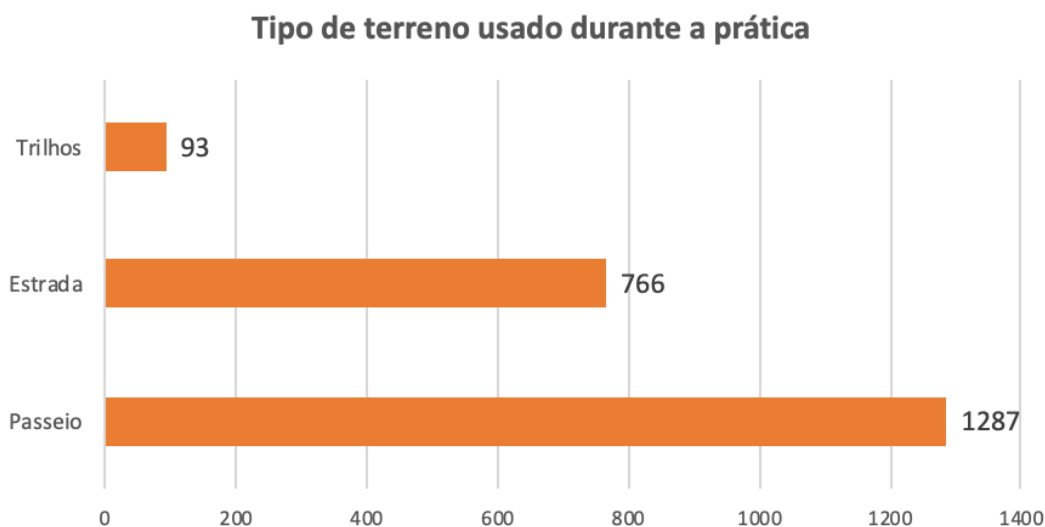


FIGURA 88: TIPO DE TERRENO USADO DURANTE A PRÁTICA

Todos os locais que os “night runners” percorrem têm determinadas características que os distinguem. Essas características, aqui tipificadas como “tipo de terreno”, são importantes para se caracterizar a prática de corrida noturna. Sejam ruas exclusivamente pedonais, ou ruas de uso misto, com o tradicional passeio para os peões e a faixa para a circulação automóvel. Sem esquecer que existem também os parques urbanos, tendencialmente constituídos por caminhos de terra batida e que, a partir daqui, serão denominados por “trilhos”.

A Figura 88 mostra que os “night runners” se apropriam, sobretudo, do passeio. A vídeo-etnografia permitiu verificar 1287 registros em passeios em todas as passagens pelos vários locais de ação (1471 passagens no total). A apropriação da estrada para a prática de corrida é também relevante, embora não seja tão comum quanto a apropriação dos passeios, contando-se 766 registros. A Figura 88 pode ter duas interpretações possíveis e não mutuamente exclusivas: por um lado, pode-se pensar que os “night runners” obedecem a lógicas de segurança e optam pelo uso do passeio, quando poderiam usar a estrada, evitando assim o risco de atropelamento. Por outro lado, estes valores estão dependentes dos circuitos escolhidos, uma vez que existem locais só com passeio e outros locais só com estrada, e do tamanho do grupo em cada sessão, pois sendo extenso, para se manter concentrado, há que ocupar passeio e estrada em simultâneo.

Estas duas leituras são corroboradas através da análise dos circuitos. Nos itinerários que percorrem, os “night runners” apropriam-se mais do passeio, para evitar o perigo de atropelamento. Por outro lado, os dados resultam também de uma seleção de circuitos onde predominam ruas pedonais, como é o caso das ruas da Baixa e da Baixinha contigentes ao local de partida, ou, com menor frequência de ruas da Alta da cidade.



Figura 89 - Apropriação do passeio na Rua de Fernandes Thomas (Sessão 15, dia 3 de abril de 2019)



FIGURA 90: APROPRIAÇÃO DA ESTRADA NA RUA FONTE DO CASTANHEIRO (SESSÃO 26, DIA 24 DE JULHO DE 2019)

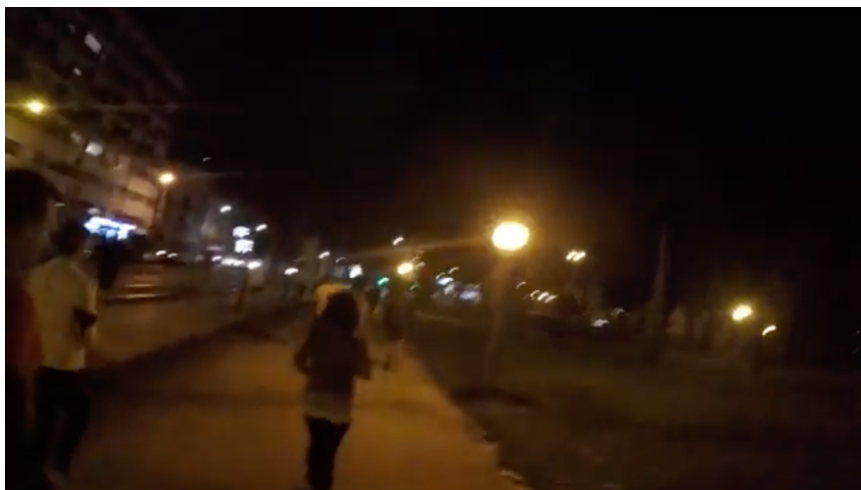


FIGURA 91: APROPRIAÇÃO DE TRILHOS NO PARQUE MANUEL BRAGA (SESSÃO 49, DIA 15 DE JANEIRO DE 2020)

Se focarmos a atenção na distribuição destes registos por locais de ação, a Avenida Emídio Navarro e a Rua do Brasil são os locais onde os “night runners” mais se apropriam do passeio (87 e 72 passagens, respetivamente), mas também onde mais fazem uso de estrada (Rua do Brasil, com 67 passagens e Avenida Emídio Navarro, com 63 passagens). No caso dos trilhos, são menos os locais que têm tipo de terreno, destacando-se o Parque Verde do Mondego, com 37 passagens.

Tal como se referiu atrás, há locais onde coexistem vários tipos de terrenos, designadamente passeio e estrada. Neste caso concreto, apesar de, por vezes, apenas se optar pela utilização do passeio, por motivos de segurança, isso não significa que os “night runners” não usem mais do que um terreno ao mesmo tempo e no mesmo local.

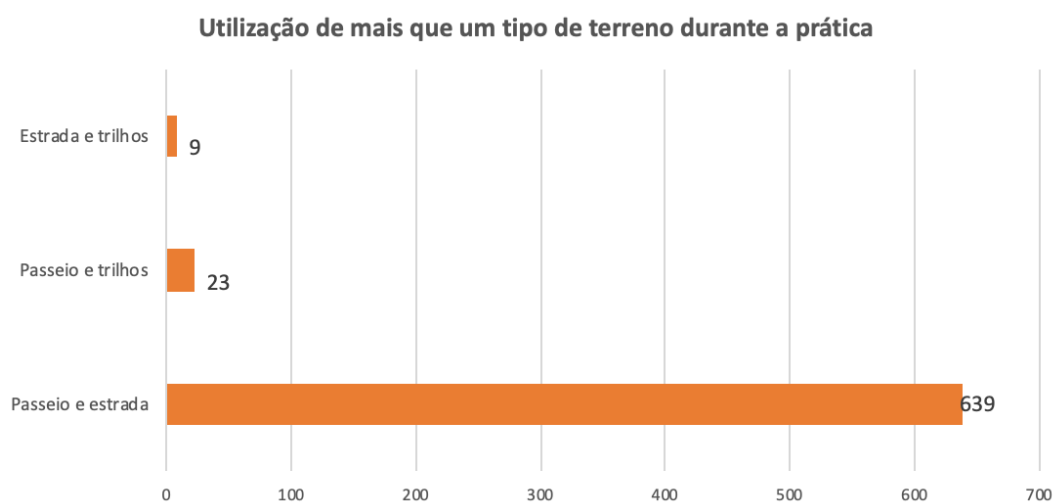


Figura 92: Utilização de mais que um tipo de terreno durante a prática

A Figura 92 mostra que é notória a utilização simultânea do passeio e da estrada. Contam-se 639 registos de utilização simultânea ao longo das 56 sessões analisadas. Aliás, em muitos locais de ação, e tendo presente os valores anteriores (1287 registos de uso de passeio e 766 registos de uso de estrada), o uso do passeio e da estrada em simultâneo é mais comum do que aquilo que poderia parecer. As Figuras 93 a 96 mostram isso mesmo, revelando que o uso da estrada não se deve à inexistência de passeio, ou de passeio adequado, nem a incúria em relação a regras de segurança.

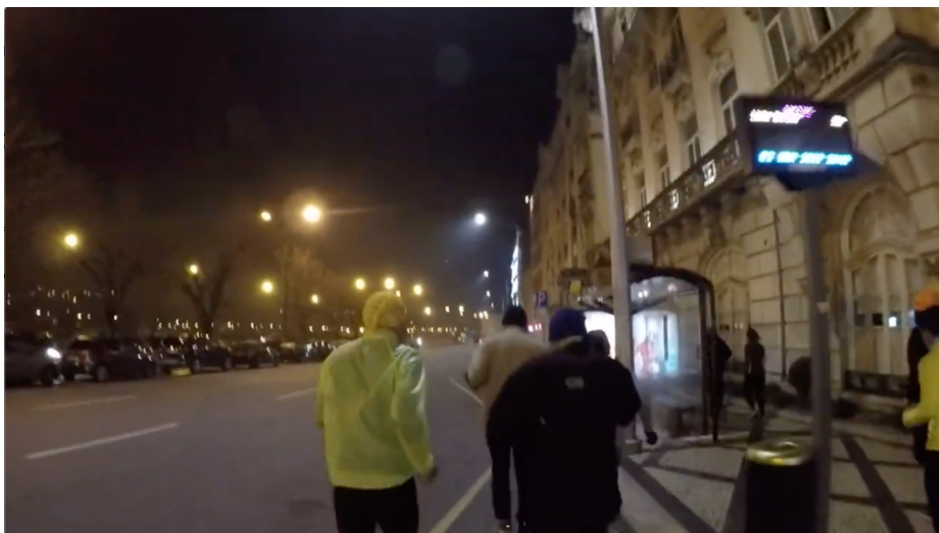


FIGURA 93: APROPRIAÇÃO DE PASSEIO E ESTRADA NA AVENIDA EMÍDIO NAVARRO PELOS “NIGHT RUNNERS” (SESSÃO 5, 2 DE JANEIRO DE 2019)



FIGURA 94: APROPRIAÇÃO DE PASSEIO E ESTRADA NA AVENIDA EMÍDIO NAVARRO PELOS “NIGHT RUNNERS” (SESSÃO 20, DIA 29 DE MAIO DE 2019)

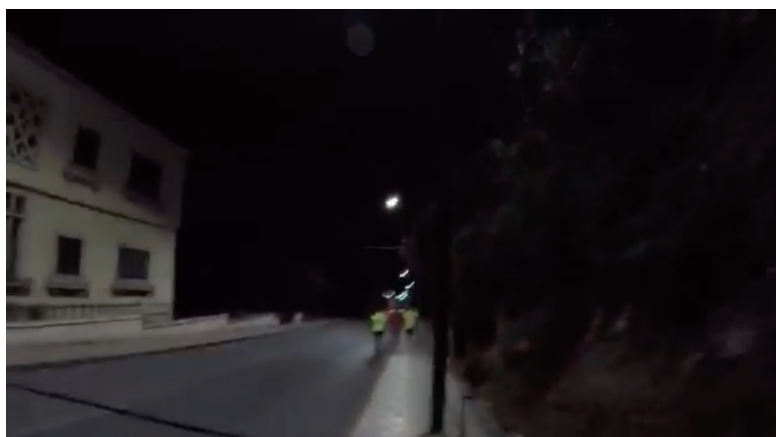


FIGURA 95: APROPRIAÇÃO DE PASSEIO E ESTRADA NA RUA DO BRASIL PELOS “NIGHT RUNNERS” (SESSÃO 32, DIA 4 DE SETEMBRO DE 2019)



FIGURA 96: APROPRIAÇÃO DE PASSEIO E ESTRADA NA RUA DO BRASIL PELOS “NIGHT RUNNERS” (SESSÃO 50, DIA 22 DE JANEIRO DE 2020)

Por locais de ação, o destaque vai para a Avenida Emídio Navarro e para a Rua do Brasil (63 e 58 passagens respetivamente). Como é possível observar ao longo do capítulo, não se pode falar da relação dos “night runners” com o espaço público de Coimbra sem se falar nestes dois locais. As imagens das figuras precedentes, evidenciando a apropriação de espaços urbanos não convencionados para a prática da corrida, remetem para os desafios da mobilidade urbana e para uma crítica implícita a um urbanismo voltado para a circulação automóvel. Como salienta Jacques: “O simples ato de andar pela cidade pode assim se tornar uma crítica ao urbanismo enquanto disciplina prática de intervenção nas cidades.” (2005: 20). As práticas emergentes, como

a corrida noturna, têm sempre algo de subversivo. Não são necessariamente, nem têm de ser, encaradas como práticas marginais. Mas a sua dimensão provocadora, intencional ou não, interfere no espaço urbano, sobretudo naquele que é concebido e consagrado para outras atividades. Nessa medida, essas atividades emergentes de que a corrida urbana noturna faz parte contribuem para renovar o modo como a cidade é vista, mas também o modo como ela é planeada (Machemehl e Roul, 2019). Os “night runners” emergem neste contexto como novas figuras sociais da paisagem urbana. Os circuitos que traçam, que percorrem e aforma como o fazem contribuem para questionar, se não para combater, os processos de fragmentação do espaço urbano.

Feito o mapeamento dos espaços públicos usados para esta prática emergente, convém aprofundar a caracterização, de modo a podermos referenciar outros aspetos importantes que influenciam a prática da corrida nestes lugares. Para isso, analisamos os lugares tendo em conta duas categorias: movimento e iluminação. É, desde já, relevante esclarecer o que são estas categorias e deixar clara a sua importância para esta investigação.

Com a categoria “movimento”, pretendeu-se perceber se os vários locais de ação, no momento em que estavam a ser usados como local de prática dos “night runners”, eram frequentados por outros atores sociais. A categoria foi pensada a partir da frequência do cruzamento dos praticantes da corrida noturna com todos os atores sociais que se pudessem deslocar no mesmo espaço. Esta classificação de “movimento” foi operacionalizada através de dois indicadores: “pouco movimento” ou “muito movimento”, consoante o tipo de terreno e de interações. Por exemplo, “passeio com pouco movimento” ou “passeio com muito movimento”. A forma de distinção entre estas duas dimensões da categoria está relacionada com a frequência de cruzamento entre “night runners” e outros atores sociais em determinado local de ação. Se, em determinado local de ação, a frequência de cruzamento for relativamente baixa, é classificado como “pouco movimento”, por referência ao tipo de terreno. Se, pelo contrário, houver um cruzamento frequente com outros atores sociais em determinado local de ação, é classificado como “muito movimento”, também por referência ao tipo de terreno. O critério da frequência, não sendo de óbvia aplicação, beneficiou do facto de ter sido sempre feito pelo autor da tese e de ter sido enquadrado por uma lógica de

observação prolongada e sistemática. Quando, no mesmo local de ação, uma passagem dos corredores noturnos implicou pelo menos dois cruzamentos com outros utentes do espaço público, no mesmo tipo de terreno, e esse cruzamento gerou uma interação de negociação, de tensão ou conflito, o movimento foi considerado “muito movimento”.

O mesmo local de ação não regista, necessariamente, frequências de cruzamento em todas as sessões, variando com os ritmos da cidade e com a sazonalidade (sobretudo das estações do ano). Acresce o facto de o mesmo local ter diferentes tipos de terreno, que não têm, necessariamente, a mesma frequência de movimento. Por exemplo, a Rua do Brasil, na mesma passagem, pode ter uma estrada com “muito movimento” e um passeio com “pouco movimento”. O inverso pode acontecer, por exemplo, na Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes. No tempo longo da observação é possível ter uma perceção dos locais de ação como sendo tendencialmente de “muito movimento” ou de “pouco movimento”. A Figura 97 sistematiza os dados para a categoria movimento, a partir das passagens que geraram cruzamentos com outros utentes.

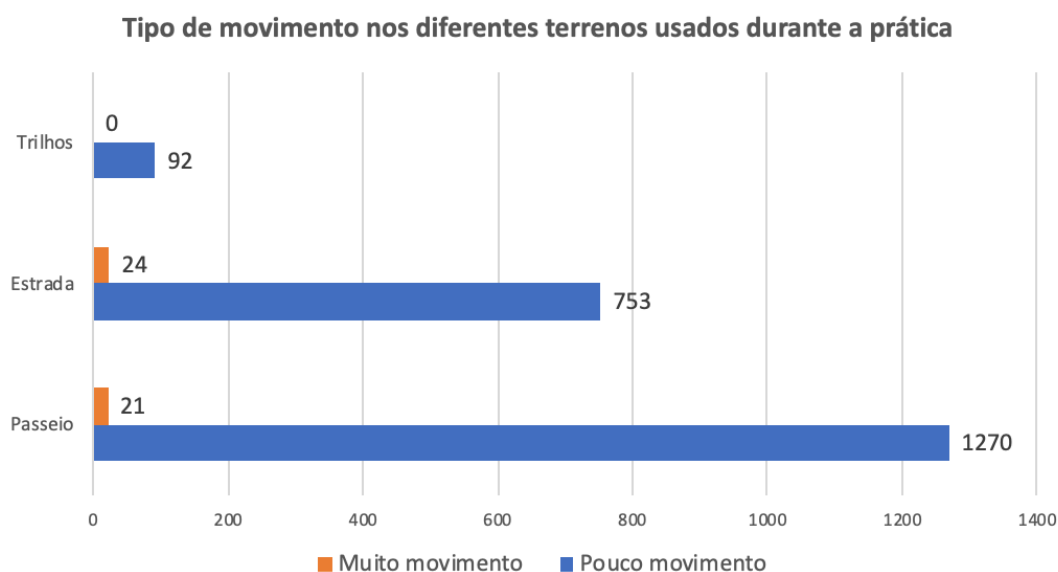


FIGURA 97: TIPO DE MOVIMENTO NOS DIFERENTES TERRENOS USADOS DURANTE A PRÁTICA

Predominam, nos três tipos de terreno, as situações de “pouco movimento”. Os valores da Figura 97 podem ter várias explicações. Há três questões que vale a pena descortinar. A primeira tem a ver com o período em que os “night runners” atravessam

estes locais de ação. Correndo de noite, depois das 21h30, sabe-se que existem menos atores sociais a circular pela cidade em relação a outros períodos do dia. Durante o período da noite, as pessoas recolhem-se mais nas suas casas, a maioria dos estabelecimentos comerciais está encerrada, as escolas fechadas, sendo as saídas noturnas mais raras. Uma segunda questão tem a ver com os locais de que os “night runners” se apropriam para correr e os tipos de terrenos associados a esses locais. O facto de correrem em determinado local e em determinado terreno, em detrimento de outros locais e terrenos, leva a que possam estar a frequentar locais de ação ou terrenos onde, no momento da corrida, não exista mobilidade significativa de atores sociais. Dependendo do tipo de terreno de que se apropriam, podem gerar-se menos ou mais interações de negociação, de tensão ou de conflito. Se num local de ação com circulação automóvel significativa, mas com isso restrito dos passeios, usam mais o passeio do que a estrada, acabam, naturalmente, por gerar menos movimento com os utilizadores dos passeios (por ausência) e menos movimento com os automobilistas (por ausência de interação, e não de presença). Por fim, a frequência de cruzamentos está sempre dependente do período do ano em que estejamos. Ao longo do período de análise, tendo a investigação decorrido num lapso alargado de tempo, foi possível dar conta que nos meses de Verão é visível uma maior frequência de cruzamentos, comparativamente aos meses de Inverno, época do ano em que as condições climáticas são pouco convidativas. Além disso, a frequência de espetáculos de rua é maior, os fluxos turísticos são mais significativos e as esplanadas estão abertas até mais tarde. Nos meses de inverno, a chuva e o frio são fatores de retração do uso do espaço público.

Entre os locais de ação que mais movimento geraram durante a observação, fosse o movimento muito ou pouco, destaca-se a Avenida Emídio Navarro, com 86 em 87 passagens a serem feitas pelo passeio e 62 em 63 passagens a serem feitas pela estrada. Destaca-se também a Rua do Brasil, com 72 em 72 passagens a serem feitas pelo passeio e 64 em 67 passagens a serem feitas pela estrada. As figuras 99 a 100 pretendem exemplificar cruzamentos geradores de movimento entre atores sociais presentes nos locais de ação e nos terrenos percorridos pelos “night runners”.



FIGURA 98: CRUZAMENTO DE “NIGHT RUNNERS” COM UM PEÃO NA RUA OLÍMPIO NICOLAU RUI FERNANDES (SESSÃO 24, DIA 26 DE JUNHO DE 2019)



FIGURA 99: CRUZAMENTO COM UM UTILIZADOR DE TROTINETE ELÉCTRICA, CERCA DE 1 MINUTO DEPOIS DO CRUZAMENTO COM O PEÃO DA FIGURA 99 NA RUA OLÍMPIO NICOLAU RUI FERNANDES (SESSÃO 24, DIA 26 DE JUNHO DE 2019)



FIGURA 100: CRUZAMENTO DE “NIGHT RUNNERS” COM UM AUTOMÓVEL NA AVENIDA DOM AFONSO HENRIQUES (SESSÃO 13, DIA 13 DE MARÇO DE 2019)



FIGURA 101: CRUZAMENTO COM OUTRO AUTOMÓVEL NA AVENIDA DOM AFONSO HENRIQUES, DOIS MINUTOS DEPOIS DO CASO REPRESENTADO NA FIGURA 100 NA AVENIDA DOM AFONSO HENRIQUES (SESSÃO 13, DIA 13 DE MARÇO DE 2019)

A par da categoria “movimento”, recorreremos à categoria, já aqui mencionada, “iluminação”. Esta categoria foi usada para caracterizar os vários locais de ação percorridos pelos praticantes da corrida noturna. Esta categoria diz respeito à iluminação urbana, de cariz artificial, que permite que os vários espaços urbanos que

são usados durante o dia, possam também ser usados durante a noite, conferindo-lhes um sentimento de segurança e contrariando muitas das características associadas à noite (Chausson, 2015: 1; Gwiazdzinski, 2014: 53; Gwiazdzinski, 2015: 2; Lovatt *et al.*, 1995: 130).

Tal como se procedeu para a categoria anterior, também a “iluminação” foi classificada usando dois indicadores: “zona bem iluminada” e “zona mal iluminada”. Como é fácil de entender, qualquer “zona bem iluminada” de um determinado local de ação pressupõe que apresenta uma boa iluminação urbana, permitindo, através da vídeo-etnografia, identificar o espaço onde se está no momento, assim como tipos de atores sociais que se estejam a mover no mesmo espaço urbano. A “zona mal iluminada” é a antítese do indicador anterior. Ou seja, são todos os espaços urbanos que não têm iluminação urbana ou têm uma iluminação pobre, criando dificuldades em identificar com clareza o espaço urbano onde se circula e os atores sociais que possam estar a circular naquele momento, cruzando-se com os “night runners”.

Também aqui podemos ter, num mesmo local de ação, zonas de passeio bem iluminadas e zonas de passeio mal iluminadas, aplicando-se a mesma situação às estradas e aos trilhos. Tal como para a variável anterior, os dados relativos a esta situação são bastante esclarecedores.

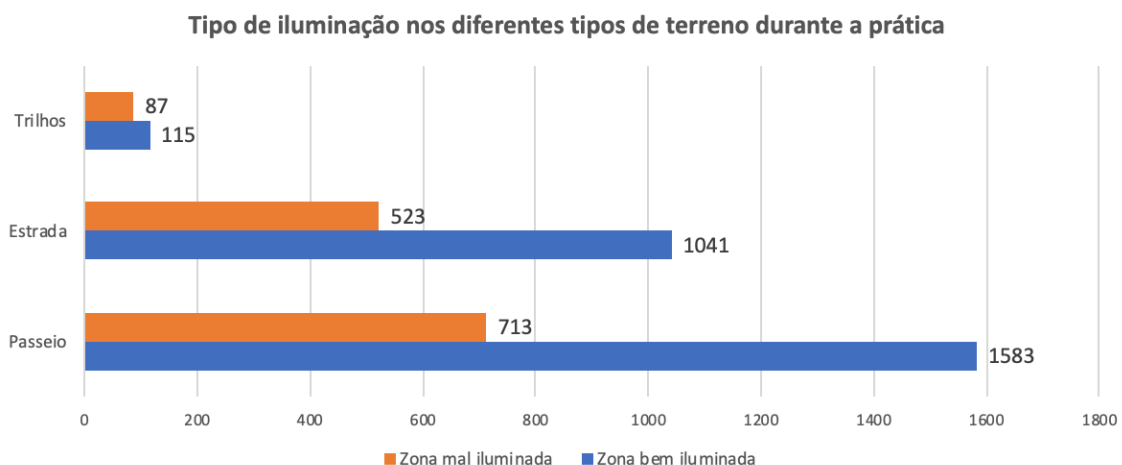


FIGURA 102: ZONAS ILUMINADAS VS ZONAS MAL ILUMINADAS

A Figura 102 permite constatar que os três tipos de terrenos são tendencialmente bem iluminados. Por outro lado, a figura confirma o passeio como

terreno predominante para a prática de corrida noturna. O valor elevado dos registos fica a dever-se ao facto de um mesmo local de ação alternar zonas bem iluminadas e zonas mal iluminadas. Não sendo este um parâmetro passível de sofrer alterações súbitas, não estando sujeito à plasticidade do movimento, e considerando que os corredores noturnos cruzaram os locais de ação várias vezes durante o período de observação, os valores da Figura 102 teriam inevitavelmente de ser elevados. Nos passeios e nas estradas, cerca de metade das zonas são mal iluminadas. Nos trilhos mais de metade das zonas são mal iluminadas.

A vídeo-etnografia evidencia causas para a existência de zonas mal iluminadas, mesmo em locais com iluminação pública adequada. A presença de árvores nos vários locais de ação que os corredores noturnos usam para a sua prática é uma causa da existência de zonas mal iluminadas. As figuras 103 a 108 permitem dar conta que, com alguma frequência, os postes de iluminação se encontram junto a árvores de grande porte e, à medida que os seus ramos crescem, e que vão ficando carregados de folhas, impedem que a iluminação elétrica cumpra convenientemente a sua função. Outra causa tem a ver com as avarias técnicas que ocorrem nestes mesmos postes de iluminação, cuja resolução nem sempre é imediata, dependendo de procedimentos de rotina. Por fim, há que assinalar as causas ligadas ao edificado. Alguns postes de iluminação são colocados em edifícios. Quando estes são alvos de reabilitação, esses postes são, muitas vezes, desligados temporariamente para permitir as obras. O mesmo acontece com estaleiros de construções novas, que contribuem igualmente para que, subitamente, se passe de uma zona bem iluminada para uma zona mal iluminada. Acresce a existência de edifícios devolutos ou em ruína, cujas imediações tendem a ser mal iluminadas, mesmo que esses edifícios se localizem em zonas urbanas com boa iluminação. A Figura 104 mostra os “night runners” a atravessar uma zona mal iluminada, caracterizada pela existência de um edifício abandonado na Avenida Sá de Bandeira.

Por locais de ação, destaca-se, uma vez mais, a Rua do Brasil, com um registo de 186 passagens em passeio e 167 passagens em estrada, ambas em zonas bem iluminadas; e com 144 passagens em passeio e 118 passagens em estrada, em zonas mal iluminadas. Destaca-se também a Avenida Emídio Navarro, com 117 passagens em

passeios e 92 passagens em estrada, em zonas bem iluminadas; e 43 passagens em passeio e 38 passagens em estrada, em zonas mal iluminadas.

Cruzando ambas as variáveis, percebe-se que os “night runners” optam por locais de ação onde sabem, pela experiência acumulada, que a frequência de cruzamento com outros atores sociais é baixa e que nos espaços que selecionam predominam as zonas bem iluminadas. Preferência que, também, Collison regista em relação aos praticantes de corrida (2008: 46). Pode-se afirmar que existe, por isso, uma lógica de segurança associada aos circuitos. No entanto, veremos que essa lógica nem sempre é seguida, enfrentando-se, deliberadamente, alguns riscos durante a prática de corrida.



FIGURA 103: ZONA BEM ILUMINADA DA AVENIDA SÁ DE BANDEIRA (SESSÃO 31, DIA 28 DE AGOSTO DE 2019)

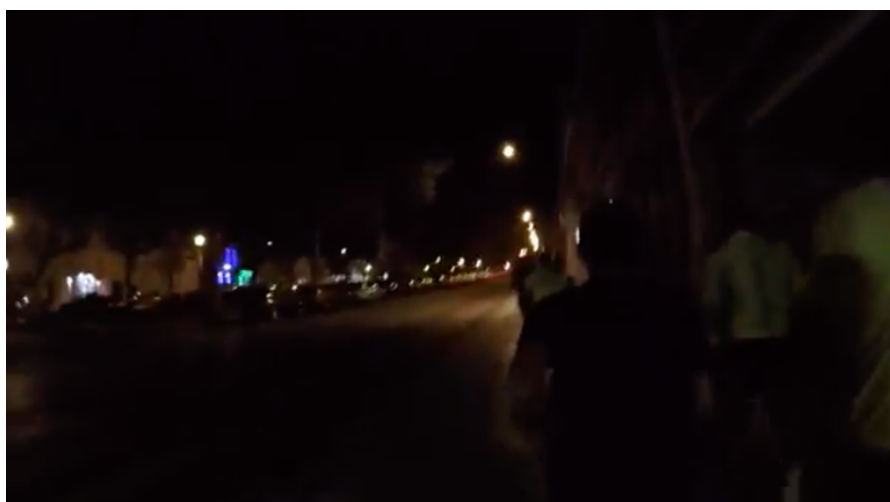


FIGURA 104: ZONA MAL ILUMINADA NA AVENIDA SÁ DE BANDEIRA (SESSÃO 31, DIA 28 DE AGOSTO DE 2019)



FIGURA 105: ZONA BEM ILUMINADA NA RUA MIGUEL BOMBARDA (AQUI SE PERCEBE A QUESTÃO RELACIONADA COM AS ÁRVORES) (SESSÃO 37, DIA 9 DE OUTUBRO DE 2019)



FIGURA 106: ZONA MAL ILUMINADA NA RUA MIGUEL BOMBARDA (ZONA ONDE AS ÁRVORES TÊM UM PAPEL IMPORTANTE NA ILUMINAÇÃO URBANA) (SESSÃO 37, DIA 9 DE OUTUBRO DE 2019)



FIGURA 107: ZONA BEM ILUMINADA NO PARQUE MANUEL BRAGA (SESSÃO 26, DIA 24 DE JULHO DE 2019)



FIGURA 108: ZONA MAL ILUMINADA NO PARQUE MANUEL BRAGA (SESSÃO 26, DIA 24 DE JULHO DE 2019)

No entanto, a mobilidade inerente à prática de corrida tem outros contornos. Retomando a questão da versatilidade relativa ao uso de diferentes locais de ação, e de diferentes tipos de terreno, os “night runners” também são versáteis no que toca à concretização da mobilidade urbana em si mesma. Ou seja, a sua versatilidade não decorre apenas de correrem em qualquer sítio, mas, sobretudo, do desafio que lançam às regras estabelecidas para o uso do espaço público e para a mobilidade de vários atores. Sabendo que os passeios existem para assegurar a circulação de peões, e que as estradas se destinam aos automobilistas, os “night runners” desafiam estes códigos de mobilidade, adotando os seus próprios códigos e insurgindo-se contra a rigidez dos usos do espaço público. A vídeo-etnografia permitiu registar alguns comportamentos de corrida que são a expressão simbólica de contra-culturas relativas ao uso do espaço público, ao mesmo tempo que confrontam as políticas públicas e urbanísticas com a necessidade de se pensar o lugar do desporto e das atividades físicas na cultura urbana. As Figuras 109 e 110 mostram comportamentos de atravessamento da estrada que traduzem uma apropriação da mesma para a prática de corrida e que revela que o espírito do “night runner” não é compatível com qualquer forma de dromofobia.

Um desses comportamentos, já visível em exemplos anteriores, prende-se com o uso preferencial da estrada quando esta se encontra vazia e sem qualquer sinal de aproximação de automobilistas. O uso da estrada pelos “night runners” já foi discutido atrás, por ser um dos tipos de terreno usados com alguma regularidade. Mas, na maioria das vezes, os “night runners” correm na estrada, junto aos passeios, ao mesmo tempo que os automobilistas passam por eles. Não raras vezes, os atletas apropriam-se da estrada, não apenas junto ao passeio, mas na sua totalidade, sobretudo quando querem atravessar a estrada. Nessa circunstância, a regra predominante parece ser que a passadeira e o sinal que regula o atravessamento de peões não funcionam como códigos que autorizem a paragem da corrida.



FIGURA 109: APROPRIAÇÃO DOS “NIGHT RUNNERS” DA ESTRADA QUANDO NÃO PASSA NINGUÉM NA AVENIDA MARNOCO E SOUSA (SESSÃO 54, DIA 19 DE FEVEREIRO DE 2019)



FIGURA 110: APROPRIAÇÃO DOS “NIGHT RUNNERS” DA ESTRADA QUANDO NÃO PASSA NINGUÉM NA RUA GENERAL HUMBERTO DELGADO (SESSÃO 48, DIA 8 DE JANEIRO DE 2020)

O comportamento relativo às passadeiras com sinais luminosos (Figura 111) é, de facto, um outro exemplo de uso desafiador das normas. É verdade que, em várias circunstâncias, em Portugal, se observa os peões a reproduzir este comportamento. Mas o ato de esse comportamento ser executado em grupo, em movimento de corrida, obriga a uma leitura sociológica. Na verdade, essa prática emerge da identidade do grupo, é um elemento da sua identificação (uma vez que o grupo só faz paragens para se reagrupar e para negociar a continuação do circuito), e faz parte do desejo intencional em cultivar um certo ambiente subversivo. Nessa medida, enfrenta e renova, não apenas, os códigos urbanos, formatando também uma nova cultura urbana na qual a relação com a mobilidade e a legitimidade de ocupação do espaço público são fulcrais.

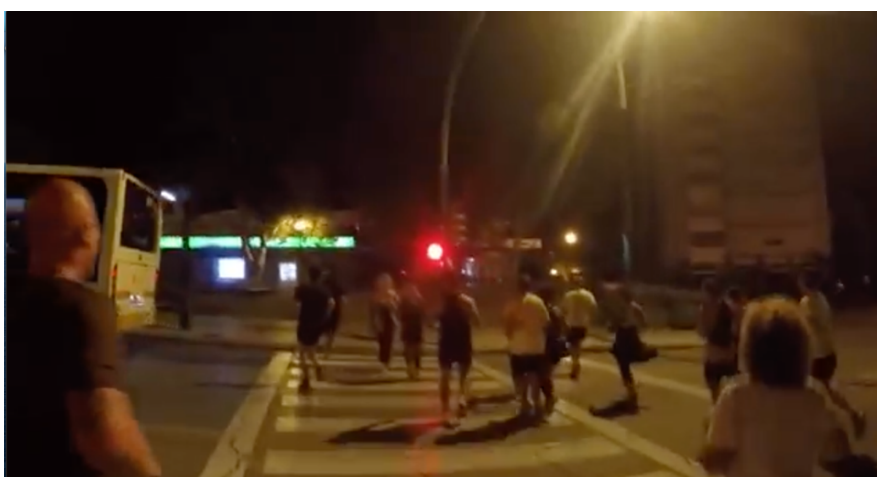


FIGURA 111: “NIGHT RUNNERS” PASSAM OS VERMELHOS QUANDO NÃO PASSA NINGUÉM NA ESTRADA NA RUA CAROLINA MICHAELLIS (SESSÃO 31, DIA 28 DE AGOSTO DE 2019)

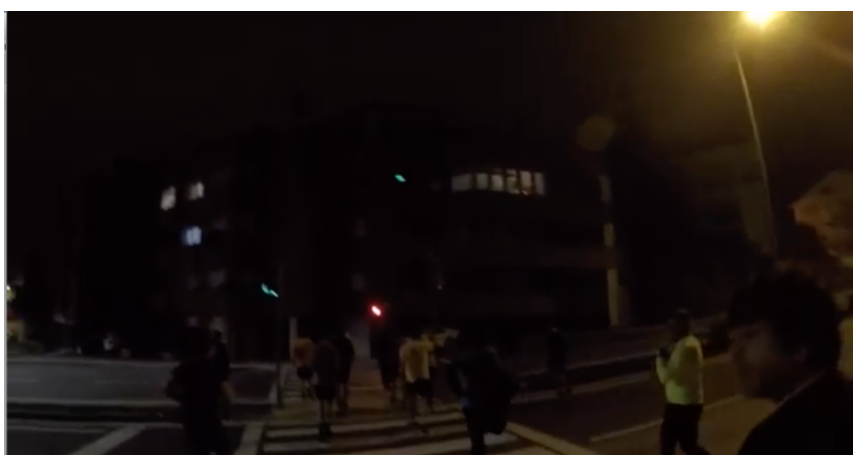


FIGURA 112: “NIGHT RUNNERS” PASSAM OS VERMELHOS QUANDO NÃO PASSA NINGUÉM NA ESTRADA NA AVENIDA CÓNEGO URBANO DUARTE (SESSÃO 31, DIA 28 DE AGOSTO DE 2019)

Um terceiro comportamento exemplificativo é relativo ao uso das rotundas. As rotundas são soluções urbanísticas idealmente desenhadas para facilitar a mobilidade dos automobilistas nas cidades. Permitem regular o tráfego em pontos críticos, reduzindo a necessidade de paragens obrigatórias ou mais demoradas. O seu objetivo é fazer fluir. Os peões não podem circular dentro das rotundas, mas existem passadeiras colocadas às entradas/saídas das rotundas para permitirem uma mobilidade mais segura também para os peões. Também neste caso, os “night runners” desafiam a utilização das rotundas. Em vez de passarem nas passadeiras, e de atravessarem a estrada em segurança, estes atletas entram nas rotundas e movem-se como se de um automóvel se tratasse.

É uma situação que não é padrão e que só é feita ou quando não circulam automóveis, ou em rotundas colocadas em ruas em que o trânsito circula devagar. O ato intencional é, frequentemente, marcado pelo brado “controla a rotunda”. Este repto funciona, ao mesmo tempo, como ato de humor (jogando com as palavras contornar – aquilo que os carros fazem à rotunda - e controlar) e como mote para o ato de tomar efetivamente conta da rotunda, ocupando o lugar dos carros. Esta forma de empoderamento exemplifica a disputa do espaço e formas de apropriação que são intencionalmente subversivas.



FIGURA 113: “NIGHT RUNNERS”, APROVEITANDO O POUCO MOVIMENTO NA ESTRADA, MOVEM-SE NA ROTUNDA QUASE A DIREITO NA ESTRADA DA BEIRA (SESSÃO 7, DIA 23 DE JANEIRO DE 2019)



FIGURA 114: “NIGHT RUNNERS”, APROVEITANDO O POUCO MOVIMENTO NA ESTRADA, MOVEM-SE NA ROTUNDA QUASE A DIREITO, OBRIGANDO OS AUTOMOBILISTAS A PARAREM PARA QUE ESTES POSSAM PASSAR NA ROTUNDA DO LARGO SANTANA (SESSÃO 38, DIA 16 DE OUTUBRO DE 2019)

Os exemplos demonstram que os corredores noturnos sentem que têm uma mobilidade urbana livre e que, no escopo dessa liberdade, estão no direito de se apropriar de qualquer espaço urbano (Mwathunga *et al.*, 2018: 8), designadamente aquele que está reservado aos automóveis (pelo menos àqueles que circulam mais ou menos à mesma velocidade dos atletas). A lógica da corrida parece obedecer ao princípio de privilegiar a segurança sem deixar de espicaçar as regras. Temos, através da adoção deste comportamento, um estabelecimento de “regiões morais”, por via da criação de um código moral divergente (Park, 1967: 65) a ser seguido pelo grupo. Contudo, apesar destes desvios às convenções, impera realmente um sentido de responsabilidade no seio do grupo, procurando sempre preservar a sua segurança e a dos outros. Exemplo desse cuidado é a preocupação de, numa passadeira, mesmo tendo autoridade moral, deixar passar os automobilistas e só depois atravessar a estrada quando existem condições de segurança (Figura 115). É, em certo sentido, como se se tratasse de um jogo que oscila entre o respeito das regras e a provocação, havendo uma nova cultura urbana que emerge a partir desse mesmo jogo (Huizinga, 2007) e que legitima a figura do corredor noturno.

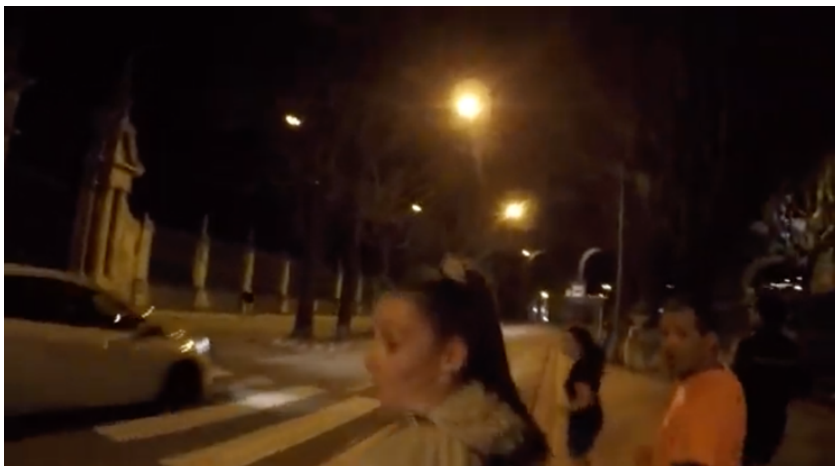


FIGURA 115: “NIGHT RUNNERS” ESPERAM QUE AUTOMOBILISTAS PASSE PRIMEIRO, PARA PUDEREM ATRAVESSAR A PASSADEIRA NA ALAMEDA DR. JÚLIO HENRIQUES (SESSÃO 55, DIA 26 DE FEVEREIRO DE 2020)

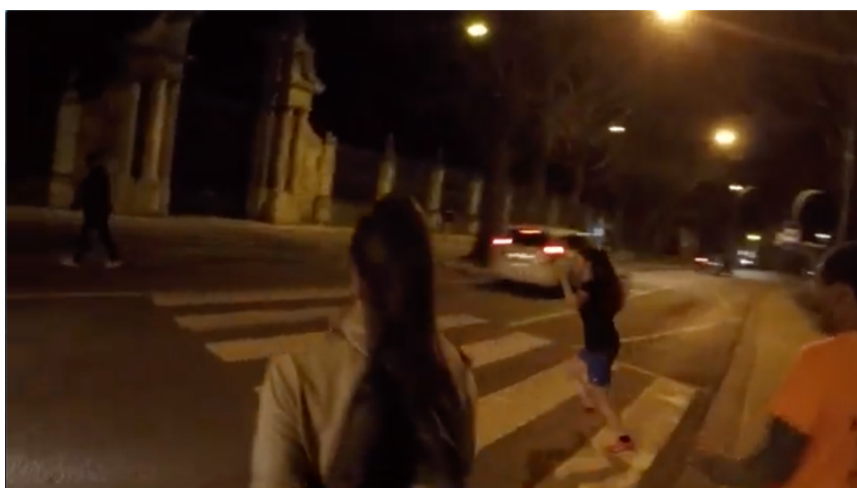


FIGURA 116: “NIGHT RUNNERS” ESPERAM QUE AUTOMOBILISTAS PASSE PRIMEIRO, PARA PUDEREM ATRAVESSAR A PASSADEIRA NA ALAMEDA DR. JÚLIO HENRIQUES (SESSÃO 55, DIA 26 DE FEVEREIRO DE 2020)

A versatilidade é uma das características mais marcantes dos “night runners” quando estes saem à rua para correr. Uma versatilidade que tem menos a ver com características intrínsecas dos corredores e mais com modalidades de interação entre os elementos do grupo e com o modo como o grupo se vai adaptando às circunstâncias de corrida. Contudo, não se pode pensar a relação entre estes atletas e o espaço urbano de que se apropriam sem pensar na existência de atores sociais que usam esse mesmo espaço muito antes do surgimento dos corredores noturnos. É nesta questão que nos focamos de seguida.

9.3. Os “night runners” e outros atores sociais

Se os “night runners” se apropriam do espaço público para a prática da corrida noturna, na esteira da argumentação de Henri Lefebvre, já referida no capítulo 3 (Attoh, 2011: 675; Lefebvre, 2011: 117, 139 e 140), o “direito à cidade” é uma disputa que se joga no cruzamento com outros atores sociais e nas interações que se estabelecem eles, sobretudo no que diz respeito ao uso do espaço urbano que ambos querem usar em determinado momento da sua mobilidade urbana. Com quem se cruzam os “night runners” e como se processam as interações? Esta é a questão basilar que enquadra a discussão que será feita a seguir, de modo a tentar perceber como se processam as interações, que nem sempre são fáceis, nem evidentes. Tendo presente as interações entre “night runners” e outros utentes do espaço público, retomamos a questão, anteriormente referida, da versatilidade que os “night runners” usam para se mover na cidade. Esta questão não pode ser discutida se que se coloque no cerne da análise as interações entre os vários atores sociais que dão forma à cultura urbana do cair da noite. Este é o momento adequado para retomar e detalhar essa questão. Até porque, essa questão irá permitir perceber até que ponto a lógica de segurança que parece imperar no seio do grupo não pode ser posta em causa por algumas das ações desenvolvidas durante a prática da corrida noturna.

É preciso dar conta, em primeiro lugar, quem são os atores sociais com quem os “night runners” mais se cruzam! A Figura 117 dá-nos uma ideia geral do panorama.

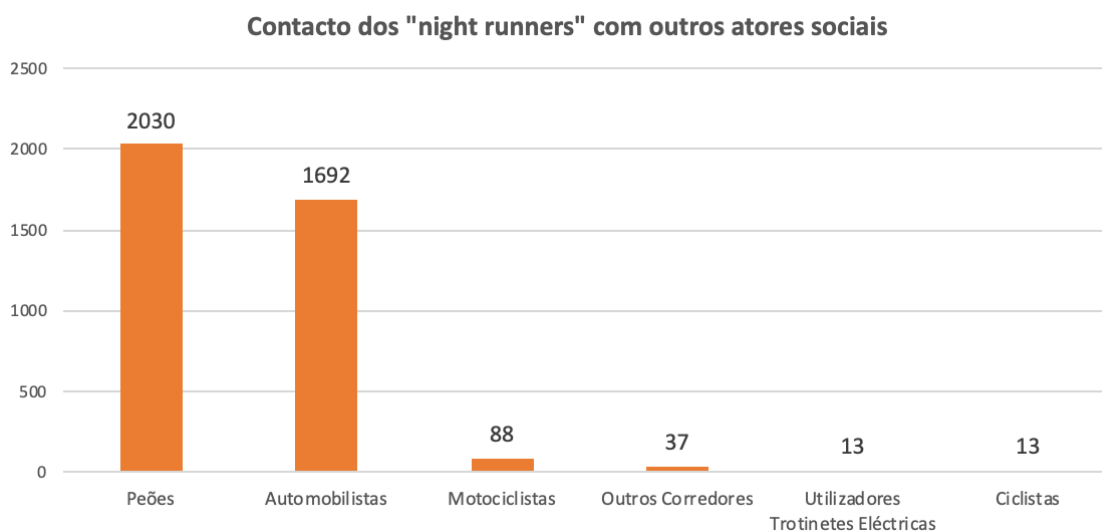


FIGURA 117: CRUZAMENTO DE “NIGHT RUNNERS” COM OUTROS ATORES SOCIAIS

Tomando por referência os dados já aqui apresentados, não admira que o grupo de atores sociais que concentra o maior número de cruzamento com os “night runners” sejam os peões, com um registo que se eleva a 2030 cruzamentos, associando-se este registo ao uso do passeio enquanto terreno de corrida. Se se tiver em consideração que muitos dos locais de ação escolhidos pelos atletas são ruas onde só existe passeio, é compreensível que o cruzamento seja só com peões. Seguem-se os automobilistas, com 1692 cruzamentos, registo que é largamente associado ao uso de estrada pelos “night runners”. Porque é mais baixo o número de registos para cruzamentos com os restantes grupos de atores sociais?

Desde logo porque, no espaço urbano de Coimbra, são atores menos frequentes. Mas uma explicação plausível e que abrange todos estes grupos menos frequentes está também relacionada com a escolha dos locais de ação onde os “night runners” correm. O facto de correrem em determinado local e não noutra leva a que o cruzamento com determinados atores sociais não seja tão frequente. Por exemplo, é inverosímil ver “outros corredores”, ou seja, outros atletas que correm individualmente ou em grupo e que não integram o “Night Runners Coimbra”, a praticar corrida na Estação Ferroviária de Coimbra-B, para recorrermos a um exemplo já aqui referido, ou nas íngremes e acidentadas ruas que constituem a conhecida “Alta de Coimbra”, Património Mundial desde 2013. Em sentido oposto, o facto de praticarem, com muita frequência em zonas centrais, favorece o cruzamento com peões.

Um caso em particular prende-se com a utilização de trotinetes elétricas, que se massificou na cidade de Coimbra, tal como em outras cidades portuguesas, em março de 2019, mas que terminou no Verão do mesmo ano¹³⁴. Essa forma de mobilidade foi, ao mesmo tempo surpreendente e disruptora, formando, nos poucos meses em que existiu, um grupo de atores que se cruzavam com os “night runners”, mas também com outros atores sociais, desafiando também eles as regras de circulação e da mobilidade.

¹³⁴ Para mais informações sobre o uso de trotinetes elétricas na cidade de Coimbra consultar a seguinte notícia: <https://observador.pt/2019/08/15/trotinetes-da-lime-deixam-de-circular-em-coimbra-marca-vai-avaliar-a-estrategia-de-negocio-e-expansao-em-portugal/>

O seu súbito desaparecimento da cena urbana explica que os registos de cruzamentos sejam bastante baixos.

Outros dois casos muito particulares e que aqui não se encontram referidos prendem-se com os casos dos *graffiters* e dos praticantes de *parkour*, já referenciados anteriormente nesta tese. Existia a expectativa de se registar o cruzamento de “night runners” com estes dois grupos em particular, uma vez que são também dois grupos que se apropriam da noite urbana e que desafiam as convenções delineadas no planeamento dos espaços urbanos, transformando esses mesmos espaços e dando-lhes novos usos. No caso dos *graffiters*, dada a natureza e a forma de expressão da prática, não se pode ter a certeza de que esse cruzamento tenha ou não ocorrido, nem mesmo nos locais, como a Alta e o Vale das Flores, onde o *graffiti* é frequente. Mas pode colocar-se a hipótese de que esta tribo da noite possa usar os mesmos espaços urbanos escolhidos pelos “night runners” a horas diferentes e mais tardias. No caso dos praticantes de *parkour* e segundo informações obtidas através da rede de contactos do investigador, existe de facto um grupo de *parkour* em Coimbra. No entanto e para segurança dos seus elementos e tendo presente a fraca iluminação que existe nalguns espaços urbanos em Coimbra, eles optam por fazer o seu treino em espaço fechado, longe do olhar alheio e das autoridades. Uma vez que, tal como o *graffiti*, o *parkour* é uma atividade considerada ilegal, quando praticadas em locais públicos, existem, em Coimbra, praticantes e cursos de formação, mas sem expressão visível no espaço público. Ainda que pontualmente as margens do rio Mondego vão registando indícios de que é uma prática urbana emergente. Ambas, *graffiti* e *parkour*, são práticas que desafiam os discursos dominantes sobre os espaços públicos (Loo e Bunnell, 2018: 147, 148, 155 e 156).

Em termos de locais de ação, regista-se uma maior presença de peões na Avenida Emídio Navarro, com 206 cruzamentos, e na Rua Ferreira Borges (uma rua pedonal), com 170 cruzamentos. Em relação a cruzamentos com automobilistas, destaca-se a Rua do Brasil, com 491 cruzamentos, logo seguida pela Avenida Emídio Navarro, com 127 cruzamentos. Tal como já tem sido habitual na análise que vimos fazendo, de acordo com os dados até aqui apresentados, não deixa de surpreender que a Avenida Emídio

Navarro e a Rua do Brasil concentrem um grande número de cruzamentos. Como veremos mais tarde, são locais muito importantes no imaginário dos “night runners”.



FIGURA 118: CRUZAMENTO COM PEÕES NA ALAMEDA DR. JÚLIO HENRIQUES (SESSÃO 45, DIA 4 DE DEZEMBRO DE 2019)



FIGURA 119: CRUZAMENTO COM AUTOMOBILISTAS NA RUA D. MANUEL I (SESSÃO 38, DIA 16 DE OUTUBRO DE 2019)



FIGURA 120: CRUZAMENTO COM MOTOCICLISTA NA AVENIDA GUARDA INGLESA (SESSÃO 19, DIA 22 DE MAIO DE 2019)

O cruzamento de atores sociais nos espaços urbanos durante o dia é inevitável. Tal como são inevitáveis, ainda que possam ser menos frequentes, mas não necessariamente menos tensos, durante a noite, os conflitos entre atores sociais devido ao uso do espaço urbano. A questão é saber até que ponto os “night runners” são um factor de conflito e de tensão?

O cruzamento de “night runners” com outros atores sociais é inevitável, desde o momento em que saem do Largo da Portagem para correr até ao momento em que regressam. Sendo certo que, sempre que se cruzam com outro ator social, esse cruzamento, independentemente do local de ação, será sempre único e nunca será igual a qualquer outro cruzamento que tenha ocorrido anteriormente. Além disso, estes cruzamentos serão sempre repentinos e poderão implicar decisões tomadas muito rapidamente e de forma natural (Cook *et al.*, 2016: 758). O cenário comum é que esse cruzamento que possa ocorrer em determinado espaço urbano implique uma interação entre “night runners” e outro ator social que obrigue à definição de quem e como usará determinado espaço urbano, sem interromper, ou colocar em segundo plano, a mobilidade do outro ou de ambos. Como é que, nessa interação cada um dos atores sociais poderá reivindicar o seu “direito à cidade” (Lefebvre, 2011: 117) através da manifestação e exercício da vontade livre de circular?

Para entender melhor como se processa esta relação entre “night runners” e todos os outros atores sociais na disputa pelo espaço público, foram usados três indicadores: negociação do espaço urbano; tensão pelo espaço urbano; e conflito pelo espaço urbano. Três indicadores distintos entre si, que demonstram três atitudes ou predisposições distintas sobre a apropriação de espaço público.

Por “negociação do espaço urbano”, entende-se todos os momentos de cruzamento entre “night runners” e outros atores sociais em determinado espaço urbano, em que, uns, apercebendo-se da presença de outros, alteram a sua trajetória, de forma a que ambos possam usar o mesmo espaço urbano no lapso de tempo do cruzamento, sem afetar a sua mobilidade e sem que haja risco para a integridade física de ambos. Isto significa que ambas as partes estão a negociar o espaço urbano que estão a usar no momento e aquele espaço que vão ocupar imediatamente a seguir. Mais à frente, veremos exemplos de formas habituais de negociação. Tal como já mencionado no capítulo 3 e de forma a evitar conflitos entre utilizadores das estradas colombianas, é comum criarem-se estratégias de negociação desse espaço público (Heinrichs *et al.*, 2017: 4514).

A “tensão pelo espaço público”, traduz um processo distinto. Nos momentos de cruzamento de “night runners” e outros atores sociais, apercebendo-se da presença de outros atores sociais, pelo menos uma das partes, mantém, até ao limite do confronto, a sua trajetória inalterada, havendo um risco de choque entre ambos, afetando potencialmente a sua integridade física. Voltando a um exemplo já retratado no capítulo 3, na África do Sul, as diferentes motivações para o uso do mesmo espaço urbano levam a crescentes tensões, podendo evoluir mais tarde para conflitos (Kepe *et al.*, 2015: 95).

Por fim, por “conflito pelo espaço urbano”, entende-se todos os momentos de cruzamento entre “night runners” e outros atores sociais em determinado espaço urbano, em que, apercebendo-se da presença de outros atores sociais, não há alteração das trajetórias, podendo haver choque entre os atores sociais e, por consequência, danos à integridade física, ou eventuais agressões verbais e/ou físicas; ou, havendo apenas choque iminente, existem, ainda assim, agressões verbais e/ou físicas. Como nos aponta Oldenburg, o conflito não é algo que as pessoas temem, como a existência de

inimigos físicos, mas sim o choque entre práticas sociais e identidades urbanas que são familiares e outras que são emergentes e novas (2018: 258 e 268).

Estes são três indicadores que se podem considerar, de certo modo, estáticos e até discutíveis na sua designação e operacionalização, uma vez que uma situação de negociação pode, na verdade, ser uma situação de tensão, ou vice-versa. Convém, também por isso, deixar um esclarecimento metodológico: muitas destas situações analisadas ocorrem em espaços onde pode haver dupla interpretação para a mesma situação. Em rigor, não se pretende avaliar se os “night runners”, ou aqueles com quem eles se cruzaram, quiseram mesmo manter a sua trajetória em determinado espaço urbano de cruzamento, e se, por isso, houve uma situação de quase choque com um peão. Com base nos registos visuais que a vídeo-etnografia permite, avalia-se apenas a situação no momento, estabelecendo-se a fronteira entre a negociação e a tensão, a partir de uma perceção visual que procura avaliar se a interação foi estendida até ao limite da colisão. A análise da prática de corrida noturna e destas situações permitem perceber outras questões, como veremos mais à frente, que nos demonstram que, por vezes, as cidades não estão para acolher diferentes atores sociais.



FIGURA 121: TIPO DE CONTACTO ENTRE OS “NIGHT RUNNERS” E OUTROS ATORES SOCIAIS

Comparando a frequência dos tipos de interações relativas a estes três indicadores, percebe-se que existe uma relação tendencialmente pacífica entre os “night runners” e outros atores sociais que se apropriam dos mesmos locais de ação, aquando da passagem do grupo da corrida noturna. A Figura 121 evidencia os 3491 cruzamentos classificados como sendo de negociação; seguido-se os 382 cruzamentos classificados como sendo de tensão. Os conflitos, são muito raros. Quando foram registados pela vídeo-etnografia, circunscreveram-se a algumas agressões verbais momentâneas de automobilistas dirigidas aos “night runners”.

Percebe-se, por isso, que, em grande parte dos casos, quando “night runners” e outros atores sociais se cruzam, existe uma relação de respeito mútuo que se concretiza através da alteração de trajetória, de forma a que todos possam usar o mesmo espaço urbano em simultâneo. Todos podem apropriar-se daquele espaço sem pôr em causa os direitos dos outros utilizadores (Nasution, 2015: 7). Contudo, neste contexto, a sociedade da velocidade parece também impor a suas leis e legitimidades, pois, tendencialmente, é o mais rápido (o corredor em relação ao peão, a viatura em relação ao corredor, *etc.*) que primeiro executa um gesto de cedência ou de desvio da trajetória. Por isso, é importante salientar uma questão que é importante. No caso de cruzamentos em que se refere que houve negociação do espaço público, podemos estar a referir-nos a cedência de uma das partes ou a cedência de ambas as partes. A vídeo-etnografia permitiu verificar que, quando “night runners” e outros atores sociais se cruzam, existem situações em que ambas as partes, apercebendo-se de que não estavam sozinhas em determinado espaço urbano, tomaram a decisão instantânea e praticamente simultânea de alterar a sua trajetória, de modo a não comprometer a mobilidade.

Sendo menos, não se pode descartar os valores registados para os cruzamentos classificados como sendo de tensão. É notória a existência destas situações, que merecem alguma reflexão no sentido de se elencarem as possíveis causas. A questão remete-nos, uma vez mais, para os locais de ação que são usados; ou seja, alguns locais potenciam um maior cruzamento entre “night runners” e outros atores sociais; alguns desses lugares têm passeios estreitos, não facilitando o cruzamento e potenciando situações de tensão. Pode-se recorrer também à questão do período do ano em que os

“night runners” estão a realizar a sua prática. Em meses de Verão, quando a temperatura está agradável e as condições atmosféricas convidam a uma saída noturna, a possibilidade de cruzamento com mais atores sociais é bastante maior do que em meses de Inverno, nos quais predominam o frio e a chuva, convidando a ficar no conforto do lar. Nos meses de inverno a passagem rápida dos carros, por vezes de forma deliberada, sobre charcos, projetando a água para quem circula no passeio, pode ser também uma fonte de tensão. São vários os fatores que podem pesar numa variação dos cruzamentos de tensão, mas também de negociação.

Por locais de ação, destaca-se a Rua do Brasil, com um registo de 651 situações de negociação e 65 situações de tensão, logo seguida da Avenida Emídio Navarro, com 334 situações de negociação e 51 situações de tensão.

Constatado o predomínio de situações de negociação e também a existência de algumas situações de tensão, é bastante importante perceber quais são os atores sociais que mais se destacam no cruzamento com “night runners” e que ajudam a desenvolver estes dois tipos de situações. Tendo em conta resultados e explicações anteriores, os dados da Figura 122 acabam por não ser expectáveis.

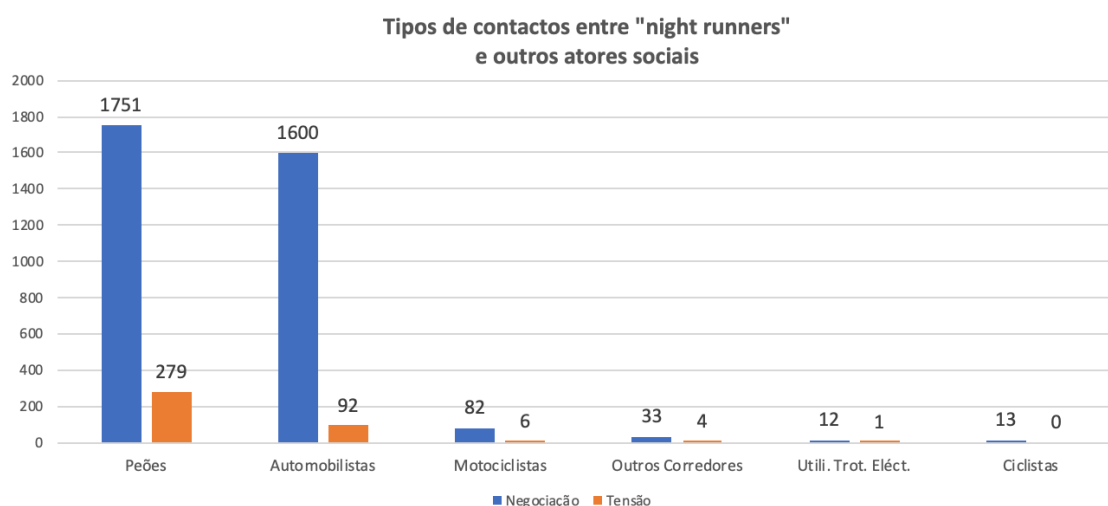


FIGURA 122: TIPO DE CONTACTOS ENTRE “NIGHT RUNNERS” E OUTROS ATORES SOCIAIS

Se se tiver em conta que os peões e os automobilistas são os atores sociais com quem os “night runners” mais se cruzam durante a sua prática, também é expectável que a grande maioria das situações classificadas como sendo de negociação e de tensão estejam igualmente concentrados nestes dois atores sociais. Os peões são os atores

sociais que concentram o maior número de situações de negociação (1751 casos), mas também de tensão (279 casos), o que é expectável, dado que os peões são os atores sociais com quem os “night runners” mais se cruzam durante a sua prática. Os automobilistas concentram 1600 situações de negociação e 92 situações de tensão. Contudo, a proporção de situações de tensão com os peões, no conjunto de situações de tensão/negociação com esses mesmos peões, é mais do dobro das situações de tensão registadas em relação aos automobilistas. Ou seja, por força do uso do terreno predominante para a corrida (o passeio) e da equivalência de estatuto entre peões e corredores (pedestres), verifica-se uma tendência para as situações de tensão sejam mais frequentes entre peões e “night runners” que entre estes e os automobilistas.

Por locais de ação, em relação a situações de negociação, destaca-se a Avenida Emídio Navarro, que concentra 195 situações com peões e 113 situações com automobilistas. A Rua do Brasil, regista 139 situações com peões e 420 situações com automobilistas. Nota-se aqui o perfil diferenciado de ambas as ruas, que, encontrando-se uma na outra, são muito distintas, designadamente em termos das condições que oferecem para a corrida noturna. Em relação a situações de tensão, a Avenida Emídio Navarro agrega 38 situações com peões e 10 situações com automobilistas. Na Rua do Brasil, observaram-se 29 situações de tensão com peões e 36 casos de tensão com automobilistas. Os passeios mais estreitos da Rua do Brasil e a própria largura da via acabam por estar na origem do surgimento de mais tensões com os automobilistas.

Mas de que modo, exatamente, se processam as interações de negociação entre “night runners” e peões e entre “night runners” e automobilistas? Ao longo do acompanhamento das sessões de corrida, que permitiu concretizar a vídeo-etnografia, tornou-se notório que as situações de negociação nunca eram exatamente iguais, tendo sempre algumas diferenças entre si. Todavia, apesar das diferenças que as distinguem, foram as semelhanças entre essas situações que nos permitiram criar indicadores relativos a diferentes formas de negociação, quer entre “night runners” e peões, quer entre “night runners” e automobilistas.

No que respeita à relação com os peões, existem dois indicadores que permitem caracterizar a relação. Por um lado, existem situações em que os “night runners” alteraram a sua trajetória, de forma a não prejudicar a mobilidade dos peões. Esta

vertente foi designada “night runners' cedem espaço aos peões”. Por outro lado, ocorreram situações em que verificava o contrário, ou seja, os peões, apercebendo-se da passagem iminente de um grupo de corredores, alteravam a sua trajetória para que a mobilidade dos atletas não fosse interrompida. Essa vertente foi denominada “peões cedem espaço aos 'night runners”.

Estas duas vertentes congregam as situações mais habituais de negociação entre ambos, com 597 casos em que os “night runners' cedem espaço aos peões” e 232 casos em que os “peões cedem espaço aos 'night runners”.

Focando a situação de negociação “night runners' cedem espaço aos peões”, os “night runners”, ao aproximarem-se de determinado local, manifestam aperceber-se do cruzamento iminente de peões. Existindo espaço suficiente para alterar a sua trajetória, e de modo a criar distância de segurança para os peões, os “night runners” deslocam-se mais para um dos lados, de forma que os peões possam continuar a sua mobilidade sem sobressaltos e os atletas possam continuar a sua prática livremente. No exemplo das Figura 123 a 125, um atleta do grupo começa a atravessar a passadeira e, apercebendo-se que vêm dois peões em sentido contrário, afasta-se para a direita. De tal maneira que, quando se encontram lado a lado, o “night runner” já não se está no meio da passadeira, mas quase fora da mesma, com alguma distância de segurança em relação aos peões.

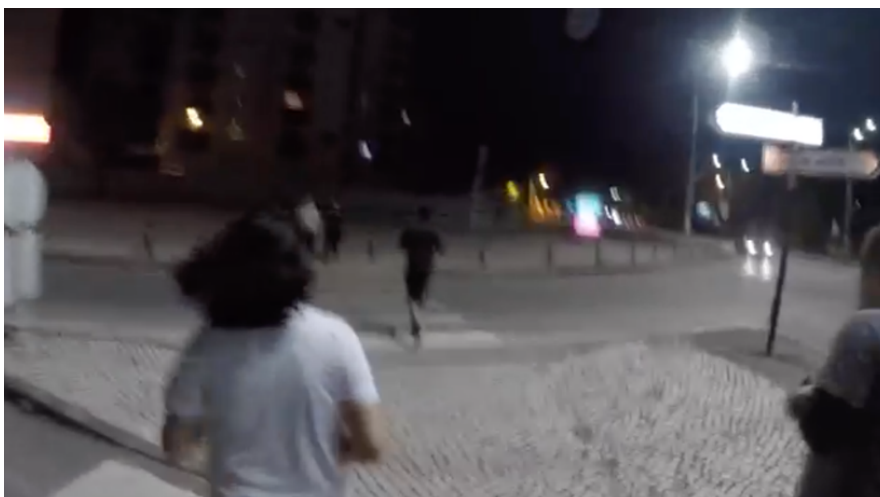


FIGURA 123: “NIGHT RUNNER” CEDE ESPAÇO AOS PEÕES NA AVENIDA MENDES SILVA (SESSÃO 24, DIA 26 DE JUNHO DE 2019)

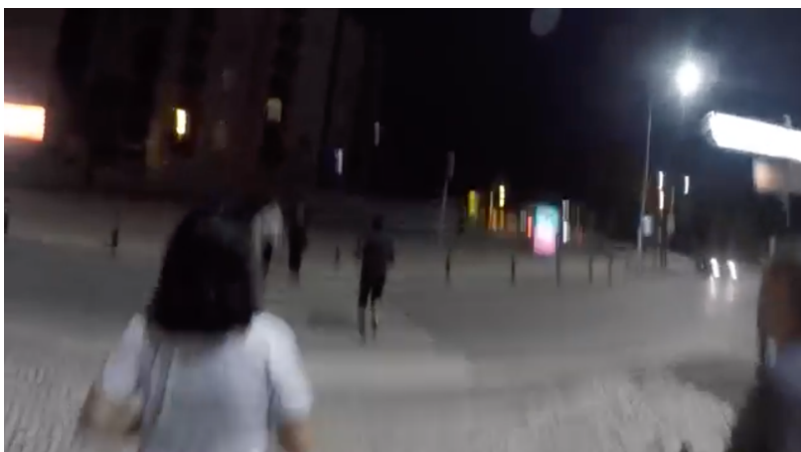


FIGURA 124: “NIGHT RUNNER” CEDE ESPAÇO AOS PEÕES NA AVENIDA MENDES SILVA (SESSÃO 24, DIA 26 DE JUNHO DE 2019)

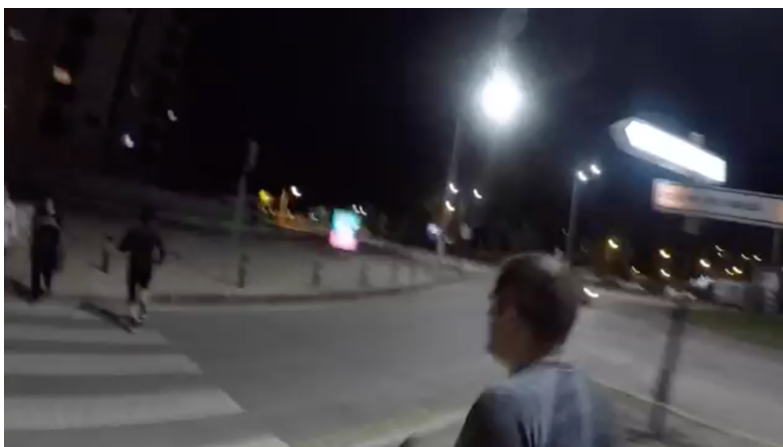


FIGURA 125: “NIGHT RUNNER” CEDE ESPAÇO AOS PEÕES NA AVENIDA MENDES SILVA (SESSÃO 24, DIA 26 DE JUNHO DE 2019)

Como é óbvio, também ocorre o contrário. Ou seja, também os “peões cedem espaço aos ‘night runners’”. Neste caso, em que é o peão que altera a sua trajetória, a lógica é a mesma. O peão está a circular e, apercebendo-se do cruzamento iminente com um grupo de atletas que está a correr e, presumivelmente, para que o treino não seja prejudicado, e existindo espaço suficiente, desloca-se para um dos lados de forma a criar uma distância de segurança entre ambos. No exemplo das Figuras 126 a 128, os peões, apercebendo-se da passagem iminente de um grupo de corredores, e existindo espaço suficiente, deslocam-se mais para a esquerda de forma a que os “night runners” possam continuar a sua corrida.



FIGURA 126: PEÕES CEDEM ESPAÇO AOS “NIGHT RUNNERS” NA RUA DA SOFIA (SESSÃO 35, DIA 25 DE SETEMBRO DE 2019)



FIGURA 127: PEÕES CEDEM ESPAÇO AOS “NIGHT RUNNERS” NA RUA DA SOFIA (SESSÃO 35, DIA 25 DE SETEMBRO DE 2019)



FIGURA 128: PEÕES CEDEM ESPAÇO AOS “NIGHT RUNNERS” NA RUA DA SOFIA (SESSÃO 35, DIA 25 DE SETEMBRO DE 2019)

Em termos de locais de ação, os “‘night runners’ cedem espaço aos peões”, sobretudo, na Avenida Emídio Navarro, com 71 situações de negociação; e na Rua do Brasil, com 50 situações de negociação. Relativamente à situação em que os “peões cedem espaço aos ‘night runners’”, ela ocorre sobretudo na Rua Ferreira Borges, com 35 situações registadas, seguida pela Avenida Emídio Navarro com 24 situações.

São várias as formas de negociação entre “night runners” e peões, sendo que as duas referidas são as que mais se destacam. Mas existe igualmente uma forma de negociação particular que é mais difícil de captar através da vídeo-etnografia. A câmara de vídeo tem uma capacidade única de captar vários momentos que seria impossível registar na sua totalidade num diário de campo. Mas também tem desvantagens. Não registando o som, por exemplo, limita a análise dos comandos de voz que, frequentemente, alteram o ritmo e o rumo da corrida. Nas interações entre estes dois atores sociais, destacaram-se vários cruzamentos que ficaram conhecidos por “‘night runners’ e peões cruzam-se”, ou seja, não é possível perceber nas gravações qual das partes alterou a sua trajetória e cedeu espaço à outra parte. Muitas das vezes acontece que os peões, apercebendo-se a uma grande distância da passagem do grupo dentro de alguns segundos pelo local onde estão alteram de imediato a sua trajetória. Mas, a câmara não consegue captar estes momentos, sendo apenas evidente que houve algum tipo de negociação que não foi captado pela câmara. Embora não se possa confirmar esta situação através do recurso às imagens, o facto de os peões aparecerem, na imagem, afastados do grupo de corredores, ou mesmo a circular na estrada (Figura 129), quando poderiam ir no passeio, é indicativo que algum tipo de negociação ocorreu.



FIGURA 129: “NIGHT RUNNER” CRUZA-SE COM PEÃO NA RUA OLÍMPIO NICOLAU RUI FERNANDES (SESSÃO 31, DIA 28 DE AGOSTO DE 2019)



FIGURA 130: “NIGHT RUNNER” CRUZA-SE COM PEÃO NA ALAMEDA DR. JÚLIO HENRIQUES (SESSÃO 46, DIA 10 DE DEZEMBRO DE 2019)

Recorrendo ao depoimento privilegiado do atleta que transporta a câmara, é frequente que quando os peões circulam no mesmo sentido dos corredores, sejam os corredores, muitas vezes através da técnica corporal ou do comando de voz do guia da corrida, a mudar antecipadamente a trajetória, acontecendo tendencialmente o contrário quando circulam em sentido oposto. Por outro lado, seguindo o mesmo tipo de depoimento, esta negociação tende a ser enquadrada pelo princípio da precaução e da segurança, uma vez que, perante a necessidade - decorrente da contingência do espaço - de alterar a trajetória, ocupa a estrada quem pode ver os carros aproximar-se de frente.

Se nos focarmos nos automobilistas, o cenário é muito semelhante ao que acontece com os peões. Ou seja, temos situações de negociação, em que os “automobilistas cedem espaço ao 'night runners'” e situações em que os “'night runners' cedem espaço aos automobilistas”. Também aqui se impõe o princípio da versatilidade, sendo tendencialmente os mais rápidos a ceder. Os automobilistas cedem espaço em 838 casos e os “night runners” cedem espaço aos automobilistas em 232 casos. Mas como se desenvolvem estas situações de negociação entre os atores sociais aqui em causa?

Na situação em que os “automobilistas cedem espaço aos 'night runners'”, os automobilistas, circulando na estrada, apercebem-se que irão cruzar-se com atletas que estão a correr, também eles, na estrada. Dessa forma, alteram a sua trajetória,

chegando-se mais para a sua esquerda, e frequentemente abrandam a marcha, criando uma distância de segurança e permitindo que ambos possam manter a sua mobilidade, sem se colocar a integridade física de ambos em causa. O exemplo das Figuras 131 a 133 é esclarecedor: o automobilista apercebendo-se da presença de atletas e tendo espaço suficiente, afasta-se para a sua esquerda, permitindo a continuação do treino dos atletas.



FIGURA 131: AUTOMOBILISTA CEDE ESPAÇO AOS “NIGHT RUNNERS” NA RUA MIGUEL TORGA (SESSÃO 38, DIA 16 DE OUTUBRO DE 2019)



FIGURA 132: AUTOMOBILISTA CEDE ESPAÇO AOS “NIGHT RUNNERS” NA RUA MIGUEL TORGA (SESSÃO 38, DIA 16 DE OUTUBRO DE 2019)



FIGURA 133: AUTOMOBILISTA CEDE ESPAÇO AOS “NIGHT RUNNERS” NA RUA MIGUEL TORGA (SESSÃO 38, DIA 16 DE OUTUBRO DE 2019)

Por sua vez, também o “night runner” cede espaço ao automóvel. Neste caso, e conforme o exemplo da Figura 134, o “night runner” está a usufruir da estrada porque ninguém está a circular naquele momento. Contudo, a dada altura, apercebe-se da aproximação de automobilistas que vão na sua direção. De forma a garantir a segurança de todos, desloca-se para o passeio, alterando a sua trajetória e não colocando em causa a integridade física de ambos.



FIGURA 134: “NIGHT RUNNER” CEDE ESPAÇO AO AUTOMOBILISTA NA AVENIDA GUARDA INGLESA (SESSÃO 44, DIA 27 DE NOVEMBRO DE 2019)



FIGURA 135: “NIGHT RUNNER” CEDE ESPAÇO AO AUTOMOBILISTA NA AVENIDA GUARDA INGLESA (SESSÃO 44, DIA 27 DE NOVEMBRO DE 2019)



FIGURA 136: “NIGHT RUNNER” CEDE ESPAÇO AO AUTOMOBILISTA NA AVENIDA GUARDA INGLESA (SESSÃO 44, DIA 27 DE NOVEMBRO DE 2019)

Em termos de locais de ação, os automobilistas cederam espaço aos “night runners” em 310 situações na Rua do Brasil e em 80 situações na Avenida Emídio Navarro. Por sua vez, os “night runners” cederam espaço aos automobilistas em 61 situações na Rua do Brasil e 10 vezes na Avenida Emídio Navarro. Tal como no caso dos peões, existem outras formas de negociação do espaço entre automobilistas e os corredores noturnos, mas estas são, sem dúvida, as formas que mais se destacam.

Não é possível falar em negociação sem falar em tensão. Neste caso, em particular, não existem verdadeiramente variadas formas de tensão. A questão que se

coloca é mais com quem ocorrem as formas de tensão. Tal como se verificou para as situações de negociação, a tensão concretiza-se, sobretudo, entre peões e automobilistas, como acontece nas situações de negociação. Ao contrário das situações anteriores, não existe um guião descritivo e interpretativo sobre como a ação se desenrola, uma vez que o essencial deste cruzamento é perceber como são quase iminentes os choques entre atores sociais, podendo pôr em causa a integridade física de ambos. Estas situações não são recorrentes, mas não passam despercebidas. Os exemplos das Figuras 137 a 140 são esclarecedores sobre como a tensão se desenrola.



FIGURA 137: MOMENTO DE TENSÃO COM PEÕES NA PRAÇA 8 DE MAIO (SESSÃO 49, DIA 15 DE JANEIRO DE 2020)



FIGURA 138: MOMENTO DE TENSÃO COM PEÕES NA PRAÇA 8 DE MAIO (SESSÃO 49, DIA 15 DE JANEIRO DE 2020)



FIGURA 139: MOMENTOS ANTES DE TENSÃO COM AUTOMOBILISTA NA RUA DE MOÇAMBIQUE (SESSÃO 47, DIA 18 DE DEZEMBRO DE 2019)



FIGURA 140: MOMENTO DE TENSÃO COM AUTOMOBILISTA (MOTORISTA DE AUTOCARRO) NA RUA DE MOÇAMBIQUE (SESSÃO 47, DIA 18 DE DEZEMBRO DE 2019)

Em termos de locais de ação, a tensão com peões é maior na Avenida Emídio Navarro, com 38 casos registados, seguida pela Rua do Brasil, com 31 casos. A tensão com automobilistas é maior na Rua do Brasil, com 36 casos registados, seguida pela Avenida Emídio Navarro, com 10 casos registados. Estes dados replicam o registado para as situações de negociação, confirmando estas duas artérias, a primeira mais com peões, a segunda mais com automobilistas, como os dois focos de interações que não são anódinas.

Estes exemplos selecionados mostram como, por vezes, a relação entre “night runners” e outros atores sociais poderá não ser tão pacífica quanto se suporia. O

exemplo da tensão com o condutor do autocarro - em que os “night runners”, estando a fazer a sua corrida na estrada, se veem, de repente, num espaço apertado entre carros estacionados e um autocarro que está a circular, correndo o risco de ser atropelados – é particularmente elucidativo dos graus extremos de tensão.

Existe, de alguma forma, uma identidade mista que caracteriza este grupo. Por um lado, trata-se de um grupo insurgente que desafia as convenções de mobilidade, transformando essas regras e adaptando-as às suas necessidades. Por outro lado, os elementos do grupo reconhecem a existência de outros atores sociais e tendem a privilegiar uma lógica de segurança, no espírito da preservação da integridade física e do respeito pela mobilidade dos outros. Mas, o que pensam os “night runners” sobre os espaços urbanos onde circulam e sobre a sua relação com os outros atores sociais? Será que o desvio em relação às regras poderá estar relacionado com o que pensam sobre os espaços urbanos onde correm e sobre quem com eles se cruzam?

9.4. O que dizer sobre estes espaços urbanos?

Seguindo a lógica apresentada, falta apenas fazer a discussão sobre o que pensam os “night runners” em relação aos espaços urbanos que percorrem. Os “night runners”, como se procurou demonstrar, têm vindo a emergir como atores sociais de índole urbana, ganhando uma identidade própria, tal como os peões ou os automobilistas. Nessa medida, tal como os peões e os automobilistas, também este grupo de atletas tem vindo a desenvolver as suas próprias representações sobre os vários espaços urbanos que usam para a prática da corrida noturna.

Um dos objetivos desta investigação passa por aí: captar as representações que os “night runners” têm vindo a desenvolver sobre os vários espaços urbanos que utilizam para a corrida. Dadas as condições de pesquisa, sendo o tempo disponível para falar com os corredores muito reduzido, não foi fácil selecionar uma técnica de pesquisa para o efeito. Selecionada a técnica, ela não foi aplicada mais cedo porque as condições atmosféricas adversas não iam permitindo (persistência de chuva e de frio nos últimos meses de investigação, até esta ser interrompida pela chegada da pandemia). Por outro lado, esta teria de ser uma técnica a aplicar depois de se ter observado devidamente o objeto de estudo, não podendo ser realizada nos primeiros meses do trabalho de campo, devido ao facto de os dados de que se dispunha naquele momento ainda não serem suficientes para desenvolver a técnica. Colocando a técnica no final do percurso de investigação empírica, além de se ter dados mais robustos, também a disponibilidade dos voluntários de cooperarem seria maior, uma vez que as condições atmosféricas seriam melhores.

Tendo presente estas condicionantes, e com o auxílio dos organizadores, avançou-se para a realização de um “brainstorming”. A ideia era relativamente simples: usando, para lançar a discussão, alguns dos locais de ação mais percorridos, os voluntários davam a sua perspetiva sobre esses locais, verbalizando e comentando o primeiro pensamento que lhes ocorria. De seguida, cada um dos participantes teria de comentar, especificando se se identificava ou não com os pensamentos que iam sendo trazidos para a discussão de grupo. Fazemos, de seguida, a discussão sobre a aplicação

desta técnica, reconhecendo que é legítimo perguntar-se qual o motivo de fazer esta discussão na parte final deste capítulo.

Tendo em conta que este capítulo é sobre os vários espaços urbanos que os “night runners” se apropriam para a prática da sua corrida e sobre as interações que desenvolvem com os atores sociais que usam esses mesmos espaços, a técnica aqui em discussão surge como um complemento à vídeo-etnografia, uma vez que através desta técnica não foi possível captar qualquer representação dos corredores noturnos sobre os espaços urbanos. Não sendo possível a captação das formas de representar o espaço, recorreu-se a um “brainstorming” para captar estas representações. Por isso, uma vez que nos estamos a focar em representações relativas a espaços públicos, faz todo o sentido fazer essa discussão aqui, sobretudo após termos feito a discussão sobre como os “night runners”, nos vários locais de que se apropriam para a prática da corrida, vão criando estratégias de mobilidade e vão desafiando os códigos já existentes no meio urbano. Acresce que estas representações que aqui são focadas estão muito relacionadas com a discussão já anteriormente realizada.

Devido à pandemia de Covid-19, foi apenas realizada uma sessão de “brainstorming” com a presença de 10 “night runners”, no final da sessão 56. A intenção era realizar 5 sessões. Mas no final da realização da primeira sessão não se sabia não ser possível realizar as restantes que estavam previstas. Nessa sessão os corredores noturnos da corrida intermédia deram a sua perspetiva sobre os cinco locais de ação mais percorridos: Avenida Emídio Navarro, Rua do Brasil, Rua dos Combatentes da Grande Guerra, Avenida Cónego Urbano Duarte e Parque Verde do Mondego. Foram selecionados os 10 voluntários que se mais se prontificaram a participar. Não se registaram fatores de discordância em termos de representações dominantes dos espaços, constatando-se uma homogeneidade nas representações.

Esta técnica foi essencial para captar várias das representações que os corredores têm sobre os espaços em cima elencados. Na discussão que fazemos de seguida, focamos os três, dos cinco locais de ação, que mais debate geraram. Devemos acrescentar que dois dos três locais analisados têm um papel fundamental na prática da corrida, estando presentes nos circuitos de, praticamente, todas as sessões. Dessa forma, os três locais selecionados para esta discussão são: a Avenida Emídio Navarro, a

Rua do Brasil e o Parque Verde do Mondego. Na discussão, é feita uma apresentação dos pontos essenciais de cada um dos locais, uma vez que muitas das representações aqui referidas já foram sendo descritas e analisadas anteriormente. Começamos esta análise, como muitas vezes fazem os “night runners” quando se lançam para correr à noite por essa Coimbra fora, analisando a Avenida Emídio Navarro.



FIGURA 141: BRAINSTORMING SOBRE A AVENIDA EMÍDIO NAVARRO

Localizada junto ao Rio Mondego e perto do icónico Parque Verde do Mondego, a Avenida Emídio Navarro é caracterizada por ser uma avenida extensa, sendo um ponto central da cidade de Coimbra e uma das artérias mais importantes no trajeto do “Night Runners Coimbra”, estando localizada junto ao Largo da Portagem, servindo na maioria das vezes como “reta da meta”, como os “night runners” a identificaram. É aí que alguns dos membros do grupo gostam de acelerar o seu ritmo e desenvolver o seu *sprint* final.

É também vista como a “marginal”, devido à sua proximidade ao Rio Mondego. Correr à noite na cidade é também apreciar o espaço e o rio. É um passeio a um outro ritmo. É claramente um ponto fulcral no imaginário dos “night runners”, que marcam

este local como um dos pontos centrais da sua corrida, nomeadamente quando esta está a chegar ao fim. A sua localização junto ao ponto de início e ao ponto de chegada das sessões permite a centralidade que os participantes lhe conferem.



FIGURA 142: AVENIDA EMÍDIO NAVARRO REPRESENTADA NO MAPA DE COIMBRA.

FONTE: https://drive.google.com/open?id=1-Ufb-dk151gqo4k2sUKm_wNVKCFjdNgv&usp=sharing



FIGURA 143: AVENIDA EMÍDIO NAVARRO NA SUA EXTENSÃO, AO MESMO TEMPO QUE OS “NIGHT RUNNERS” VÃO PASSANDO A PASSADEIRA (SESSÃO 12, DIA 6 DE MARÇO DE 2019)



FIGURA 144: AVENIDA EMÍDIO NAVARRO, NA SUA EXTENSÃO, VINDO DA RUA DO BRASIL E CORRENDO EM DIREÇÃO AO LARGO DA PORTAGEM (SESSÃO 15, DIA 3 DE ABRIL DE 2019)

No entanto, este local também é reconhecido por ser algo problemático, nomeadamente no que diz respeito aos “demasiados semáforos” e “muitas passadeiras”. Para quem está a correr, esta é uma questão que incomoda, porque obriga a parar nas passadeiras ou nos semáforos e esperar para poder atravessar a estrada em

segurança. Existe uma certa falta de paciência para abrandar o ritmo ou para ceder à necessidade de parar. Dessa forma, também aqui acontece o que já foi anteriormente referido: os “night runners” procuram usar a estrada quando não passa ninguém, nomeadamente para a atravessar quando não há carros, fazendo igualmente vista grossa ao vermelho dos semáforos das passadeiras. Situações que podem ser perigosas, uma vez que este local também é descrito como sendo um local com “demasiado trânsito automóvel” e “confusão com peões”, aparecendo na imprensa local como um dos locais onde mais ocorre atropelamento de peões.

Além dessas questões, os participantes identificam os “passeios estreitos” e a “difícil circulação nos passeios”. Para um grupo de atletas que, por vezes, chega aos 50 participantes numa só sessão, com passeios estreitos, e com outros peões a circular, a mobilidade pode-se tornar uma tarefa bastante difícil, sem que haja a ocorrência de situações de tensão. Com pouco espaço nos passeios, muitos atletas acabam por optar pelo uso da estrada e, dependendo das zonas da Avenida, geram situações propícias à eclosão de tensão com automobilistas.

Tendo presente estas considerações, a mobilidade dos “night runners” na Avenida Emídio Navarro, mesmo sendo um ponto central na sua corrida, não deixa de ser, por vezes, um desafio dentro do desafio da prática de corrida.



FIGURA 145: MOMENTO DE TENSÃO COM PEÕES QUE SE ENCONTRAM JUNTO AO “PASS-THROUGH” DO RESTAURANTE. O GRUPO É TÃO GRANDE QUE ATÉ TEM QUE USAR A ESTRADA PARA CORREREM MAIS LIVREMENTE (SESSÃO 16, DIA 10 DE ABRIL DE 2019)



FIGURA 146: MOMENTO DE TENSÃO COM AUTOMOBILISTA NA AVENIDA EMÍDIO NAVARRO. QUANDO O “NIGHT RUNNER” SE PREPARA PARA ATRAVESSAR A ESTRADA, UM AUTOMÓVEL A ALTA VELOCIDADE PASSA À SUA FRENTE (SESSÃO 17, DIA 24 DE ABRIL DE 2019)

Também a existência de algumas zonas mal iluminadas nesta artéria e a falta de equipamentos apropriados de iluminação noturna, pode originar potenciais situações de tensão com peões e, eventualmente, com automobilistas.



FIGURA 147: ZONA MÁ ILUMINADA NA AVENIDA EMÍDIO NAVARRO (SESSÃO 20, DIA 29 DE MAIO DE 2019)

Feita uma apresentação sobre o que os “night runners” pensam sobre a Avenida Emídio Navarro, passamos às representações sobre a Rua do Brasil, outro dos locais de ação mais usados por este grupo na prática da corrida noturna.



FIGURA 148: BRAINSTORMING SOBRE A RUA DO BRASIL

Localizada junto à Avenida Emídio Navarro, na sua continuidade, é uma rua extremamente longa, como apontam os “night runners”. Tipicamente, é utilizada já na fase final da corrida. Como afirmam os “night runners”, é “bom para manter o cérebro ativo”, sabendo que de seguida irão percorrer a Avenida Emídio Navarro e a confusão que lhe está associada. Quando correm neste local, já na fase final da corrida, a rua caracteriza-se pela sua longa descida, que termina no início da Avenida Emídio Navarro.

Tal como o local anterior, também a Rua do Brasil é caracterizada por uma posição central em termos geográficos, ligando a beira-rio ao Calhabé. No imaginário dos “night runners” é um ponto central na corrida, uma vez que marca, ora o início, ora o fim da corrida.



FIGURA 149: RUA DO BRASIL, REPRESENTADA NO MAPA DE COIMBRA.

FONTE: https://drive.google.com/open?id=1ZttW5_q7d3htpHHd-YzPp1Uc-fYyedYv&usp=sharing



FIGURA 150: RUA DO BRASIL NA SUA EXTENSÃO (SESSÃO 12, DIA 6 DE MARÇO DE 2019)

Também para a Rua do Brasil, os “night runners” reproduziram algumas representações semelhantes às que têm sobre a Avenida Emídio Navarro, nomeadamente os “passeios pequenos e estreitos” e “demasiado trânsito automóvel”. Também aqui, se identifica a presença de vários passeios estreitos e compridos, tal como

na Avenida Emídio Navarro, o que para um grupo numeroso faz com que alguns elementos do grupo sejam obrigados a usar a estrada. Sendo que, neste caso, a estrada é mais estreita e mais perigosa para ser usada como terreno de corrida. Também por isso a rua regista uma maior incidência de situações de tensão com peões e automóveis, proporcionalmente mais com os automóveis, como se pode ver na Figura 151.



FIGURA 151: MOMENTO DE TENSÃO COM PEÃO E AUTOMÓVEL. O PASSEIO É DE TAL MANEIRA ESTREITO NESTA ZONA DA RUA, QUE ALGUNS DOS “NIGHT RUNNERS” TIVERAM DE CORRER NA ESTRADA, ARRISCANDO SEREM ATROPELADOS PELO AUTOMÓVEL (SESSÃO 16, DIA 10 DE ABRIL DE 2019)

O facto de os passeios serem estreitos significa que o próprio mobiliário urbano, como os postes de iluminação e/ou paragens de autocarro, obriguem os “night runners” a alterar a sua trajetória constantemente para não chocar neste mobiliário, nem nos peões que ali circulam. Associado a esta presença de mobiliário, verifica-se o estacionamento de automóveis no passeio, o que deixa os “night runners” sem outra alternativa que não seja usar apenas a estrada e não o passeio e a estrada ao mesmo tempo, como é habitual fazerem em outras situações.



FIGURA 152: “NIGHT RUNNERS”, DEPARANDO-SE COM OS PASSEIOS ESTREITOS E COM AUTOMÓVEIS ESTACIONADOS EM CIMA DOS MESMOS, OPTAM POR VIR PARA A ESTRADA (SESSÃO 50, DIA 22 DE JANEIRO DE 2020)

Por fim, o grupo que participou na sessão de brainstorming, assinala que a Rua do Brasil, é mal iluminada para a prática de corrida, podendo, tal como a Avenida Emídio Navarro, ser um potencial foco de situações de tensão com peões e com automobilistas, devido à pouca visibilidade existente e à falta de equipamentos de iluminação que favoreçam a corrida segura.



FIGURA 153: ZONA MAL ILUMINADA NA RUA DO BRASIL (SESSÃO 26, DIA 24 DE JULHO DE 2019)

Passamos de seguida ao Parque Verde do Mondego, o terceiro e último local de ação de que apresentamos e discutimos representações dos “night runners”.



FIGURA 154: BRAINSTORMING SOBRE O PARQUE VERDE DO MONDEGO

Localizado igualmente junto ao Rio Mondego e junto à confluência entre a Avenida Emídio Navarro e Rua do Brasil, estendendo-se por ambas as margens do rio, o Parque Verde do Mondego é um dos maiores parques urbanos da cidade de Coimbra. Tal como os locais anteriores, tem uma localização geográfica estratégica, ficando já perto do Largo da Portagem e permitindo uma visão única da Alta da cidade. Apesar de menos usado que os dois locais anteriores, é um local de referência para a prática do grupo. Tal como é apontado, é uma “zona boa para treinar”, tem “menos poluição”, é uma “zona agradável” e “sem trânsito”.

É um local, por isso, diferente da Avenida Emídio Navarro e da Rua do Brasil, apresentando condições, aparentemente, excelentes para a prática de corrida. Tanto é

usado nos quilómetros iniciais das sessões como pode ser usado em sentido inverso, devido à sua localização junto à Avenida Emídio Navarro, permitindo chegar em poucos minutos ao Largo da Portagem e fazer o circuito das duas pontes (Ponte Pedro e Inês e Ponte de Santa Clara).



FIGURA 155: PARQUE VERDE DO MONDEGO REPRESENTADO NO MAPA DE COIMBRA.

FONTE:

https://www.google.com/maps/d/edit?mid=12-WJxtWrNd9-cqNN_XtzSjBJqtE8-Oq4&ll=40.20159967913145%2C-8.424867999999947&z=16



FIGURA 156: PARQUE VERDE DO MONDEGO, NA SUA EXTENSÃO (SESSÃO 14, DIA 27 DE MARÇO DE 2019)

Tem espaços largos e a probabilidade de tensão com peões é bastante baixa. Aliás, são diminutos os cruzamentos entre “night runners” e peões ou outros corredores, ao longo das várias sessões que por ali passaram. Tal como para os locais anteriores, também aqui existem alguns pontos identificados como negativos, nomeadamente “má iluminação” e “muitas poças de água/buracos no caminho”.

De facto, existem várias zonas mal iluminadas neste parque que se vão intercalando com zonas bem iluminadas. A principal razão prende-se com a localização dos postes de iluminação, uma vez que não se encontram junto aos trilhos do parque, mas sim, junto ao parque de estacionamento, em paralelo ao Parque Verde do Mondego. Pode-se por isso perceber que esta localização não permite uma iluminação ideal, além de que as luzes são de baixa potência, destinando-se mais a criar um décor urbano e uma paisagem noturna que um local para uma qualquer prática social.



FIGURA 157: ZONA MAL ILUMINADA NO PARQUE VERDE DO MONDEGO (SESSÃO 17, DIA 24 DE ABRIL DE 2019)

Em consequência, esta má iluminação torna difícil a visualização dos vários buracos que se têm formado ao longo dos anos, passando a poças de água quando chove. Com estes fatores presentes, o risco de lesão é maior e pode-se apontar uma clara falta de manutenção deste espaço urbano.



FIGURA 158: PASSAGEM POR POÇAS DE ÁGUA NO PARQUE VERDE DO MONDEGO (SESSÃO 1, DIA 21 DE NOVEMBRO DE 2018)

Acrescenta-se também que a própria falta de iluminação leva a que menos peões ou outros corredores, queiram frequentar este espaço, sobretudo se estiverem a

circular sozinhas. Contudo, são visíveis alguns peões a circular durante o período do Verão, devido às condições atmosféricas agradáveis e convidativas da época do ano.



FIGURA 159: PEÕES A CIRCULAR NO PARQUE VERDE DO MONDEGO, EM PLENO VERÃO (SESSÃO 30, DIA 21 DE AGOSTO DE 2019)

Sintetizando alguns dos pontos discutidos ao longo deste capítulo, os “night runners” apresentam-se como atores sociais de índole urbana, emergentes e insurgentes nos últimos anos na cidade de Coimbra. Percorrem uma grande diversidade de locais, que dão forma a vários circuitos, criando estratégias de mobilidade temporárias, dir-se-ia suaves, através das suas próprias práticas sociais (Mela, 2014: 4). De forma intuitiva, nem sempre estratégica, desafiam os usos e representações desses espaços, ao mesmo tempo que inventam novas formas de mobilidade. Esta questão do uso temporário do espaço urbano é mesmo vista como uma forma de desafiar a ordem existente, ao mesmo tempo que concorre para combater a fragmentação dos espaços urbanos (Vallance *et al.*, 2017: 88). Dir-se-ia que estes atletas estão constantemente a criar novos espaços (Massey, 2005: 175).

Esses mesmos locais de ação são caracterizados por serem de pouco movimento e geralmente têm uma boa iluminação, marcados, no entanto, pela existência de algumas zonas mal iluminadas. Quando percorrem esses locais de ação e no contacto com outros atores sociais, destacando-se os encontros com peões e automobilistas, verifica-se uma relação tendencialmente harmoniosa e de respeito, que, na essência,

caracteriza as interações entre os “night runners” e os outros atores sociais. Essas interações são intermediadas por situações de negociação de espaço urbano e, mais pontualmente, por algumas situações de tensão. Tal como já referido no capítulo 3, os corpos de cada um dos “night runners” e a cidade vão se relacionando, com os primeiros a deixar a sua experiência registada nos espaços urbanos (Britto *et al.*, 2008: 79).

Percebeu-se ainda como os “night runners”, enquanto atores sociais, têm representações diferentes quando correm nos locais de ação, relativamente aos outros atores sociais. Foi possível perceber como estes atletas, ao correr em locais que não estão convencionados para a prática de corrida, captam diferentes representações, trazendo, por isso, outras perspetivas para os desafios da mobilidade na cidade. Sendo a cidade um local de representações, onde criamos sentidos para os espaços que percorremos (Ferreira, 2011: 93), também os “night runners” nos apresentam perspetivas diferentes de outros atores sociais que usam a cidade. A sua prática permite reinventar a cidade, dando outros usos diferentes aos já convencionados, desafiando as normas estabelecidas, ao mesmo tempo que se foge dessas funções estáticas para as quais os vários espaços urbanos foram convencionados.

De referir igualmente que alguns dos objetivos específicos da tese, e designadamente deste capítulo, foram também atingidos com a apresentação dos resultados, destacando-se os seguintes objetivos: “mapear os espaços urbanos que são percorridos pelos “night runners” aquando da prática de corrida e destacar narrativas relativas a esses espaços”; “perceber a existência de possíveis tensões entre os “night runners” e outros utilizadores de espaços urbanos, aquando da prática de corrida”; “identificar a possível negociação dos espaços urbanos entre os “night runners” e outros utilizadores”; “entender de que forma o uso dos espaços urbanos pelos “night runners” ajuda a transformar o uso e representações desses mesmos espaços”.

Com a apresentação destes quatro capítulos resultantes do trabalho desenvolvido no terreno, foi possível atingir o objetivo geral: “Compreender como o grupo dos “night runners” se constitui como suporte de sociabilidades com consequências nos modos de usar e representar a cidade”.

10. Conclusões finais

Chegados aqui há que reconhecer que este trabalho é mais extenso que o que havia sido imaginado à partida e, apesar do esforço feito em sentido contrário, mais volumoso que o realmente desejado. Não tenho dúvidas que isso resulta do entusiasmo com que abracei este projeto. Entusiasmo que, por outro lado, me permitiu concluir esta tese exatamente no prazo que estava fixado. Esse sentimento de dever cumprido é uma primeira conclusão que quero retirar, redobrando os agradecimentos a todos os que me ajudaram a cumprir esse desiderato.

A ausência de literatura específica sobre o tema e sobre o objeto levou-me a adotar uma abordagem dedutiva. Nesse sentido optei por selecionar uma problemática lata para ir delimitando o tema e problematizando o objeto. Apesar dessa abordagem ampla, o meu objetivo, quer ao rever a literatura, quer ao desenvolver a pesquisa empírica, foi sempre o de responder à questão de partida desta tese. “Até que ponto os designados corredores noturnos se constituem como suporte de sociabilidades emergentes que têm consequências nos modos de usar e de representar a cidade?”. Esta é a questão de partida que orientou toda a investigação e que pode ser formulada de outras formas: como é que um grupo de corredores noturnos que emerge como ator social está a mudar a forma como usamos e pensamos as nossas cidades? Como é que estes corredores estão a criar novas funções e usos para espaços urbanos convencionados para outros usos? Como se desenvolve a sua relação com outros atores sociais urbanos já consagrados na sua disputa pelo espaço público urbano? Pode-se mesmo perguntar: quem são os “night runners” mencionados no título desta tese?

Partindo de uma perspetiva construtivista, existem muitas formas de responder a estas perguntas. Mas também é, sobretudo, necessário destacar as principais descobertas, percorrendo esquematicamente cada um dos capítulos, de forma a responder às questões que moveram a pesquisa.

Através de um caso de estudo, um grupo de corrida noturno, criado em novembro de 2013, e que corre pelas ruas da cidade de Coimbra, os “Night Runners Coimbra”, foi feita uma análise à sua página do Facebook, examinando-se publicações e

reações às mesmas. Percebeu-se que existe um destaque para publicações com texto e fotografias das sessões semanais, com o objetivo de fazer reportagens sobre a sua prática e incentivando cada vez mais potenciais participantes a entrar no grupo, através de mensagens motivadoras, destacando-se visualmente a alegria, os momentos de confraternização e a diversão que caracterizam estas sessões. As próprias reações às publicações evidenciam que os comentadores se identificam com as publicações e previsivelmente com as atividades semanais desenvolvidas pelo grupo. Os comentários tornam patente a satisfação de quem comenta e de quem participa, sobretudo pelo impacto positivo que as atividades dos night runners têm nas suas vidas. A análise da página permitiu perceber que o “Night Runners Coimbra” é um grupo aberto, mostrando sempre disponibilidade e proatividade para acolher novos participantes nas suas sessões semanais e gratuitas. Regista-se uma interação motivacional com os organizadores a procurar sempre motivar os participantes (através das publicações) e os participantes a responder (através dos comentários), revelando o seu compromisso com a iniciativa.

Mas, as interações dos membros dos night runners não ocorrem apenas, nem sobretudo, no mundo virtual. A página do Facebook funciona como “porta de entrada” e como espelho para as atividades desenvolvidas pelo grupo, assegurando parte do *networking*, como ficou bem patente através da observação das sessões semanais do grupo. Tendo acompanhado 56 sessões do “Night Runners Coimbra”, durante o período de análise, que decorreu entre novembro de 2018 e março de 2020 (até à chegada da pandemia), a presença negociada e intermediada pelos organizadores, permitiu e facilitou a observação, não participante, das sessões de corrida. Esta abordagem permitiu captar informações que não seriam possíveis num contexto de maior distância para o grupo.

A tese faz uma apresentação detalhada do grupo de corredores noturnos, descrevendo como se processam as sessões semanais de corrida, realizando também uma breve caracterização do local de encontro onde o grupo se reúne todas as semanas e onde as sessões têm início e fim. As observações permitem perceber como o Largo da Portagem, mesmo que de forma temporária, é reinventado, sendo-lhe outorgado um novo uso, tornando-se um local de reunião e de prática de exercício físico. Sempre com

a presença de um grande número de pessoas, foi possível dar conta do modo como a presença do grupo neste local tinha um impacto significativo na mobilidade de outros atores sociais, suscitando curiosidade e, por vezes, empatia, nomeadamente dos peões que ali circulavam. O impacto de uma presença audível e visualmente incontornável era de tal maneira significativo que, quando se deparavam com este grupo, os peões desviavam a sua trajetória, para não chocar com o grupo e para não interferir com o treino. O facto, não despreciando, de o ponto de partida e de chegada da corrida e da caminhada ser uma das principais praças da cidade acaba por conferir à atividade uma dimensão performativa, muitas vezes apreciada por transeuntes e turistas que paravam para ver.

Um dos objetivos desta tese procurava conhecer melhor os membros do grupo e perceber as motivações que os levam, não apenas a correr, mas a correr em grupo em noite. Definidas as diferenças entre os três grupos que compõem o “Night Runners Coimbra” e focada a atenção no grupo de corrida intermédia, foram abordados 20 “night runners” para responderem ao inquérito exploratório por questionário concebido para identificar os principais traços do grupo e tendências que permitissem orientar a pesquisa. Ainda que a observação permitisse fazer a caracterização necessária, este instrumento adicional ajudou a dar conta de algumas outras dimensões relevantes: quem são pessoas que compõem este grupo; como se caracterizam as suas práticas de corrida; e qual a sua relação com o grupo onde estão inseridos.

Embora existam vozes discordantes, os “night runners” inquiridos identificam-se tendencialmente como atletas amadores que gostam de correr, que se sentem desafiados por o fazer durante o período noturno, privilegiando a diversão e o convívio em grupo. A corrida à noite em grupo não resulta de um constrangimento temporal que deixa a noite como único tempo disponível. Resulta de sociabilidades e de expectativas que não são alcançáveis de outra forma. Desde que entraram para o grupo, os membros correm, tendencialmente, em média, 2 a 4 vezes por semana, usando roupa e calçado confortável, apropriado à corrida urbana. Apontam como razões predominantes para a prática o desejo de se manterem saudáveis; a fuga à rotina diária; a diversão e a convivialidade com outras pessoas. Não têm, em regra, o hábito da competição e, aqueles que usam redes sociais, não partilham nas redes sociais a sua prática de corrida

noturna. A idade e o estado civil revelam a heterogeneidade do grupo de “night runners”. Tendencialmente, são estudantes do ensino superior (a que não é alheio o facto de a iniciativa ser gerida por um grupo de uma instituição de ensino superior) ou pessoas que já trabalham a tempo inteiro, apresentando um alto nível de qualificação académica. No que toca à sua relação com o grupo onde estão inseridos, verifica-se uma relação forte entre os membros, percebendo que aqueles que estão há mais tempo no grupo são os que mais se consideram como sendo “night runners”. A observação permitiu concluir que a antecipação da chegada e a demora na partida, antes de a atividade começar e depois de ela acabar, evidenciam esses laços fortes que unem os elementos do grupo.

Estas respostas recolhidas através de um instrumento exploratório de pesquisa já apontam dados interessantes, permitindo a construção de uma resposta inicial e aproximada à questão de partida desta investigação. Mas há que juntar os dados e as descobertas mais relevantes obtidas com a aplicação técnica da vídeo-etnografia.

Com esta técnica, foi possível perceber como os “night runners” percorrem vários pontos da cidade, livremente, em qualquer lugar, desafiando as funções predominantes atribuídas a determinado lugar, ou mesmo inventando outras. A corrida é uma clara forma de mobilidade urbana (Cook *et al.*, 2015: 744) permitindo chegar a vários pontos na mesma cidade ou experienciá-los de uma outra forma. O total de 191 locais de ação diferentes, referenciados com a aplicação da técnica de observação - todos localizados na cidade de Coimbra, nas antigas e nas novas centralidades -, mostra que os “night runners” vão usando, alternadamente, o passeio e a estrada, conforme o lugar onde passam e conforme o movimento de outros atores sociais que se cruzem com eles. Há uma lógica de segurança que vigora durante a corrida, com um uso predominante do passeio, mas isso não impede a estrada também vá sendo usada. Em cada sessão, o trajeto não é conhecido, nem está necessariamente definido, sendo frequentemente negociado durante o percurso, nas paragens efetuadas para reagrupar os participantes. Essa negociação opera-se entre o respeito pela segurança e o desejo do desafio, o que resulta, por exemplo, que não se corra na ponte Rainha Santa, mas que se corra atravessando a linha férrea na Estação Velha. Ao usar estes vários locais, é recorrente o cruzamento com outros atores sociais já consagrados e legitimados no

espaço urbano, designadamente peões e automóveis. Tendo presente a possibilidade de colisão com outros atores sociais, nomeadamente com peões (Collinson, 2008: 48) e seguindo uma lógica de negociação do espaço urbano aquando do cruzamento do grupo com estes atores sociais, foi notória como as partes em confronto potencial percecionam a existência de ambos, com uma das partes a desviar ligeiramente a sua trajetória para que a outra parte pudesse continuar a sua mobilidade sem restrições. Mas, foi também notório como existiram algumas situações de tensão entre os atores sociais envolvidos, dependendo de vários fatores, que são expostos nesta tese.

Tendo presente a existência de outros atores sociais dominantes, o fenómeno estudado (correr à noite em grupo) e o objeto de estudo (os Night Runners Coimbra) ajudam a perceber como se reinventa a mobilidade nas cidades. Os percursos e os comportamentos de corrida dos “night runners”, ao usarem a estrada em toda a sua largura, ou quando passam as rotundas a direito sem as contornar, “alargando” a área pedonal (o passeio) qual ela é estreita, desafiando sinais de trânsito, automóveis e regras de mobilidade urbana, traduzem a disputa pelo espaço e a reivindicação de um direito à cidade que é reclamado através da mobilidade.

Questionados sobre perceções em relação a locais de ação mais usados pelos “night runners”, alguns dos participantes manifestaram a sua opinião numa sessão de brainstorming realizada no final de uma das corridas. As suas representações confirmaram algumas descobertas feitas ao longo da aplicação da vídeo-etnografia e trouxeram novas contribuições. As representações e perceções acentuam os desafios às normas de mobilidade, sobretudo em relação a como se deve circular nas cidades, e como se pode escapar das funções estáticas ou hegemónicas a que os espaços urbanos parecem estar condenados, ou para que foram configurados aquando do seu planeamento. A par das descobertas obtidas com a vídeo-etnografia, percebeu-se como um grupo de corrida amador consegue desafiar as convenções de mobilidade, mostrando que a mesma não tem de ser tão rígida, nem tão estática, como as regras o definem. É verdade que não estamos perante uma forma de lazer totalmente desviante, uma vez que muitas das regras que nos são impostas como cidadãos na nossa mobilidade urbana são cumpridas pelos night runners, mas também não deixa de ser

verdade que o grupo assume o desafio de enfrentar as formas de mobilidade prevalentes.

Esta síntese relativamente breve das principais conclusões permite, agora, responder mais apropriadamente à questão de partida, permitindo também dar resposta a uma questão mais simples: quem são os “night runners”?

“Até que ponto os designados corredores noturnos se constituem como suporte de sociabilidades emergentes que têm consequências nos modos de usar e de representar a cidade?” Uma resposta sintética a esta pergunta permite-nos dizer que, a criação e manutenção de um grupo de corrida amador, com características sociais relativamente homogêneas, que facilitam as interações e a união do grupo, os “night runners” percorrem os vários pontos da cidade, sem restrições e sem limitações, usando a prática da corrida e o efeito grupal para desafiar usos hegemónicos. A escolha da noite é, desde logo, a base de partida do carácter desafiador das convenções sociais. O espírito desafiador converte os night runners em propulsores de paradigmas de negociação dos usos do espaço em contextos em que, para outros utentes, o uso prevalente é dado por garantido. Os “night runners”, ao apropriarem-se livremente e quase sem restrições dos espaços urbanos que vão usando na sua prática, reforçam a importância da mobilidade como fator crescentemente importante na reivindicação do “direito à cidade”. O grupo, tendo sempre presente, de forma ponderada, a sua segurança e a dos outros atores sociais, desafia as regras de mobilidade urbana, força limites, potenciando a reflexividade entre os praticantes e através das interações que gera nos percursos. Valorizando ou desvalorizando, reinventando, constantemente, os lugares por onde circula (Marrone, 2015: 29), o grupo sustenta um fenómeno novo que tem vindo a emergir nas nossas cidades e que tem vindo a manifestar-se numa geografia transversal e alargada (Mojeron, 2019: 446).

Esta é a resposta possível para a questão de partida que escolhemos. Para este objeto de estudo, outras questões de partida seriam possíveis e outras respostas poderiam ser obtidas, analisando, por exemplo, objetos de estudo idênticos, ou seguindo outras técnicas de observação e de análise, ou colocando o foco num dos dois outros subgrupos dos night runners. Contudo, o que interessa na questão de partida e na sua resposta é, sobretudo, o conteúdo e as descobertas alcançadas ao longo desta

tese e que aqui são resumidas. Mas também a identificação das pistas que ficaram por explorar e os desafios futuros que daqui possam resultar.

Os investigadores não são perfeitos. Os temas não são perfeitos. Os objetos de estudo não são perfeitos. Portanto, as investigações não são perfeitas. Seja por fatores externos e alheios ao investigador, seja devido às competências de quem executa o projeto de investigação, todas as investigações científicas têm falhas e limitações. Esta não foge á regra. Sem prejuízo da crítica externa, são, desde já, assinalas algumas limitações.

O inquérito por questionário, sendo exploratório, poderia incluído outras questões dirigidas aos night runners, designadamente: como teve conhecimento da existência do grupo; as razões que levaram os inquiridos a iniciar a sua participação nas sessões do grupo; e ainda as motivações para permanecer ligado ao grupo, participando nas suas sessões. Sem dúvida, estas poderiam ser questões interessantes a dirigir aos entrevistados. Contudo, isso tornaria os inquéritos mais longos, sendo necessário mais tempo para responder aos inquéritos, o que - face à vida ocupada destes “night runners” fora das sessões, e ao facto de muitos chegarem em cima da hora de partida e de deixarem o local mal a sessão acaba -, dificultaria a aplicação dos inquéritos por questionário. A observação e a abordagem preliminar obrigaram a uma economia do questionário. Por outro lado, dada a flexibilidade da composição do grupo teria sido igualmente relevante ouvir elementos que tenham abandonado o grupo, para conhecer as suas motivações.

Pode-se também apontar falhas na captação de imagens pela câmara móvel desportiva que foi usada, o que se traduz na qualidade de várias das fotografias usadas nesta tese. Embora a câmara desportiva estivesse configurada para gravar a uma qualidade superior, do que estão muitas câmaras de vídeo comuns, a verdade é que a sua visualização por vezes, foi difícil, dificultando a análise de determinadas situações. Isto também se prende com o ângulo em que a câmara estava a gravar, estando por vezes a gravar uns graus para cima, em função dos movimentos do atleta, dificultando a posterior análise das gravações. Estes são problemas que foram sendo identificados ao longo do período de análise e que foram sempre corrigidos no menor tempo possível. São ensinamentos importantes para quem faz vídeo-etnografia, sobretudo tratando-se

de vídeo-etnografia noturna móvel. De registrar, ainda assim, que, na grande maioria das sessões, a qualidade de imagem foi muito superior e o ângulo usado foi o mais correto.

Pode-se igualmente apontar o uso de *brainstormings* como uma limitação. Embora esta técnica tenha determinadas formas de ser aplicada, a verdade é que a mesma teve de ser adaptada ao contexto de investigação, tendo em conta o curto espaço de tempo em que os “night runners” se encontravam disponíveis para conversar em grupo ao ar livre. O que significa que esta técnica, no contexto, estava dependente das condições atmosféricas para a sua aplicação. De facto, e caso existissem recursos para isso, esta técnica poderia ter sido substituída por grupos focais. Convidando-se alguns “night runners” da corrida intermédia, poder-se-ia falar sobre os principais locais de ação usados para a sua prática, onde se poderiam discutir todas as representações dos elementos do grupo sobre esses locais, aquando da sua prática noturna. Sendo esta uma técnica que é demorada em termos de execução, poderia igualmente servir para falar sobre outros locais que se pudessem destacar como sendo relevantes para a discussão e ainda sobre as relações que estes “night runners” vão desenvolvendo nos vários cruzamentos com peões e automobilistas, durante as suas corridas. De destacar que foi executada apenas uma sessão de *brainstorming* com estes atletas, estando prevista inicialmente pelo menos mais uma sessão com voluntários que integram a organização. Devido a fatores alheios ao investigador, nomeadamente a pandemia de Covid-19 que atingiu Portugal nos primeiros dias de março de 2020, as sessões do “Night Runners Coimbra” foram suspensas e não foi possível fazer a segunda sessão que estava prevista. Foi também neste âmbito que se decidiu terminar o trabalho de campo e proceder à devida escrita dos resultados obtidos e da presente tese.

Pode-se afirmar igualmente que ao longo de toda a investigação foi possível atingir todos os objetivos previamente fixados, desde o objetivo geral aos objetivos específicos. Houve um objetivo que, todavia, não foi possível cumprir na sua totalidade: “Cotejar as formas de apropriação e de representação das cidades deste grupo com subculturas de raiz urbana (praticantes de *parkour*, *graffiters*, etc.)”. De salientar que este era o último objetivo listado, mas que também se queria atingir. Todavia, por fatores alheios ao investigador, e já identificados, não foi possível atingi-lo, como já foi explicado anteriormente.

Não é possível terminar estas conclusões sem falar sobre as perspetivas futuras em relação a este tema. A Sociologia não é uma ciência exata e, como tal, todos os resultados de investigações científicas de índole sociológica não são fixos, sendo os seus resultados sempre aproximados. Também os resultados aqui obtidos não são fixos. Mas constituem uma primeira abordagem e uma primeira definição de “night runners” e como se desenvolve a relação deste tipo social com as cidades e com os atores sociais urbanos que delas fazem parte. Esta é a primeira análise sociológica sobre o fenómeno dos “night runners” numa cidade portuguesa e, quanto se sabe, numa cidade europeia¹³⁵. Além da cidade de Coimbra, existem outros grupos de corrida noturna que têm surgido um pouco por todo o lado. Ainda que com outras designações, a prática é muito semelhante à prática deste grupo de corrida. No caso de Portugal, pode-se dar os exemplos dos grupos “Correr Lisboa”¹³⁶, “Évora Night Runners”¹³⁷, “Brisas do Lis Night Run”¹³⁸ ou ainda o “Night Runners Santa Maria da Feira”¹³⁹. Ou, dando um exemplo de um caso numa cidade europeia, o caso do “Night Run Montpellier”, em França¹⁴⁰. Como se percebe, exemplos não faltam para os grupos de corrida noturnos. As pesquisas comparativas estão por fazer. Esperamos que esta tese as possa beneficiar e que delas beneficie.

Estes são fenómenos urbanos que têm crescido um pouco por todo o lado e que interessa, por isso, continuar a acompanhar, estudando diferentes grupos e percebendo pontos em comum que estes grupos possam evidenciar entre si. Como se constituem e quem são os atletas que fazem parte desses grupos e perceber como são os percursos que se apropriam e como se relacionam com esses espaços e com os atores sociais que usam esses mesmos espaços, assim como as representações associadas.

¹³⁵ Segundo os dados disponíveis no portal DART-Europe no dia 23 de abril de 2020. Disponível em <http://www.dart-europe.eu/About/info.php>

¹³⁶ Para mais informações sobre este grupo, consultar <https://correrlisboa.com/index.php?#about>

¹³⁷ Para mais informações sobre este grupo, consultar <https://www.facebook.com/evoranightrunners/>

¹³⁸ Para mais informações sobre este grupo, consultar <https://www.facebook.com/Brisas.do.Lis.Night.Run/>

¹³⁹ Para mais informações sobre este grupo, consultar <https://www.facebook.com/Night-Runners-Santa-Maria-da-Feira-1708036179436397/>

¹⁴⁰ Para mais informações sobre este grupo, consultar <https://www.facebook.com/NightRunMontpellier/>

Como um iceberg, em que só é visível a sua ponta e estando todo o resto debaixo de água, também esta investigação só desvendou uma pequena parte do fenómeno dos “night runners”. Há outro tanto por descobrir. Esta investigação foi original na exata medida que se pede a uma tese que o seja, quer pelas técnicas empregues, quer pelo objeto selecionado. A urbanidade desportiva, em que este fenómeno se insere, é uma área emergente na sociologia, para a qual pensamos, com esta tese, dar um contributo.

11. Referências bibliográficas

Adamkiewicz, Éric (1998), “Les performances sportives de rue: Pratiques sportives autonomes spectacularisables à Lyon”. *Les Annales de la Recherche Urbaine*, 79, 50-57. Disponível em http://www.persee.fr/doc/aru_0180-930x_1998_num_79_1_2177, acessado em 14 de março de 2018.

Ageeva, Vera (2016), “Theories of social constructivism in Anglophone historical epistemology in 2000-2015”. SHS Web of Conferences, 28, 1-4. Disponível em https://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/pdf/2016/06/shsconf_rptss2016_01113.pdf, acessado em 11 de outubro de 2018.

Aguiar, Luiz Antonio Furtado (2015), “O Papel da Arte Urbana na Cidade Lúdica”. *História, Natureza e Espaço*, 4 (1), 1-14. Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/niesbf/article/view/25708/18282>, acessado em 10 de outubro de 2018.

Almeida, Diana; Fumega, João; Alves, Teresa (2011), “A noite como produto turístico a integrar no planeamento urbano”. *Finisterra*, XLVI (92), 43-64. Disponível em <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1310>, acessado a 22 de outubro de 2018.

Ameel, Lieven; Tani, Sirpa (2012a), “Everyday aesthetics in action: Parkour eyes and the beauty of concrete walls”. *Emotion, Space and Society*, 5, 164-173. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1755458611000661>, acessado em 19 de outubro de 2018.

Ameel, Lieven; Tani, Sirpa (2012b): “Parkour: creating loose spaces?”, *Geografiska Annaler: Series B, Human Geography*, 94 (1), 17–30. Disponível em <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1468-0467.2012.00393.x>, acessado em 19 de outubro de 2018.

Andrade, Luciana Teixeira de, e Luís Vicente Baptista (2015). “Espaços públicos: interações, apropriações e conflitos”. *Sociologia* 29 (Junho de 2015): 129–46. http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0872-34192015000100007&lng=pt&nrm=iso&tIng=en.

Assumpção, Luís Otávio Teles; Morais, Pedro Paulo de; Fontoura, Humberto (2002), “Relação entre atividade física, saúde e qualidade de vida. Notas introdutórias”. *Revista Digital Buenos Aires*, 52 (8). Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd52/saude.htm>, acessado em 25 de Outubro de 2017.

Attoh, Kafui A. (2011), “What kind of right is the right to the city?”. *Progress in Human Geography*, 35 (5), 669-685. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0309132510394706>, acessado em 31 de janeiro de 2018.

Augustin, Jean-Pierre (2001), “Espaces publics et cultures sportives”. *Géocarrefour*, 76 (1), 27-30. Disponível em http://www.persee.fr/doc/geoca_1627-4873_2001_num_76_1_2502, acessado em 14 de março de 2018.

Baptista, Luís Vicente (2004). “Territórios lúdicos (e o que torna lúdico um território): Ensaando um ponto de partida”. Em *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia*, 8. Braga, 2004.

https://www.researchgate.net/profile/Luis_Baptista5/publication/267415254_Territorios_ludicos_e_o_que_torna_ludico_um_territorio_Ensaando_um_ponto_de_partida/inks/561e2e2408ae50795afd8e76/Territorios-ludicos-e-o-que-torna-ludico-um-territorio-Ensaando-um-ponto-de-partida.pdf.

Barbosa, Adauto Gomes; Costa, Ademir Araújo (2012), “O Solo Urbano e a Apropriação da Natureza na Cidade”. *Sociedade & Natureza*, 3, 477-488. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadnatureza/article/view/13839>, acessado em 17 de janeiro de 2018.

Bauman, Zygmunt (2003), *City of Fear, City of Hopes*. Londres: Goldsmiths College, University of London.

Bell, Judith (1993), *Como Realizar Um Projecto De Investigação: Um Guia Para A Pesquisa Em Ciências Sociais E Da Educação*. Lisboa: Gradiva Publicações, SA.

Benages-Albert, Marta; Di Masso, Andrés; Porcel, Sergio; Pol, Enric; Vall-Casas, Pere (2015), “Revisiting the appropriation of space in metropolitan river corridors”. *Journal of Environmental Psychology*, 42, 1-15. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272494415000043>, acessado em 17 de janeiro de 2018.

Bertuzzi, Niccolò (2017), “Urban Regimes and the Right to the City: An Analysis of the No Expo Network and its Protest Frames”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 113, 107-128. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/319096000_Urban_Regimes_and_the_Right_to_the_City_An_Analysis_of_the_No_Expo_Network_and_its_Protest_Frames, acessado em 8 de outubro de 2018.

Bianchini, Franco (1995), “Night Cultures, Night Economies”, *Planning Practice and Research*, 10 (2), 121-126. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02697459550036667>, acessado em 11 de janeiro de 2018.

Boffi, Mario; Colleoni, Matteo; Del Greco, Manola (2015) “Night-time Hours and Activities of the Italians”. *Articulo – Journal of Urban Research*, 11, 1-19. Disponível em <http://journals.openedition.org/articulo/3052>, acessado em 23 de janeiro de 2018.

Boghossian, Paul (2012), *Medo Do Conhecimento: Contra o Relativismo e o Construtivismo*. São Paulo: Editora Senae.

Borch, Christian (2009), “Body to Body: On The Political Anatomy of Crowds”. *Sociological Theory*, 27 (3), 271-290. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/40376137>, acessido em 1 de fevereiro de 2018.

Brighenti, Andrea (2007), “Visibility: A Category for the Social Sciences”. *Current Sociology*, 55 (3), 323-342. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0011392107076079>, acessido em 1 de fevereiro de 2018.

Britto, Fabiana Dultra; Jacques, Berenstein Paola (2008), “Cenografias e Corpografias Urbanas: Um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade”, *Cadernos PPG-AU/UFBA*, 7, 79-86. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/2648/1871>, acessido em 19 de outubro de 2018.

Brown, Katrina M. (2012), “Sharing public space across difference: attunement and the contested burdens of choreographing encounter”. *Social & Cultural Geography*, 13 (7), 801-820. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14649365.2012.728614?journalCode=rscg20>, acessido em 31 de janeiro de 2018.

Brunner, Christoph (2011), “Nice-looking obstacles: parkour as urban practice of deterritorialization”. *AI & Soc*, 26, 143-152. Disponível em <https://link.springer.com/article/10.1007/s00146-010-0294-2>, acessido em 22 de outubro de 2018.

Campos, Ricardo (2015), “Youth, Graffiti, and the Aestheticization of Transgression”. *Social Analysis*, 59 (3), 17-40. Disponível em <https://www.berghahnjournals.com/view/journals/social-analysis/59/3/sa590302.xml>, acessido em 22 de outubro de 2018.

Camy, Jean; Adamkiewics, Eric; Chantelat, Pascal (1993), “Sporting Uses of The City: urban Anthropology Applied to the Sports Practices in the Agglomeration of Lyon”. *International Review for Sociology of Sport*, 28 (2+3), 175-185. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/101269029302800208?journalCode=irsb>, acessido em 23 de outubro de 2018.

Carlos, Ana Fani Alessandri (2007), *O Espaço Urbano: Novos Escritos Sobre a Cidade*. São Paulo: FFLCH.

Caruso, Haydée (2015), “A ordem e a desordem de ontem e de hoje: Notas etnográficas sobre a polícia na Lapa carioca”. *Civitas*, 15 (1), 66-83. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/17282>, acessido em 16 de outubro de 2018.

Carvalho, Rui Gonçalves de; Pereira, Ana Luísa (2008), “Percurso alternativo – o Parkour enquanto fenómeno (sub)cultural”. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 8 (3), 427-440. Disponível em

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-05232008000300012, acessado em 19 de outubro de 2018.

Castañon, Gustavo Arja (2004), “Construcionismo social: uma crítica epistemológica”. *Temas em Psicologia da SBP*, 12 (1), 67-81. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v12n1/v12n1a08.pdf>, acessado em 11 de outubro de 2018.

Castañon, Gustavo Arja (2005), “Construtivismo e ciências humanas”. *Ciências & Cognição*, 5, 36-49. Disponível em <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/523>, acessado em 11 de outubro de 2018.

Catalão, Igor; Magrini, Maria Angélica (2017), “Insurgência, Espaço Público e Direito à Cidade”. *Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege)*, 13 (22), 119-135. Disponível em <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6942>, acessado em 10 de outubro de 2018.

Chatterton, Paul; Hollands, Robert (2002), “Theorising Urban Playscapes: Producing, Regulating and Consuming Youthful Nightlife City Spaces”. *Urban Studies*, 39 (1), 95-116. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/fb7d/ecda541638bacf260425c2f8974e0f3f1291.pdf>, acessado em 10 de março de 2018.

Chatterton, Paul; Hollands, Robert (2003), *Urban Nightscapes: Youth Cultures, Pleasure Spaces and Corporate Power*. Londres: Routledge

Chausson, Nicolas (2015), “From Conflict Management to Quality of Life at Night. The First Approach of Lyon Urban Area Nights”. *Articulo - Journal of Urban Research*, 11, 1-16. Disponível em <http://journals.openedition.org/articulo/3154>, acessado em 26 de fevereiro de 2018.

Cockerham, William C. (2007) “health lifestyle” in Ritzer, George (ed.) *The Blackwell Encyclopedia of Sociology*. Malden: Blackwell, 2061-2063.

Collinson, Jacquelyn Allen; Hockey, John (2007), “‘Working Out’ identity: Distance Runners and the Management of Disrupted Identity”. *Leisure Studies*, 26 (4), 381-398. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02614360601053384>, acessado em 25 de janeiro de 2018.

Collinson, Jacquelyn Allen (2008), “Running the Routes Together: Corunning and Knowledge in Action”. *Journal of Contemporary Ethnography*, 37 (1), 38-61. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0891241607303724>, acessado em 23 de janeiro de 2018.

Comelli, Cécilia (2015). «Mutations urbaines et géographie de la nuit à Bordeaux». Phdthesis, Université Bordeaux Montaigne, 2015.

Cook, Simon; Shaw, Jon; Simpson, Paul (2016), “Jography: exploring Meanings, Experiences and Spatialities of Recreational Road-running”. *Mobilities*, 11 (5), 744-769. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17450101.2015.1034455>, acedido em 17 de janeiro de 2018.

Crawford, Robert (2006), “Health as a meaningful social practice”. *Health: An Interdisciplinary Journal for the Social Study of Health, Illness and Medicine*, 10 (4), 401-420. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1363459306067310?journalCode=hea>, acedido em 22 de janeiro de 2018.

Daskalaki, Maria; Stara, Alexandra; Imas, Miguel (2008), “The ‘Parkour Organisation’: inhabitation of corporate spaces”. *Culture and Organization*, 14 (1), 49-64. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14759550701659029>, acedido em 19 de outubro de 2018.

de la Torre, Elena; Ferro, Lígia (2016), “O Porto sentido pelo graffiti: as representações sociais de peças de graffiti pelos habitantes da cidade do Porto”. *Revista de Ciências Sociais*, 47 (1), 123-147. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/87513/2/163743.pdf>, acedido em 29 de março de 2018.

Dias, Cleber (2017), “Corrida de Rua no País do Futebol”. *Recorde*, 10 (1), 1-32. Disponível em <https://revistas.ufjr.br/index.php/Recorde/article/view/10846>, acedido em 29 de janeiro de 2018.

Durkheim, Émile (2010), *As Regras do Método Sociológico*. Lisboa: Editorial Presença.

Eldrige, Adam; Roberts, Marion (2008), “A comfortable night out? Alcohol, drunkenness and inclusive town centres”. *Area*, 40 (3), 365-374. Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1475-4762.2008.00813.x/abstract>, acedido em 28 de janeiro de 2018.

Eldrige, Laurie A. (2013), “An Unselfish Act: Graffiti in Art Education”. *Art Education*, 66 (5), 21-29. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00043125.2013.11519236>, acedido em 19 de outubro de 2018.

Estanque, Elísio (2008). “Jovens, estudantes e ‘repúblicas’: culturas estudantis e crise do associativismo em Coimbra”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, 81, 9-41.

Eyck, Toby A. Ten (2016), “Justifying graffiti: Re(defining) societal codes through orders of worth”. *The Social Science Journal*, 53, 218-225. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0362331914001414>, acedido em 19 de outubro de 2018.

Ferreira, Marcelus Gonçalves (2011), “Corpo/Cidade: uma corpografia do medo”. *Contemporânea*, 9 (2). Disponível em

http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_18/contemporanea_n18_07_marcelus_g_onicalves.pdf, acessado em 19 de outubro de 2018.

Ferro, Lígia (2015), “Jump Lisbon! Notes from an ethnography of urban flows”. *Portuguese Journal of Social Science*. 14 (2), 177-192. Disponível em <http://www.ingentaconnect.com/content/intellect/pjss/2015/00000014/00000002/art00005>, acessado em 28 de março de 2018.

Finney, Andrea (2004), *Violence in the night-time economy: key findings from the research*. Londres: Research, Development and Statistics Directorate of the Home Office.

Flick, Uwe (2009), *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.

Florida, Richard (2003), “Cities and Creative Class”. *City & Community*, 2 (1), 3-19. Disponível em <https://creativeclass.com/rfcgdb/articles/4%20Cities%20and%20the%20Creative%20Class.pdf>, acessado a 18 de março de 2018.

Fortuna, Carlos (2012). (Micro) territorialidades: metáfora dissidente do social. *Terra Plural*, 6(2), 199-214.

Franck, Karen A.; Paxson, Lynn (2007), “Transforming Public Space into Sites of Mourning and Free Expression” in Franck, Karen A.; Stevens, Quentin (eds.) *Loose Space: Possibility and Diversity in Urban Life*. Abingdon: Routledge, pp. 132-153.

Frias, Aníbal, e Paulo Peixoto (2002). “Esthétiques urbaines et jeux d’échelles: expressions graphiques étudiantes et images du patrimoine universitaire à Coimbra”. *Oficina do CES*, n. 162, pp. 43.

Gehl, Jan (1971), *Life Between Buildings: Using Public Space*. Washington DC: Island Papers.

Gehl, Jan (2010), *Cities for people*. Washington DC: Island Press.

Geschka, Horst; Schaude, Goetz R.; Schlicksupp, Helmut (1976), “Modern Techniques For Solving Problems”. *International Studies of Management & Organization*, 6 (4), 45-63. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/41103841?seq=1>, acessado em 20 de abril de 2020.

Gimlin, Debra (2010), “Uncivil Attention and the Public Runner”. *Sociology of Sport Journal*, 27, 269-284. Disponível em <https://journals.humankinetics.com/doi/10.1123/ssj.27.3.268>, acessado em 24 de janeiro de 2018.

Goffman, Erving (1963), *Behavior in Public Places: Notes on The Social Organization of Gatherings*. Nova Iorque: The Free Press.

Goffman, Erving (1967), *Interaction Ritual: Essays on Face-To-Face Behavior*. Nova Iorque: Pantheon Books.

Goheen, Peter G. (1998), “Public space and the geography of the modern city”. *Progress in Human Geography*, 22 (4), 479-496. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/10.1191/030913298672729084>, acessado em 2 de fevereiro de 2018.

Góis, Marcos Paulo Ferreira de (2014), “A Gestão da Noite Urbana Carioca: entre discursos sobre ordem urbana e práticas socioeconómicas”. *Sociedade & Natureza*, 26 (2), 221-235. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1982-45132014000200221&lng=en&nrm=iso&tlng=pt, acessado em 29 de janeiro de 2018.

Gottdiener, Mark (1993), “A Marx for Our Time: Henri Lefebvre and *The Production of Space*”. *Sociological Theory*, 11 (1), 129-134. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/201984>, acessado em 15 de outubro de 2018.

Gratão, Otávio Augusto; Rocha, Claudio Miranda (2016), “Dimensões da motivação para correr e para participar de eventos de corrida”. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 24 (3), 90-102. Disponível em <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/5987>, acessado em 30 de janeiro de 2018.

Grazian, David (2008), *On the Make: The Hustle of Urban Nightlife*. Chicago: the University of Chicago Press.

Grazian, David (2009), “Urban Nightlife, Social Capital, and the Public Life of Cities”, *Sociological Forum*, 24 (4), 908-917. Disponível em <http://widgets.ebscohost.com/prod/customerspecific/ns000290/authentication/index.php?url=http%3a%2f%2fsearch.ebscohost.com%2flogin.aspx%3fdirect%3dtrue%26AuthType%3dip%2ccookie%2cshib%2cuid%26db%3da9h%26AN%3d44605456%26lang%3dpt-br%26site%3dedlive%26scope%3dsite>, acessado em 10 de janeiro de 2018.

Grosprêtre, Sidney; Lepers, Romuald (2016), “Performance characteristics of Parkour practitioners: Who are the traceurs?”. *European Journal of Sport Science*, 16 (5), 526-535. Disponível em <https://www.semanticscholar.org/paper/Performance-characteristics-of-Parkour-Who-are-the-Grospr%C3%AAtre-Lepers/155502d468e48285a2cce863025781378b8af70f>, acessado em 19 de outubro de 2018.

Gross, Daniel D.; Gross, Timothy D. (2016), “The Meaning of Graffiti: An Interpretation”. *ETC: A Review of General Semantics*, 73 (4), 342-347. Disponível em <https://www.generalsemantics.org/2018/10/02/etc-734-october-2016-is-now-available-for-download-from-the-igs-store/>, acessado em 19 de outubro de 2018.

Grunseit, Anne; Richards, Justin; Merom, Dafna (2018), “Running on a high: parkun and personal well-being”. *BMC Public Health*, 18 (59), 1-11. Disponível em <https://bmcpublihealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-017-4620-1>, acessado em 12 de janeiro de 2018.

Gwiazdzinski, Luc (2005), *La nuit, dernière frontière de la ville*. Avignon: Éditions de l'Aube.

Gwiazdzinski, Luc (2014), "The nocturnal condition" in CoLaboratório (eds.) *Night Manifesto. Seeking Citizenship 24h*. São Paulo: Invisíveis Produções, pp 53-70.

Gwiazdzinski, Luc (2015), "The Urban Night: a Space Time for Innovation and Sustainable Development". *Articulo - Journal of Urban Research*, 11, 1-14. Disponível em <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01399557/document>, acessado em 26 de fevereiro de 2018.

Harvey, David (2000), *Spaces of Hope*. Edimburgo: University Press.

Harvey, David (2008), "The Right To The City". *New Left Review*, 53, 23-40. Disponível em <https://newleftreview.org/II/53/david-harvey-the-right-to-the-city>, acessado em 3 de janeiro de 2018.

Harvey, David (2012), *Rebel Cities*. Londres: Verso.

Harvey, David (2015), "O espaço como palavra-chave". *Em pauta*, 35 (13), 126-152. Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/18625>, acessado em 31 de janeiro de 2018.

Hebdige, Dick (1988). *Hiding in the light: on images and things*. Londres: Routledge.

Heinrichs, Dirk; Goletz, Mirko; Lenz, Barbara (2017), "Negotiating territory: strategies of informal transport operators to access public space in urban Africa and Latin America". *Transportation Research Procedia*, 25, 4507-4517. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2352146517306531>, acessado em 22 de outubro de 2018.

Hervik, Stein Egil Kolerup; Thurston, Miranda (2016), "'It's not the government's responsibility to get me out running 10km four times a week' – Norwegian men's understandings of responsibility for health". *Critical Public Health*, 26 (3), 333-342. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09581596.2015.1096914?journalCode=ccph20>, acessado em 11 de janeiro de 2018.

Hitchings, Russell; Latham, Alan (2017), "How 'social' is recreational running? Findings from a qualitative study in London and implications for public health promotion". *Health & Place*, 46, 337-343. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1353829217303696>, acessado em 11 de janeiro de 2018.

Hockey, John; Collinson, Jacquelyn Allen (2006), "Seeing the way: visual sociology and the distance runner's perspective". *Visual Studies*, 21 (1), 70-81. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14725860600613253?journalCode=rvst20>, acessado em 8 de outubro de 2018.

Honea, Joy Crissey (2007), “sport, alternative” in Ritzer, George (ed.) *The Blackwell Encyclopedia of Sociology*. Malden: Blackwell, 4661-4664.

Hubbard, Phil (2007), “The Geographies of ‘Going Out’: Emotion and Embodiment in the Evening Economy”, in Davidson, Joyce; Bondi, Liz; Smith, Mick (eds.), *Emotional Geographies*. Hampshire: Ashgate Publishing Limited.

Huizinga, Johan (2007). *Homo ludens*. Madrid: Alianza Editorial, 2007.

Jacobs, Jane (1961), *The Death and Life of Great American Cities*. Nova Iorque: Vintage Books.

Jacques, Paola Berenstein (2005), “Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade”. *Arqtexto*, 7, 16-25. Disponível em https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf, acessado em 19 de outubro de 2018.

Jasper, Andreina Seijas; Watson Jr., Robert; Moreira, Vladimir Velázquez (2017), “The Nighttime Movement in Asunción’s Historic City Center: A Catalyst for Urban Revitalization”, *Latin American Policy Journal*, 6, 45-52. Disponível em http://lapj.hkspublications.org/wp-content/uploads/sites/19/2017/10/LAPJ_2017-edition.pdf, acessado em 19 de outubro de 2018.

Jones, Dianne (2006), “The representation of female athletes in online images of successive Olympic Games”, *Pacific Journalism Review*, 12 (1), 108-129. Disponível em https://eprints.usq.edu.au/1054/2/Jones_PJR_2006_PV.pdf, acessado em 23 de abril de 2020.

Junior, Orlando Alves dos Santos (2014), “Urban common space, heterotopia and the right to the city: Reflections on the ideas of Henri Lefebvre and David Harvey”. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 6 (2), 146-157. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-33692014000200003, acessado em 9 de outubro de 2018.

Kepe, Thembela; McGregor, Gillian; Irvine, Philippa (2015), “Rights of ‘passage’ and contested land use: Gendered conflict over urban space during ritual performance in South Africa”. *Applied Geography*, 57, 91-99. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0143622814003142>, acessado em 22 de outubro de 2018.

Kidder, Jeffrey L. (2013b), “Parkour, Masculinity, and the City”. *Sociology of Sport Journal*, 30, 1-23. Disponível em <https://journals.humankinetics.com/doi/10.1123/ssj.30.1.1>, acessado em 22 de outubro de 2018.

Kidder, Jeffrey L. (2013a), “Parkour: Adventure, Risk, and Safety in the Urban Environment”. *Qualitative Sociology*, 36, 231-250. Disponível em <https://link.springer.com/article/10.1007/s11133-013-9254-8>, acessado em 19 de outubro de 2018.

Kim, Dong Hyun; Noh Kyung Binn (2018), "Perceived adequacy of illumination and pedestrians' night-time experiences in urban obscured spaces: A case of London". *Indoor and Built Environment*, 27 (8), 1134-1148. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1420326X18790630>, acessado em 22 de outubro de 2018.

Koster, Martijn; Nuijten, Monique (2016) "Coproducting urban space: Rethinking the formal/informal dichotomy". *Singapore Journal of Tropical Geography*, 37, 282-294. Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/sjtg.12160/abstract>, acessado em 2 de fevereiro de 2018.

Kozinets, Robert V. (1998). On Netnography: Initial Reflections on Consumer Research Investigations of Cyberculture. Disponível em https://pdfs.semanticscholar.org/2b29/b0f040660c8032136ac243638b0d0b8630ac.pdf?_ga=2.18799033.1216315600.1522654372-1412507089.1522072168, acessado em 29 de março de 2018.

Kozinets, Robert V. (2010), *Netnography: Doing Ethnographic Research Online*. Londres: SAGE Publications Ltd.

Krenichyn, Kira (2006), "'The only place to go and be in the city': women talk about exercise, being outdoors, and the meanings of a large urban park". *Health & Place*, 12, 631-643. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1353829205000559>, acessado em 3 de Março de 2018.

Lacerda, Carlos César de Oliveira; Mello, Sérgio Carvalho Benício de (2017), "O direito à cidade e a produção do espaço entre discursos: a luta pela significação na "recuperação" de ambientes urbanos". *urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 9 (3), 543-558. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-33692017000300543&script=sci_abstract&tlng=pt, acessado em 9 de outubro de 2018.

Ladeira, Wagner Junior; Dalmoro, Marlon (2012), "Suscetibilidade à influência interpessoal e valor percebido no consumo de ténis de corrida". *Pretexto*, 13 (1), 134-153. Disponível em <http://www.fumec.br/revistas/pretexto/article/view/1034>, acessado em 9 de outubro de 2018.

Latham, Alan (2003), "Urbanity, Lifestyle and Making Sense of the New Urban Cultural Economy: Notes from Auckland, New Zealand". *Urban Studies*, 40 (9), 1699-1724. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1080/0042098032000106564?journalCode=usja>, acessado a 15 de janeiro de 2018.

Latham, Alan (2015), "The history of a habit: jogging as a palliative to sedentariness in 1960s America". *cultural geographies*, 22 (1), 103-126. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1474474013491927>, acessado em 24 de janeiro de 2018.

Leary, Michael E. (2009), “The Production of Space through a Shrine and Vendetta in Manchester: Lefebvre’s Spatial Triad and the Regeneration of a Place Renamed Castlefield”. *Planning Theory & Practice*, 10 (2), 189-212. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14649350902884573>, acessado em 8 de outubro de 2018.

Leary-Owhin, Michael (2015), “A Fresh Look at Lefebvre’s Spatial Triad and Differential Space: A Central Place in Planning Theory?”. Comunicação apresentada na 2ª Conferência de Planeamento Teórico. University of the West of England. 21 e 22 de Junho de 2012. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/283079974_A_Fresh_Look_at_Lefebvre's_Spatial_Triad_and_Differential_Space_A_Central_Place_in_Planning_Theory, acessado em 22 de outubro de 2018.

Lefebvre, Henri (1991), *The Production of Space*. Oxford: Basil Blackwell Ltd.

Lefebvre, Henri (2008), *Espaço e Política*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Lefebvre, Henri (2011), *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro Editora.

Lievens, Matthias; Kenis, Anneleen (2018), “Social Construction and Beyond. On the Double Bind Between Politics and Science”. *Ethics, Policy & Environment*, 21 (1), 81-95. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21550085.2018.1448040>, acessado em 11 de outubro de 2018.

Little, Jo (2017), “Running, health and the disciplining of women’s bodies: the influence of technology and nature”. *Health & Place*, 46, 322-327. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1353829216304476>, acessado em 15 de janeiro de 2018.

Loo, Wen Bin; Bunnell, Tim (2018), “Landscaping Selves Through Parkour: reinterpreting the Urban Environment of Singapore”. *Space and Culture*, 21 (2), 145-158. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1206331217720073>, acessado em 19 de outubro de 2018.

Lorimer, Hayden (2012), “Surfaces and Slopes”, *Performance Research*, 17 (2), 83-86. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13528165.2012.671080>, acessado em 1 de fevereiro de 2018.

Loro, Alexandre Paulo, Giuliano Gomes Assis de Pimentel, e Rui Machado Gomes (2020). “Do lazer canônico ao desviante: tipologia e níveis de tolerância”. *Interfaces da Educação* 11, n. 31 (agosto de 2020): 307–328. <https://doi.org/10.26514/inter.v11i31.4266>.

Lovatt, Andy; O’Connor, Justin (1995), “Cities and Night-time Economy”. *Planning Practice and Research*, 10 (2), 127-133. Disponível em

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02697459550036676?journalCode=cp-pr20>, acessado em 5 de fevereiro de 2018.

Loy, John W.; Coakley, Jay (2007) "sport" in Ritzer, George (ed.) *The Blackwell Encyclopedia of Sociology*. Malden: Blackwell, 4651-4660.

Lupton, Deborah (2013), "Quantifying the body: monitoring and measuring health in the age of mHealth technologies". *Critical Public Health*, 23 (4), 1-11. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09581596.2013.794931>, acessado em 24 de janeiro de 2018.

Machado, Rodrigo de Oliveira; Pizzinato, Adolfo (2015), "'Quem é da rua não é da calçada': cenas de pixação em Porto Alegre", *Athenea Digital*, 15 (3), 3-23. Disponível em <https://atheneadigital.net/article/viewFile/v15-n3-machado-pizzinato/1391-pdf-pt>, acessado em 22 de outubro de 2018.

Machemehl, Charly, e Romain Roult (2019). "Urban skating sport: Current research on sports-related urbanity". *Loisir et Société / Society and Leisure* 42, n. 3 (2 de Setembro de 2019): 321–35. <https://doi.org/10.1080/07053436.2019.1681781>.

MacLean, Sarah; Moore, David (2014), "'Hyped up': Assemblages of alcohol, excitement and violence for outer-suburban young adults in the inner-city at night". *International Journal of Drug Policy*, 25, 378-385. Disponível em <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0955395914000309>, acessado em 22 de outubro de 2018.

Madsen, Kenneth D. (2015), "Graffiti, Art, and Advertising: Re-Scaling Claims to Space at the Edges of the Nation-State", *Geopolitics*, 20, 95-120. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14650045.2014.896792>, acessado em 19 de outubro de 2018.

Maffesoli, Michel (1995). *The Time of the Tribes: The Decline of Individualism in Mass Society*. SAGE, 1995.

Magnani, José Guilherme Cantor (2014), "O Circuito: proposta de delimitação da categoria". *Ponto Urbe*, 15, 1-13. Disponível em <https://journals.openedition.org/pontourbe/2041>, acessado em 23 de outubro de 2018.

Magnani, José Guilherme Cantor (1992a). "Tribos urbanas: metáfora ou categoria?" *Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)* 2, n. 2 (30 de março de 1992): 48–51. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v2i2p48-51>.

Magnani, José Guilherme Cantor (1992b). "Da periferia ao centro: pedaços & trajetos". *Revista de Antropologia* 35 (1992): 191–203.

Mahan III, Joseph E.; Seo, Won Jae; Jordan, Jeremy S.; Funk, Daniel (2015), "Exploring the impact of social networking sites on running involvement, running behavior and social life satisfaction". *Sport Management Review*, 18, 182-192. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1441352314000199>, acessado em 9 de outubro de 2018.

Mallet, Sandra (2014), “The urban rhythms of neoliberalization”. *justice spatial/spatial justice*, 6, 1-19. Disponível em <https://www.jssj.org/wp-content/uploads/2014/06/Mallet-Eng-n%C2%B06-jssj.pdf>, acessado em 10 de janeiro de 2018.

Mallet, Sandra; Burger, Céline (2015), “What is the Place of Night-time in the Urban Policy of a French Intermediate City?”. *Articulo - Journal of Urban Research*, 11, 1-16. Disponível em <https://journals.openedition.org/articulo/3042>, acessado em 26 de fevereiro de 2018.

Mansano, Sonia Regina Vargas; Nalli, Marcos (2018), “O medo como dispositivo biopolítico”. *Psicologia: Teoria e Prática*, 20 (1), 72-84. Disponível em <http://widgets.ebscohost.com/prod/customerspecific/ns000290/authentication/index.php?url=https%3a%2f%2fsearch.ebscohost.com%2flogin.aspx%3fdirect%3dtrue%26AuthType%3dip%2ccookie%2cshib%2cuid%26db%3da9h%26AN%3d128939935%26lang%3dpt-br%26site%3deds-live%26scope%3dsite>, acessado em 22 de outubro de 2018.

Marcuse, Peter (2009), “From critical urban theory to the right to the city.” *City*, 13 (2-3), 185-197. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13604810902982177>, acessado em 31 de janeiro de 2018.

Marrone, Gianfranco (2015), “Semitótica da cidade: corpos, espaços, tecnologias”. *Galáxia*, 29, 28-43. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/gal/n29/1982-2553-gal-29-0028.pdf>, acessado em 19 de outubro de 2018.

Martins, Bianca Camargo; Polli, Simone Aparecida (2018), “Tanta gente sem casa, tanta casa sem gente: O direito ao centro da cidade”. *Emancipação*, 18 (1), 94-111. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/10872>, acessado em 8 de outubro de 2018.

Martins, João Batista; Yabushita, Irineu Jun (2006), “Ruídos na Cidade Pichações na Cidade de Londrina – Aproximações...”. *Athenea Digital*, 9, 19-45. Disponível em <https://ddd.uab.cat/record/5366>, acessado em 19 de outubro de 2018.

Massey, Doreen (2005), *For Space*. Londres: SAGE Publications Ltd.

Mela, Alfredo (2014), “Urban public space between fragmentation, control and conflict”. *City, Territory and Architecture*, 15 (1), 1-7. Disponível em <http://www.cityterritoryarchitecture.com/content/1/1/15>, acessado em 22 de abril de 2020.

Melbin, Murray (1978), “Night As Frontier”. *American Sociological Review*, 43 (1), 3-22. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/2094758>, acessado em 23 de fevereiro de 2018.

Mendonça, Eneida (2007), “Apropriações do espaço público: alguns conceitos”. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7 (2), 296-306. Disponível em <http://www.e->

publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/revispsi/article/view/10926/8628, acessado em 10 de fevereiro de 2018.

Mills, Charles Wright (1940), "Situated Actions and Vocabularies of Motive". *American Sociological Review*, 5 (6), 904-913. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/pdf/2084524.pdf>, acessado em 23 de janeiro de 2018.

Monaghan, Lee F. (2002), "Regulating 'unruly' bodies: work tasks, conflict and violence in Britain's night-time economy". *British Journal of Sociology*, 53 (3), 403-429. Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1080/0007131022000000572/summary;jsessionid=D9F962F5342BC8B80265E33E45A9B09B.f04t01>, acessado em 16 de janeiro de 2018.

Monteiro, Fabiano Dias (2018), "Provações no Paraíso? Representações e discursos criminalidade urbana em municípios do interior do Rio de Janeiro: o caso de Angra dos Reis". *Intratextos*, 9 (1), 115-135. Disponível em <http://widgets.ebscohost.com/prod/customerspecific/ns000290/authentication/index.php?url=https%3a%2f%2fsearch.ebscohost.com%2flogin.aspx%3fdirect%3dtrue%26AuthType%3dip%2ccookie%2cshib%2cuid%26db%3da9h%26AN%3d131211760%26lang%3dpt-br%26site%3deds-live%26scope%3dsite>, acessado em 22 de outubro de 2018.

Moraes, Roque (1999), "Análise de Conteúdo". *Revista Educação*, 22 (37), 7-32. Disponível em http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html, acessado em 22 de Março de 2018.

Moreira, Fayga; Barros, José Márcio (2009), "Diversidade e identidades: fronteiras e tensões culturais no espaço urbano". *Políticas Culturais em Revista*, 2 (2), 50-59. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/4275>, acessado em 22 de outubro de 2018.

Morejon, Sacra (2019), "El diseño del espacio público urbano para la promoción de la práctica deportiva". *Revista Española de Sociología*, 28 (3), 445-460. Disponível em <https://recyt.fecyt.es/index.php/res/article/view/74143>, acessado em 23 de abril de 2020.

Mwathunga, Evance; Donaldson, Ronnie (2018), "Urban land contestations, challenges and planning strategies in Malawi's main urban centres". *Land Use Policy*, 77, 1-8. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0264837717311547>, acessado em 22 de outubro de 2018.

Nasution, Ivan (2015), "Urban appropriation: Creativity in Marginalization". *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 184, 4-12. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042815032899>, acessado em 17 de janeiro de 2018.

Neves, Rafael Correia (2016), "Movimentos Sociais Urbanos no Brasil em Junho de 2013: Da Apropriação do Espaço Urbano Para O Direito À Cidade". *História, Natureza e Espaço*, 5 (1), 1-20. Disponível em <http://www.e->

publicacoes.uerj.br/index.php/niesbf/article/view/31104, acessido em 17 de janeiro de 2018.

Oborný, Josef (2016), “Opinions of veteran runners on the influence between long-distance running and holistically interpreted health”. *Acta Facultatis Educationis Physicae Universitatis Comenianae*, 56 (2), 93-106. Disponível em <https://www.degruyter.com/view/j/afepuc.2016.56.issue-2/afepuc-2016-0008/afepuc-2016-0008.xml>, acessido em 3 de fevereiro de 2018.

Ogles, Benjamin M.; Masters, Kevin S.; Richardson, Scott A. (1995), “Obligatory Running and Gender: An Analysis of Participative Motives and Training Habits”. *International Journal of Sport Psychology*, 26 (2), 233-248. Disponível em <https://www.cabdirect.org/cabdirect/abstract/19951811571>, acessido em 11 de janeiro de 2018.

Oldenburg, Silke (2018), “Agency, social space and conflict-urbanism in eastern Congo”. *Journal of Eastern African Studies*, 12 (2), 254-273. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17531055.2018.1452552>, acessido em 22 de outubro de 2018.

Osborn, Alex F. (1953) *Applied Imagination: Principles and Procedures of Creative Thinking*. Nova Iorque: Charles Scribner’s Sons.

Paes-Machado, Eduardo; Nascimento, Ana Márcia (2014), “Conduzindo o perigo: práticas e redes nodulares de governança da segurança entre taxistas”. *Espacio Abierto Cuaderno Venezolano de Sociologia*, 23 (3), 403-433. Disponível em <http://widgets.ebscohost.com/prod/customerspecific/ns000290/authentication/index.php?url=https%3a%2f%2fsearch.ebscohost.com%2flogin.aspx%3fdirect%3dtrue%26AuthType%3dip%2ccookie%2cshib%2cuid%26db%3da9h%26AN%3d98988289%26lang%3dpt-br%26site%3dedes-live%26scope%3dsite>, acessido em 22 de outubro de 2018.

Pais, José Machado, e Leila Maria da Silva Blass (2004). *Tribos urbanas: produção artística e identidades*. São Paulo: CAPES, 2004.

Paiva, Daniel, Herculano Cachinho, Teresa Barata-Salgueiro, e Anselmo Amílcar (2017). “A criação de geoetnografias como metodologia para o estudo dos ritmos urbanos. Uma aplicação no Chiado, Lisboa”. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales* 21, n. 0 (1 de Julho de 2017). <https://doi.org/10.1344/sn2017.21.19342>.

Park, Robert (1915), “The City: Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the City Environment”. *American Journal of Sociology*, 20 (5), 577-612. Disponível em https://www.jstor.org/stable/2763406?seq=1#metadata_info_tab_contents, acessido em 10 de outubro de 2018.

Park, Robert (1967), “A cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano” in Velho, Otávio Guilherme (eds.) *O Fenómeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 25-66.

Park, Robert E. (1972), *The Crowd and the Public and Other Essays*. Chicago: The University of Chicago Press.

- Pelclová, Jana (2017), "Signifying Brno – Creating Urban Space, Shaping the City". *Brno Studies in English*, 43 (1), 69-87. Disponível em <https://digilib.phil.muni.cz/handle/11222.digilib/137086>, acessado em 17 de janeiro de 2018.
- Peixoto, Paulo (2013). "A cidade performativa na era da economia das experiências". In *Cidade e Espetáculo - A cena teatral luso-brasileira contemporânea*, editado por Carlos Fortuna, Lucia M. M. Bógus, Maria Amélia Jundurian Corá e José Simões de Almeida Junior (Orgs.). ed 1, 141-151. São Paulo: EDUC.
- Peixoto, Paulo (2019). *Procura desportiva na cidade de Lisboa*. Relatório final elaborado, a partir de um inquérito por questionário, pelo Centro de Estudos Sociais para a Câmara Municipal de Lisboa | Departamento da Atividade Física e do Desporto.
- Pieroni, Raphaël (2015). "The Institutionalization of the Night: a Geography of Geneva's Night Policies". *Articulo - Journal of Urban Research*, 11, 1-15. Disponível em <http://journals.openedition.org/articulo/3147>, acessado em 26 de fevereiro de 2018.
- Pihlajaniemi, Henrika e Aale Luusua (2020). "Playful and Playable Lighting in Smart Cities: Towards a Holistic Framework of Design". Em *Making Smart Cities More Playable: Exploring Playable Cities*, editado por Anton Nijholt, 149–177. Gaming Media and Social Effects. Singapura: Springer. https://doi.org/10.1007/978-981-13-9765-3_8.
- Pink, Sarah (2001a), "More visualizing, more methodologies: on video, reflexivity and qualitative research". *The Sociological Review*, 49(4), 586-599. Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-954X.00349/abstract>, acessado em 28 de fevereiro de 2018.
- Pink, Sarah (2001b), *Doing Visual Ethnography*. Londres: SAGE Publications.
- Pišot, Saša (2015), "Running and Serious Leisure Perspective", *Research in Physical Education*, 4 (2), 119-122. Disponível em http://www.pesh.mk/PDF/Vol_4_No_2/20.pdf, acessado a 11 de janeiro de 2018.
- Pitou, Frédérique (2000). «Jeunesse et désordre social: les coureurs de nuit à Laval au XVIIIe siècle». *Revue d'histoire moderne et contemporaine (1954-)* 47, n. 1 (2000): 69–92. <https://www.jstor.org/stable/20530529>.
- Poessel, Sharon A.; Gese, Eric M.; Young, Julie K. (2017), "Environmental factors influencing the occurrence of coyotes and conflicts in urban areas". *Landscape and Urban Planning*, 157, 259-269. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0169204616300895>, acessado em 22 de outubro de 2018.
- Presidência do Conselho de Ministros (1967) *Código Civil Português*. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros. Diário do Governo n.º 274/1966, Série I de 1966-11-25, Decreto-Lei nº 47344. Disponível em <https://dre.pt/legislacao-consolidada/-/lc/34509075/view>, acessado em 20 de abril de 2020.

Repic, Jaka (2011), “Appropriation of space and water in informal urban settlements of Port Moresby, Papua New Guinea”. *Anthropological Notebooks*, 17 (3), 73-87. Disponível em http://journaldatabase.info/articles/appropriation_space_water_informal.html, acessado em 6 de fevereiro de 2018.

Rioux, Liliane; Scrima, Fabrizio; Werner, Carol M. (2017), “Space appropriation and place attachment: University students create places”. *Journal of Environmental Psychology*, 50, 60-68. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0272494417300191>, acessado em 17 de janeiro de 2018.

Risor, Helene (2016), “Closing down bars in the inner city centre: Informal urban planning, civil insecurity and subjectivity in Bolivia”. *Singapore Journal of Tropical Geography*, 37, 330-342. Disponível em <http://widgets.ebscohost.com/prod/customerspecific/ns000290/authentication/index.php?url=https%3a%2f%2fsearch.ebscohost.com%2flogin.aspx%3fdirect%3dtrue%26AuthType%3dip%2ccookie%2cshib%2cuid%26db%3da9h%26AN%3d118762561%26lang%3dpt-br%26site%3deds-live%26scope%3dsite>, acessado a 22 de outubro de 2018.

Roberts, Marion (2004), *Good Practice in Managing the Evening and Late Night Economy: A Literature Review from an Environmental Perspective*. Londres: Office of the Deputy Prime Minister.

Roberts, Marion (2006), “From ‘creative city’ to ‘no-go areas’ – The expansion of the night-time economy in British town and city centers”. *Cities*, 23 (5), 331-338. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0264275106000448?via%3Dihub>, acessado em 5 de janeiro de 2018.

Roberts, Marion; Eldridge, Adam (2007), “Quieter, Safer, Cheaper: Planning for a More Inclusive Evening and Night-time Economy”. *Planning, Practice & Research*, 22 (2), 253-266. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02697450701584410?journalCode=cp-pr20>, acessado em 7 de janeiro de 2018.

Rodrigues, Cláudia Maria Barbosa (2016), “A Cidade Noctívaga: Ritmografia Urbana de um *Party District* na Cidade do Porto”. *Tese de Doutoramento em Sociologia – Cidades e Culturas Urbanas*. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Disponível em https://www.google.pt/search?q=a+cidade+noct%3%ADvaga&rlz=1C1GCEA_enPT746PT746&og=a+cidade+noct%3%ADvaga&aqs=chrome..69i57j69i64l3.4738j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8, acessado a 18 de março de 2018.

Rojek, Chris (1999). “Deviant leisure: the dark side of free-time activity”. In E. L. Jackson and T. L. Burton (Eds.), *Leisure studies: Prospects for the twenty-first century* (pp. 81-96). State College, PA: Venture.

Romero, Elaine; Miragaya, Ana; Ribeiro, Carlos; Pereira, Erik (2014), "O olhar da imprensa sobre o vôlei feminino: quando a sombra se destaca". *SALUSVITA*, 33 (1), 17-44. Disponível em

[https://www.researchgate.net/publication/293803374 O olhar da imprensa sobre o volei feminino quando a sombra se destaca](https://www.researchgate.net/publication/293803374_O_olhar_da_imprensa_sobre_o_volei_feminino_quando_a_sombra_se_destaca), acessado em 23 de abril de 2020.

Rosaneli, Alessandro Filla; Fróes, Ana Claudia Stangarlin; Furlan, Débora Luiza Schumacher; Gonçalves, Felipe Timmermann; Senger, Sacha (2016), "Apropriação do espaço livre público na metrópole contemporânea: o caso da Praça Tiradentes em Curitiba/PR". *urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 8 (3), 359-374. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/urbe/v8n3/2175-3369-urbe-2175-3369008003AO06.pdf>, acessado em 15 de janeiro de 2018.

Rowe, David; Bavinton, Nathaniel (2011), "Tender for the night: After-dark cultural complexities in the night-time economy". *Continuum*, 25 (6), 811-825. Disponível em <https://doi.org/10.1080/10304312.2011.617875>, acessado em 19 de outubro de 2018.

Rowe, David; Stevenson, Deborah; Tomsen, Stephen; Bavinton, Nathaniel; Brass, Kylie (2008), *The City After Dark: Cultural Planning and Governance of the Night-time Economy in Parramatta*. Sydney: Centre for Cultural Research of the University of Western Sydney

Saint-Blancat, Chantal; Cancellieri, Adriano (2014), "From invisibility to visibility? The appropriation of public space through a religious ritual: the Filipino procession of Santacruzán in Padua, Italy". *Social & Cultural Geography*, 15 (6), 645-663. Disponível em

[https://www.researchgate.net/publication/266078960 From invisibility to visibility The appropriation of public space through a religious ritual The Filipino procession of Santacruzán in Padua Italy](https://www.researchgate.net/publication/266078960_From_invisibility_to_visibility_The_appropriation_of_public_space_through_a_religious_ritual_The_Filippino_procession_of_Santacruzán_in_Padua_Italy), acessado em 31 de janeiro de 2018.

Scheerder, Jeroen; Breedveld, Koen; Borgers, Julie (2015), "Who Is Doing a Run with the Running Boom? The Growth and Governance of One of Europe's Most Popular Sport Activities" in Scheerder, Jeroen; Breedveld, Koen; Borgers, Julie (eds.) *Running Across Europe. The Rise and Size of one of the Largest Sport Markets*. Hampshire: Palgrave Macmillan, pp. 1-21.

Schimid, Christian (2012), "A Teoria da Produção do Espaço de Henri Lefebvre: Em Direção a uma Dialética Tridimensional". *GEOUSP – espaço e tempo*, 32, 89 – 109. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74284>, acessado a 30 de janeiro de 2018.

Shaw, Robert (2014), "Beyond night-time economy: Affective atmospheres of the urban night". *Geoforum*, 51, 87-95. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0016718513002297>, acessado em 3 de fevereiro de 2018.

Shils, Edward (1990), "The Sociology of Robert E. Park". *The American Sociologist*. 27 (4), 88-106. Disponível em

https://www.jstor.org/stable/27698804?seq=1#page_scan_tab_contents, acessido em 9 de outubro de 2018.

Shipway, Richard; Holloway, Immy (2010), “Running free: Embracing a healthy lifestyle through distance running”. *Perspectives in Public Health*, 130 (6), 270-276. Disponível em

<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1757913910379191?journalCode=rshj>, acessido em 4 de fevereiro de 2018.

Shipway, Richard; Holloway, Immy (2016), “Health and the running body: Notes from an ethnography”, *International Review for the Sociology of Sport*, 51 (1), 78-96. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1012690213509807>, acessido a 20 de fevereiro de 2018.

Shipway, Richard; Holloway, Immy; Jones, Ian (2012), “Organisations, practices, actors, and events: Exploring inside the distance running social world”. *International Review for the Sociology of Sport*, 48 (3), 259-276. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1012690212442135>, acessido em 20 de janeiro de 2018.

Shipway, Richard; Jones, Ian (2007), “Running Away from Home: Understanding Visitor Experiences and Behaviour at Sport Tourism Events”. *International Journal of Tourism Research*, 9, 373-383. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/227676700_Running_away_from_home_Understanding_visitor_experiences_and_behaviour_at_sport_tourism_events, acessido em 24 de janeiro de 2018.

Shipway, Richard; Jones, Ian (2008), “The Great Suburban Everest: An ‘Insiders’ Perspective on Experiences at the 2007 Flora London Marathon”. *Journal of Sport & Tourism*, 13 (1), 61-77. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14775080801972213>, acessido em 24 de janeiro de 2018.

Silva, Manoel Mariano Neto da; Lima, Daniela Freitas de; Junior, Almir Mraiano de Sousa; Carvalho, Carla Caroline Alves (2016), “Segregação Socioespacial: Os impactos das desigualdades sociais frente a formação e ocupação do espaço urbano”. *Revista Monografias Ambientais - REMOA*, 15 (1), 256-263. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/320517198_SEGREGACAO_SOCIOESPACIAL_OS_IMPACTOS_DAS_DESIGUALDADES_SOCIAIS_FRENTE_A_FORMACAO_E_OCUPACAO_DO_ESPACO_URBANO, acessido em 17 de janeiro de 2018.

Simonsen, Kirsten (2005), “Bodies, Sensations, Space and Time: The Contribution From Henri Lefebvre”. *Geografiska Annaler*, 87B (1), 1-14. Disponível em https://www.jstor.org/stable/3554441?seq=1#page_scan_tab_contents, acessido em 8 de outubro de 2018.

Smith, Greg (2001), "Techniques of Neutralization, Techniques of Body Management and the Public Harassment of Runners" in Cunningham-Burley, Sarah; Backett-Milburn, Kathryn (eds.) *Exploring the Body*. Nova Iorque: Palgrave, 163-182.

Smith, Stuart L. (1998), "Athletes, Runners, and Joggers: Participant-Group Dynamics in a Sport of "Individuals". *Sociology of Sport Journal*, 15, 174-192. Disponível em <https://www.humankinetics.com/AcuCustom/Sitename/Documents/DocumentItem/1680.pdf>, acessado em 23 de janeiro de 2018.

Smith, Stuart L. (2000), "British Nonelite Road Running and Masculinity: A Case of "Running Repairs"?". *Men and Masculinities*, 3 (2), 187-208. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1097184X0003002004>, acessado a 15 de fevereiro de 2018.

Soja, Edward W. (1989), *Postmodern Geographies: The Reassertion of Space in Critical Social Theory*. Londres: Verso.

Southerton, Dale (2003), "'Squeezing Time': Allocating practices, coordinating network and scheduling society". *Time & Society*, 12 (1), 5-25. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0961463X03012001001?journalCode=taasa>, acessado em 25 de janeiro de 2018.

Southerton, Dale (2006), "Analysing the Temporal Organization of Daily Life: Social Constraints, Practices and their Allocation". *Sociology*, 40 (3), 435-454. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0038038506063668?journalCode=soca>, acessado em 25 de janeiro de 2018.

Spinney, Justin (2011), "A Chance to Catch a Breath: Using Mobile Video Ethnography in Cycling Research". *Mobilities*, 6 (2), 161-182. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17450101.2011.552771>, acessado em 28 de fevereiro de 2018.

Stapleton, Scott; Terrio, Susan (2010), "Le Parkour: urban Street Culture and the Commoditization of Male Youth Expression", *International Migration*, 50 (6), 18-27. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/230309538_Le_Parkour_Urban_Street_Culture_and_the_Commoditization_of_Male_Youth_Expression, acessado em 22 de outubro de 2018.

Stebbins, Robert A. (2006), "The Serious Leisure Perspective", *Leisure Reflections*, 13, 6-8.

Summers, Irvin; White, David E. (1976), "Creativity Techniques: Toward Improvement of the Decision Process". *The Academy of Management Review*. 2 (1), 99-108. Disponível em <https://www.jstor.org/stable/257490?seq=1>, acessado em 20 de abril de 2020.

Summers, Jeffery J.; Sargent, Greg I.; Levey, Amanda J.; Murray, Kevin D. (1982), "Middle-Aged, Non-Elite Marathon Runners: A Profile". *Perceptual and Motor Skills*, 54, 963-969. Disponível em

<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.2466/pms.1982.54.3.963>, acedido em 30 de janeiro de 2018.

Summers, Jeffrey J.; Machin, Victoria J.; Sargent, Gregory I. (1983), “Psychosocial Factors Related to Marathon Running”, *Journal of Sport Psychology*, 5, 314-331. Disponível em <https://journals.humankinetics.com/doi/10.1123/jsp.5.3.314>, acedido em 23 de janeiro de 2018.

Swatos Jr., William H. (2007) “constructionism” in Ritzer, George (ed.) *The Blackwell Encyclopedia of Sociology*. Malden: Blackwell, 686-687.

Talbot, Deborah (2006), “The Licensing Act 2003 and the Problematization of the Night-Time Economy: Planning, Licensing and Subcultural Closure in the UK”. *International Journal of Urban and Regional Research*, 30.1, 159-171. Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1468-2427.2006.00642.x/abstract>, acedido em 19 de janeiro de 2018.

Talbot, Deborah (2007), *Regulating the Night: Race, Culture and Exclusion in the Making of the Night-time Economy*. Hampshire: Ashgate Publishing Limited.

Tandogan, Oksan; Ilhan, Bige Simsek (2016), “Fear of Crime in Public Spaces: From the View of Women Living in Cities”. *Procedia Engineering*, (161), 2016-2017. Disponível em <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1877705816330247>, acedido em 22 de outubro de 2018.

Tanulku, Basak (2018), “The formation and perception of safety, danger and insecurity inside gated communities: two cases from Istanbul, Turkey”. *Journal of Housing and The Built Environment*, 33, 151-173. Disponível em <http://link.springer.com/10.1007/s10901-017-9560-7>, acedido em 22 de outubro de 2018.

Tappert, Simone; Klöti, Tanja; Drilling, Matthias (2018), “Contested urban green spaces in the compact city: The (re-)negotiation of urban gardening in Swiss cities”. *Landscape and Urban Planning*, 170, 69-78. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0169204617302001>, acedido em 22 de outubro de 2018.

Tavolari, Bianca (2016), “Direito à Cidade: Uma Trajetória Conceitual”. *Novos Estudos*, 104, 93-109. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/306056929_Direito_a_cidade_uma_trajetoria_conceitual, acedido em 8 de outubro de 2018.

Thelle, Mikkel (2016), “Crowding as appropriation: voting, violence and bodies in a nineteenth-century urban space”. *Distinktion: Journal of Social Theory*, 17 (3), 276-293. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1600910X.2016.1259118>, acedido em 1 de fevereiro de 2018.

Thiry-Cherques, Hermano Roberto (2009), “Saturação em Pesquisa Qualitativa: Estimativa Empírica de Dimensionamento”. *PMKT – Revista Brasileira de Pesquisa de Marketing, Opinião e Mídia*, 3 (2), 30-27. Disponível em http://www.revistapmkt.com.br/Portals/9/Edicoes/Revista_PMKT_003_02.pdf, acessado em 17 de março de 2018.

Thomas, Colin J.; Bromley, Rosemary D. F. (2000), “City-centre Revitalisation: Problems of Fragmentation and Fear in the Evening and Night-time City”. *Urban Studies*, 37 (8), 1403-1429. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1080/00420980020080181>, acessado em 5 de fevereiro de 2018.

Truccolo, Adriana Bami; Maduro, Paula Andreatta; Feijó, Eduardo Aguirre (2008), “Fatores motivacionais de adesão a grupos de corrida”, *Motriz*, 14 (2), 108-114. Disponível em <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1162/1609>, acessado a 14 de fevereiro de 2018.

Trumbull, Nathaniel S. (2014), “Culture-Led Development and Conflict Over Urban Space Reimag(in)ing St. Petersburg, Russia”. *Geografiska Annaler: Series B, Human Geography*, 96 (4), 1-22. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1111/geob.12032>, acessado em 22 de outubro de 2018.

Tulle, Emmanuelle (2007), “Running to Run: Embodiment, Structure and Agency amongst Veteran Elite Runners”. *Sociology*, 41 (2), 329-346. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0038038507074978>, acessado em 24 de janeiro de 2018.

Tulle, Emmanuelle (2008), “The Ageing Body and the Ontology of Ageing Athletic Competence in Later Life”. *Body & Society*, 14 (3), 1-19. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1357034x08093570?journalCode=boda>, acessado em 24 de janeiro de 2018.

Twinam, Tate (2017), “Danger zone: Land use and the geography of neighborhood crime”. *Journal of Urban Economics*, 100, 104-119. Disponível em <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S009411901730044X?token=369536985BD5A634B90E34FD6FA64342218EF1FFF086320F4E71D583E4F7D1F744527E0BB02CC4843E08DEB6306AADC4>, acessado em 22 de outubro de 2018.

Ufer, Ulrich (2015), “Urban access: Contested spaces and contested politics”. *Focaal – Journal of Global and Historical Anthropology*, 72, 64-77. Disponível em <https://www.berghahnjournals.com/view/journals/focaal/2015/72/focaal720106.xml>, acessado em 17 de janeiro de 2018.

Vallance, Suzanne; Dupuis, Ann; Thorns, David; Edwards, Sarah (2017), “Temporary use and the onto-politics of ‘public’ space”. *Cities*, 70, 83-90. Disponível em

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0264275116305807>, acessido em 23 de abril de 2020.

van Liempt, Ilse (2015), “Safe nightlife collaborations: Multiple actors, conflicting interests and different power distributions”. *Urban Studies*, 52 (3), 486-500. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0042098013504010>, acessido em 22 de outubro de 2018.

van Liempt, Ilse; van Aalst, Irina; Schwanen, Tim (2015), “Introduction: Geographies of the urban night”. *Urban Studies*, 52 (3), 407-421. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0042098014552933>, acessido em 22 de outubro de 2018.

Vélez, Maria Eugenia González; Isaza, Catalina Carrizosa (2011), “Entre la planeación urbana, la apropiación del espacio y la participación ciudadana: Los pactos ciudadanos y el Parque Biblioteca España de Santo Domingo Savio”. *Estudios Políticos*, 39, 117-140. Disponível em <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/estudiospoliticos/article/view/11758/10689>, acessido em 16 de janeiro de 2018.

Waddington, Ivan (2000), “Sport And Health: A Sociological Perspective” in Coakley, Jay; Dunning, Eric (eds.), *Handbook of Sports Studies*. Londres: SAGE Publications, 408-421.

Wasser, Anne-Marie (1998), “Du Stade À La Ville: Réinvention De La Course À Pied”, *Les Annales de la Recherche Urbaine*, 79, 58-68. Disponível em https://www.persee.fr/doc/ar_0180-930x_1998_num_79_1_2178, acessido em 17 de outubro de 2018.

Watkins, Ceri (2005), “Representations of Space, Spatial Practices and Spaces of Representation: An Application of Lefebvre’s Spatial Triad”. *Culture and Organization*, 11 (3), 209-220. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14759550500203318>, acessido em 8 de outubro de 2018.

Whipple, Kerry; Combs, Sue; Dowd, Deborah; Elliott, Steve (2011), “Using the Dimensions of Health to Assess Motivation Among Running Moms”. *Health Care for Women International*, 32, 384-401. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07399332.2010.508132?journalCode=uhcw20>, acessido em 18 de janeiro de 2018.

Whyte, William H. (1980), *The Social Life of Small Urban Spaces*. Nova Iorque: Project for Public Spaces.

Wolf, Isabelle D.; Wohlfart, Teresa (2014), “Walking, hiking and running in parks: A multidisciplinary assessment of health and well-being benefits”. *Landscape and Urban Planning*, 130, 89-103. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0169204614001480>, acessido em 3 de fevereiro de 2018.

Anexos

Anexo I

Inquérito por questionário aplicado no grupo

“Night Runners Coimbra”

Inquérito sobre o “Night Runners Coimbra”

Este inquérito está a ser aplicado no âmbito da realização da Tese de Doutoramento em Sociologia desenvolvida na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, com o título “Correr à noite na cidade: O fenómeno dos “night runners” em Coimbra”. Este inquérito pretende recolher informações gerais sobre os “Night Runners Coimbra”. Agradecemos a sua colaboração, garantindo que o tratamento destes dados é anónimo e confidencial. O tratamento e análise da informação recolhida não permite, em nenhuma circunstância, a associação das respostas aos inquiridos.

I – Caraterização dos “night runners”

1 - Há quanto tempo começou a correr de forma regular com os “night runners”?

Menos de 6 meses O (1)

6 meses a 1 ano . O (2)

1 ano a 1 ano e meio O (3)

1 ano e meio a 2 anos O (4)

2 anos a 5 anos O (5)

NS..... O (-1)

NR O (-2)

2 - Antes de começar a correr com os “night runners”:

Já corria, pelo menos 1 vez por semana, mas há menos de 5 anos O (1)

Já corria, pelo menos 1 vez por semana, há mais de 5 anos O (2)

Corria de vez em quando (passava pelo menos 3 meses sem correr) O (3)

Não corria, a não ser de forma muito esporádica O (4)

3 – Antes de começar a correr com os “night runners”, já tinha corrido à noite, pelo menos uma vez por semana por um período superior a 3 meses?

Sim, mas por um período inferior a 1 ano O (1)

Sim, por um período superior a 1 ano O (2)

Não O (3)

4 - Indique se cada uma das seguintes razões que a (o) levam a praticar atividades desportivas é muito, pouco ou nada importante para si

	Muito	Pouco	Nada
Para se manter mais saudável -----	O (1)	O (2)	O (3)
Para se superar -----	O (1)	O (2)	O (3)
Para combater o envelhecimento -----	O (1)	O (2)	O (3)
Para se divertir-----	O (1)	O (2)	O (3)
Para relaxar-----	O (1)	O (2)	O (3)
Para desenvolver novas capacidades -----	O (1)	O (2)	O (3)
Para estar com amigos-----	O (1)	O (2)	O (3)
Para conhecer novas pessoas -----	O (1)	O (2)	O (3)
Para estar em boa forma física -----	O (1)	O (2)	O (3)
Para controlar o peso -----	O (1)	O (2)	O (3)
Para melhorar o seu nível de rendimento desportivo -----	O (1)	O (2)	O (3)
Por recomendação médica -----	O (1)	O (2)	O (3)
Outra razão. Qual? _____	O (1)	O (2)	O (3)

5 - Quantas vezes por semana corre, seja durante o dia ou de noite?

1 vez por semana	O (1)
2 vezes por semana	O (2)
3 vezes por semana	O (3)
4 vezes por semana	O (4)
5 vezes por semana	O (5)
Mais que 5 vezes por semana.....	O (6)
NS.....	O (-1)
NR	O (-2)

6 – Quando corre, usa roupa, calçado, acessórios especificamente concebidos para a corrida?

Sim, sempre (Se sim, segue para a pergunta 6.1).....	O (1)
Sim, às vezes (Se sim, segue para a pergunta 6.1).....	O (2)
Não (Se não, segue para a pergunta 7).....	O (3)
NR	O (-2)

6.1- Quais dos seguintes equipamentos/acessórios usa?

- Roupa O (1)
- Calçado O (2)
- GPS..... O (3)
- Monitor de frequência cardíaca O (4)
- Smartwatch..... O (5)
- Bolsa/Suporte de braço para Smartphone O (6)
- Relógio (simples)..... O (7)
- Luzes para iluminação de caminho..... O (8)
- Auscultadores O (9)
- Acessórios de hidratação (Mochilas, cintos, etc)..... O (10)
- Outros. Qual/quais? _____ O (11)
- NR O (-2)
- NA O (-3)

7 - Em relação a cada um destes aspetos, indique se, na sua opinião considera que os mesmos existem no seio deste grupo:

	Sim	Não	Talvez
As pessoas ajudam-se mutuamente-----	O (1)	O (2)	O (3)
Existem ritmos adaptados a cada um dos participantes -----	O (1)	O (2)	O (3)
As paragens ao longo do trajeto percorrido são adequadas -----	O (1)	O (2)	O (3)
Os trajetos têm um grau de dificuldade apropriado -----	O (1)	O (2)	O (3)
Os participantes são acompanhados por pessoas com experiência na prática de corrida -----	O (1)	O (2)	O (3)
Os participantes correm sempre em grupo -----	O (1)	O (2)	O (3)
A prática permite conversar com outras pessoas-----	O (1)	O (2)	O (3)
Correr com este grupo permite a prática de uma forma mais segura -----	O (1)	O (2)	O (3)
O grupo oferece percursos com grau de dificuldade variada -----	O (1)	O (2)	O (3)
Permite conhecer melhor a cidade -----	O (1)	O (2)	O (3)

7.1 – Em relação aos aspetos que considera existirem no seio deste grupo, indique se, na sua opinião os considera uma vantagem, uma desvantagem ou nem uma vantagem nem uma desvantagem.

	V.	D.	V./D.
As pessoas ajudam-se mutuamente-----	O (1)	O (2)	O (3)
Existem ritmos adaptados a cada um dos participantes -----	O (1)	O (2)	O (3)
As paragens ao longo do trajeto percorrido são adequadas -----	O (1)	O (2)	O (3)
Os trajetos têm um grau de dificuldade apropriado -----	O (1)	O (2)	O (3)
Os participantes são acompanhados por pessoas com experiência na prática de corrida -----	O (1)	O (2)	O (3)
Os participantes correm sempre em grupo -----	O (1)	O (2)	O (3)
A prática permite conversar com outras pessoas-----	O (1)	O (2)	O (3)
Correr com este grupo permite a prática de uma forma mais segura -----	O (1)	O (2)	O (3)
O grupo oferece percursos com grau de dificuldade variada -----	O (1)	O (2)	O (3)
Permite conhecer melhor a cidade-----	O (1)	O (2)	O (3)

8 - Costuma competir, pelo menos uma vez por mês, participando em provas organizadas?

- Sim -----O (1)
 Não -----O (2)
 NS -----O (-1)
 NR -----O (-2)

9 - O que é para si um "night runner"?

10 - Considera-se um "night runner"?

- Sim (Se sim, passa para a pergunta 11)O (1)
 Não (Se não, passa para o grupo II)O (2)
 NS.....O (-1)
 NRO (-2)

11 - Usa a(s) rede(s) social(is) Facebook e/ou Instagram?

- Sim, uso ambasO (1)
 Só uso FacebookO (2)
 Só uso InstagramO (3)
 Não uso (Se não usa, passa para o grupo II)O (4)
 NRO (-2)
 NAO (-3)

12 - Partilha nas redes sociais a sua prática noturna?

Sim O (1)

Não (Se não, passar para o grupo II)..... O (2)

NR O (-2)

NA O (-3)

Aceita que as suas publicações sobre esta prática sejam alvo de análise, para fins científicos? (No caso de aceitar, só assinalar os campos abaixo)

Nome de utilizador _____

Rede social a ser analisada _____

II - Caracterização sociodemográfica

Sexo:

Masculino O (1)

Feminino O (2)

Ano de nascimento _____

NR O (-2)

Estado civil:

Solteiro/a O (1)

Casado/a ou união de facto..... O (2)

Divorciado/a O (3)

Viúvo/a O (4)

NR O (-2)

Qual a sua ocupação atual?

- Trabalha a tempo inteiro----- O (1)
Trabalha a tempo parcial----- O (2)
Estuda----- O (3)
Estuda e trabalha ----- O (4)
Desempregada(o)----- O (5)
A frequentar curso de formação profissional----- O (6)
À procura do primeiro emprego----- O (7)
Incapacitada(o) para o trabalho----- O (8)
Reformada(o) ----- O (9)
Outra. Qual? _____ O (10)
NR----- O (-2)

Grau de instrução mais elevado que completou

- Não completou qualquer nível de escolaridadeO (1)
1º Ciclo do Ensino Básico (antigo ensino primário)O (2)
2º Ciclo do Ensino Básico (antigo ciclo preparatório)O (3)
3º Ciclo do Ensino Básico (9º ano, antigo curso geral ou 5º ano)O (4)
Ensino Secundário (12º ano, antigo propedêutico ou antigo 7º ano do liceu).....O (5)
Ensino Superior (Licenciatura, Mestrado, Doutoramento).....O (6)
NRO (-2)

Concelho de residência

- Coimbra O (1)
Penacova..... O (2)
Miranda do Corvo O (3)
Lousã. O (4)
Vila Nova de Poiares O (5)
Condeixa-a-Nova O (6)
Montemor-o-Velho..... O (7)
Outro? _____ O (8)
NR O (-2)

**Terminámos o nosso inquérito
Agradecemos a sua colaboração**

Anexo II

Locais de ação usados pelos

“night runners”

durante o período em análise

Locais de ação usados pelos “night runners” durante o período em análise

Número de Local	Local da Ação
1	Largo da Portagem
2	Rua da Sota
3	Rua Ferreira Borges
4	Rua Visconde da Luz
5	Praça 8 de Maio
6	Rua Direita
7	Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes
8	Rua Martins de Carvalho
9	Rua Colégio Novo
10	Rua Coutinho
11	Largo da Sé Velha
12	Rua de Quebra-Costas
13	Rua Joaquim António de Aguiar
14	Rua Anthero Alte da Veiga
15	Avenida Sá de Bandeira
16	Rua Padre António Vieira
17	Rua Tenente Valadim
18	Praça da República
19	Rua Almeida Garrett
20	Rua de Tomar
21	Rua Lourenço de Almeida Azevedo
22	Rua Pedro Monteiro
23	Rua Dr. Augusto Rocha
24	Largo Cruz de Celas
25	Rua Gomes Freire
26	Avenida Dom Afonso Henriques
27	Rua Santa Teresa
28	Avenida Marnoco e Sousa
29	Rua Miguel Torga
30	Praça Cidral
31	Rua Bernardo de Albuquerque
32	Avenida Dias da Silva
33	Rua Capitão Luís Gonzaga
34	Largo Padre Estrela Ferraz
35	Rua Flávio Rodrigues

36	Rua Fernandes Assis Pacheco
37	Avenida António Portugal
38	Rua Sacadura Cabral
39	Rua Carolina Michaelis
40	Rua Infanta Dona Maria
41	Jardim da Praça dos Heróis do Ultramar
42	Rua Dom Manuel I
43	Rua Júlio Dinis
44	Rua Alexandre Herculano
45	Rua Venâncio Rodrigues
46	Rua Oliveira Matos
47	Escadas Monumentais
48	Praça Dom Dinis
49	Rua Larga
50	Rua Estudos
51	Largo Marquês de Pombal
52	Rua Inácio Duarte
53	Rua São João
54	Largo Dr. José Rodrigues
55	Rua Borges Carneiro
56	Rua do Norte
57	Rua da Couraça Apóstolos
58	Largo Porta Férrea
59	Parque de Estacionamento da FDUC
60	Rua Dr. Guilherme Moreira
61	Rua Ilha
62	Rua São Pedro
63	Museu Botânico
64	Bairro Sousa Pinto
65	Rotunda de Homenagem ao Papa João Paulo II
66	Rua Infantaria 23
67	Largo Santana
68	Rua Castro Matoso
69	Alameda Dr. Júlio Henriques
70	Rua Vandelli
71	Ladeira Seminário
72	Rua Combatentes da Grande Guerra
73	Travessa dos Combatentes da Grande Guerra
74	Praça São José
75	Rua Brotero
76	Rua Estádio
77	Rua Teodoro

78	Travessa do Teodoro
79	Avenida Emídio Navarro
80	Parque Manuel Braga
81	Ponte de Santa Clara
82	Avenida Conímbriga
83	Avenida João das Regras
84	Avenida Guarda Inglesa
85	Rua Luís Antonio Verney
86	Estrada de Acesso à Ponte Açude
87	Ponte Açude
88	Avenida Cidade Aeminium
89	Estrada Nacional 111
90	Estação Ferroviária Coimbra-B
91	Rua Padrão
92	Rua Padre Estevão Cabral
93	Avenida Inês de Castro
94	Rua António Gonçalves
95	Estrada das Lágrimas
96	Rua Dona Mor Dias
97	Rua António Augusto Gonçalves
98	Parque do Choupalinho
99	Ponte Pedonal Pedro e Inês
100	Parque Verde do Mondego
101	Avenida Lousã
102	Avenida Cónego Urbano Duarte
103	Rua Lucio de Almeida
104	Rua Fonte do Castanheiro
105	Rua Manjericos
106	Rua Fogueiras
107	Rua Verde Pinho
108	Travessa da Rua Verde Pinho
109	Travessa dos FONSECAS
110	Urbanização Quinta dos FONSECAS
111	Travessa Fonte do Bispo
112	Rua Angola
113	Rua Ultramar
114	Rua Afonso de Albuquerque
115	Rua Daniel de Matos
116	Praça Infante Dom Henrique
117	Rua Macau
118	Rua Mouzinho de Albuquerque
119	Rua Pedro Álvares Cabral

120	Rua de Moçambique
121	Escadas Bairro Norton de Matos
122	Rua Pêro Vaz de Caminha
123	Rua Paulo Quintela
124	Viaduto Calhabé
125	Rua Sanches da Gama
126	Praça Monte Pêro
127	Rua Filipe Terzi
128	Rua Fonte do Bispo
129	Rua Carlos Seixas
130	Rua Dom Pedro de Cristo
131	Parque de Estacionamento da Rua Dom Pedro de Cristo
132	Avenida Mendes Silva
133	Avenida Quinta da Nora
134	Rua Luís Reis dos Santos
135	Rua Pedro de Alpoin
136	Rua Abílio Fernandes
137	Rua Teófilo Braga
138	Rua Miguel Bombarda
139	Rua Sílvio Lima
140	Rua Rebolim
141	Rua Pedro Hispano
142	Parque Linear do Vale das Flores
143	Estrada da Beira
144	Rua Quinta da Portela
145	Rua Princesa Cindazunda
146	Alameda Marquesa dos Pomares
147	Rua Paul Harris
148	Rua O Conimbricense
149	Jardim da Praça 25 de Abril
150	Praça 25 de Abril
151	Parque de Estacionamento da Praça 25 de Abril
152	Rua Dom João III
153	Rua General Humberto Delgado
154	Rotunda Artur Paredes
155	Rua António Feliciano de Castilho
156	Rua Francisco Lucas Pires
157	Rua Jorge Anjinho
158	Rua Monsenhor Augusto Nunes Pereira
159	Rua João de Deus Ramos
160	Rua do Brasil
161	Rua Olivença

162	Rua Alegria
163	Rua da Couraça da Estrela
164	Couraça de Lisboa
165	Rua Estrela
166	Rua de Fernandes Thomas
167	Rua do Arco Almedina
168	Avenida Fernão de Magalhães
169	Rua Simões de Castro
170	Rua das Padeiras
171	Rua Eduardo Coelho
172	Largo do Poço
173	Rua António Granjo
174	Azinhaga Lázarus
175	Rua Dr. Manuel Rodrigues
176	Rua Rosa Falcão
177	Rua João de Ruão
178	Rua da Sofia
179	Rua João Machado
180	Rua Figueira da Foz
181	Rua Aveiro
182	Rua Raul dos Reis Carvalheira
183	Alameda Conchada
184	Largo Conchada
185	Rua Dr. António José de Almeida
186	Rua Trindade Coelho
187	Rua Antero de Quental
188	Rua Guerra Junqueiro
189	Rua Saragoça
190	Rua João de Deus
191	Rua da Louça

Anexo III

Livro de Códigos Netnografia

Livro de Códigos Netnografia

Variável Conteúdos de Publicações

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Observações
Textos			Que características compõem os textos publicados?
	Tema dos textos		Quais são os temas dos textos publicados?
		Convocatória para nova sessão	Convocatória para mais uma sessão do “Night Runners Coimbra”
		Reportagem sobre a última sessão realizada	Reportagem sobre mais uma sessão do “Night Runners Coimbra”
		Notícia sobre o grupo	Notícias publicadas sobre o grupo “Night Runners Coimbra” e que podem por exemplo, ser sobre o cancelamento de sessões
		Promoção de eventos/sessões especiais	Textos que façam promoção de eventos/sessões especiais do “Night Runners Coimbra”
		Notas sobre a segurança durante a sessão	Indicações sobre a segurança que deve ser seguida pelos “night runners” durante a sessão.
		Notícias relacionadas com o IPC	Notícias publicadas na comunicação social sobre o Instituto Politécnico de Coimbra, que agrega a Escola Superior de Educação de Coimbra
	Destaque características “night runners”		Quando os textos destacam características dos “night runners”, que tipo de características são essas?
		Caraterísticas positivas	

		Caraterísticas negativas	
Fotografias			O que caracterizam as fotografias publicadas?
	Tema das fotografias		O que retratam as fotografias publicadas?
		Reportagem fotográfica da prática	Fotografias tiradas durante a sessão
		Incentivo à prática	Fotografias em que os “night runners” se encontram a fazer a sua prática, servindo de exemplo do que fazem e de incentivo para quem vê as fotografias
		Desejos atribuídos aos “night runners”	Fotografias que retratam desejos aos “night runners”, nomeadamente Feliz Natal, Bom Ano Novo e Boa Páscoa.
		Reportagem fotográfica de eventos	Fotografias tiradas durante as sessões especiais organizadas pelo “Night Runners Coimbra”
	Local onde são tiradas as fotografias		Em que locais são tiradas as fotografias publicadas?
		Largo da Portagem	
		Parque Verde do Mondego	
		Avenida Conímbriga	
		Praça 8 de Maio	
		Jardim da Praça dos Heróis do Ultramar	
		Rua Castro Matoso	
		Praça da República	
		Escadas Monumentais	
		Praça Dom Dinis	
		Rua José Falcão	

	<ul style="list-style-type: none"> Rua Ilha Ponte Pedonal Pedro e Inês Rua do Brasil Estádio Cidade de Coimbra Escola Superior de Educação de Coimbra Parque do Choupalinho Alameda Dr. Júlio Henriques Rua Larga Avenida Emídio Navarro Avenida João das Regras Localização Desconhecida 	
Quem entra nas fotografias		Quem são as pessoas que entram nas fotografias publicadas?
	<ul style="list-style-type: none"> Membros do "Night Runners Coimbra" Peões Automobilistas Motociclistas Ciclistas Praticantes de <i>parkour</i> <i>Graffiters</i> Participantes de eventos 	
Sujeitos Ativos/Passivos		Os “night runners” retratados nas fotografias são sujeitos ativos ou sujeitos passivos?

		Sujeitos Ativos	Por “sujeitos ativos”, entende-se todos os atores sociais representados nas fotografias publicadas como atores que se encontram em movimento no momento da captação da fotografia. Por exemplo, fotografia em que os “night runners” estão a correr ou a fazer exercícios de aquecimento.
		Sujeitos Passivos	Por “sujeitos passivos”, entende-se todos os atores sociais representados nas fotografias publicadas como atores que se encontram parados no momento da captação da fotografia. Por exemplo, fotografia em que os “night runners” estão a tirar fotos de grupo.
Emojis (Textos)			Que tipo de emojis são usados nos textos?
		Mão a dizer adeus	
		V de Vitória	
		Sorriso cheio de corações	
		Neve	
		Calendário	
		Chuva Forte	
		Água	
		Vento	
		Apreensivo	
		Emoji a chorar bastante	
		Prenda de Natal	
		Emoji com bastante frio	
		Sorridente mas corada	
		Bolo de aniversário	

		Sorridente e a mostrar a língua	
		Pessoa a levantar o braço	
		Sorridente mas lábios fechados	
		Sapatilhas de corrida	
		Pensativo	
		Relógio	
		Sorridente	
		Pessoa a correr	
		Pessoa a caminhar	
		Braço musculado	
		Visto (Certo)	
		X (Errado)	
		Sorriso a mostrar os dentes e olhos abertos	
		Piscar o olho	
		Árvore de Natal	
		Fogo de Artifício	
		Coração Vermelho	
		Sorriso a mostrar os dentes e olhos fechados	
		Gato	
		Pin	
Vídeos			Que tipos de vídeos são publicados?
	Vídeos gravados durante a sessão		Que tipo de vídeos são gravados durante a sessão?

		Vídeos sobre o aquecimento	Vídeos gravados que retratam o aquecimento nas sessões
		Vídeos com o grito do grupo	Vídeos em que os “night runners” gritam "Night Runners"!
		Vídeos sobre a corrida intermédia	Vídeos gravados durante a prática do grupo de corrida intermédia
		Vídeos sobre a caminhada	Vídeos gravados durante a prática do grupo da caminhada
		Vídeos com atividades durante a caminhada	Vídeos gravados sobre atividades realizadas durante a prática da caminhada
		Vídeos sobre a importância da segurança durante a sessão	Vídeos gravados durante a sessão onde a segurança durante a sessão é destacada
		Vídeos de promoção do grupo	Vídeos gravados que promovem a existência do “Night Runners Coimbra”
	Transmissões em direto via Facebook		Transmissões das sessões em direto na página de Facebook do “Night Runners Coimbra”
		Aquecimento no início da sessão	Transmissão do aquecimento no início da sessão
	Vídeo sobre aniversário do grupo	Transmissão da sessão especial de aniversário do “Night Runners Coimbra”	
Partilha de notícias			Partilha de notícias publicadas pela comunicação social
	Conteúdo das Notícias		Quais os temas das notícias publicadas?
		Notícias sobre o NRC	Notícias da comunicação social sobre o “Night Runners Coimbra”
		Notícias sobre o IPC	Notícias sobre o Instituto Politécnico de Coimbra
Partilha de links relativa ao grupo			Que outros links são partilhados na página do “Night Runners Coimbra” e que diz respeito ao grupo?

	Conteúdo dos links		
		Inquérito sobre o NRC	Inquérito sobre a composição do “Night Runners Coimbra”
Cartazes de Eventos/Logos			Cartazes de sessões especiais organizadas pelo “Night Runners Coimbra”
Mapas/Dados sobre as sessões			Publicações com partilha de dados e/ou mapas sobre as sessões que decorreram

Variável Reações às Publicações

Categorias	Indicadores	Observações
Gostos nas publicações		
Gostos nos comentários		
Partilha de publicações		
Comentários		Que tipo de comentários são feitos às publicações?
	Comentários positivos	Comentários com elogios ao “Night Runners Coimbra”
	Informações/Dúvidas sobre a(s) prática/sessões	Comentários onde se pedem informações e tiram-se dúvidas sobre a sessões e a prática do grupo
	Identificação de pessoas	Comentários onde se procede à identificação de pessoas

	Informações sobre eventos	Comentários onde dão informações sobre sessões especiais do “Night Runners Coimbra”
	Reflexões pessoais sobre potenciais participantes	Comentários de pessoas onde falam sobre potenciais participações num futuro próximo
	Comentários entre pessoas conhecidas/amigas	Comentários nas publicações no “Night Runners Coimbra”, mas entre pessoas conhecidas/amigas
Emojis (Comentários)		Que tipo de emojis são usados nos comentários às publicações?
	Emoji a sorrir e gota na testa	
	Taça de Campeão	
	Sorrir e a olhar para o lado	
	Top (Com os dedos levantados)	
	Sorriso a mostrar os dentes e olhos abertos	
	Sorridente e corada	
	Sorridente mas de lábios fechados	
	Rir e chorar na lateral	
	Sorriso a mostrar os dentes, olhos fechados e olhar para baixo	
	Sorriso a mostrar a língua	
	Coração Verde	
	Coração Vermelho	
	Coração Amarelo	
	Pessoa a correr	
	Sorriso com beijo	
	Rir e chorar	

	Indeciso	
	Braço Musculado	
	Piscar o olho	
	Sorriso a mostrar os dentes e olhos fechados	
	Pessoa com mãos unidas	
	Sorriso cheio de corações	
	Polegar para cima	
	Sorriso e olhos fechados	
	Triste	

Anexo IV

Livro de Códigos Vídeo-Etnografia

Livro de Códigos Vídeo-Etnografia

Variáveis	Indicadores	Observações
Local de Ação		Diferentes locais de ação percorridos durante a prática e que se encontram expostos no anexo 2
Quem aparece?		Diferentes atores sociais com quem os “night runners” se iam cruzando no decorrer da sua prática
	Peão	
	Automobilista	
	Motociclista	
	Ciclista	
	Utilizador em trotinete elétrica	
	Outro(s) corredor(es)	
	Graffiter	
	Praticante de Parkour	
	Outro(s)	
Tipo de uso de espaço urbano		Entre os vários tipos de terreno que é possível encontrar no espaço urbano, qual o tipo de terreno que usam em determinado momento da sua prática?
	Usam a estrada	
	Usam o passeio	
	Usam trilhos	
Caraterização do espaço urbano usado		

	Passeio com pouco movimento	Frequência de cruzamento com atores sociais é baixa quando usam o passeio
	Passeio com muito movimento	Frequência de cruzamento com atores sociais é alta quando usam o passeio
	Passeio com boa iluminação	Quando usam o passeio, apresenta no momento da passagem dos “night runners”, uma boa iluminação urbana, permitindo identificar o espaço onde se está no momento, assim como todos os atores sociais que se estejam a mover no mesmo espaço urbano
	Passeio com má iluminação	Quando usam o passeio, apresenta no momento da passagem dos “night runners”, uma má iluminação urbana, criando dificuldades em identificar o espaço onde se está no momento, assim como todos os atores sociais que se estejam a mover no mesmo espaço urbano
	Estrada com pouco movimento	Frequência de cruzamento com atores sociais é baixa quando usam a estrada
	Estrada com muito movimento	Frequência de cruzamento com atores sociais é alta quando usam a estrada
	Estrada com boa iluminação	Quando usam a estrada, apresenta no momento da passagem dos “night runners”, uma boa iluminação urbana, permitindo identificar o espaço onde se está no momento, assim como todos os atores sociais que se estejam a mover no mesmo espaço urbano
	Estrada com má iluminação	Quando usam a estrada, apresenta no momento da passagem dos “night runners”, uma má iluminação urbana, criando dificuldades em identificar o espaço onde se está no momento, assim como todos os atores

		sociais que se estejam a mover no mesmo espaço urbano
	Trilhos com pouco movimento	Frequência de cruzamento com atores sociais é baixa quando usam trilhos
	Trilhos com muito movimento	Frequência de cruzamento com atores sociais é alta quando usam trilhos
	Trilhos com boa iluminação	Quando usam trilhos, apresenta no momento da passagem dos “night runners”, uma boa iluminação urbana, permitindo identificar o espaço onde se está no momento, assim como todos os atores sociais que se estejam a mover no mesmo espaço urbano
	Trilhos com má iluminação	Quando usam trilhos, apresenta no momento da passagem dos “night runners”, uma má iluminação urbana, criando dificuldades em identificar o espaço onde se está no momento, assim como todos os atores sociais que se estejam a mover no mesmo espaço urbano
O que se evidencia no momento de cruzamento de utilizadores?		Diferentes reações e formas de cruzamento que se caracterizam em três categorias: “negociação do espaço urbano”, “tensão pelo uso de espaço urbano” e “conflito pelo uso de espaço urbano”
	Negociação do espaço urbano	Entende-se todos os momentos de cruzamento entre “night runners” e outros atores sociais em determinado espaço urbano, em que apercebendo da presença de outros, alteram a sua trajetória, de forma a que ambos possam usar o mesmo espaço urbano no mesmo espaço de tempo, sem afetar a sua mobilidade e sem que haja risco para a integridade física de ambos

	Tensão pelo uso de espaço urbano	Entende-se todos os momentos de cruzamento de “night runners” e outros atores sociais, em que mesmo apercebendo-se da presença de outros atores sociais, mantêm a sua trajetória inalterada, havendo um risco de choque entre ambos, afetando a sua integridade física
	Conflito pelo uso de espaço urbano	Entende-se todos os momentos de cruzamento entre “night runners” e outros atores sociais em determinado espaço urbano e que se apercebendo da presença de outros atores sociais, não alteram a sua trajetória, podendo haver choque entre os atores sociais e por consequência, integridade física afetada e possíveis agressões verbais e/ou físicas ou havendo apenas iminente choque, existem agressões verbais e/ou físicas.